

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Doutorado em Psicologia Social**

**MATERIALIZAÇÕES DO PENSAMENTO SOCIAL  
SOBRE A POBREZA**

**Aline Accorssi**

**Porto Alegre  
2011**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**MATERIALIZAÇÕES DO PENSAMENTO SOCIAL SOBRE A POBREZA**

**ALINE ACCORSSI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Psicologia da Faculdade de Psicologia da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande  
do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Doutora em Psicologia Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Helena Beatriz Scarparo  
Co-orientador: Prof. Dr. Pedrinho Arcides Guareschi

**Porto Alegre, janeiro de 2011**

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

A172m Accorssi, Aline  
Materializações do pensamento social sobre a pobreza /  
Aline Accorssi. – Porto Alegre, 2011.  
184 f.  
Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia, Pós-  
Graduação Psicologia Social, PUCRS.

Orientador: Profª. Drª. Helena Beatriz Scarparo.

1. Psicologia Social. 2. Representação Social. 3.  
Ideologias. 4. Neoliberalismo. 5. Pobreza. I. Scarparo,  
Helena Beatriz. II. Título.

CDD 301.1

**Bibliotecário Responsável**  
Ginamara Lima Jacques Pinto  
CRB 10/1204

ALINE ACCORSSI

MATERIALIZAÇÕES DO PENSAMENTO SOCIAL SOBRE A POBREZA

Data: 28 de fevereiro de 2011

Banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup> Orientadora Dr<sup>ª</sup> Helena Beatriz Scarparo – PUCRS

---

Prof. Co-orientador Dr. Pedrinho Arcides Guareschi – UFRGS

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Berenice Rojas Couto – PUCRS

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jane Cruz Prates – PUCRS

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Aline Hernandez – UERGS

Aller au-devant, rompre, ne rien admettre,  
détruire et rejeter tout ce qui, même de très loin,  
menace une seconde l'indépendance, voici mes lois.  
Ce n'est pas une politique de conciliation,  
c'est exactement une révolte.  
Je ne mangerai pas de votre pain.  
Je serai abracadabrante jusqu'au bout.

(Mireille Havet, 1898-1932)

## **Agradecimentos...**

Nada somos sem *o olhar e a presença* do Outro; pouco teria escrito e sentido, sem os *encontros e confrontos* vividos ao longo dos últimos quatro anos. Fica aqui, portanto, meu reconhecimento e gratidão a todas e todos que contribuíram com este trabalho, em especial:

– Aos meus orientadores Helena Scarparo e Pedrinho Guareschi, por serem referências de humanidade e generosidade em espaços secos de produção de conhecimento, assim como aos colegas dos grupos de leitura e pesquisa por eles coordenados, pelo apoio e carinho neste período;

– Às queridas professoras Berenice Couto Rojas e Jane Cruz Prates, interlocutoras do Serviço Social que desacomodaram saberes e muito me ensinaram em suas disciplinas;

– À Aline Hernandez, amiga que nutro admiração e respeito pela vida acadêmica, militante e pessoal, pelas suas palavras e atos que me estimulam a sentir o mundo mais solidário e bonito;

– Às minhas amigas e amigos, pelo carinho e apoio ao longo destes anos. Um agradecimento muito especial à Cristiane Redin, Cristina Maranzana e Cristina Haag que me conduziram à parte das mulheres participantes desta pesquisa, à sempre doce Melissa Moura Mello pelos preciosos questionamentos, comentários e correções, aos querid@s Fernando Michelotti e Rosane Pacheco de Oliveira pela escuta e partilha de lamentações e esperanças;

– À professora Denise Jodelet que me possibilitou a realização do Doutorado Sanduíche na França (período de múltiplas experiências que para sempre vibrarão em meu corpo e em minha vida);

– À PUCRS, instituição onde, nos últimos quinze anos, realizei a maior parte dos meus estudos, trabalhos e que abrigou o Projeto Joana d'Arc em Luta pela Dignidade nas fases I e II;

– À Capes, pelas bolsas de pesquisa sem as quais jamais poderia estar concluindo esta etapa da vida acadêmica;

– À todas moradoras e moradores da vila Joana d'Arc por participarem do sonho em comum de construção da “cooperativa de panificação e confeitaria” daquela comunidade;

– Às mulheres, participantes da pesquisa, que na entrega de suas palavras me instigaram a pensar de outras maneiras e a ser mais humana;

– Ao meu companheiro Alexandre Torres, pelo cuidado e amorosidade que marcam nossa relação;

– E, por fim, mas não menos importante, aos meus adoráveis pais, Angelin e Leoniria Accorssi, e irmão, Alexandre Accorssi, por serem fontes de amor e de doação incondicional. Sem sombra de dúvidas, é graças a este núcleo de carinho e afeto que hoje concluo – temporariamente – este trabalho e é a eles que o dedico.

## Resumo

Nesta tese, procuramos analisar, com o apoio da Teoria das Representações Sociais, os modos pelos quais certos sentidos sobre a pobreza são produzidos e transformados na vida social, bem como o impacto que tais conhecimentos podem exercer nas representações que os sujeitos, neste caso, mulheres, reconhecidas socialmente como pobres, têm sobre si mesmos e sobre seu entorno. Para isto, apresentamos cinco capítulos organizados em forma de artigo. O primeiro discute o papel da dialogicidade e as suas contribuições enquanto categoria central para o desenvolvimento de uma psicologia social crítica; o segundo aborda o sistema capitalista na sua roupagem neoliberal e procura pontuar alguns dos valores que o sustenta; o terceiro esboça uma reflexão sobre certos discursos recorrentes que, por meio de várias estratégias, cristalizam preconceitos e justificam ações repressoras sobre aqueles que são reconhecidos como pobres. Já os dois últimos artigos, ambos de cunho empírico, foram desenvolvidos a partir do contato com as mulheres acima citadas. No quarto capítulo, buscamos compreender as representações sociais da pobreza com a realização de 14 entrevistas abertas e um círculo epistemológico em um grupo com 12 participantes. As informações foram organizadas através de uma análise temática e interpretadas sob um olhar psicossocial crítico. Em linhas gerais, podemos dizer que a representação social da pobreza se forma em torno de dois núcleos: um caracteriza a situação de pobreza pelo viés socioeconômico e o outro pelo da moral e da cultura. No primeiro núcleo, portanto, temos a descrição de situações de penúria da pobreza, das dificuldades cotidianas e dos estigmas construídos ao redor desta situação; já no segundo, temos os aspectos positivos daqueles que a vivem, caracterizando-os como pessoas de garra, de caráter, ricos na alegria de viver. No último capítulo, partimos das especificidades de uma das mulheres participantes do estudo realizado para refletir sobre os impactos do sistema capitalista neoliberal na sua produção subjetiva. A análise mostra, entre outros aspectos, uma intensa dor existencial decorrente da experiência de se ocupar lugares de pobreza na sociedade contemporânea.

Palavras chaves: Teoria das Representações Sociais, Dialogicidade, Ideologia, Pobreza, Neoliberalismo.

Número da área do CNPq: 7. 07.05.00 (Psicologia Social)



## **Abstract**

In this dissertation, we seek to analyze, with the support of the theory of social representations, the ways in which certain meanings on poverty are produced and processed in social life, and the impact that such knowledge can play in the representations that the individuals, in this case women socially recognized as poor, have about themselves and their surroundings. To this end, we organized five chapters as papers. The first one discusses the role of dialogicity and its contributions as a category central to the development of a critical social psychology ; the second deals with the capitalist system in its neoliberal clothing and tries to highlight some of the values that sustains it ; the third outlines a reflection on certain recurrent speeches that, through various strategies, crystallize prejudices and justify repressive actions on those who are recognized as poor. The last two articles, both of empirical nature, were developed from contact with these women. In the fourth chapter, we tried to understand the social representations of poverty through 14 open interviews and an epistemological circle in a group with 12 participants. The Information was organized through a thematic analysis and interpreted through a critical psychosocial look. In general, we can say that the social representation of poverty is formed around two centers: one characterized by the poverty and other socioeconomic bias by morality and culture. Thus, in the first group, we have the description of the sorrow of poverty, the daily difficulties and stigmas built around this situation; in the second, we have the positives aspects of those who live this, characterizing them as strong-willed, good people, rich in the joy of living. In the last chapter, we start from the specifics points of one of the women participating in the study in order to think about the impacts of the neoliberal capitalist system in its production of subjectivity. The analysis shows, among other things, an intense pain resulting from the existential experience of occupying places of poverty in contemporary society.

**Keywords:** Theory of Social Representations, Dialogicity, Ideology, Poverty, Neoliberalism.

## Resumé

Dans cette thèse, nous cherchons à analyser, avec l'appui de la théorie des représentations sociales, la manière dont certaines significations sur la pauvreté sont produites et transformées dans la vie sociale, et l'impact que ces connaissances peuvent jouer dans les représentations que les individus, dans ce cas, les femmes socialement reconnues comme pauvres, ont sur eux-mêmes et leur environnement. À cette fin, cinq chapitres sont organisés dans le format d'article. Le premier traite du rôle du dialogue et de ses contributions en tant que catégorie centrale dans le développement d'une psychologie sociale critique; le second porte sur le système capitaliste dans ses faces néo-libérale et essaye de mettre en évidence certaines des valeurs qui le soutient; le troisième expose une réflexion sur les certains discours courants qui, grâce à diverses stratégies, figent les préjugés et justifient les actions répressives contre ceux qui sont reconnus comme pauvres. Les deux derniers articles, tous les deux de nature empirique, ont été mis au point par le contact avec ces femmes. Dans le quatrième chapitre, nous avons essayé de comprendre les représentations sociales de la pauvreté à travers 14 entretiens ouverts et d'un cercle épistémologique dans un groupe avec 12 participants. Les informations ont été organisées à travers une analyse thématique et interprétées à partir d'un regard critique psychosocial. En général, on peut dire que la représentation sociale de la pauvreté est formée autour de deux pôles: l'un caractérisé par la pauvreté et par le biais socio-économique et l'autre par la morale et la culture. Ainsi, dans le premier groupe, nous avons la description de la douleur de la pauvreté, les difficultés quotidiennes et les stigmates construits autour de cette situation tandis que dans le deuxième, nous avons les aspects positifs de ceux qui vivent cette condition, en se considérant comme de braves gens, riches en la joie de vivre. Dans le dernier chapitre, nous partons des particularités de l'une des femmes participant à l'étude afin de réfléchir sur les impacts du système capitaliste néo-libéral dans sa production de subjectivité. L'analyse montre, entre autres, une douleur intense résultant de l'expérience existentielle à cause de cette place occupée en tant que pauvre dans la société contemporaine.

Mots-clés: Théorie des Représentations Sociales, Dialogicité, Idéologie, Pauvreté, Néolibéralisme.

## Resumen

En esta tesis, buscamos analizar, con el apoyo de la Teoría de las Representaciones Sociales, las maneras por las cuales ciertos sentidos sobre la pobreza son producidos y transformados en la vida social, bien como el impacto que tales conocimientos pueden ejercer en las representaciones que los sujetos, en este caso, mujeres, reconocidas socialmente como pobres, tienen sobre sí mismas y sobre su entorno. Para esto, presentamos cinco capítulos organizados en forma de artículo. El primero discute el papel de la dialogicidad y sus contribuciones como categoría central para el desarrollo de una psicología social crítica; el segundo aborda el sistema capitalista en su ropaje neoliberal y busca puntuar algunos de los valores que lo sustenta; el tercero esboza una reflexión acerca de ciertos discursos recurrentes que, por medio de varias estrategias, cristalizan prejuicios y justifican acciones represoras sobre aquellos que son reconocidos como pobres. Ya los dos últimos artículos, ambos de cuño empírico, han sido desarrollados a partir del contacto con las mujeres arriba citadas. En el cuarto capítulo, buscamos comprender las representaciones sociales de la pobreza con la realización de 14 encuestas abiertas y un círculo epistemológico en un grupo con 12 participantes. Las informaciones han sido organizadas a través de un análisis temático e interpretados bajo una mirada psicosocial crítico. En líneas generales, podemos decir que la representación social de la pobreza se forma alrededor dos núcleos: uno caracteriza la situación de pobreza por el bias socioeconómico y el otro por lo de la moral y de la cultura. En el primer núcleo, por lo tanto, tenemos la descripción de situaciones de penuria de la pobreza, de las dificultades cotidianas y de los estigmas construidos alrededor de esta situación; ya en el segundo, tenemos los aspectos positivos de aquellos que la viven, caracterizándoles como personas de garra, de carácter, ricos en la alegría de vivir. En el último capítulo, partimos de las especificidades de una de las mujeres participantes del estudio realizado para reflexionar acerca de los impactos del sistema capitalista neoliberal en su producción subjetiva. El análisis muestra, entre otros aspectos, un intenso dolor existencial decurrente de la experiencia de ocuparse lugares de pobreza en la sociedad contemporánea.

Palabras claves: Teoría de las Representaciones Sociales, Dialogicidad, Ideología, Pobreza, Neoliberalismo.

## **Lista de abreviaturas e siglas**

AL: América Latina

BM: Banco Mundial

CRAS: Centro de Referência de Assistência Social

CREAS: Centro de Referência Especializado de Assistência Social

DEMHAB: Departamento Municipal de Habitação

FASC: Fundação de Assistência Social e Cidadania

FMI: Fundo Monetário Internacional

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MDS: Ministério do Desenvolvimento Social

NASF: Núcleo de Apoio Sócio Familiar

PAIF: Programa de Atenção Integral à Família

PETI: Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PT: Partido dos Trabalhadores

RS: Representações Sociais

TRS: Teoria das Representações Sociais

## **Lista de figuras e tabelas**

Fig. 01: triângulo do ato representacional .....	32
Tab. 01: aproximações entre a TRS e Pedagogia da Libertação .....	42
Fig. 02: representações sociais da pobreza.....	101

## SUMÁRIO

<i>Notas dialógicas I: um possível início para o percurso</i> .....	17
<i>Das travessias aos atravessamentos: a construção de um olhar psicossocial</i> .....	20
<i>Pontos de partidas e de chegadas</i> .....	22
<i>O caminho se fez caminhando</i> .....	24
<i>Primeira história: quando se atende pela janela</i> .....	27
1) A dialogicidade como pressuposto ontológico e epistemológico na Psicologia Social.....	29
Resumo.....	29
1.1 Introdução.....	29
1.2 O ato representacional e a tríade dialógica .....	31
1.3 Pressupostos teóricos: TRS e pedagogia da libertação.....	33
a) Perspectiva funcionalista.....	34
b) Perspectiva interacionista e libertadora.....	35
1.4 Ser humano, ser social.....	36
1.5 Percepção do / e presença no mundo.....	38
1.6 A dialogicidade e a possibilidade de mudança ou transformação social.....	40
1.7 Referências bibliográficas.....	43
<i>Segunda história: quando o encontro transcende a pesquisa</i> .....	46
2) Capitalismo e ideologia neoliberal.....	48
Resumo.....	48
2.1 Introdução.....	48
2.2 Dinâmica do capitalismo.....	49
2.3 Globalização (neo)liberal.....	51
2.4 Surgimento e a permanência do neoliberalismo.....	54
2.6 Referências bibliográficas.....	59

<i>Terceira história: quando a casa é também baia</i> .....	62
3) O diário alimento da pobreza: mecanismos de produção e de reprodução da ideologia neoliberal .....	64
.....	64
Resumo .....	64
3.1 Introdução.....	64
3.2 Segunda-feira: <i>relativize o conceito de pobreza</i> , a tal ponto que seja impossível saber quem de fato a vivencia.....	66
3.3 Terça-feira: <i>ensine a pescar</i> , mesmo que não haja acesso ao rio, ou não haja peixe.....	70
3.4 Quarta-feira: <i>lute contra a pobreza</i> , do mesmo modo que o BM e o FMI o fazem.....	73
3.5 Quinta-feira: <i>usufrua dos benefícios do mercado</i> em torno do sofrimento humano, pois ele é rentável.....	75
3.6 Sexta-feira: <i>pratique o voluntariado</i> , e regozize-se pelo alívio de sua consciência.....	78
3.7 Final de semana: o descanso ou a corporificação da pobreza.....	80
3.8 Referências bibliográficas.....	81
 <i>Quarta história: quando a carroça é motivo de riso e choro</i> .....	85
4) <i>Ninguém nasce com cartão de crédito</i> : um estudo sobre as representações sociais da pobreza..	86
4.1 Introdução.....	87
4.2 Objetivos.....	88
4.3 Caminhos percorridos.....	89
4.4 Representações sociais sobre a pobreza .....	91
4.4.1 A pobreza sob o ponto de vista socioeconômico.....	91
a) <i>Compro o tênis, mas aperto a barriga</i> : a materialidade da pobreza.....	91
b) <i>O dinheiro que vem suado é melhor</i> : a centralidade da categoria “trabalho” .....	93
c) <i>À la miguelão</i> : vidas sob o signo do esquecimento e/ou abandono.....	94
e) <i>Eles não acreditam em nós</i> : marcas da desconfiança.....	95
f) Pobreza: onde o social e individual se encontram.....	97
4.4.2 A pobreza sob o ponto de vista moral/cultural.....	97
a) <i>Sou feliz na pobreza</i> : modos de lidar com a dificuldade do cotidiano.....	97
b) <i>Sou pobre, mas limpinho e honesto</i> : o cumprimento das expectativas sociais.....	99
c) Riqueza na pobreza: onde o individual se afirma.....	100
4.5 <i>Qué fugi do problema, mas acaba arrumando outro</i> : a reprodução dos laços sociais.....	102

4.6 Referências bibliográficas .....	104
<i>Quinta história: quando a doença é fruto do descaso social</i> .....	106
5) <i>Será que eu atirei pedra na cruz?</i> Pobreza e identidades em tensão.....	107
Resumo.....	107
5.1 Introdução.....	107
5.2 Viver dói.....	109
5.3 Ser humano, ser em relação.....	110
5.4 O trabalho enquanto produção humana.....	111
5.5 Consciência de classe.....	114
5.6 Será que atirei pedra na cruz?.....	115
5.7 Referências bibliográficas.....	117
<i>Notas dialógicas II: considerações (in)conclusivas</i> .....	119
<i>Materializações do pensamento social sobre a pobreza em tempos neoliberais</i> .....	119
Anexo I: apreciação e aprovação do comitê de ética em pesquisa.....	124
Anexo II: termo de consentimento livre e esclarecido.....	125
Anexo III: principais categorias temáticas.....	126
Anexo IV: tabela representacional .....	154
Anexo V: entrevista aberta com Maria.....	161
Anexo VI: círculo epistemológico.....	173



### ***Notas dialógicas I: um possível início para o percurso***

*... sim, eu concordo, “é com meu corpo inteiro que eu vou à luta pela transformação: é com a minha paixão, com meu desejo, com minha frustração, com meus medos, etc., etc., mas também com meu saber” (Freire<sup>1</sup>, 2008, p.77). Este é o tom do trabalho ou, talvez, da tese que tu comesças a ler. É verdade, eu tenho dificuldades em chamar estas linhas escritas de tese, isto me incomoda. Por quê? Alguns poucos anos atrás, quando cursava uma disciplina obrigatória do curso de doutorado, me ensinaram que, entre outros atributos, uma tese precisaria ter algo de novo, que surpreendesse a comunidade dita científica. Sinceramente? Não, não quero cumprir tal expectativa. Não quero surpreendê-los, não do modo como eles o esperam, pois, para fazer isto, talvez eu tivesse que abrir mão de muitas coisas, talvez tivesse que adotar alguns princípios, a mim, “indecorosos”. Quais? Neutralidade, comprovação, generalizações, verdades únicas, etc. Palavras que me arrepiam. Proponho aqui um outro tipo de movimento, um outro jeito de olhar para a vida, mas, como dizem, “devagar com o andor, que o santo é de barro”.*

*Lamentavelmente, tu que estás aí, do outro lado – me lendo, ou melhor, nos lendo, ou será, lendo o trabalho – não estás aqui, neste momento, para dialogar comigo. É por isso que estou te imaginando, te criando dentro de mim, te representando, a partir daquilo tudo que vivi. Aliás, sei que tu não és isso, ou melhor, só isso. Claro! Eu também acho: trabalhar sozinha é muito difícil, pois parece que nada faz sentido. É como se eu precisasse do outro para me descobrir, para entender o mundo e a mim. Tu – que estás não estando – és fruto de inúmeras relações que estabeleci na vida, em especial, nos últimos anos. Sente, descansa, sigamos com nossa conversa, pois quero te contar o que aconteceu.*

---

<sup>1</sup> Freire, P. (2008). *Pedagogia do compromisso*. Indaiatuba: Villa das Letras.

*Foi em 2007, quando eu realizava o segundo ano do curso de doutorado, que meu interesse pelos sentidos atribuídos à pobreza se aguçou. Desenvolvíamos, naquele período, o final da primeira etapa de um projeto social<sup>2</sup> em uma comunidade de Porto Alegre. Iniciativa esta que envolveu inúmeras pessoas da comunidade, parceiros externos, estudantes, professores e técnicos vinculados à instituição executora do mesmo. Sonhos, expectativas, frustrações... queríamos aprender e por isso falávamos, procurávamos trocar ideias com outras pessoas sobre o que estávamos vivendo. Espanto! As reações que as pessoas – inclusive integrantes da equipe – esboçavam frente ao relato de nossas dificuldades tendiam a culpabilizar os “beneficiados” e a idolatrar os profissionais de “bom coração” que se dispunham a fazer tais atividades em uma comunidade “carente”. Frases como: “tanto esforço por nada”, “não adianta, esse pessoal não sabe dar valor a uma oportunidade”, “eles não gostam de trabalhar”, etc., eram recorrentes. Discursos preconceituosos e fatalistas perpassavam e, em certa medida, influenciavam nossas relações com a comunidade.*

*Agora veja bem: três anos se passaram e a minha impressão é que a temática escolhida nunca esteve tão atual. Somente para ilustrar, recentemente alguns casos deram visibilidade nacional ao modo como a nossa sociedade lida com a pobreza e seus correlatos: Mayara Petruso, estudante de Direito e pertencente da classe média alta paulistana, decepcionada com a vitória da candidata Dilma Rousseff à presidência da república em 2010, postou em uma rede social a mensagem “Nordestista (sic) não é gente. Faça um favor a SP, mate um nordestino afogado!”. Isto porque, segundo sua análise, o Partido dos Trabalhadores (PT) teria vencido devido o “dinheiro dado a essa gente ignara (sic) e preguiçosa que vive no Nordeste a partir do Bolsa Família”, ou melhor, da “Bolsa 171”.*

*Outro caso interessante, foi o de Luis Carlos Prates<sup>3</sup>. Ainda mais contundente, ao comentar em um programa televisivo na afiliada da RBS de Santa Catarina sobre as origens dos problemas de trânsito, disse: “antes de mais nada a popularização do automóvel; hoje, qualquer miserável tem um carro; o sujeito jamais lê um livro, mora apertado numa gaiola que hoje chamam*

---

<sup>2</sup> *Projeto Joana d'Arc em Luta pela Dignidade* (2005-2010). Trata-se de um projeto que visava melhorar a qualidade de vida da comunidade Joana d'Arc a partir da implementação de uma padaria comunitária e de um espaço lúdico-educativo. A atividade contou com o financiamento da Petrobras, primeiro com o programa *Fome Zero* e depois com o programa *Desenvolvimento & Cidadania*. Em certa medida, tal projeto foi parte da dissertação de mestrado que defendi em 2004 na PUCRS. Outras informações podem ser encontradas no site: <http://www.pucrs.br/proex/joanadarc/>

<sup>3</sup> Comentarista, na época, da RBS Santa Catarina. Possui formação acadêmica em psicologia.

*de apartamento; não tem nenhuma qualidade de vida, mas tem um carro na garagem; e este camarada, casado, como não suporta a mulher, nem a mulher suporta ele sai, vão pra estrada, vão se distrair, vão se divertir; e aí, inconscientemente, o cara quer compensar suas frustrações, com excesso de velocidade.[...] quando o camarada morre sozinho, problema dele, mas e quando mata um inocente? [...] então é isso: estultícia, falta de respeito, frustração, casais que não se toleram, popularização do automóvel, resultado deste governo espúrio, que popularizou pelo crédito fácil o carro para quem nunca tinha lido um livro; é isso!<sup>4</sup>”.*

*A raiva parece ser o sentimento comum que une tais comentários e expressam uma inconformidade com a possibilidade de termos a inclusão, ainda que seja pelo viés do consumo, de parte da população brasileira. Além disso, há diversas situações cotidianas que nem mais se tornam surpreendentes quando alcançam a primeira página dos jornais. Não se impressionar com o atear fogo em mendigos, com a morte dos supostos “bandidos” na ocupação do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro<sup>5</sup> ou mesmo com a presença de crianças e adultos dormindo nas calçadas das cidades, são sinais da indiferença que também compõem o modo como (não)reconhecemos o ser humano. É fato, caro amigo: algumas vidas valem menos do que outras. Tais ideias, imagens, palavras, penetram nossos ouvidos e nossa mente, formam uma espécie de atmosfera social e cultural que, queiramos ou não, nos influenciam – assim como, nós a ela.*

*Este trabalho, portanto, só pode ser o fruto do incômodo, da angústia e, por vezes, do sofrimento por estar no mundo e por ser parte dele. Não posso e não quero esconder isso de ninguém, ao contrário. Sinto que estes são alguns dos sentimentos que me movem, que me desafiam cotidianamente e, por isso, os quero vivos, me impulsionando à indignação e à mudança. Aliás, eu te mentirias se dissesse que esta pesquisa foi fonte de prazer. Em nenhum momento em que estive em contato com as informações e interpretações estive satisfeita com o que eu estava fazendo e muito menos com a realidade analisada. Tudo me parecia e ainda parece precário, frágil e pobre de sentido, a não ser a lembrança do brilho dos olhos de algumas mulheres que tive contato.*

---

<sup>4</sup> Menos de dois meses após a exibição do comentário é anunciada, “por comum acordo”, a sua saída do Grupo RBS.. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/jsc/19,6,3172933,Colunista-Luiz-Carlos-Prates-deixa-o-Grupo-RBS.html>. Acesso em 12 jan. 2011. E no dia 24 do mesmo mês o SBT Santa Catarina divulga a sua contratação. Disponível em: <http://natelinha.uol.com.br/noticias/2011/01/22/174855.php>. Acesso em 24 jan 2011.

<sup>5</sup> Operação policial realizada na comunidade Complexo do Alemão no Rio de Janeiro no final de outubro de 2010, com o objetivo de "pacificar" a região e/ou de "libertar" a população do tráfico de drogas.

### ***Das travessias aos atravessamentos: a construção de um olhar psicossocial***

*As teorias, em uma pesquisa, podem servir tanto como caminhos, quanto como intersecções para o pensamento. Nesta pesquisa, acredito que há traços de ambos. Ora as teorias me conduziram, ora elas me atravessaram. Não passei imune a elas, isto é certo. De qualquer modo, espero que o que de fato faça diferença ao longo destas páginas é a possibilidade de ter realizado uma pesquisa crítica, crítica das teorias, da realidade e, a cima de tudo, de mim mesma. Souza (2009<sup>6</sup>), neste sentido, nos lembra que a pesquisa científica, quando crítica, desafia poderes instituídos dentro e fora do mundo acadêmico e é com este tipo de pesquisas que “mais aprendemos sobre o mundo como ele é, e não como os interesses dos vários poderes que dominam todas as esferas da vida querem que o percebamos” (p. 438). Início, portanto, localizando rapidamente quais formam as principais teorias e teóricos que me auxiliaram a construir um olhar psicossocial crítico em relação à temática da produção de saberes ou conhecimentos sobre a pobreza.*

*No campo da psicologia social, esta tese se inscreve na escola francesa da Teoria das Representações Sociais (TRS) desenvolvida por Serge Moscovici. Tal teoria agrega dois campos distintos, embora interconectados, como veremos ao longo da pesquisa. Por um lado, é vista como uma teoria do conhecimento que busca compreender a formação e transformação do pensamento social, ou seja, como se formam os conhecimentos (ou, ainda, as representações), porque se formam, a partir do que pensamos (aspectos expostos no primeiro capítulo); e por outro aborda as representações enquanto fenômenos ou tematizações do discurso público (desenvolvidos nos capítulos quarto e quinto).*

*Tal teoria está preocupada em compreender como as coisas, as ideias, mudam e/ou se preservam na sociedade, ou seja, como os processos sociais, tudo aquilo que ocorre em nossos cotidianos, incorporam a novidade/mudança e a conservação/preservação. E como faz isso? Através do estudo das representações, pois é impossível conhecer algo sem representar; é impossível viver sem atribuir sentidos ao que nos cerca. O ser humano tem a “capacidade de prescindir do objeto material ao pensar nele, ao falar dele e até ao relacionarmos-nos com ele” (Guareschi<sup>7</sup>, 2010). São as representações que permitem a nossa comunicação – o nosso atual*

<sup>6</sup> Souza, J. (2009). Posfácio sobre o método de pesquisa. In: Jessé Souza (org.). *A Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Editora UFMG: Belo Horizonte.

<sup>7</sup> Guareschi, P. (2010). Representações sociais, mídia e movimentos sociais. In: Pedrinho Guareschi, Aline Hernandez, Manuel Cárdenas. *Representações sociais em movimento: psicologia do ativismo político*. Porto Alegre:

*diálogo, por exemplo – e, na mesma medida que nos comunicamos, atribuímos novos sentidos às velhas representações. Não há como escapar: as representações são produto da comunicação, na mesma medida que, “sem a representação, não haveria comunicação” (Duveen<sup>8</sup>, 2003, p. 22).*

*Frente a isto, parte do trabalho da psicologia social, da nossa empreitada por aqui, é compreender como as representações – também identificadas enquanto um tipo de pensamento<sup>9</sup> social (Wolter<sup>10</sup>, 2007) – se constroem, quais são as suas propriedades, suas origens, como se dá o processo de transformação e os seus impactos no mundo. Sim, cabe-nos um grande desafio: pensar o social como cognitivo (ato representacional) e as propriedades da cognição enquanto algo social (Jodelet<sup>11</sup>, 2005).*

*Que fique claro: pensamento social é aqui entendido enquanto uma forma de saber que se produz no cotidiano, nas relações informais e que compõe o que Moscovici chamou de universo consensual. Em oposição a ele, temos o pensamento racional, aquele que usa um linguajar próprio, que obedece a uma certa hierarquia, que vem e se fortalece da ciência e que gera o universo reificado. Importante destacar que tais conhecimentos e universos, não estão isolados, ao contrário, eles coabitam e se influenciam, cada qual intervindo em contextos sociais específicos (Guimelli<sup>12</sup>, 1999). E, mais, a diferença entre eles não significa hierarquia nem isolamento, apenas propósitos diversos (Arruda<sup>13</sup>, 2002).*

*Pensamento social, portanto, é um tipo de processo sociocognitivo que sustenta modos de ser e de agir, construído a partir das relações que estabelecemos com o mundo e com os outros. Ele está e circula entre nós, ele nos perpassa, nos transforma, bem como nós a ele. O pensamento social está presente nas atividades sociais, políticas, econômicas, nos grupos populares, nos movimentos sociais, em todo lugar. O vemos também na produção dos grupos humanos, ou seja, nos valores, nas regras, nos símbolos, naquilo que de alguma forma compartilhamos e/ou brigamos*

---

EdiPUCRS.

<sup>8</sup> Duveen, G. (2003). Introdução: o poder das ideias. In: Serge Moscovici. *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

<sup>9</sup> Embora alguns autores procurem diferenciar e categorizar tipos de pensamentos sociais, tais como *imagem social*, *nexus*, *ideologia*, *temata* e as próprias *representações sociais*, neste trabalho tais nuances não são abordadas, nem mesmo consideradas relevantes para o estudo em questão. A ideologia, por exemplo, aqui não é compreendida como um outro tipo de pensamento social, mas sim enquanto uma função da RS.

<sup>10</sup> Wolter, R. (2007). Classificação estrutural de diferentes formas do pensamento social. Grupo de discussão temático apresentado na *V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*. Brasília.

<sup>11</sup> Jodelet, D. (2005). *Loucura e Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes.

<sup>12</sup> Guimelli, C. (1999). *La pensée sociale*. Paris: PUF.

<sup>13</sup> Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, nov.

na vida cotidiana (Garnier<sup>14</sup>, 2002).

*Mas, ciente de que o pensamento social, bem como o conhecimento científico, não está imune as artimanhas ideológicas, agreguei ao quadro teórico-prático da pesquisa a proposta de Thompson<sup>15</sup> (1990). Para este autor, estudar a ideologia “é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (p. 76). Ou seja, os sentidos que circulam na vida cotidiana, seja na mídia, na boca do professor, do psicólogo, etc., podem criar, até mesmo instituir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e de recepção de formas simbólicas. É claro, tudo isto não está no ar. Estas formas simbólicas invadem a nossa mente, constituem nosso pensamento e também constroem realidades materiais. Libertar-se delas, portanto, requer um rompimento com questões físicas, corporais, concretas (Freire & Faundez<sup>16</sup>, 1985). Neste sentido, o materialismo histórico de Marx, voltado para a compreensão das relações sociais concretas da humanidade, também me inspirou para o desenvolvimento de um olhar psicossocial mais aguçado, afinal, “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência” (Marx<sup>17</sup>, 2003, p.5).*

### ***Pontos de partidas e de chegadas***

*Pois bem, reconhecido o fato de que a pobreza é uma construção social, desenvolvida e consolidada através de estruturas, agentes e processos que lhe dão forma histórica e concreta (Cimadamore & Cattani<sup>18</sup>, 2007), a maior preocupação deste trabalho – e alerta, não plenamente esgotada – é compreender como que as produções de sentido, aqui entendido como representações, sobre a pobreza e os pobres perpassam as identidades, os saberes, as representações, daqueles que são reconhecidos socialmente nesta situação e condição social. Importante ressaltar que jamais tal objetivo poderia ser esgotado, uma vez que a produção subjetiva humana é inesgotável, bem como as identidades que dela decorre. Para isto, parto da perspectiva que a identidade é tanto parte do processo representacional, quanto o seu resultado. Toda representação conserva em si a cultura, a*

<sup>14</sup> Garnier, C. (2002). La pensée sociale: questions vives. In: Catherine Garnier. *Les formes de la pensée sociale*. Paris: PUF.

<sup>15</sup> Thompson, J. (1990). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.

<sup>16</sup> Freire, P.; Faundez, A. (1985). *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

<sup>17</sup> Marx, K. (2003). *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes.

<sup>18</sup> Cimadamore, A.; Cattani, A. (2007). A construção da pobreza e da desigualdade na América Latina: uma introdução. In: Alberto Cimadamore e Antonio Cattani (Org.). *Produção de pobreza e desigualdade na América Latina*. Porto Alegre: Tomo Editorial/Clacso.

*história, a identidade de um povo (Jovchelovitch<sup>19</sup>, 2008) e ao representarmos, carregamos tais características conosco.*

*Ora, as representações são fenômenos sociais e precisam ser compreendidas a partir do contexto de produção, ou seja, a partir das funções simbólicas, ideológicas, bem como das formas de comunicação nas quais estão presentes. Para entender a lógica dos diferentes tipos de representações e de percepções do ambiente, é preciso considerar os jogos particulares que ocorrem no funcionamento do sistema econômico e social (Godelier<sup>20</sup>, 1984). Em outras palavras, é preciso analisar o meio e as produções sobre a pobreza e sobre os chamados pobres, construídos no cotidiano, por todos nós. Para tanto, o que fiz, caro leitor, foi articular cinco momentos de reflexão<sup>21</sup>, cada qual com seu objetivo e estilo próprio, de modo que no último bloco eu pudesse explorar o impacto de certos sentidos sobre a pobreza, visto nos capítulos anteriores, na construção subjetiva de uma mulheres entrevistadas. Do meu ponto de vista, este trabalho consegue, ou tem a intenção de, fazer uma espécie de caminho em espiral. Explico:*

*No primeiro artigo, reflito sobre o papel que a dialogicidade tem para a psicologia social. A apresento como uma importante categoria ontológica e epistemológica, a partir da construção de um debate entre dois autores – Serge Moscovici e Paulo Freire –, para então chegar à questão da mudança ou transformação social. Já no segundo, busco identificar como que o capitalismo neoliberal se construiu, se mantém, se atualiza ao longo do tempo, quais são os princípios e os valores que norteiam tal sistema de produção.*

*Um passo a frente, no terceiro procuro mapear e analisar criticamente discursos e práticas sociais contemporâneas relativas à pobreza, que, sob influência da ideologia neoliberal, alimentam discursos e práticas sociais preconceituosas e conformistas. Neste artigo pude exercitar uma visão crítica e interpretativa dos fenômenos a que estamos cotidianamente expostos e que, por vezes, me assustam, devido à tamanha carga ideológica que carregam. Mas, atenção, o processo interpretativo sempre é incompleto e passível de ser questionado (Thompson, 1990).*

*Já no quarto e quinto capítulo, faço uma imersão na produção de sentidos daqueles que, em nosso caso mulheres, são reconhecidos socialmente enquanto pobres e procuro analisar*

---

<sup>19</sup> Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes.

<sup>20</sup> Godelier, M. (1984). *L'idéal et le matériel: pensée, économies, sociétés*. Fayard: Paris.

<sup>21</sup> A constituição deste trabalho em capítulos autônomos é parte das “recomendações” do Programa de Pós-Graduação, que, na perspectiva de “incentivar” a produção acadêmica, nos solicita a construção da tese nestes moldes.

*como algumas das representações de si e do mundo são construídas, bem como o que interfere no processo representacional.*

*Apesar de cada capítulo ter suas características próprias e independentes, a tese tem como objetivo de fundo analisar o processo pelo qual os sentidos sobre a condição de pobreza são construídos e transformados na vida social, sob a influência do neoliberalismo. Em outras palavras, busco compreender a formação do pensamento social sobre a pobreza, a partir de diferentes campos, em especial, através do relato de mulheres que vivem tal situação.*

*Ao longo do trabalho, verás, caro companheiro de estrada, que, se por um lado, esta pesquisa pretende ser e fazer uma crítica à sociedade contemporânea ela é, por outro, a sua expressão contraditória, afinal sou parte deste conjunto social que produz desigualdades e que as critica. Confesso que um dos motivos pelos quais a realizei foi para compreender a mim mesma e identificar meu papel no mundo. Em várias situações vividas neste percurso foi duro reconhecer e admitir que também carrego o descaso pela figura do outro, principalmente quando este outro está destituído de voz. Percebo e concordo com Memmi<sup>22</sup> (2007, p. 22) quando ele diz que “se a colonização destrói o colonizado, ela apodrece o colonizador”. Foi assim que me senti e isto me dificultou imensamente o trabalho de redação final da pesquisa. Mesmo que eu tenha tido uma série de cuidados, que serão explicados a seguir, muitas vezes me senti explorando a pobreza e quem nela vive, como se eu estivesse simplesmente reproduzindo um padrão no trato com a problemática. Vejamos agora como a pesquisa foi realizada.*

### ***O caminho se fez caminhando***

*De fato, a pesquisa é um trabalho de artista (Moscovici, 2010<sup>23</sup>) que requer, do meu ponto de vista, tanto planejamento, quanto sensibilidade para adequar às reais possibilidades à sua realização. Foi o que aconteceu neste trabalho e é o que pretendo relatar neste momento em relação à construção do corpus de pesquisa.*

*Já disse antes, mas é bom repetir: ao longo do processo de estruturação desta tese pude me dar por conta que, na mesma medida em que eu estava buscando conhecer uma certa realidade*

---

<sup>22</sup> Memmi, A. (2007). *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

<sup>23</sup> Moscovici, S. (2010). Serge Moscovici: La recherche c'est un travail d'artiste. *Societal and political psychology international review*. Vol. 01, n. 2, pp. 151-154.



*social, eu também estava procurando me compreender. Percebi, ou seria melhor dizer, senti, a partir da experiência vivida, que o pesquisador em um estudo qualitativo é o seu próprio instrumento para estimular, provocar, a produção das informações ou dos dados empíricos. Foi preciso, portanto, destruir qualquer pretensão de neutralidade e assumir que esta pesquisa tinha e tem um lado, ou seja, ela procura falar a partir de uma perspectiva, identificada, por alguns, como a do oprimido (Freire<sup>24</sup>, 1987; Romão<sup>25</sup>, 2006) ou a das minorias (Moscovici<sup>26</sup>, 1979) e tem intenções outras que ultrapassam a compreensão de certo fenômeno. Para fazer isto, busquei me libertar de possíveis preconceitos para escutar a voz daquele com quem eu conversava e permitir que a interação fosse um espaço para a construção e compartilhamento de um conhecimento (Jodelet<sup>27</sup>, 2003). Mas confesso: não foi fácil, nem mesmo evidente.*

*Para a produção das informações empíricas da pesquisa (melhor explicado no capítulo quatro), optei por realizar entrevistas abertas. Onze destas com pessoas, ou melhor, mulheres assistidas nos então chamados Centros Regionais de Assistência<sup>28</sup>. Por meio de profissionais da área da psicologia, que trabalham no PAIF (Proteção e Atendimento Integral à Família), me aproximei de modo progressivo destes Centros. Em três deles, observei atividades diversas, como: visitas domiciliares, atendimentos individuais, encontros com os grupos de NASF e PETI, festas, etc. Além destas entrevistas, realizei outras três com mulheres que não estavam vinculadas aos centros, mas que participavam de atividades em suas comunidades nas quais um dos motes central era a questão da renda. Os objetivos da pesquisa, nesta altura do campeonato, já tinham mudado inúmeras vezes. Cada entrevista realizada, novos aspectos se abriam, novas sensações, novas reflexões. Fazer as entrevistas, ver a realidade onde as pessoas moram, o jeito que vivem, me impactou profundamente e me parece que tal sentimento é parte do que estou te apresentando. Espero que seja, afinal.*

*Mas faltava algo: eu tinha informações e sentimentos... Sentia que faltava um debate coletivo por meio do qual eu pudesse, de alguma forma, problematizar as temáticas junto ao mesmo público. Mesmo com pouco tempo hábil para dar conta do trabalho com os dados, realizei*

<sup>24</sup> Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido* (27ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

<sup>25</sup> Romão, J. E; et al. (2006). Círculo epistemológico círculo de cultura como metodologia de pesquisa. *Revista Educação & Sociedade*. N° 13. Universidade Metodista de São Paulo.

<sup>26</sup> Moscovici, S. (1979). *Psychologie des minorités actives*. Paris: Puf.

<sup>27</sup> Jodelet, D. (2003). Aperçus sur les méthodologies qualitatives. In: Serge Moscovici e Fabrice Buschini. *Les Méthodes des Sciences Humaines*. Paris: Puf.

<sup>28</sup> Atualmente, estes centros são identificados como CRAS (Centros de Referência de Assistência Social).

*uma experiência de grupo epistemológico com mulheres em um destes centros de assistência social (anexo VI). Contudo, confesso que tenho dúvidas se o que foi realizado é de fato aquilo que se espera de um grupo epistemológico, uma vez que a interpretação não se deu de modo profundo. Fica em aberto um aprofundamento deste método para o futuro.*

*Para finalizar estas notas, é importante dizer que produzir conhecimento ou (cons)ciência, significa, antes de mais nada, reconhecer as próprias perspectivas, os lugares que ocupamos no cotidiano e de onde nos posicionamos para nos expressar. Significa reconhecer que todo conhecimento está inserido em um campo de possibilidades e, neste sentido, dialogar e produzir coletivamente amplia nossa capacidade de análise e compreensão, embora muitas vezes dificulte a própria inserção do pesquisador e/ou reconhecimento do trabalho no espaço acadêmico. É para esta empreitada que te convido a permanecer comigo.*

*Antes, porém, saibas que nosso diálogo não se encerra por aqui. Na impossibilidade de contar todas minhas experiências e reflexões ao longo deste período, relatarei, brevemente, no início de cada capítulo, encontros que me geraram sensações marcantes e que revelam a perpetuação da pobreza em suas múltiplas formas, inclusive em mim. Talvez tu te perguntes “pra que isto, afinal?” e já te respondo: na perspectiva dos estudos das representações sociais, os afetos são elementos fundamentais para a construção e disseminação dos saberes, são uma espécie de vetores de transmissão (Arruda<sup>29</sup>, 2009) e daí vem a importância de os conhecermos. Além disto, saber como eu me sinto frente a pobreza e aos sentidos sociais sobre ela construídos revela um conhecimento – ou representação – que passa por mim, mas que não é só meu, é parte deste estudo.*

*Uma última observação: é preciso lembrá-lo de que alguns elementos ou partes do que tu lerás é ficção, enquanto outras são exatamente o que vi, o que senti. Por vezes, precisei alterar dados, cenas, de modo que os atores envolvidos não fossem identificados. Agora sim, boa leitura.*

---

<sup>29</sup> Arruda, A. (2009). Meandros da teoria: a dimensão afetiva das representações sociais. In: Angela Almeida & Denise Jodelet (Orgs.). *Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas*. Brasília: Thesaurus.

### ***Primeira história: quando se atende pela janela***

*Manhã de um novembro escaldante. Mesmo cedo o sol já castigava a pele. Era uma quinta-feira, dia de fazer acolchoados em uma das instituições conveniada da FASC e agregada do Centro de Referência em Assistência Social da região. Lá estava o grupo reunido: 12 ou 13 mulheres com idades que variavam entre 30 e 70 anos; todas ao redor de uma mesa na varanda trabalhando com retalhos doados por pessoas e lojas. Pacientemente separavam, ordenavam, cortavam os pedaços de tecido maiores em pequenos quadrados, para então costurar naquele maior que se tornaria o acolchoado de alguém no próximo inverno. Algumas falavam, riam; outras ficavam quietas, sem olhar para os lados, apenas trabalhando.*

*Chego ao local, me apresento ao assistente social da instituição, falo sobre a pesquisa. Sem grandes rituais, ele divide seus problemas e angústias em relação às dificuldades cotidianas que enfrenta: a sobrecarga de trabalho, as exigências no que se refere a prioridade de atendimentos, etc. Olho para o lado, pela janela, e a cena inicial se mantém inalterada. O tempo parece passar lentamente naquele lugar. Suas palavras, de uma hora para outra, cortam o silêncio: “quer fazer uma entrevista agora?”. Fico constrangida com a situação, pois minha ideia era a de uma aproximação progressiva, mas aceito, afinal tinha pouco tempo para realizar o chamado “campo”. Ele elege dois casos, os mais complicados na sua visão, e os chama, uma de cada vez informando que participariam de uma pesquisa respondendo às minhas questões. Uma delas permanece e a outra volta ao trabalhar. Meu desconforto aumenta... Prestativamente, ele nos deixa em uma das poucas salas da instituição, com o único ventilador ligado, para conversarmos. Inicio a entrevista lendo e comentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Digo várias vezes que ela não precisa responder a nada, se não o quiser; que ela tem direito de não participar ou de encerrar entrevista a qualquer momento sem nenhum prejuízo, etc. Tento amenizar minha culpa por estar ali, invadindo um espaço e criando uma situação completamente artificial para a pesquisa. Culpa? Sim. Porque, eu era mais uma, entre tantas pessoas, reafirmando o lugar de*

*sujeição delas; eu era mais uma a lidar com a pobreza como objeto, e isso me frustrava. Iria aquela pessoa me falar sobre a sua vida, sobre o que realmente sentia no cotidiano? Ou me contaria algumas coisas já padronizadas, aquilo que a maior parte das pessoas espera ouvir delas e que, possivelmente, já foi dito a muitos outros?*

*Eu perguntava, ela respondia, mecanicamente. Sua voz era muito baixa, quase que inaudível quando as crianças, que estavam no lado de fora, riam ou gritavam em suas brincadeiras. Entre uma questão e outra, ela conta que quando falta comida em sua casa, ela vai ao “posto” (CRAS) e ajuda a Sr. Fulana (alguém que faz o controle das atividades no local) a fazer acolchoado ou qualquer outra coisa para ganhar uns quilos de comida, arroz e feijão, em troca. Encerrada a primeira entrevista, logo chega a outra mulher. Tudo se repete, inclusive em termos de não-fluidez, de não-encontros, de conversas pobres.*

*Finalizada a segunda, procuro pelo assistente social para conversarmos mais um pouco. Ele me pergunta se eu gostaria de fazer outras, lhe agradeço e digo que não, que eu voltaria em um outro dia. Combinamos a data. Sigo por ali, vejo as crianças, elas vem até mim para conversar. Um deles, filho de uma daquelas mulheres, reclama que gostaria de estar na escola (atendimento da instituição), mas que não havia vagas e completa: “essa daí ó (aponta para uma mulher) tem três filhos que tão matriculados, mas eles nem vem. E eu que queria tá aqui não posso”. Comento esta cena com o assistente social e ele me explica que há muita demanda na região e eles, a instituição, não dá conta, e diz: “quando é dia de atendimento à comunidade, por exemplo, eu me tranco nessa sala e falo com as pessoas pela janela, senão não dá”. Engulo a seco, vou embora e no dia marcado para retornar, telefono dizendo que havia acontecido um imprevisto e que não poderia estar lá.*

*De fato, tudo aquilo tinha mexido demais comigo...*

## 1) A dialogicidade como pressuposto ontológico e epistemológico na Psicologia Social<sup>30</sup>

### Resumo

Buscamos, neste trabalho, discutir, a partir da perspectiva genética ou interacionista da Teoria das Representações Sociais, o papel da dialogicidade na construção de uma psicologia social crítica e emancipatória. Estabelecemos, para isto, conexões com a Pedagogia da Libertação, em especial com contribuições de Paulo Freire. Em poucas palavras podemos afirmar que ambas teorias tomam a dialogicidade como elemento central para compreensão da existência humana, do mundo que nos rodeia, bem como para articular estratégias de mudança social.

Palavras chave: Dialogicidade, Teoria das Representações Sociais, Pedagogia da Libertação, Psicologia Social

### 1.1 Introdução

Dialogicidade, conceito importante e ainda pouco debatido no campo da psicologia social. Neste artigo, o tomamos como central e o entendemos enquanto uma capacidade do ser humano, ou melhor, da mente, de conceber, criar e comunicar realidades sociais (Markova, 2006). Passamos, portanto, a partir de agora, a discutir o papel da dialogicidade na construção de uma psicologia social crítica e emancipatória. Abordamos, para isto, aspectos ontológicos e epistemológicos da Teoria das Representações Sociais<sup>31</sup> (TRS), modelo genético ou interacionista

<sup>30</sup> A primeira versão deste artigo foi produzida para o Grupo de Trabalho “Representações Sociais, Psicologia das Minorias Ativas e Pedagogia da Libertação: Um Encontro Dialógico”, apresentado na *IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais* realizada no Rio de Janeiro em 2009. Na elaboração, contou com a colaboração dos seguintes pesquisadores: Aline Hernandez, Claudia Galante, Cristiane Redin Freitas, Helena Scarparo, Pedrinho Guareschi e Samantha Torres.

<sup>31</sup> A TRS surgiu no início da década de 1960 com a investigação realizada pelo romeno radicado na França Serge

proposto por Serge Moscovici, estabelecendo conexões com a Pedagogia da Libertação<sup>32</sup>, abordagem histórica desenvolvida principalmente por Paulo Freire. Em linhas gerais, ontologia é considerada um campo de conhecimento que se dedica à investigação e à compreensão da natureza, do mundo, do ser humano, ou seja, à tudo aquilo que existe, que estrutura a realidade. Porém, neste trabalho, levamos em consideração o que “se refere à existência humana como existência social” (Markova, 2006, p. 21), e não como a essência do ser em um sentido metafísico. A epistemologia, por sua vez, aborda as teorias sobre como se pode conhecer, acessar o mundo e a realidade (Blackburn, 1997). Trata também dos pressupostos que utilizamos, que nem sempre temos consciência, na defesa ou no combate de determinados conhecimentos e na validação ou na refutação dos mesmos.

Buscamos defender, neste artigo, que a dialogicidade, sendo uma prática coletiva que age na produção do mundo social, pode – e talvez devesse – ser o princípio norteador de pesquisas e de ações na construção de uma psicologia social crítica. Nesta perspectiva, procuramos associar duas teorias, TRS e Pedagogia da Libertação, dando visibilidade a elas no que se refere ao potencial questionador e transformador das mesmas. Acreditamos, assim como as abordagens, na importância da relação para a construção do ser humano, bem como, no papel do conflito enquanto um dispositivo para a mudança, para a transformação social.

Nosso artigo está dividido em cinco momentos: no primeiro, apresentamos como se

---

Moscovici, intitulada “*La Psychanalyse, son image et son public*” sobre a difusão da psicanálise na sociedade francesa. A ideia inicial era entender de que forma o conhecimento científico influenciava a cultura e o pensamento do senso comum. Assim, seu estudo de doutoramento procurou compreender como se dava a transformação e a apropriação do saber psicanalítico por distintos grupos (comunistas, católicos e progressistas) no cotidiano, na vida social. Em outras palavras, Moscovici quis entender o pensamento social, em sua dinâmica e diversidade, delineando as diferentes formas de conhecer e se comunicar, o que intitulou como saber consensual e científico. A partir disso, fundamentou uma consistente crítica ao modelo cartesiano de ciência, até então baseada na lógica funcionalista, na neutralidade, na homeostase social e na hierarquização dos conhecimentos. Anos mais tarde, em 1976, o mesmo autor lançou “*Social influence and social change*” nos Estados Unidos (posteriormente traduzido para a língua francesa em 1979, e espanhola em 1981 com o título alterado para “*Psychologie des minorités actives*”/“*Psicologia de las Minorias Activas*”).

<sup>32</sup> Paulo Freire começou a sistematizar o que viria a ser conhecida posteriormente como a Pedagogia da Libertação na década de 1960. Com o golpe de Estado de 1964, Paulo Freire foi preso, acusado de atividades subversivas. O único livro publicado antes do exílio é de 1963: “*Alfabetização e conscientização*”. Ficou fora do Brasil de setembro de 1964 a junho de 1980. Dois livros, escritos neste período, merecem destaque, no nosso ponto de vista, na construção da Pedagogia da Libertação: “*Educação como prática da Liberdade*” de 1967 e “*Pedagogia do Oprimido*” de 1970. O conjunto da obra de Freire ultrapassa a perspectiva mais divulgada e conhecida da educação de adultos e da educação não formal; ela aporta fundamentos consistentes para todo e qualquer projeto de educação. Seu projeto global de trabalho girou em torno da questão da mudança social e política, temas controversos, principalmente para instituições norte-americanas e europeias (McLaren, 2001). Para Freire, a transformação da educação deve ser acompanhada por mudanças na estrutura social e política onde a educação é praticada.

constitui o ato representacional, ou seja, a forma como acessamos e conhecemos a realidade; no segundo, discutimos dois grandes campos teóricos, matrizes de outras tantas teorias que alimentam formas de compreender o sujeito e de intervir no mundo; no terceiro e no quarto, debatemos a concepção de ser humano e de realidade respectivamente; e, para finalizar, refletimos sobre a questão da mudança social e do papel da dialogicidade neste processo.

## 1.2 O ato representacional e a tríade dialógica

A noção de representação, como sabemos, é um conceito polissêmico no campo das ciências humanas e sociais. Para algumas teorias, em especial para a psicologia cognitiva, a representação está associada a modelos baseados no tratamento da informação e no estudo computacional da inteligência artificial. Tais esforços produziram ou reforçaram, segundo Jodelet (2005), a concepção dos processos mentais descolados, afastados, dos laços sociais. Nesta perspectiva, os saberes, ou seja, as representações, são estudados a partir de sua estrutura – diferenciando seus conteúdos e formas (saber declarativo) de suas operações (saber procedural) – o que coloca em evidência a importância da memória. Tal visão, embora relevante, nos traz inúmeros problemas, em especial com o fato de desconsiderar a função simbólica e dialógica (Jodelet, 2005; Jovchelovitch, 2005) das representações e de almejar, em um certo sentido, uma espécie de isolacionismo cognitivo que elimina a relação da representação com a vida afetiva e emocional (Jodelet, 2005). Aliás, este é um dos equívocos mais frequentes desde Descartes: separar o objeto conhecido do conhecedor, transformando a representação e o objeto em partes isoladas (Guareschi, 2010).

E nós, o que entendemos por representação? Antes de tudo, compreendemo-a como uma estrutura de mediação entre o sujeito-outro-objeto<sup>33</sup> que se constitui através da contínua (portanto, não estática) atividade de comunicação e interação do ser humano, processada sempre em relação à um tempo histórico e um contexto (Jovchelovitch, 2008). Contudo, o que dá movimento a esta tríade é a presença de uma tensão permanente na relação Sujeito/Outro ou Ego/Alter. Mas vamos devagar, pois é preciso deixar claro sobre o que estamos falando. Tensão é aqui entendida enquanto uma força, um ímpeto que o ser tem em direção a uma ação ou a uma mudança, que surge frente às contradições do cotidiano. É ela, a tensão, e o conflito que, segundo Markova (2006), constituem a

---

<sup>33</sup> Esta tríade também pode ser descrita em termos Alter-Ego-Objeto (Markova, 2006).

fonte da ação e da vitalidade; e, mais, é com a tensão que nós temos uma tríade dialógica, ou seja, a unidade dinâmica da teoria do conhecimento social. Vejamos como isto se dá na figura número 01.

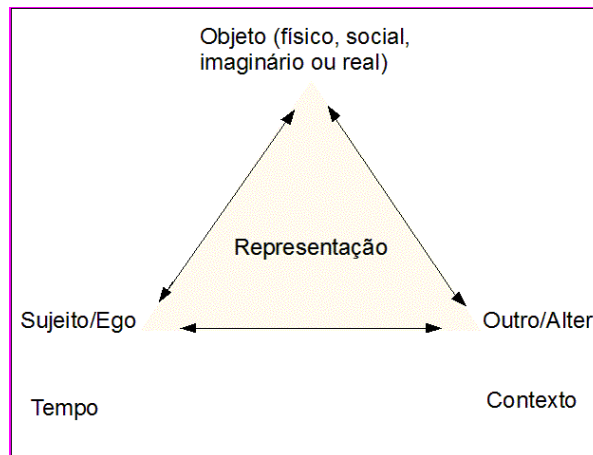


Fig. 01: triângulo do ato representacional<sup>34</sup>

Vimos na figura acima que as nossas representações não são criadas por sujeitos sozinhos, são sempre o resultado de relações. Mas, é preciso considerar que, uma vez que as constituímos, “elas ganham vida própria, na medida em que circulam, se encontram, se atraem, se repelem e dão a oportunidade ao nascimento de novas representações”, enquanto as velhas morrem (Moscovici, 2003, p. 41). É nesta atividade comunicativa, portanto, que criamos símbolos, que damos sentidos ao que nos rodeia e que, em um processo dialético, mantemos ou alteramos o meio e o próprio saber (Duveen, 2003).

Porém, quando falamos em um “saber” ou uma “representação”, estamos nos referindo a algo que guarda um caráter referencial e construtivista. Referencial, pois são sempre a representação de um objeto, ou seja, elas ocupam o lugar de alguma coisa, estão rerepresentando algo; e, neste sentido, elas também constroem e re-constroem a realidade ativamente. Mas atenção: elas constroem o real, mas nunca capturam plenamente a totalidade da realidade<sup>35</sup>. Aquilo que é apreendido, por sua vez, é reconstruído pelo sujeito no sistema cognitivo, integrado no sistema de

<sup>34</sup> Este triângulo do ato representacional foi formulado a partir dos modelos expostos por Moscovici (2008, p. 09), Markova (2006, p. 213) e Jovchelovitch (2008, p. 72).

<sup>35</sup> Existe uma diferença entre o que é real para alguém e o que constitui a realidade. “Realidade é entendida como a soma dos reais, algo que permanece sempre parcialmente desconhecido, porque ninguém o possui” (Jovchelovitch, 2008, p. 75).



valores que depende da história e do contexto social em que está inserido (Abric, 1994). Disto decorre que não existe uma separação absoluta entre a representação, o sujeito que o conhece e o objeto conhecido (Guareschi, 2010), cada parte revela um aspecto do todo, mas este todo é mais do que a soma das partes.

A partir do que já foi dito até aqui, já podemos imaginar que toda a representação é social. Mas que social é este que estamos nos referindo? Haveria apenas uma definição? Evidentemente que não. “Social” também é um termo polissêmico. Para nós, o social é relação, ou melhor, algo que não pode ser concebido como isolado, como absoluto, fechado em si mesmo, ao contrário, ele implica, por definição, outros. O social, nesta perspectiva, “possui, pode-se dizer, um direcionamento intrínseco, do próprio ser, em direção a outro(s)” (Guareschi, 2010, p. 80). Assim, se voltarmos ao conceito de representação, veremos que é impossível representar algo que não seja no social, através do social. Aliás, falar em “ato representacional”, já é falar que a produção de conhecimento, de representações, é uma prática transformadora. Conhecer é transformar o objeto e não fazer uma cópia dele.

É fato: sempre existem pressupostos filosóficos (ontológicos, epistemológicos, éticos) nas teorias, muito embora nem sempre tenhamos conhecimento deles. Estes pressupostos, como explica Guareschi (2003; 2010), possibilitam, ou não, a compreensão de fenômenos sociais que vivemos ou que queremos compreender. Vejamos com calma.

### **1.3 Pressupostos teóricos: TRS e pedagogia da libertação**

Ao longo do livro *Psicologia das Minorias Ativas* (1979), Moscovici, em contraposição ao funcionalismo, desenvolveu uma abordagem genética ou interacionista para a psicologia social. E por que isto? Ele percebeu que, ao adotarmos a teoria funcionalista, estamos aceitando que a influência sempre virá de *cima pra baixo*, quer dizer, da maioria sobre a minoria. Atenção, contudo: o conceito de maioria e minoria não tem a ver com quantidade, mas sim com o exercício do poder. Maioria, neste sentido, é quem decide, quem controla, quem dita as regras do jogo. Moscovici não satisfeito com esta perspectiva defende que a mudança é possível e, mais, essa mudança e/ou transformação pode vir de minorias. Em um caminho semelhante, a pedagogia da libertação, de Freire (principalmente a partir da *Pedagogia do Oprimido*), também faz uma ampla crítica ao funcionalismo, este materializado na educação bancária. Além disto, para ele, os oprimidos tem

uma grande tarefa humanista: a de “libertarem a si e aos opressores” (Freire, 1996, p. 30). Em linhas gerais já podemos perceber que ambos autores tem algo em comum para dizer. Continuemos.

#### a) Perspectiva funcionalista

Mas o que é a teoria funcionalista, o que ela diz? Diz que o mundo é um sistema fechado em busca do equilíbrio (Guareschi, 2009). Em uma interação social, por exemplo, já seria esperado um certo papel, status e modelo psicológico para o sujeito ou para o grupo, pois é através do comportamento adequado que se assegura a inserção do sujeito no sistema ou no meio social. A realidade, portanto, é algo uniforme e há regras que se aplicam a qualquer situação. O conflito ou desvio, que quebra com a harmonia, é uma espécie de fracasso, uma vez que o que se busca é a estabilidade, a previsão. Mas, se o desvio é o fracasso e/ou patologia, o que será a normalidade? Evidente, um comportamento normal é aquele que se adequa ao sistema, aquele que não quebra a ordem, nem o equilíbrio com o meio social. Busca-se, portanto, a estabilização das relações; alimenta-se comportamentos funcionais e adaptativos. Nada deve mudar, apenas aquilo que deixa o sistema ainda mais funcional e adaptativo.

Ao examinar as práticas educativas, Freire identificou que muitas delas apoiavam-se em perspectivas funcionalistas, apoiando-se basicamente em uma perspectiva de educar para a submissão, para a crença de uma realidade estática, compartimentada, para a visão de um ser humano acabado, pronto. Ela inibe o pensamento, o olhar crítico da realidade. Esconde as contradições e os conflitos emergentes do cotidiano em que se insere a escola e o educando. Tem como objetivo a manutenção e a reprodução da consciência ingênua (Sartori, 2008). No fazer da educação bancária o “educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração” (Freire, 1987, p. 57). “Eis a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (p.58). O saber nesta concepção é doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Ou seja, aquele que está no papel de ensinar, o detentor de poder/saber, é quem dita as regras do jogo; o aluno, aquele que não tem luz, o depositário de informações devem apenas concordar e andar na linha. Tudo se mantém e parece funcionar, contudo beneficiando a quem?

Moscovici e Freire se opuseram a estes pressupostos do funcionalismo, criaram e propuseram outro modo de ver e compreender as coisas, o ser humano, o conhecimento e o mundo. *Nadaram contra a corrente*, inovando e estremecendo com o que estava sendo dito como “a verdade”. Questionaram inclusive o conceito de verdade, em última instância. O primeiro criou o modelo genético ou interacionista e o segundo a proposta de educação libertadora.

#### b) Perspectiva interacionista e libertadora

O modelo genético ou interacionista compreende que o meio social é definido e produzido por quem dele participa. Os papéis, os *status* sociais e os recursos psicológicos adquirem significado na própria interação social, ou seja, a chamada adaptação dos sujeitos ou do grupo ao sistema e ao ambiente social, é a contrapartida da adaptação do sistema e do meio social *aos* indivíduos e *aos* grupos (Moscovici, 1979). Tudo aquilo que sustenta certo tipo de adaptação é decorrente de interações passadas e presentes. O desviante e o normal assim são definidos em relação a um certo tempo, espaço e a sua posição particular na sociedade. O desvio, portanto, não é um acidente de percurso, nem mesmo uma patologia, como muitos querem catalogar; é um produto desta organização, um símbolo da contradição que o cria e que é, por sua vez, por ela criada (Markova, 2006).

A educação libertadora, por sua vez, busca quebrar, romper, superar a contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos. Ao romper e superar o esquema vertical, a educação problematizadora afirma a dialogicidade como princípio e se faz dialógica. Ela assume, portanto, sua intencionalidade e toma a consciência como *consciência de*. Se queremos a libertação dos seres humanos não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. “A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é um coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (Freire, 1987, p. 67). A palavra guarda duas dimensões inseparáveis: a da ação e a da reflexão. Existir é pronunciar o mundo, é modificá-lo.

Questionar, desestabilizar, ser diferente, portanto, traz, a partir de algumas teorias de base funcionalista, problemas e tensões. Moscovici e Freire formam minorias que conseguiram comunicar novas concepções e enfrentar a maioria. Eles caminharam no contra fluxo de sua geração

porque, do nosso ponto de vista, perceberam as consequências perversas da estabilidade e da reprodução. Apenas um exemplo neste sentido: se a psicologia compactua com saberes de origem funcionalista, em que o ser humano que pode e deve se adequar ao seu meio, ela irá propor intervenções adaptativas, pois acreditará que tudo pode ser controlado e ser posto na linha. As intervenções ignorarão as tensões, os conflitos, os abafarões, pois assim estará resolvido. Seremos todos seres humanos-objetos de um sistema equilibrado e ajustado. Mas o ser humano será só isso? Um ser que se adapta ao mundo? Para ambos, Moscovici e Freire, não, como veremos a seguir.

#### **1.4 Ser humano, ser social**

A pedagogia da libertação traz a concepção de ser humano e de experiência vital ligada ao inacabamento ou inconclusão. Onde há vida, há inacabamento, possibilidade de mudança e de ser mais. Contudo, somente no ser humano o inacabamento se tornou consciente. E como isso se deu? Freire (1987) nos diz que a invenção da existência se deu a partir dos materiais que a vida oferecia, no entanto, em um certo momento homens e mulheres promoveram o *suporte*, em *mundo*. Suporte é o espaço que o animal se prende, espaço onde ele cresce e aprende a ser animal. Para os animais falta liberdade de opção e por isso não se fala em ética entre animais. Na mesma medida em que o ser humano desenvolveu habilidades, o suporte foi virando mundo e a vida virando existência. “No momento em que os seres humanos, intervindo no *suporte*, foram criando o *mundo*, inventando a linguagem com que passaram a dar nome às coisas que faziam com a ação sobre o mundo, na medida em que se forma habilitando a inteligir o mundo e criaram por consequência a necessária comunicabilidade do inteligido, já não foi possível existir [...] sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política.” (p.52). A existência humana envolve a linguagem, a cultura, a comunicação de modo muito mais profundo do que na vida. A possibilidade de enfeitar ou de embelezar o mundo inscreve, portanto, o ser humano como ser ético, capaz de intervir, de decidir, de romper, de escolher. Por isso se diz que a presença no mundo não é de quem se adapta, mas de quem se insere. Há condicionamentos, mas não determinação absoluta e intransponível no processo de construção do ser humano.

Em uma linha semelhante de raciocínio, a TRS vê o ser humano enquanto sujeito da sociedade e da história e, ao mesmo tempo, sujeito à sociedade e à história, ou seja, há liberdade, mas não há autonomia absoluta. Ambos, sujeito e meio, são produtos e produtores das relações por

eles estabelecidas; “enquanto agem no mundo, os indivíduos não somente mudam o mundo, mas realizam mudanças em si mesmos (Markova, 2006, p. 239). Tais afirmativas são baseadas em uma ontologia que pressupõe um tipo de comunicação simbólica e interdependente entre Alter<sup>36</sup>-Ego (Outros-Eu), ou seja, uma ontologia dialógica na qual as partes se constituem uma a outra e estão em relação. A dialogicidade, portanto, é o elemento central da TRS, uma característica ontológica na medida em que fornece os recursos necessários para compreender a constituição do ser através dos elementos psíquicos.

Para ambas teorias, o ser humano, enquanto ser de relações com outros e com o contexto em que vive, é capaz de apreender a realidade e de agir sobre ela. O que o diferencia de outros seres é, justamente, a sua capacidade de dar respostas a diversos desafios que a realidade lhe impõe. Mas esta apreensão da realidade e ação no mundo não se dá de modo individual, ao contrário. É na relação entre homens e mulheres e destes e destas com o mundo que mudamos e criamos uma nova realidade; novos homens e mulheres se fazem, criando cultura, fazendo história (Gadotti, 2008).

Ambas teorias também concordam em relação ao papel da cultura. A Pedagogia da Libertação considera que há a produção ininterrupta do mundo social, sempre mediatizada pelo diálogo, e “em interação dialética com as características estruturais da sociedade, tais como suas relações sociais de produção, formações culturais e alinhamentos institucionais” (McLaren, 2001, pp.181-182). Para TRS a dialogicidade do Alter-Ego está inserida na história e na cultura. As práticas dialógicas são transmitidas de geração para geração, através da memória coletiva, das instituições e das práticas sociais. A história e a cultura impõem demandas nos estilos dialógicos de pensamento e comunicação e os restringem em direções específicas. Por exemplo, existem tipos diferentes de restrições no passado e no presente, no individual e social e na tradição e na inovação. Essas restrições e demandas do passado e do presente, como também a enorme variedade de situações nas quais o pensamento e a comunicação acontecem, resultam na característica essencial da dialogicidade: sua natureza multifacetada, multivocal e polifásica (Markova, 2003, p. 136). A interdependência Alter-Ego é uma interdependência comunicativa. E, portanto, está aberta às diferentes possibilidades. As normas dialógicas e as regras são historicamente e culturalmente

---

<sup>36</sup> O termo Alter deve ser compreendido enquanto Outros. Markova esclarece que a estrutura dialógica de referência pouco importa. Tanto pode ser Alter-Ego, quanto Maioria-Minoria. O que de fato é relevante é saber como estes termos são tratados. Modelos funcionalistas tratam as minorias e maiorias como duas entidades independentes, por exemplo; enquanto que o modelo genético de Moscovici conceitua como sendo mutuamente interdependentes.

estabelecidas. A sociedade portanto engloba um conjunto de relações de forças em tensão, na qual o conflito é elemento imprescindível de mudança, terreno de negociação e de luta, onde as minorias produzem saberes alternativos, potencializam, junto à coletividade, outras práticas sociais e estilos de vida (Jovchelovitch, 2008).

### **1.5 Percepção *do* / e presença *no* mundo**

A realidade (entendida como aquilo que está – ou que conseguimos perceber – no mundo), para Paulo Freire, é sempre contraditória: envolve os que desejam mantê-la como está e os que desejam transformá-la. Ela está submetida a possibilidade de intervenção dos sujeitos, logo não está dada, nem determinada. Neste sentido, a realidade não é apenas um dado objetivo ou um fato concreto, é também a percepção que o ser humano tem dela. É preciso, portanto, ler a realidade para transformá-la. “Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna” (Freire, 1996, p. 48). Compreender a realidade, deste modo, é compreender fatos como partes ou como pequenas totalidades pertencentes a um todo maior, a uma totalidade concreta (Gadotti, 2008).

Refletir, portanto, sobre o modo que nós apreendemos a realidade é de vital importância. Reconhecer as amarras do nosso pensamento, perceber o que ligamos ou associamos a que, nos ajuda a compreender também o porque agimos de uma forma e não de outra. Frente a isto, parece-nos importante destacar dois movimentos do pensamento, articulados a partir da comunicação e que tem como objetivo tornar o não-familiar, familiar, a saber: ancoragem e objetivação. A ancoragem é um processo de classificação e nomeação de algo. Quando não conhecemos um objeto, por exemplo, e nos deparamos com ele, precisamos apoiar o desconhecido a algo já conhecido, precisamos ancorar, portanto, o objeto à algum conhecimento anterior. “Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras”. Sendo assim, categorizar “significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação com ele”, um tipo de classificação (Moscovici, 2003, p.63). Já a objetivação caracteriza-se por ser um processo em que buscamos tornar concreto algo abstrato. Melhor explicado, este processo, da objetivação, consiste na incorporação de certo objeto, que de ideia passa a ser coisa, adentrando no universo cognitivo dos sujeitos e tomando forma e posição conforme a singularidade deste universo (Moscovici, 2003; Jodelet, 1984; Carvalho, 2005). A

respeito deste processo, Moscovici afirma (2003, p. 71): “a materialização de uma abstração, é uma das características mais misteriosas do pensamento e da fala”.

De um modo geral, a ancoragem e a objetivação são modos de lidar com a memória. A primeira a mantém em “movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido” (Moscovici, 2003, p.78).

Já falamos anteriormente, mas vale a pena repetir:

“o conhecimento é sempre produzido através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão nele implicados. O conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração” (Duveen, 2003, p. 8).

Assim, para a TRS, a neutralidade é impossível de existir, pois cada objeto e ser, na medida em que é ancorado e objetivado, se liga a conhecimentos anteriores, se transforma a partir deles, das emoções e de todo aparelho cognitivo daquele que está representando. Para Moscovici (2003, p.117) inclusive, a “noção de uma completa independência da ciência social em relação a conceitos pré-científicos é um conto de fadas que os cientistas gostam de contar uns aos outros”.

A posição de Freire, neste aspecto, é mais uma vez muito parecida. Ele nos diz: “uma vez que presença no mundo implica em fazer escolha e decisão ela não é uma presença neutra; devemos assumir a politicidade da história; aliás, não estamos no mundo para nos adaptar, mas sim para transformá-lo” (Freire, 2000, p. 33). A neutralidade, portanto, é a melhor forma de esconder um escolha. Se não estamos interessados em nos posicionar, em *mostrar a cara*, como dizem, então dizemos que somos neutros (Freire & Myles, 2003). E este é o ponto que nos conduz ao próximo tópico do artigo; reconhecendo que a pedagogia<sup>37</sup> é uma das inúmeras práticas humanas com

<sup>37</sup> O termo pedagogia, nos lembra Streck (2008), aparece em várias obras, desde da Pedagogia do Oprimido, de 1970, até Pedagogia da Autonomia, de 1996. Pedagogia da Pergunta, da Indignação, da Esperança, etc. Isso significa que não existe uma única pedagogia, mas sim, pedagogias com intencionalidades formativas diferentes que se utilizam de instrumentos metodológicos diversos. Pedagogias que se posicionam em diferentes campos ideológicos, mas que

intencionalidades, Freire posicionou-se, firmando seu compromisso com a conscientização, com o movimento das massas e com a mudança social.

### **1.6 A dialogicidade e a possibilidade de mudança ou transformação social**

Já podemos inferir que a dialogicidade para ambas perspectivas aparece como uma questão existencial. A TRS, conforme propõe Markova (2006), afirma que a origem da linguagem e do pensamento é social, estabelecida a partir das relações; a Pedagogia da Libertação, por sua vez, diz que o diálogo, ou dialogicidade, é o ponto de partida do humano, é o movimento constitutivo da consciência. É ele, o diálogo, “que fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes 'admiram' um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se” (Fiori, 1987, p.16).

Para Freire, tanto podemos encontrar um ser humano adaptado e acomodado à sua realidade, quanto um ser humano integrado, ou seja, um ser humano Sujeito. Na primeira, há uma dicotomia entre homens-mundo. São sujeitos no mundo e não com o mundo e com os outros. Sujeitos espectadores e não recriadores do mundo. A consciência, no primeiro caso, é como se fosse uma seção “dentro” dos seres, mecanicamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que irá “enchendo” de realidade. Uma consciência continente a receber os depósitos que o mundo lhe faz, e que se vão transformando em seus conteúdos. Tais seres seriam uma presa do mundo e este um eterno caçador daqueles que tivesse por distração “enchê-los de pedaços seus” (Freire, 1987, p. 63). O sujeito, ainda no primeiro caso, se caracteriza como algo coisificado, desenraizado e desumanizado. Ele não consegue mais alterar a realidade e, portanto, se ajusta ou se adapta a ela. Já na Pedagogia da Libertação encontramos uma concepção de ser humano relacional e histórica. O sujeito expressa sua liberdade, assume tarefas, reflete, analisa, toma posicionamentos críticos que alteram a realidade, dialoga e age em comunhão com os demais.

Contudo, é impossível um diálogo entre aqueles que querem a pronúncia do mundo e aqueles que não a querem. O mundo da consciência<sup>38</sup>, ou seja, o poder de reflexão que leva à liberdade, é elaboração humana, constituído de trabalho e de colaboração. Buscar-se a si significa

---

de alguma forma, são prolongamentos da Pedagogia do Oprimido. Aliás, a intencionalidade desta obra, e por conseguinte, das outras, fica explícita desde o início, com a inserção do seguinte epígrafe: “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

<sup>38</sup> Consciência intransitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica: graus de compreensão da realidade, que tem relação com o condicionamento histórico cultural. Freire aborda tais pontos no livro Educação como prática da liberdade.



comunicar-se com o outro e, na medida em que o sujeito se intersubjetiva, mais densidade subjetiva ganha o sujeito (Fiori, 1987). Isto é, sempre precisamos do outro para *sermos mais*<sup>39</sup>, mas não o outro objeto e, sim, o outro em pé de igualdade, disposto a dialogar. Afinal, como diz Freire (1987, p. 52), “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho”, o aprendizado e a libertação se dá na relação com o outro, na comunhão. A existência humana, para ele, e nós concordamos, não pode ser silenciosa, nem nutrida de falsas palavras. Existir é pronunciar o mundo, e, ao pronunciá-lo o modificamos e, neste sentido, a palavra ganha duas dimensões inseparáveis: a da ação e a da reflexão.

Chamamos atenção aqui para a similaridade que há, implícita, com a TRS. Já abordamos anteriormente como ocorre o ato representacional e como apreendemos a realidade. A dialogicidade, para Markova (2006), é entendida como a capacidade que o ser humano ou melhor, a mente, “tem de conceber, de criar e de comunicar sobre as realidades sociais em termos do Alter-Ego” (p. 137). Se considerarmos que toda palavra, em última instância, é uma representação de algo, toda vez que a pronunciamos no mundo, estamos, em um processo duplo, recriando tanto a ela quanto ao mundo. Moscovici (2003), neste sentido, nos lembra que há um drama associado no processo de transformação do conhecimento, ou seja, do nascimento de uma nova representação social. Ao se anunciar uma ideia nova, divergente da anterior, rompe-se com algo naturalizado, institucionalizado, e se instaura no social novos espaços de diálogo, de luta e de tensão.

---

<sup>39</sup> Ser mais: o ser humano tem uma vocação para a humanização, ou seja, ele está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo (Zitkoski, 2008, p.380).

Em vias de finalização deste artigo, apresentamos um quadro síntese (Tab. 01) do que discutimos até o momento.

<b>Teoria das Representações Sociais Serge Moscovici</b>	<b>Pedagogia da Libertação Paulo Freire</b>	<b>Possíveis aproximações</b>
Ideias contestadoras do modelo funcionalista na Psicologia : perspectiva genética ou interacionista.	Ideias contestadoras do modelo bancário de Educação: perspectiva libertadora.	Explicitaram as contradições da ideologia vigente; Propuseram novas estratégias de reflexão/ação.
Os sujeitos (re)produzem ativamente seu meio social. Ao agir o sujeito muda o mundo e a si mesmo.	Existem condicionamentos sociais, mas não determinação absoluta. Concepção de ser humano relacional e histórico.	Ser humano não está dado; se constrói a partir da relação com o outro.
Conhecimento se produz na relação eu-outro-objeto; tríade dialógica.	Educação baseada na dialogicidade.	O conhecimento se constrói a partir da dialogicidade.
É através da relação Eu-Outro, da dialogicidade, que o ser humano se constitui. A tensão é a força da mudança.	A dialogicidade é uma questão existencial. O diálogo é o movimento constitutivo da consciência.	A dialogicidade é uma condição do ser humano; não negam o tensionamento e o conflito das relações. A dialogicidade é o elemento que pode levar à mudança.

Tab. 01: aproximações entre a TRS e Pedagogia da Libertação

Ao longo do artigo procuramos desenvolver a ideia de que a dialogicidade é uma importante categoria para a psicologia social na perspectiva ontológica e epistemológica e agora podemos acrescentar que também o é em termos éticos. Mas vamos com calma, afinal o termo “ético/ética” é de difícil definição<sup>40</sup>.

Ética é aqui entendida como uma instância crítica e propositiva do dever ser das relações humanas presente em todas sociedades. Por instância entende-se uma situação, um

<sup>40</sup> O leitor poderá encontrar este debate elaborado no capítulo 15 do livro “Psicologia social crítica: como prática de libertação”, escrito por Pedrinho Guareschi.

patamar, logo algo que não é fixo, nem definitivo; por crítico aquilo que não é absoluto, que tem ao menos dois pontos de vista; e por propositiva o que apresenta propostas concretas. Através dos tempos e das interações estabelecidas entre os seres, se estabeleceu um conjunto de valores morais que, supostamente, regula o que é bom e deve ser seguido, ou ruim e abandonado pelos grupos (Guareschi, 2004). Ao construir, experimentar e pensar relações, portanto, estabelecemos escolhas para nossas práticas e as justificamos por determinados valores<sup>41</sup>.

No presente caso, o valor da igualdade se substantiva no fazer dialógico, pois só é possível estabelecer a dinâmica relacional com mobilidade de lugares de fala e de escuta numa interlocução, na medida em que tal valor norteia a relação. Ou seja, trata-se de uma vivência eminentemente humana, através da qual a existência do diálogo pressupõe o reconhecimento do outro em pé de igualdade. Nesse sentido, justificam-se as práticas sociais pautadas na intencionalidade dialógica com vistas à transformação. Como tal, consideramos o presente texto na medida em que favorecer efetivação de concordâncias, discordâncias e estranhamentos que possam ser mote de parcerias dialógicas.

## 1.7 Referências bibliográficas

Abric, J. C. (1994). Les représentations sociales: aspects théoriques. In: Jean-Claude Abric (dir.) *Pratiques sociales et représentations*. PUF: Paris.

Blackburn, S. (1997). *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Carvalho, J. E. C. (2005). As representações sociais e o conhecimento do cotidiano: uma crítica metodológica a partir da filosofia da linguagem. *Revista Neurociências*. V. 13, N 3 – pp 145-151.

Duveen, G. (2003). Introdução: o poder das ideias. In: Serge Moscovici. *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

Freire & Myles. (2003). *O Caminho se faz caminhando*. Petrópolis, Vozes.

Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.

<sup>41</sup> Freire lutou pela defesa ética do ser-humano, ou seja, para ele – e para nós também – é preciso lutar pela defesa de uma vida digna para todos. Nessa perspectiva, é impossível viver de forma ética sem lutar por mais justiça e igualdade social (Trombetta & Trombetta, 2008).

- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1963). *Alfabetização e conscientização*. Porto Alegre: Editora Emma.
- Freire, P. (2004). *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: Editora UNESP.
- Gadotti, M. (2008). Realidade. In: Danilo Streck; Euclides Redin; Jaime Zitzkolki (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Guareschi, P. (2010). Representações sociais, mídia e movimentos sociais. In: Pedrinho Guareschi, Aline Hernandez, Manuel Cárdenas (Org.). *Representações sociais em movimento: psicologia do ativismo político*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Guareschi, P. (2004). *Psicologia social crítica: como prática de libertação*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Guareschi, P. (2003). Pressupostos metafísicos e epistemológicos na pesquisa. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. vol.16, n.2, pp. 245-255.
- Jodelet, D. (2007). Représentations Sociales: un domaine em expansion. In: Denise Jodelet. *Les représentations sociales* (dir.). Paris: PUF.
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: Serge Moscovici (dir.) *Psychologie sociale*. Paris: Puf.
- Jovchelovitch, S. (2008). *Os Contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes.
- Jovchlovitch, S. (2005). La fonction symbolique et la construction des représentations. *Hermès* 41.
- Jovchelovitch, S. (2000). *Representações sociais e esfera pública*. Petrópolis: Vozes.
- Markova, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes.
- Markova, I. (2003). Ideias e seu desenvolvimento: um diálogo entre Serge Moscovici e Ivana Markova. In: Serge Moscovici. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- McLaren, P. (2001). Uma pedagogia da possibilidade: reflexões sobre a política educacional de Paulo Freire. In: Ana Maria Araújo Freire. *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: UNESP.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (1979). *Psychologie des minorités actives*. Paris: PUF.

Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse son image et son public*. Paris: PUF.

Romão, J. E; et al. (2006). Círculo epistemológico círculo de cultura como metodologia de pesquisa. *Revista Educação & Sociedade*. N° 13. Universidade Metodista de São Paulo.

Sartori, J. Educação bancária/educação problematizadora. In: Danilo Streck; Euclides Redin; Jaime Zitkolki (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica.

Streck, D. (2008). Pedagogia. In: Danilo Streck; Euclides Redin; Jaime Zitkolki (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica.

Trombetta, S.; Trombetta, L.C. (2008). Ética. In: Danilo Streck; Euclides Redin; Jaime Zitkolki (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica.

Zitkoski, J. (2008). Ser Mais. In: Danilo Streck; Euclides Redin; Jaime Zitkolki (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica.

### ***Segunda história: quando o encontro transcende a pesquisa***

*Todas as entrevistas que realizei para esta pesquisa foram marcantes. Claro, algumas mais, outras menos... Histórias tristes, na sua maioria, que carregam dores existenciais, materiais e sentimentais. Difícil era sair de qualquer um destes encontros sem repensar a mim mesma.*

*A primeira delas, em especial, me tocou por inteira e é esse momento que gostaria de compartilhar aqui.*

*Após algumas semanas de tratativas via e-mail, cheguei em um galpão de reciclagem para entrevistar um rapaz, líder do movimento de catadores de materiais recicláveis. Tão logo me apresentei, ele me encaminhou para conversar com a trabalhadora mais antiga daquele espaço:*

*Dona Joana, uma senhora de mais ou menos 60 anos, simpática, afetiva, alegre, de estatura corporal pequena, delicada, quase frágil. E foi com ela com quem conversei por quase duas horas neste dia. Assim que me apresentei, ela fez questão de mostrar-me todo o galpão, explicando como funcionavam todas as etapas da separação, bem como, o valor de cada material. Visivelmente aquele era um espaço muito importante em sua vida, pois ela falava com emoção, com orgulho.*

*Estávamos na parte externa do galpão, quando uma colega de trabalho lhe chama e atira um potinho, dizendo: “Olha Dona Joana, achei uma água de melissa!”. Ela o pega, olha o frasco, comenta que é bom para os nervos e o coloca no bolso. A conversa segue, mas logo começa a chover. Lhe pergunto se poderíamos entrar, pois, se ela me permitisse, gostaria de gravar. Ela concorda. Voltamos para o galpão, a procura de um espaço para nos acomodar. O lugar é grande, aberto, bem ventilado, e, ainda assim, o cheiro era forte. Há muitos materiais e máquinas, mas, naquele momento, poucas pessoas trabalhavam. (Viria a saber mais tarde que, naquela mesma hora, estava acontecendo uma assembleia da cooperativa.) Nos dirigimos a seção de papelão, ela procura dois pedaços, me entrega um e, com o outro, senta-se sobre uma pilha de sacos de lixo,*

*fazendo sinal para eu sentar ao seu lado. Prontamente atendo a sugestão, porém, assim que sento, sou “engolida” por aquela pilha de sacos, compactando-os. Meu tamanho e peso corporal estava aquém do limite que eles suportariam... Rimos! Seguimos conversando. Ela conta histórias de sua vida, fala sobre seus sentimentos frente às perdas e à exclusão social, sem censura, ao que me parecia. Dona Joana sabe o lugar que ocupa na sociedade, não concorda, mas tem consciência. Tinha a nítida sensação de que aquele encontro estava sendo especial, para ambas. Aos poucos a chuva foi aumentando, aumentando e as goteiras revelavam os buracos que existiam no telhado de zinco. O barulho no ambiente era cada vez mais alto: chuva, vento, caminhões chegavam, saiam.. e, no meio deste cenário, começo a sentir algo passando em minhas costas, depois nas pernas, nos pés. Não sabia o que era e, justamente por isso, a coceira e o desconforto tomaram formas imaginativas, ora de baratas, ora de ratos. Mas nem isto era forte o suficiente para tirar minha atenção daquele encontro. Ela, por sua vez, falava segurando, sem o amassar, a cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Pequenos sinais que falavam de um grande momento.*

*Ainda chovia quando terminamos a entrevista. Agradeço a ela, nos abraçamos e selamos o encontro com um forte abraço. Saio, debaixo de chuva, sorrindo, encantada com aquela mulher, com sua história, com sua garra. Mas e o cheiro? Sim, ele já estava em mim. Mudo o percurso que havia planejado fazer e volto para casa para tomar banho.*

## 2) Capitalismo e ideologia neoliberal

### Resumo

Neste artigo, procuramos contextualizar e, de algum modo, compreender, como que o capitalismo neoliberal se construiu, se mantém, se atualiza ao longo do tempo, quais são os princípios e os valores que norteiam tal sistema de produção. Para isto, abordamos a crise da década de 1970 e os impactos que teve e que ainda tem na construção de ações concretas para tratar do problema da pobreza e da desigualdade social em nosso país.

Palavras chave: capitalismo, neoliberalismo, impactos sociais, ideologia

### 2.1 Introdução

Neste artigo, procuramos contextualizar e, de algum modo, compreender, a opção econômico-social que o Brasil adotou a partir das últimas décadas do século passado, que levou à implementação do ajuste neoliberal (Soraes, 2002). Para isso, precisaremos fazer um recorte da história, por vezes de forma descritiva, que, embora seja feita de forma crítica e questionadora, não se detém a problematizar todos os tópicos abordados.

Procuramos, na verdade, refletir sobre certas categorias contextualizadoras que, apesar de estar muito longe da compreensão global do processo de transformação da sociedade brasileira, pretende fornecer elementos analíticos para o entendimento da atual conjuntura. Em linhas gerais, o caminho que desejamos traçar aborda a definição do sistema econômico-social em vigência, ou seja, o capitalismo; a resposta do capital à crise da década de 1970, com a adoção do modelo neoliberal; alguns dados que expressam as consequências desta escolha para a realidade brasileira; e finalizamos com uma reflexão sobre os impactos sociais de tais intervenções no cotidiano das



populações.

## **2.2 Dinâmica do capitalismo**

Sabemos, teórico e cotidianamente, que o capitalismo é um sistema econômico que se sustenta e se reproduz a partir das relações de exploração exercidas pelos donos do capital, conhecidos como “os capitalistas”, sobre os trabalhadores (Stotz, 2005). “O capital compra a força de trabalho e paga, em troca, o salário. Trabalhando, o operário produz um novo valor, que não lhe pertence, e sim ao capitalista” (Marx, 1982, p.54). É preciso que ele trabalhe um certo tempo para devolver o valor do salário ao empregador e, mesmo tendo isto feito, ele ainda assim não para. Segue trabalhando algumas horas a mais e, o novo valor que daí resulta, é o que se chama de mais-valia, a fonte do lucro do capitalista.

Toda mais-valia ou riqueza produzida neste sistema se dá através da apropriação do excedente, que nada mais é senão o resultado da força de trabalho humana (Guareschi, 2000). E aqui há um aspecto interessante de ser destacado: a exploração dos trabalhadores se dá na condição de formalmente livres. “Essa liberdade resulta da expropriação da maioria da população das condições de assegurar a própria subsistência e é ela, portanto, que assegura a permanente conversão da força de trabalho em mercadoria” (Fontes, 2008, p. 24). Os trabalhadores vendem a sua capacidade ativa, para aqueles que podem controlar e até regular o mercado. Mas haverá de fato liberdade, opção de escolha legítima, por detrás disso?

A apropriação do excedente, ou o aumento do lucro dos capitalistas, pode ocorrer sob várias configurações: com o prolongamento da jornada de trabalho, com aumento do rendimento no número de horas trabalhadas, com a diminuição do salário do operário, com a incorporação de novos processos produtivos, etc. O importante para o capitalismo é que ela, a mais-valia, exista, pois o capital precisa se reproduzir para sobreviver (Stotz, 2005). A lógica deste sistema “é o mercado, é o movimento, é a circulação: tudo tem de ser sinônimo ou equivalente de riqueza que circula, de mercadoria” (Martins, 2003, p. 30). A acumulação é o objetivo da existência dos capitalistas e, do mesmo modo, a finalidade última do sistema. Contudo, enquanto a riqueza é produzida e acumulada em um polo, no outro há produção de miséria social (Stotz, 2005). Esta contradição está na raiz das crises sistêmicas ou cíclicas do capitalismo.

E como essas crises ocorrem? Se o objetivo último do capital é o lucro, ele precisa tornar o trabalho cada vez mais produtivo, através da incorporação de novos conhecimentos ou máquinas, por exemplo. Com a produtividade em alta, o capitalista pode dispensar parte dos trabalhadores. Ao haver um contingente significativo de trabalhadores desempregados, o chamado exército industrial de reserva<sup>42</sup>, concorrendo às mesmas vagas, cria-se também uma sensação de ameaça permanente, uma insegurança que influencia no processo de “adaptação” do trabalhador às exigências da sua função/cargo e do salário que o capitalista está disposto a pagar. Mas com a redução de trabalhadores e de salários, o mercado também perde a capacidade de consumo, atacando diretamente a produção de mais-valia das empresas e fragilizando o próprio sistema econômico.

Esta é uma das contradições do modo de produção capitalista. Se por um lado ele persegue o desenvolvimento absoluto das forças produtivas, por outro, procura conservar o valor do capital existente, bem como o acréscimo acelerado deste valor. Seus métodos para atingir este fim são: “a baixa da taxa de lucro, a depreciação do capital existente, o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho a expensas das forças produtivas já produzidas” (Marx, 1982, p.293). Ainda conforme Marx (1982), a depreciação periódica do capital existente é um dos meios inevitáveis empregados por este sistema de produção para deter a baixa da taxa de lucro e acelerar a acumulação. É esta depreciação do capital que dificulta as condições dadas da circulação e da reprodução, acompanhada de paradas repentinas e de crises. E, por isso, dizemos que o limite verdadeiro da produção capitalista é o próprio capital.

Foi em resposta a um momento de crise do século passado, que o capitalismo adquiriu a característica de internacionalizar a produção e os mercados. Isto gerou o aprofundamento e, conseqüentemente, o desenvolvimento desigual das nações e, mesmo dentro dos próprios países, aumento das diferenças entre as classes e grupos sociais. Os países centrais, segundo Yamamoto (2008a, 2008b), passaram a preconizar, através dos organismos multilaterais, “ajustes estruturais” por parte dos Estados nacionais. Tais ajustes deram autonomia ao capital especulativo financeiro que, destituído de regulamentações, estava voltado tão somente à lucratividade dos grandes conglomerados multinacionais. Assim, o

“capital passa a subordinar toda a organização da vida em sociedade:

---

<sup>42</sup> Desemprego em nível estrutural que deve ser preservado para que haja uma concorrência entre os vendedores e compradores da força de trabalho.

a economia, a política e a cultura. Potencia as mistificações - o mundo dos seus fetichismos - , tornando opacas as relações de exploração e subordinação política que mantém com os trabalhadores (e suas lutas), que nutrem o processo de acumulação e sua desagregação” (Iamamoto, 2008a, p. 53).

O capitalismo atinge a sociabilidade das populações e tensiona uma própria inversão dos valores antes bem ou mal compartilhados. Em seu momento atual, mais do que nunca, ele coloca a humanidade a serviço de coisas sociais mercantis, ao invés do oposto. O momento global do capital (re)produz relações sociais guiadas pelos mistérios do fetichismo que o capital assume na sua forma mais mistificada: o capital que rende juros. Ele obscurece as raízes de sua origem, bem como suas relações com a apropriação de trabalho excedente não pago que alimenta a reprodução ampliada daquele capital. O resultado deste processo, conforme mostramos nos tópicos seguintes, tem nos conduzido para a invisibilidade do trabalho e para a banalização da vida humana (Iamamoto, 2008a; 2008b).

### 2.3 Globalização (neo)liberal

O termo *Globalização*<sup>43</sup>, para George (2006), somente é compreendido quando adjetivado<sup>44</sup>. Neste trabalho, o atributo que ligamos a ele é o *neoliberal*, “querendo dizer que a globalização é um outro nome para o capitalismo do final do século XX, início do século XXI, qualitativamente diferente das encarnações anteriores” (p. 24). Aqui, portanto, partimos desta definição, mesmo quando toda expressão for reduzida somente ao adjetivo.

Uma primeira questão emerge desde já: o que o neoliberalismo afinal? Há alguma diferença deste para o liberalismo? Questões deste tipo são frequentemente colocadas, até porque a filosofia que por muito tempo fundamentou o tecido social do capitalismo foi o *liberalismo* (Guareschi, 2000).

<sup>43</sup> O adjetivo “global”, segundo Chesnais (1996), surgiu no início dos anos 1980, e tentava passar a seguinte ideia aos grandes industriais – no campo da administração de empresas: em todo lugar onde se possa gerar lucros, com liberalização e desregulamentação; está em suas mãos os instrumentos de comunicação e de controle: reorganizam-se e reformulem suas estratégias internacionais.

<sup>44</sup> Devido à inexpressividade e possíveis ambiguidades do termo Globalização, certos autores, tais como Romão, Gadotti, Torres, Garcia, Gutierrez e Lownds (2006), passaram a associá-lo com a expressão da hegemonia capitalista. Em contraposição, adotaram o termo e o conceito de Planetarização para designar o projeto de “busca pela universalização da cidadania plena para todos os habitantes da Terra” (Romão et al, 2006, p.176).

Em linhas gerais o liberalismo surgiu no século XVII, na Inglaterra, inserido em um movimento que buscava contrapor-se ao absolutismo, ao poder do rei e da Igreja Católica. Segundo Couto (2006), no ideário liberal dois conceitos ganharam destaque: o de autonomia e o de liberdade. Estar livre de coerções e ter a possibilidade de escolher sem impeditivos de outros ou de instituições foram elementos importantes para aquele momento histórico. A autonomia se “materializou primeiro pela liberdade da opressão como interferência arbitrária”, ligada ao usufruto dos direitos estabelecidos, que configurava a liberdade enquanto intitlamento e, depois, vinculou-se à liberdade política, fundamentada pela participação das pessoas na administração dos negócios da comunidade em qualquer nível.

“A liberdade de consciência e crença que surge como reivindicação de legitimada da dissidência religiosa, que era considerada heresia e subjugada com êxito até o século XVII, foi essencial para a autonomia. A ela se associava também a ideia de o indivíduo viver como lhe apraz, apontando seu caráter privado ou individualista” (Couto, 2006, pp. 39-40).

Com a Revolução Industrial (1760) e a Revolução Francesa (1789) as ideias liberais ganharam maior legitimidade no meio social. A primeira destas revoluções colocou em cena uma nova classe – a operária – que, ao se perceber explorada, iniciou um movimento em busca pelo reconhecimento do seu direito a ter direitos. A segunda destacou o direito da burguesia em ascensão e criou condições para que os direitos humanos fossem defendidos individualmente, possibilitando que uma parcela da população pudesse decidir como viveria (Couto, 2006).

Do ponto de vista da fundamentação doutrinária, segundo Vidal (2008), o neoliberalismo não difere muito do liberalismo clássico. As seguintes características ilustram tanto o antigo liberalismo, quanto o mais novo:

“O individualismo exacerbado; o apego desmedido às liberdades individuais, sobretudo às econômicas, com destaque para o princípio da inviolabilidade da propriedade privada; a aversão a um tipo específico de igualdade (substantiva e não apenas formal ou jurídica), ainda que relativa, deliberadamente produzida por determinada intervenção estatal; a apologia a uma ordem de intensa competição social, baseada numa suposta livre concorrência em

um mercado igualmente livre; a visão do Estado como um ‘mal necessário’, donde a decorrência lógica é o ideal do Estado mínimo; a recusa à política enquanto possível contraponto a uma suposta racionalidade econômica superior” (pp.73-74).

Mas então, porque foi necessário acrescentar um prefixo a esta palavra se aparentemente nada veio a lhe acrescentar? Ao analisar-se o período pós Segunda Guerra, vê-se um momento agitado em relação à disputa de ideias, de concepções de como o Estado e a economia deviam se organizar. Momento em que o pensamento liberal ressurgiu com uma maior sofisticação teórica formal e, sobretudo, em um contexto histórico diferente daquele dos seus pensadores. Sua ascensão simbolizou uma reação contra os mecanismos da intervenção estatal, principalmente aqueles destinados à promoção do planejamento da economia e certa homogeneização das sociedades nacionais do chamado capitalismo avançado (caracterizada pela implementação de direitos sociais e coletivos) (Vidal, 2008).

Aos poucos as ideias (neo)liberais foram ganhando força e começaram inclusive a sustentar práticas cotidianas. A ética do usufruto do outro como mercadoria, por exemplo, passou a reger nossas relações. Os comportamentos expressam indivíduos voltados a si mesmos, interessados, sobretudo no seu próprio bem-estar. A competitividade assume papel fundamental e passa a marcar os relacionamentos em várias áreas da nossa vida. Discursos frequentes deste período são: somente haverá crescimento ou desenvolvimento econômico e social se tivermos produtos competitivos; somente venceremos se soubermos nos ‘vender’ melhor que outros (Guareschi, 2004); é preciso crescer para depois dividir o bolo, etc.

O neoliberalismo não é somente uma política econômica. Ele está também na forma como nós vivemos, que nos pensamos; o que está em jogo é a nossa forma de existência, ou seja, o modo como nós somos pressionados a nos comportar, de nos relacionar com os outros e com nós mesmos (Laval, 2009). O individualismo e a competitividade tornam-se nossos principais valores em quaisquer espaços da vida. Mas e como chegamos e nos mantemos nisto?

## 2.4 Surgimento e a permanência do neoliberalismo

A partir da década de 1970, a chamada “*Era de ouro*”, característica do período pós II Guerra Mundial, entrou em declínio. Um mundo sem referências, de instabilidade e crise (Hobsbawm, 1995) passou a se constituir. Quase todos os países desenvolvidos continuaram a crescer, mas num ritmo bem mais lento do que antes. Houve uma retração dos investimentos do setor produtivo, acompanhado de uma aceleração geral dos preços e endividamento dos governos, o que representou, tanto a falência do modelo fordista de acumulação capitalista, quanto a crise da ordem social do Estado de bem-estar (Ugá, 2004).

Neste mesmo período, a economia mundial passou a se articular sob uma nova configuração, principalmente com o fortalecimento dos mecanismos tecnológicos, que impulsionaram os processos de internacionalização dos mercados. “Controle de inventário computadorizado, melhores comunicações e transportes mais rápidos reduziram a importância do volátil “ciclo de estoques” da velha produção em massa, que resultava em enormes estoques “só para a eventualidade” de serem necessários em época de expansão” (Hobsbawm, 1995, p. 394), e depois parava subitamente quando os estoques eram liquidados em época de contração. Frente a uma nova configuração do mundo e, em particular, do mercado, surge, então, um novo método de organização da produção, o Toyotismo, que possibilitou ter estoques muito menores e a prover os vendedores *just in time* (na hora), além disso, pôde desenvolver a capacidade de variar a produção repentinamente, a fim de enfrentar as exigências de mudança de um mundo cada vez mais instável. Os problemas sociais, pobreza, desemprego em massa, miséria, instabilidade, entre outros, que tinham dominado a crítica ao capitalismo antes da guerra reapareceram neste mesmo período (Hobsbawm, 1995).

Este período de instabilidade foi marcado pelo confronto de ideias entre keynesianos e neoliberais, ou seja, uma guerra de ideologias que se incompatibilizavam, embora ambos os lados mostrassem argumentos de cunho econômico. Os primeiros, que haviam fundamentado a economia após a segunda guerra mundial, diziam que altos salários, pleno emprego e o *Estado de bem estar* haviam criado a demanda de consumo que alimentava a expansão e que, para sair da crise, o melhor seria incentivar a demanda na economia. Já os segundos afirmavam que a economia e a política da Era de Ouro impossibilitavam o controle da inflação e somente com o corte dos custos no governo e na iniciativa privada poderia trazer de volta o aumento dos lucros que, segundo eles, seriam o

verdadeiro motor do crescimento econômico de uma sociedade capitalista (Hobsbawm, 1995).

E é neste contexto que o neoliberalismo emergiu dando uma nova roupagem ao já antigo sistema capitalista. Ele, o neoliberalismo, colocou-se como contraponto político, econômico e ideológico à predominância da intervenção estatal característica da Era de Ouro. O modelo foi aplicado, antes, no Chile em 1973, com Augusto Pinochet, seguidos pela Inglaterra em 1979, com a Margaret Thatcher, e os Estados Unidos em 1980, com Ronald Regan. A partir destas experiências, houve um crescente processo de difusão do ideário neoliberal pelo mundo (Chauí, 2003). Nos países desenvolvidos, as propostas neoliberais consistiram na redução do papel do Estado, no enfraquecimento dos sindicatos e na flexibilização do mercado de trabalho (Ugá, 2004). Contudo, o ajuste neoliberal não foi conduzido da mesma forma em todos os países. Se nos países centrais, onde já havia um Estado de bem estar estruturado e com recursos abundantes, o caráter recessivo das políticas de ajuste econômico provocou cortes do gasto social e deterioração dos padrões do serviço público, na América Latina, onde o modelo de Estado de bem estar nunca foi propriamente uma realidade, o ajuste se deu pelo lado econômico, ou seja, com a abertura comercial, a deslocalização de indústrias e atividades e o aumento do desemprego (Soares, 2002).

Sabemos que nem mesmo a chamada de Era de ouro foi a mesma para todos os países. Na América Latina (AL) ela foi marcada pelo desenvolvimentismo, um modelo que entrou em crise a partir da década de 1980. O processo de desenvolvimento econômico nestes países da AL nos anos de 1950 a 1960 se deu com o endividamento externo. O desenvolvimento econômico brasileiro, por exemplo, ocorreu em marcha forçada, ou seja, o governo optou por endividar-se para depois resolver o que faria com a dívida externa decorrente desta escolha. A economia brasileira entrou em crise, conforme Ugá (2004), com o segundo choque do petróleo em 1979, quando “houve um aumento da dívida externa em função do aumento das taxas de juro internacionais e uma drástica redução da entrada de recursos externos no país” (p.56).

Os efeitos desta crise financeira e da crise da dívida externa vivida pelos países da AL nos anos de 1980 levaram a um reforço do modelo que vinha sendo aplicado em alguns países desde meados da década anterior pelo Banco Mundial, o FMI e o governo dos EUA, no chamado *Consenso de Washington*<sup>45</sup>. Com a adoção de políticas liberalizantes, privatizantes e de mercado,

<sup>45</sup> Denominação dada por John Williamson para a convergência de pensamento sobre as políticas públicas dos anos de 1980. As teses foram assim resumidas: “1) disciplina fiscal; 2) priorização do gasto público em saúde e educação; 3) realização de uma reforma tributária; 4) estabelecimento de taxas de juros positivas; 5) apreciação e fixação do câmbio, para torná-lo competitivo; 6) desmonte das barreiras tarifárias e para-tarifárias, para estabelecer políticas

buscava-se diminuir o déficit fiscal reduzindo o gasto público. A exportação deveria ser o motor do crescimento, com a concentração do mercado privado, comprimindo cada vez mais a presença do setor estatal. O conceito que estava (e está) por detrás destes princípios é o livre jogo das forças de mercado, sem nenhuma interferência (Soares, 2002).

Na década de 1980, principalmente a partir do Consenso de Washington, as ideias sobre as políticas de ajuste nas economias não industrializadas passaram a incorporar algumas dimensões de natureza corretiva. Uma delas foi em relação ao papel do Estado. Chama-se a isto de o *paradoxo ortodoxo*, ou seja, como conduzir uma transição que tinha no Estado o artífice da reforma principal: a reforma de si mesmo. Evoluiu-se, então, da ideia de minimização do Estado para a ideia de reconstrução. Independentemente do nome dado, fato é que esse foi um processo cheio de contradições (Soares, 2002).

O capital internacional, conforme Costa (2006), buscou ampliar seu poder de mercado e manter a lucratividade dos investimentos a partir de uma ofensiva contra os salários, mas isso somente foi possível com algumas mudanças na legislação trabalhista, terceirizações e deslocamento de plantas produtivas. Para possibilitar o crescimento do poder de mercado das grandes empresas, os governos dos países centrais pressionaram os países periféricos para que estes abrissem seus mercados e reduzissem os impostos sobre o capital.

O caráter global desta internacionalização modernizante está dado pelo sentido comum de agravamento das desigualdades e de produção de exclusão, uma vez que as mudanças na transformação produtiva caracterizaram-se pelo caráter restrito e concentrado em poucos países, bem como numa distribuição desigual dos frutos do progresso técnico e dos custos sociais das políticas de ajuste e reestruturação. Os custos sociais têm sido pagos primordialmente pelos países periféricos, e de modo geral, houve uma piora nos padrões de equidade social. Ao invés da modernização global, surge uma casta de rentistas, bolsões de pobreza e desmonte progressivo dos mecanismos compensatórios do Estado de bem estar, sobretudo em função da crise fiscal (Soares, 2002).

A agenda neoliberal focou suas reformas no corte dos gastos com os benefícios sociais, programas de privatizações, políticas voltadas para fortalecer o capital e desregulamentação do

---

comerciais liberais; 7) liberalização dos fluxos de investimento estrangeiro; 8) privatização das empresas públicas; 9) ampla desregulamentação da economia; e 10) proteção à propriedade privada” (Martins, 2006, p. 345).



mercado de trabalho, com alterações nas leis trabalhistas e previdenciária. A globalização foi posta como fato irreversível, que exigia uma nova agenda para os Estados Nacionais, assim, inserir-se no processo da nova ordem mundial foi o desafio colocado pela ideologia neoliberal, a partir da década de 1980 (Costa, 2006). Apesar das evidências mostrarem que, ao menos na AL, os resultados da implantação das políticas consistiram no declínio das taxas de investimento e de crescimento, piora na distribuição de renda e aumento do desemprego (Ugá, 2004), a partir dos anos de 1980 o ideário neoliberal foi progressivamente ganhando espaço e legitimação e, ainda hoje, representa uma importante força política presente nos debates públicos e espaços decisórios governamentais.

Mas, seguindo a própria lógica da dinâmica capitalista, nos últimos quatro ou cinco anos estamos acompanhando um momento importante do processo de transformação deste sistema. Uma crise financeira instalou-se a partir da recessão da economia americana. Conforme Chesnais (2008, pp.17-18), os motores da crise dos EUA eram “o setor imobiliário – que foi a principal força de crescimento desde 2003 – e o alto endividamento das famílias”, que se tornou insuportável à medida que o ritmo da economia desacelera: as chamadas “aventuras das 'hipotecas *subprime*’, vendidas à opinião pública como forma de solucionar o problema dos sem-teto” (Bauman 2010). Houve também outros motivos para a recessão que se somam aos anteriores: a paralisia do sistema de crédito com a quebra de vários bancos de investimento, a queda das bolsas, acompanhada pela queda do valor do dólar, fato que leva a pouca procura por títulos do tesouro americano.

Os reflexos desta situação também afetaram outras economias e países como um todo. Permanece, por exemplo, a propagação da crise dos créditos hipotecários e do conjunto dos créditos decorrentes das dívidas transformadas em títulos negociáveis. “A crise do capital fictício se estende agora a todas as formas de crédito” (Chesnais, 2008, p. 18). Todos investimentos em títulos estão sob suspeita. Isso acontece, conforme o mesmo autor, à medida que o desmoronamento americano e mundial não chega somente aos bancos e às sociedades que vivem do capital financeiro, mas também às empresas do setor manufaturado e de serviços. O chamado *comportamento de boiada* parece estar mais presente do que nunca neste processo de perda de confiança global. Mas quais são as consequências desta crise? Serão estes os sinais de encerramento de mais um ciclo do capitalismo? Do seu próprio declínio? A metáfora utilizada pela professora Maria Conceição Tavares (2008) parece ser bastante ilustrativa, ela diz: “entupiu o sistema circulatório do capitalismo”, mas enquanto houver “‘terras virgens’ abertas à expansão e à exploração” o

capitalismo poderá avançar (Bauman, 2010, p. 08).

## **2.5 Capitalismo parasitário**

Bauman (2010), em seu livro com o mesmo nome deste subcapítulo, faz uma breve análise da situação atual, pós “tsunami financeiro”, e afirma: “o capitalismo se destaca por criar problemas, e não por solucioná-los” (p.07). Vejamos o porque.

O capitalismo já passou por várias fases ao longo de sua história. Somente para ilustrar [e resumir o que já abordamos], em reação à crise de 1929, adotou o keynesianismo em detrimento do liberalismo; contudo, a partir da década de 1970, o liberalismo ressurgiu sob nova roupagem ganhando o nome de neoliberalismo. Este último, por sua vez, impôs uma desregulamentação na economia, argumentando que a falta de crescimento econômico se dava pelo excesso de normas, pois tais normas estavam freando o capital de investir.

Desregulamentar, explica Sader (2011), “é privatizar, é abrir os mercados nacionais à economia mundial, é promover o Estado mínimo, diminuindo os investimentos em políticas sociais, em favor do mercado, é impor a precariedade nas relações de trabalho”. A desregulamentação acabou gerando uma enorme transferência de capitais do setor produtivo ao setor especulativo pois, livre de travas, o capital se dirigiu para onde tinha mais possibilidade de ganhar lucros, com maior liquidez e menor tributação: o setor financeiro. Ao capital não interessa produzir, mas sim acumular. Se se pode ganhar mais na especulação, é para lá que os negócios se dirigem e é o que aconteceu em escala mundial (Sader, 2011) e que acabou gerando a última crise que ainda estamos acompanhando.

Esta crise global, originada no sistema financeiro norte-americano continua se agravando, segundo Tavares (2009), e é impossível resolve-la enquanto o governo dos EUA não tiver os instrumentos de poder para fazer frente à “oligarquia de Wall Street”, ou seja, poder para deixar de ser conivente com as instituições poderosas que se recusam a aceitar perdas. Mesmo com a crise atual afetando diretamente os países do centro do capitalismo, provocada pela falta de regulação do setor financeiro, ainda assim pouco ou quase nada foi feito para o controle do capital financeiro, de onde se originou a crise. “Obama salvou os bancos, achando que os bancos salvariam a economia dos EUA. Mas os bancos se salvaram às custas da economia norte-americana” e esta

segue em crise (Sader, 2010).

No auge do período de turbulência, notícias sobre a morte do capitalismo, do neoliberalismo, surgiram. “O Capital” de Marx voltou a ser pauta dos debates e entrou nas listas de livros mais vendidos; Marx está novamente na moda, como divulgam os jornais com data do final de 2008 (O Globo, 2008).

Algumas pessoas apostaram que a situação era insustentável para o sistema, outras, achavam prematuro divulgar qualquer tipo de prognóstico. De qualquer modo, diz Bauman (2009) todo parasita “pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento”. A contradição disto, no entanto, está que o parasita não pode “fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência” (Bauman, 2010, pp. 8-9), processo este que se atualiza de tempos em tempos no capitalismo.

## 2.6 Referências bibliográficas

Bauman, Z. (2010). *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar.

Cepal (2008). *Panorama social de America Latina*. Disponível em <http://www.cepal.cl/default.asp?idioma=IN>. Acesso no dia 09 dez.

Chauí, M. (2003). Neoliberalismo e universidade. In: Francisco de Oliveira; Maria Celia Paoli (orgs.). *Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e hegemonia global*. Petrópolis: Editora Vozes.

Chesnais, F. (1996). *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã.

Chesnais, F. (2008). Capitalismo mundializado: O momento atual da crise financeira. *Em pauta: Mundialização, resistência e cultura*. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. n. 21.

Costa, L. C. (2006). *Os Impasses do Estado capitalista: uma análise sobre a reforma do Estado no Brasil*. Ponta Grossa: UEPG; São Paulo: Cortez.

Couto, B. R. (2006). *O direito social e a assistência social na sociedade Brasileira: uma equação possível?* (2ª ed.) São Paulo: Cortez.

Fontes, V. (2008). Capitalismo, imperialismo, movimentos sociais e lutas de classe. *Em pauta: Mundialização, resistência e cultura*. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do

Estado do Rio de Janeiro. n. 21.

George, S. (2006). A financeirização do capitalismo e a geração de pobreza. In: *Cadernos do Desenvolvimento*. Ano 1, n. 1. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

Guareschi, P. (2000). *Sociologia crítica: alternativas de mudança* (48ª ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Guareschi, P. (2004). *Psicologia social crítica: como prática de libertação* (3ª ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Harvey, D. (2008). *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Edições Loyola.

Hobsbawm, E. (1995). *Era dos extremos. O breve século XX - 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras.

Iamamoto, M. (2008a). *Serviço Social em tempo de capital fetiche: Capital financeiro, trabalho e questão social* (2ª ed.). São Paulo: Cortez.

Iamamoto, M. (2008b). Mundialização do capital, “questão social” e Serviço Social no Brasil. *Em Pauta: Mundialização, resistência e cultura*. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. n. 21.

Ipea (2008). *Pobreza e riqueza no Brasil metropolitano*. Comunicado da Presidência. Número 7, agosto de 2008.

Ipea (2010). *O Brasil em quatro décadas*. Texto para discussão. Setembro de 2010.

Maricato, E. (2006). Posfácio. Em Mike Davis. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo.

Martins, C. E. (2006). Consenso de Washington. In: Emir Sader, Ivana Jinkings, Rodrigo Nobile, Carlos Eduardo Martins (Coords.). *Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo.

Laval, C. (2009). *A nouvelle raison du monde*. Paris: Éditions La Découverte.

Martins, J. (2003). *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus.

Marx, K (1982). *O capital*. Edição resumida por Julian Borchardt. Rio de Janeiro: LTC.

O Globo (2008). Crise financeira faz aumentar vendas de 'O capital'. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL801551-7084,00-CRISE+FINANCEIRA+FAZ+AUMENTAR+VENDAS+DE+O+CAPITAL.html>. Acesso no dia 16 fev. 2010.

Romão, J. E; et al. (2006). Manifesto de planetarização. *Revista Educação & Sociedade*. n. 13. Universidade Metodista de São Paulo.

Sader, E. (2011). Neoliberalismo – a cara do capitalismo contemporâneo – e pós-neoliberalismo. *Carta Maior*. Disponível em: [http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog\\_id=1&post\\_id=650](http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=650) . Acesso no dia 15 fev.

Soares, L. T. (2002). *Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina*. São Paulo: Cortez.

Soares, L. T. (2003). *O desastre social*. Rio de Janeiro: Record.

Soares, L. T. (2005). Prefácio. Em: Carlos Montaña. *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. (3ª ed.) São Paulo: Cortez.

Soares, L. T. (2006a). Desigualdade. In: Emir Sader, Ivana Jinkings, Rodrigo Nobile, Carlos Eduardo Martins (Coords.). *Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo. pp.407-408.

Soares, L. T. (2006b). Questão social. In: Emir Sader, Ivana Jinkings, Rodrigo Nobile, Carlos Eduardo Martins (Coords.). *Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo. pp.1106-1118.

Stotz, E. (2005). Pobreza e capitalismo. Em Victor Valla, Eduardo Stotz, Eveline Algebaile (Orgs.). *Para compreender a pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Tavares, M. C. (2009). A crise financeira: duração e impacto no Brasil e na AL. *Envolverde Revista Digital*. Disponível em [http://dowbor.org/crise/09\\_mariaconceicaotavares\\_envolverde.doc](http://dowbor.org/crise/09_mariaconceicaotavares_envolverde.doc)

Tavares, M. C. (2008). Entupiu o sistema circulatório do capitalismo. É preciso agir rápido, antes que ocorra a trombose. *Carta Maior*. Disponível em: [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=15281](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15281) . Acesso no dia 10 dez.

Ugá, V (2004). A categoria “pobreza” nas formulações de política social do Banco Mundial. *Rev. Sociologia Política*, Curitiba, 23, pp. 55-62, nov.

Vidal, F. (2008). Um marco do fundamentalismo neoliberal: Hayek e o caminho da servidão. Artigo de Secretaria de Planejamento da Bahia. *Comunicação & Política*, v. 24, n. 2, pp. 73-106.

Vieira, E. (2001) A política e as bases do direito educacional. *Cadernos Cedes*, ano XXI, n. 55, novembro.

### ***Terceira história: quando a casa é também baía***

*Dia de visitas domiciliares. A convite da Assistente Social daquele CRAS, eu a estava acompanhando na atividade. Com o motorista e carro da FASC, seguimos em busca de quatro ou cinco famílias. Em algumas casas o carro chegava até a frente e em outras não, nos deixava nos acessos e fazíamos o resto do caminho a pé. O lixo, fonte de renda da comunidade; o esgoto misturado à água que há poucos dias tinha entrado nas casas; as condições de vida, com as quais eu me deparava, eram impactantes. As visitas serviam também para isto, para lembrar que “lutar contra pobreza” devia ser muito mais do que avaliar se as famílias preenchiavam os critérios de acesso às políticas governamentais.*

*Em uma destas casa, moravam sete pessoas. A mãe, com 35 anos, mas aparentando muito mais, e os seus filhos. Dois deles eram “adultos” e por isso já tinham as casinhas separadas, uma espécie de puxadinho para cada um. Estávamos no mês de dezembro e os enfeites natalinos estavam armados. Na porta de entrada à peça principal – sala/cozinha – uma coroa, feita com folhas secas, um passo a frente, já dentro da sala/cozinha, um pinheiro também ressecado com fitas vermelhas e prateadas, algumas bolas e na ponta superior, a estrela. A casa era extremamente “humilde”. Não havia sofás, televisão ou geladeira. Nada disso. Os móveis desta peça se resumiam a cadeiras de madeira, um armário, um fogão a gás e um fogão a lenha, para garantir o cozimento das refeições nos períodos em que não tinha se dinheiro para o gás. Na sala ao lado, dois cavalos. Sim, ela os deixava dentro de casa, pois, recentemente, havia sido roubada e era com eles que ela sobrevivia, logo, não podia correr riscos mais uma vez. Havia também outras duas peças, os quartos, onde ela organizava as roupas e sapatos em caixas, que aliás, estavam cheias de calçados vindos de doações. Vários tamanhos, cores, modelos. Se igualavam apenas em uma característica: estavam todos muito gastos, “mas é o que se tem pra usa”, dizia ela. A noite, para dormir; sempre o mesmo ritual: abrir e montar as camas. Dois filhos, os menores, dividiam com ela a cama de*

*casal e as outras duas dormiam no quarto ao lado, em colchões improvisados. No entanto, nos dias de chuva todos se encontravam no mesmo lugar: na cama da mãe, pois era o único lugar em que não entrava água. O banheiro ficava fora de casa, em um espaço bem pequeno, onde apenas cabia uma “patente”, também improvisada. Essa era a sua casa.*

*Como fazia para sobreviver? Não sei ao certo. Ela tinha uma carroça e buscava lixo pra reciclar. Mas esta mulher tinha um problema de saúde que a limitava enormemente seu deslocamento e a possibilidade de recolher o material na rua. Ela não tinha mobilidade suficiente nas pernas, ou seja, caminhava muito mal e relatava sentir dores fortes. Quando criança teve paralisia e viveu muitos anos em hospitais, fazendo uma cirurgia atrás da outra. A carroça, portanto, só pode ser usada se outra pessoa for com ela. Quem? Seus filhos, as únicas pessoas que podem ajudá-la. Ela conduz e eles descem e recolhem os materiais para dentro da carroça. É fato, as carroças tem sido o meio de transporte da pobreza. Um meio de transporte em vias de proibição pela leis municipais. E o que ela fará para sobreviver? Não sei... Mas ela sonha. Sonha em entrar no programa PETI, conseguir um dinheirinho pra comprar roupeiros, para ter uma casa de dois pisos e abrir uma fruteira. Assim, com este empreendimento, ela terá todo dia comida pra dar aos filhos e, ao mesmo tempo, poderá se manter.*

### **3) O diário alimento da pobreza: mecanismos de produção e de reprodução da ideologia neoliberal<sup>46</sup>**

#### **Resumo**

Investigamos, neste trabalho, como a ideologia neoliberal pode influenciar a formação do pensamento social contemporâneo no que se refere à estrutura socioeconômica brasileira. Para tanto, refletimos criticamente sobre algumas proposições que estão presentes na vida cotidiana e incorporadas em nossa linguagem, tais como o conceito de pobreza, a sobrevalorização da prática do voluntariado, o mercado em torno do sofrimento humano com a ampliação do Terceiro Setor, entre outras. Embora, nas últimas décadas, o campo de estudo e de intervenção sobre a pobreza e os seus impactos tenha sido ampliado pelo Estado e pela sociedade civil, a hipótese defendida neste artigo é a de que muitos destes discursos, aparentemente a favor da redução da desigualdade social, tendem a legitimar a manutenção da pouca mobilidade social e, conseqüentemente, a aceitação e naturalização da pobreza no cotidiano.

Palavras-chave: pensamento social, neoliberalismo, naturalização, pobreza

#### **3.1 Introdução**

Uma das manifestações contemporânea mais importante da questão social na América Latina e, em especial, no Brasil é a desigualdade social. Apesar desta problemática ter origem remota e de, segundo alguns discursos correntes, muito se ter lutado para combatê-la, ainda hoje encontramos disparidades socioeconômicas relevantes em nosso país, aliadas a naturalização e aceitação de tal fato. Frente a isto, o presente trabalho procura investigar e refletir criticamente

<sup>46</sup> Artigo semelhante foi encaminhado e aceito para publicação na Revista Psicologia & Sociedade (Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO). Título “A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento social”. Enviado: 20 dez 2009, Aceito: 26 mai 2010; aguardando publicação.



sobre como a ideologia neoliberal pode influenciar a formação do pensamento social contemporâneo no que se refere à estrutura socioeconômica brasileira.

Partimos do pressuposto de que o conhecimento humano não é fruto de uma racionalidade pura, nem mesmo o resultado de uma apreensão de informações que reproduz a realidade externa tal qual ela é ou parece ser. Ao contrário, acreditamos que nossas ideias e pensamentos são representações, ou seja, formas dialógicas produzidas pelas inter-relações eu/outro/objeto-mundo (Jovchelovitch, 2008). O conhecimento, portanto, é sempre produzido através da interação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão nele implicados. Sendo assim, é necessário olhar para a vida cotidiana e para as relações nela estabelecidas para compreender os modos de pensamento que influenciam nosso agir. Foi o que fizemos para a construção do presente artigo. As proposições que abrem as discussões do trabalho são elementos ou provocações construídas a partir da vivência dos pesquisadores, resultantes das observações assistemáticas extraídas do cotidiano, que, em alguma medida, ilustram os conhecimentos ou representações circulantes no meio social. Nessa perspectiva, o estudo das formas simbólicas, ou seja, de ações e falas, de imagens e textos, produzidos pelos sujeitos, ganha considerável importância. Isto porque tais produções sociais nos fornecem informações sobre o alimento que nutre nosso modo de pensar/agir.

Analisar o que constitui a representação da representação ou, até mesmo, pensar o pensamento, requer uma abordagem crítica e não ingênua, uma vez que as formas simbólicas podem estar servindo para a manutenção de situações desiguais e opressivas. Dessa maneira, o estudo da Ideologia pode nos auxiliar na construção de um pensamento crítico e libertador. Importante lembrar que o conceito de ideologia tem muitos significados, mas aqui ele é compreendido como as maneiras que “o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar as relações de dominação” (Thompson, 1995, p. 79). *Estabelecer* significa que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação, enquanto que *sustentar* significa que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas. A naturalização, por exemplo, tem sido uma estratégia recorrente e eficaz para perpetuação de situações opressivas ou, conforme Freire (1996), uma das principais armas na manutenção de situações de dominação e de acobertamento da realidade. A naturalização, enquanto um *modus operandis* da Ideologia, se produz

quando um estado de coisas, que é uma criação social e histórica de grupos humanos em certo momento histórico-social, é tratado e abordado como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais (Thompson, 1995). Esta é a “força da ideologia fatalista dominante que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores” (Freire, 2000, p. 43).

Compomos, ao longo do artigo, uma espécie de *diário da pobreza* a partir da problematização de proposições que circulam no mundo social. De modo metafórico, ilustramos a dinâmica cotidiana onde a pobreza e as práticas em torno dela são perpetuadas. Em um cotidiano atarefado, em que a reflexão crítica não é prioridade, passamos progressivamente a aceitar certos problemas sociais, a considerá-los, inclusive, como *normais* ou como o *esperado*. Legitimamos dia pós dia a manutenção de situações desumanas, decorrentes da desigualdade social e da pobreza. Lutar contra isto significa não reproduzir de forma ingênua as verdades absolutas, mas sim, estranhar e reagir frente aos fatos. E é com esta intencionalidade que iniciamos a discussão *da semana*.

### **3.2 Segunda-feira: relativize o conceito de pobreza, a tal ponto que seja impossível saber quem de fato a vivencia.**

Pesquisadores ligados a ONU advertem que em 2020 a pobreza urbana chegará a 45% ou 50% do total dos moradores das cidades (Davis, 2006). Porém, os Indicadores do Desenvolvimento Mundial para 2007, produzidos pelo Banco Mundial (2008), apontam para a diminuição das taxas mundiais de pobreza nos quatro primeiros anos do século XXI. Afinal, qual dado retrata o problema da pobreza no mundo?

O debate em torno de *quem são os pobres e o que é a pobreza* tem ganho espaço na agenda pública e no meio acadêmico. O cidadão que estiver atento aos jornais, aos noticiários e às publicações desta área facilmente ficará desorientado com o excesso de informações que alimentam o cotidiano sobre este assunto. Exemplo disso são os inúmeros indicadores e conceitos, às vezes contraditórios, que sistematicamente são lançados, ingenuamente ou não, ao público em geral. No caso anterior, será que as agências utilizaram os mesmos conceitos para fazerem tais afirmativas? A condição de pobreza *retratada* e *contabilizada* é a mesma? Aparentemente, não. Sendo assim, nosso primeiro ponto de reflexão abarca os conceitos que utilizamos, em especial, as implicações que

decorrem ao se escolher uma concepção em detrimento de outras.

De forma abrangente, um conceito pode ser compreendido como um termo que se refere a algo, em particular a um predicado, a uma característica ligada a alguém ou a alguma coisa: “possuir um conceito é ter a capacidade de usar um termo que o exprima ao fazer juízos” (Blackburn, 1997, p. 66). E aqui há dois pontos importantes para a análise do conceito de pobreza, pois esta capacidade relaciona-se tanto com a aplicabilidade do termo, como com a compreensão das consequências de sua aplicação.

A partir do contato com os estudos a respeito da *pobreza*, podemos supor a existência de duas principais linhas-base para o pensamento e a definição desse conceito. De um lado, há as abordagens de subsistência ou de pobreza absoluta, definidas a partir de critérios objetivos e precisos; de outro, a pobreza compreendida como fenômeno multidimensional, em que se assume a complexidade das experiências no centro da sua análise. No que será que elas se diferem ou se assemelham? Por que tantos conceitos para falar sobre os mesmos fenômenos?

Na linha do que tem se considerado *mínimo necessário para sobreviver* encontramos a abordagem chamada de *subsistência*, equivalente ao que hoje em dia chama-se de *pobreza absoluta*. Esta condição está relacionada às questões de sobrevivência física, ou seja, ao “não-atendimento das necessidades vinculadas ao mínimo vital” (Rocha, 2008, p. 11) indispensável para o exercício das atividades humanas, nos variados papéis sociais que o sujeito atua, como no trabalho, na família, etc. Esta perspectiva de análise unidimensional tem sofrido ataques devido a dois fatores: primeiramente, pelo reducionismo biológico-alimentar que ela atribui às necessidades do sujeito e, além disso, pelo fato de que não há como estabelecer um critério absoluto em relação à quantidade de energias e de nutrientes que os seres-humanos necessitam para manterem-se vivos, pois tal aspecto depende de inúmeros fatores, tais como o lugar, as condições climáticas, as atividades realizadas, etc.

Já na concepção ligada às *necessidades básicas*, começa a haver uma mudança no entendimento do que é o mínimo e passa-se a lidar com a pobreza enquanto um fenômeno multifacetado. Este conceito inclui, no campo das necessidades de sobrevivência, dois conjuntos de fatores: é necessário um mínimo de condições para o consumo privado, como comida, roupas, equipamentos, medicamentos, etc.; e um outro grupo de necessidades relacionado aos serviços essenciais providos para a sociedade, como água potável, saúde, educação, transporte público, etc.

(Rocha, 2008).

O conceito de *privação* (ou pobreza) *relativa*, por sua vez, reconhece a existência da interdependência entre as estruturas social e institucional vigentes no cotidiano, ou seja, considera que a relação entre privação e renda é mutável ao longo do tempo e entre as comunidades que ocupam diferentes territórios (Codes, 2008). Sendo assim, a pobreza passa a ser definida em função do contexto social em que se vive, a partir da consideração do padrão de vida e da maneira como as necessidades são suprimidas em certa realidade socioeconômica. Ser pobre significa, portanto, não poder obter determinados produtos ou condições, e isto mantém o sujeito distante da possibilidade de ocupar determinados papéis sociais esperados dele enquanto membro da sociedade (Rocha, 2008).

Um passo além, encontramos outras definições ainda mais relativas e multifacetadas. Sen (2000), por exemplo, propõe o entendimento da pobreza como *privação de capacidades básicas* que são intrinsecamente importantes para o ser humano. O autor chama também a atenção para o fato de que conceitos que tomam a renda como critério exclusivo de análise adotam uma visão tipicamente instrumental. Na verdade, diz ele, embora a baixa renda seja uma das maiores causas da pobreza e da privação das capacidades de uma pessoa, a renda em si não é o único instrumento de geração de capacidades.

O perigo das definições nas quais a relatividade do fenômeno é considerada ponto chave é o fato de que se pode cair em uma armadilha ideológica ao não se conseguir mais nomear ou quantificar quem é pobre. Conforme Telles (2001, p. 51), ao se radicalizar o discurso da cidadania, pobre e pobreza deixam de existir. “O que existe, isso sim, são indivíduos e grupos sociais em situações particulares de denegação de direitos” [...]“A indiferenciação do pobre remete a uma esfera homogênea das necessidades na qual o indivíduo desaparece como identidade, vontade e ação, pois é plenamente dominado pelas circunstâncias que o determinam na sua impotência” (pp. 51-52). Por outro lado, as concepções que consideram a multidimensionalidade do fenômeno da pobreza puderam chamar a atenção para fatores antes negados e que alimentam o círculo vicioso no qual a pobreza se insere. Ou seja, a pobreza é muito mais complexa do que os determinantes econômicos conseguem avaliar e medir. Ela é, sobretudo, um plano constitutivo da identidade individual e social (Salama & Destremau, 1999).

Assim, não buscamos aqui defender uma posição em detrimento de outra. Apenas

acreditamos ser preciso levar em consideração o fato de que, dependendo do ponto de partida, ou seja, dos conceitos e indicadores, chegar-se-á a diferentes resultados. Diante disso, é possível que questionemos o porquê da *realidade* ser tão maleável. Há de se desconfiar das intenções dos atores sociais quando optam por uma teoria em detrimento de outra.

Sabemos que a pobreza não é um fenômeno natural e imutável, ao contrário, a pobreza e as pessoas que vivem nesta condição têm ocupado lugares diversos, conforme, basicamente, o conjunto de interesses e forças existentes no momento histórico que a constitui (Paugam, 2003; Castel, 2001). A pobreza corresponde mais a um processo do que um estado perpétuo e imutável. “Toda definição estática da pobreza contribui para agrupar, num mesmo conjunto, populações cuja situação é heterogênea, ocultando a origem e os efeitos a longo prazo das dificuldades dos indivíduos e de suas famílias” (Paugam, 1999, p.68).

Concordamos, portanto, com Boaventura de Souza Santos (2008) quando ele propõe estudar e aprender com o Sul, sendo este entendido como uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo. Tal postura parece levantar novas possibilidades ao estudo da condição de pobreza e os seus efeitos, pois, nada melhor do que o oprimido para falar sobre a sua situação no mundo (Freire, 1987). Na mesma perspectiva, os estudos pós-colonialistas, compostos por um conjunto de correntes teóricas e analíticas, trouxeram e ainda trazem a voz de países chamados de “terceiro mundo” e a de minorias sociais como uma prioridade teórico-política na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. Isto porque, na perspectiva pós-colonial, parte-se da ideia de que é a partir das margens ou das periferias que as estruturas de poder e de saber são mais visíveis. Acreditamos ser fundamental desenvolver o interesse na geopolítica do conhecimento, ou seja, “problematizar quem produz o conhecimento, em que contexto o produz e para quem o produz” (Santos, 2008, p. 29).

Assim, as teorias, quando tomadas como criação e ação humana e, portanto, históricas e passíveis de contradições, podem nos fornecer lentes de análise do campo social que estudamos e/ou agimos. Tais lentes focam em certos aspectos e, ao mesmo tempo, desfocam em outros, pois a incompletude, característica ontológica, também está presente nas produções humanas. Porém, mesmo se considerarmos e aceitarmos tal fato, não podemos esquecer que, no meio desta rede conceitual de interesses e implicações, “a pobreza se diz de várias maneiras. Ela se diz também segundo uma multiplicidade de palavras que saturam o discurso pela sua variedade, sua frequência

e sua intensidade” (Bernard, 2003, p.103).

### **3.3 Terça-feira: ensine a pescar, mesmo que não haja acesso ao rio, ou não haja peixe.**

É quase um consenso no meio social a ideia de que não devemos dar o peixe ao faminto, mas sim ensiná-lo a pescar. Isto porque, ao dar o peixe, estar-se-ia promovendo a cultura da dependência entre os necessitados. Portanto, nada melhor do que programas educativos, *instrutivos* e *disciplinadores*, para resolver os problemas sociais do mundo. Resta saber se a fome e boa parte das mazelas sociais se resolveriam ou, ao menos, diminuiriam se todas as pessoas famintas fossem qualificadas profissionalmente, por exemplo.

Vimos no item anterior que há implicações ao se eleger um conceito em detrimento de outros, e, agora, começamos a perceber no cotidiano das populações. Interessante observar, neste sentido, que em boa parte dos cursos de qualificação profissional oferecidos gratuitamente para pessoas de baixa renda há um módulo ou uma disciplina chamada *cidadania*. Porque para os pobres é necessário ensinar o que é ser cidadão? Será somente uma boa intenção compartilhada por inúmeras pessoas e instituições? Aliás, enquanto muitas pessoas, de um lado, são consideradas o “alvo” das políticas sociais, algumas outras, do lado oposto, planejam e decidem o funcionamento dos projetos. Ao colocar estas provocações em pauta não pretendemos abordar diretamente projetos e programas sociais, mas sim problematizar o papel do conhecimento que, inevitavelmente, os sustentam.

Para discutirmos a problemática do conhecimento científico e as práticas que dele decorrem, precisamos assumir de qual conceito de ciência estamos partindo. Neste sentido, a filosofia da ciência contribui para a discussão, uma vez que ela nos fornece vários modelos para a compreensão dela mesma (Burawoy, 1990). Tomamos aqui as ideias propostas por Thomas Kuhn. Este cientista foi um dos mais relevantes da contemporaneidade a considerar as influências históricas e sociológicas para a compreensão da produção do conhecimento, vinculando o desenvolvimento da ciência às práticas de grupos sociais. Renunciou o conceito de teoria como unidade de análise da evolução da ciência, substituindo-o pelo de paradigma. Apesar de ter uma definição ambígua para este termo (com 21 sentidos diferentes), de modo geral, faz referência a uma unidade de análise mais ampla que a teoria. Para o autor, paradigma é um conjunto de

explicações teóricas sobre determinados fenômenos, provenientes de dados empíricos, bem como um conjunto de problemas que ainda estão abertos para serem resolvidos. Kuhn vai mais a fundo, e diz que o conteúdo de determinado paradigma ultrapassa o seu caráter científico; inclui, também, um significado sociológico, pois se refere ao desenvolvimento institucional que se produz em torno do paradigma dominante. Ou seja, o paradigma, inserido em uma rede de relações sociais, cria estruturas de poder para evitar que o desenvolvimento da atividade científica o ponha em risco (Álvaro e Garrido, 2006).

Outro aspecto relevante, conforme apontam Bauer, Gaskell e Allum (2002), é a discussão em torno dos interesses do conhecimento, pois a produção científica somente ocorre através deles. Podemos afirmar que ninguém consegue livrar-se dos interesses do conhecimento, apesar de alguns cientistas terem certeza da sua neutralidade. Ao discutir esta questão, Habermas (conforme Bauer, Gaskell e Allum, 2002; Habermas, 2006) propôs uma tipologia de interesses do conhecimento a partir da análise de alguns autores. Para ele, existem três interesses constitutivos do conhecimento que estão na base das ciências “empírico-analíticas”, “histórico-hermenêuticas” e “críticas”.

As ciências empírico-analíticas têm como base um interesse no controle técnico, ou seja, com o objetivo de obter o conhecimento científico adotam como imperativo racional o controle sobre as condições materiais em que nos encontramos e, a partir disso, buscam aumentar nossa saúde e segurança física e espiritual. Promovem o estudo de leis que presidem os fenômenos naturais. Buscam a predição e a explicação dos fenômenos. Já as ciências histórico-hermenêuticas têm um interesse no estabelecimento de consenso e, em função disso, tomam como imperativo a busca pela compreensão intersubjetiva que somente pode ser alcançada através da linguagem comum. A compreensão hermenêutica, que tem como finalidade restaurar canais rompidos de comunicação, trabalha com duas dimensões: 1) o elo entre a própria experiência de vida de alguém e a tradição à qual pertence; 2) a esfera da comunicação entre diferentes indivíduos, grupos e tradições. O cientista, em ambos os casos, procura aprender a língua que ele interpreta, mas deve aproximar-se da interpretação a partir de um ponto histórico específico. Ao fazer isso, o pesquisador leva em consideração a totalidade de interpretação que já está presente (uma vez que o próprio mundo social já é um mundo pré-interpretado) e entra no que se chama de “círculo hermenêutico”. É este movimento que leva ao consenso entre os atores. Evidentemente que este consenso jamais

será absoluto, pelo contrário, ele é necessariamente fluido e dinâmico, pois ele é conseguido através de uma interpretação que evolui e continua a evoluir e modificar-se historicamente (Bauer, Gaskel e Allum, 2002).

A ciência perdeu muito tempo e energia com a descrição de delineamentos e “brigas” entre as metodologias. Parece ficar claro, inclusive, que o primeiro modelo encontra-se com mais frequência nas pesquisas quantitativas e o segundo nas pesquisas qualitativas. Contudo, ainda há um terceiro tipo de ciência e interesses, que dá um novo colorido a esta antiga discussão. Habermas aponta para a possibilidade de uma ciência “crítica”, que tem como interesse maior a emancipação. Sua principal tese é a de que os interesses emancipatórios fornecem o referencial para se avançar além do conhecimento nomológico e da compreensão hermenêutica, e nos permitem “determinar quando afirmações teóricas atingem regularidades invariantes da ação social como tal, e quando elas expressam relações ideologicamente congeladas de dependência que podem, em princípio, ser transformadas” (conforme Bauer, Gaskel e Allum, 2002, p. 33). É através de um processo auto-reflexivo que as ciências críticas podem chegar a identificar estruturas condicionadoras de poder que, com o “uso de uma comunicação sistematicamente distorcida e de uma repressão sutilmente legitimada”, tendem a se naturalizar na sociedade.

Mas esse projeto de ciência não foi e não é uma tarefa simples. Críticas sobre esta proposta alertam que a própria ideia de transformação emancipatória da sociedade pode se transformar em uma nova forma de opressão social (Santos, 2008). De fato, muitas das práticas embasadas nesta concepção, ou seja, em nome do desenvolvimento ou da conscientização de certo grupo, acabaram legitimando ideias das quais elas pretendiam romper. Assim, mais do que nunca, adotar o princípio de que “a coerência da crítica está na autocrítica” (Demo, 2002, p.23) é fator determinante para a construção de práticas emancipadoras. Sempre é importante lembrar que práticas sociais são produzidas por atores inseridos em instituições, seja na pesquisa ou no campo da intervenção social. Se são práticas jamais se poderia adotar a postura de uma suposta neutralidade e imparcialidade em momento algum, inclusive ao decidir quem com ela se beneficiará. E isso nos leva a pensar no dia de amanhã, ou seja, no papel das agências de cooperação internacional para o desenvolvimento de práticas sociais justas e solidárias.



### **3.4 Quarta-feira: lute contra a pobreza, do mesmo modo que o BM e o FMI o fazem.**

Vimos que os conceitos são produtos históricos, o que significa dizer que são construídos, reproduzidos e/ou transformados conforme o ambiente e os jogos de poder em que estão inseridos; que o conhecimento produzido nas academias, em especial, nos núcleos de pesquisa no âmbito humano-social, pode ter grande impacto na definição de políticas sociais. Agora pretendemos ilustrar o debate anterior, inserindo na discussão o papel das agências de cooperação na construção do pensamento social.

Nem sempre se sabe de onde vêm as palavras e expressões que partilhamos e perpetuamos em nosso cotidiano. Utilizamos-as, muitas vezes, ingenuamente, sem perceber os efeitos das mesmas, sem nos darmos conta de que os conceitos podem estar legitimando práticas opostas às nossas intenções. Assim, a questão que aqui colocamos é a seguinte: o que significa aderir e perpetuar um conceito descolado de sua história?

Considerando-se a abrangência e influência de certas instituições internacionais na dinâmica socioeconômica e política mundial, buscamos refletir sobre como a questão da pobreza é tratada pelo Banco Mundial (BM) e levantamos possíveis compreensões sobre quais são os interesses desta instituição ao utilizar o conceito *pobreza* e as suas recomendações em relação a como combatê-la.

O BM, juntamente com o Fundo Monetário Internacional (FMI), foi criado durante a conferência de Bretton Woods em 1944, proposta pelo governo norte-americano, com a intenção de traçar os contornos da nova ordem econômica que deveria ser instituída no pós-guerra. Ao mesmo tempo, estabeleceu-se um novo padrão monetário internacional, centrado no dólar com paridade fixa com o ouro (Mattos, 2001). O BM tinha como objetivo promover o investimento internacional e manter a estabilidade do câmbio, além de tratar de problemas de balanças de pagamento (Hobsbawm, 1995). As regras para seu funcionamento incluíram um dispositivo de captação de recursos junto aos mercados financeiros com as mais baixas taxas de mercado, destinados, evidentemente, para os países-membro (Misoczky, 2002).

Mas nem sempre estas instituições tiveram o mesmo papel. Entre 1974 e 1975, por exemplo, o FMI, seguido pelo BM, mudou o seu enfoque dos países industriais desenvolvidos para os que estavam em desenvolvimento, uma vez que estes últimos cambaleavam com o impacto dos

preços cada vez mais altos do petróleo. Ao aumentar passo a passo os seus empréstimos, o FMI ampliou o alcance das *condicionalidades* coercitivas e *ajustes estruturais* que impunha aos países que eram seus clientes. Desde 1980, o BM vem atuando como importante regulador e formulador de políticas para os países periféricos e, juntamente com o FMI, exercendo um papel importante na disseminação das políticas neoliberais (Ugá, 2004). Sabe-se que o FMI, bem como, outras agências internacionais de desenvolvimento, impõem condições para emprestar dinheiro, determinando a reestruturação de órgãos de governos municipais, estaduais e federais e orientando suas práticas. Os empréstimos pagam consultores internacionais que, frequentemente, pouco conhecem a realidade local, mas conhecem muito bem os idênticos modelos que são impostos a diferentes países, de diferentes culturas, em diferentes cidades (Maricato, 2006).

A reforma do Estado “estimulada pela ação do BM e do FMI, propõe como condição para o crescimento econômico e inserção na ordem mundial ajustes fiscais e estabilidade interna da moeda, o que torna necessário o controle dos gastos públicos e a geração de superávit primário nos países periféricos, para saldar juros da dívida externa” (Costa, 2006, p. 157). Em diferentes contextos, mas com consequências semelhantes, os Estados endividados passaram a depender do mercado financeiro. A autonomia na formulação da política econômica foi prejudicada e passou a ser cada vez mais difícil cobrar impostos num mundo globalizado, com a mobilidade do capital ditando as regras. “A necessidade de criar postos de trabalho faz com que o capital tenha um poder de barganha muito grande sobre o governo, com um apelo ideológico repassado para a sociedade” (Costa, 2006, p. 164). E, quando o governo contraria as expectativas do capital, podemos assistir a um conjunto de manifestações midiáticas que afirmam e reafirmam a incompetência do Estado em gerir e manter os empregos em determinada região.

O BM passou a analisar e a balizar a atuação dos governos também no âmbito social. Em consonância com os princípios neoliberais, prescreveu reformas especialmente nas áreas da educação e da saúde. Além disso, constatou que as despesas governamentais com os serviços sociais não eram eficientes, pois não beneficiavam quem mais precisava delas: os pobres. Com tal conclusão, passou a recomendar fortemente que os países adotassem medidas focalizadas, ou seja, serviços sociais para as populações mais necessitadas. O tema da equidade foi colocado em pauta, frisando que a necessidade de intervenção deveria ser na educação primária e no atendimento preventivo na saúde, a atenção básica (Ugá, 2004; Misoczki, 2002; Fonseca, 1998). “O ensino

superior e o atendimento hospitalar foram considerados secundários dentro das propostas de atuação do Estado na área social” (Costa, 2006, p. 209).

Segundo Costa (2006), as conquistas com a universalização do acesso, sem melhorar a capacidade de investimento público na elevação da qualidade dos serviços ofertados para toda a população, fizeram com que a classe média buscasse o mercado privado. Os usuários mais pobres, que foram inseridos no acesso aos serviços sociais, na medida em que não tinham esse acesso anteriormente, fizeram pouca pressão para elevar a qualidade do que estavam lhes oferecendo. “Reproduzindo a lógica da submissão, agradecem pelo fato de serem atendidos, sem considerar isso como um direito de cidadania” (p. 212).

É a partir da naturalização da pobreza e das desigualdades que esse modelo do BM devolve o conflito para o seio de uma sociedade fragmentada, na qual os atores individualizam se, ao mesmo tempo em que sujeitos coletivos perdem as identidades. “Muda, portanto, a orientação da política social: nem consumos coletivos nem direitos sociais, senão que assistência focalizada para aqueles com "menor capacidade de pressão" ou os mais "humildes" ou, ainda, os mais "pobres"” (Soares, 2002, p. 73). Assim, o Estado neoliberal constrói uma faceta assistencialista como contrapartida de um mercado *livre* e o BM pode se vangloriar de suas políticas com *face humana*, que ensinam a lutar contra a pobreza. Se por um lado criam-se necessidades com a política de ajustes, por outro trabalha-se no sentido *humanitário* de reparo dos danos, com o estímulo às políticas focalizadas. Evidentemente, este processo traz consequências sérias para o cotidiano das comunidades: por um lado, a aceitação do fenômeno da pobreza sem maiores questionamentos; por outro, o esvaziamento do conceito de cidadania social, ou seja, a garantia dos direitos sociais para muito além de meras políticas compensatórias (Ugá, 2004).

### **3.5 Quinta-feira: usufrua dos benefícios do mercado, *em torno do sofrimento humano, pois ele é rentável.***

No item anterior discutimos o interesse de algumas instituições internacionais na diminuição do tamanho do papel do Estado. Vimos que o debate não está isento de interesses, ao contrário, ele “evidencia a polêmica dentro da sociedade sobre que funções o Estado deve realizar e qual o seu papel na prestação de serviços sociais” (Costa, 2006, p. 208). Sabemos também que a partir da década de 1990, com a incorporação continuada das recomendações do Consenso de

Washington, houve o acirramento e ampliação das desigualdades, bem como o surgimento de uma *nova exclusão* social. Frente a isso, uma onda de *práticas solidárias* realizadas tanto por instituições internacionais quanto nacionais emergiu para amenizar os problemas decorrentes do ajuste estrutural. O Terceiro Setor, caracterizado por abrigar um conjunto amplo de organizações não-governamentais (ONGs), como associações e fundações, surgem no “interior (e como resultado) do processo de reestruturação do capital, particularmente no conjunto de reformas do Estado” (Montaño, 2005). A crise e a suposta escassez de recursos serviram como justificativa para que o Estado se eximisse de sua responsabilidade social, assim como para a abertura de certos serviços por entidades que se imaginava serem sem fins lucrativos e comprometidas com a sociedade.

Uma pesquisa de 2005, realizada pelo Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) em parceria com o instituto Johns Hopkins, revelou o movimento (e o crescimento) financeiro deste setor no Brasil. A pesquisa constatou que o setor obteve *investimentos* da ordem de R\$ 4,7 bilhões, o que representou 5% do PIB nacional, superando inclusive setores expressivos da economia brasileira, como a indústria de extração mineral (petróleo, minério de ferro, gás natural, carvão, entre outros) (PNUD, 2006; GIFE, 2006, Revista Desafios do Desenvolvimento, 2008). Mas de onde vieram tais financiamentos? Quais *bondades* foram realizadas com este recurso?

Sabemos que boa parte dos recursos utilizados neste setor são públicos, na medida em que estas instituições são financiadas direta ou indiretamente por governos. Diretamente quando, por exemplo, as entidades com título de Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) podem disputar recursos públicos, para realizar projetos e programas específicos. Indiretamente quando, por meio de incentivos fiscais, empresas privadas deslocam parte do que destinariam aos impostos para uma instituição do Terceiro Setor. Costuma-se dizer até mesmo, na área da Gestão Social, que *recursos não faltam, o que faltam são bons projetos*. Independente se isso é verdadeiro ou não, fato é que a livre competição, característica do mercado capitalista, também ocupou espaços de *comercialização do sofrimento humano*.

O filme intitulado *Quanto vale ou é por quilo?*, de 2005, traz elementos interessantes para o debate sobre o Terceiro Setor. O diretor, Sérgio Bianchi, penetra no mundo das ONGS com duras críticas, ilustrando o caos que compõe tal campo das intervenções sociais. Tanto no filme, quanto em nosso cotidiano, há instituições que disputam verbas, locais e *beneficiados* para a realização dos projetos. Frente a isto, pode-se questionar se problema da pobreza é de fato algo a ser

resolvido ou mantido? Aparentemente quanto maior o tamanho da pobreza, maior será o tamanho dos investimentos. Bianchi (2005), em uma entrevista para a Revista *Época*, afirma não ser contra a existência de tais atividades, desde que não sejam atividades que levem “a permanência desses problemas ao transformar esses problemas em mercado”. E complementa dizendo que se o Terceiro Setor ou a miséria desaparecer, uma quantidade enorme de desempregados surgirá (Bianchi, 2005).

Um estudo realizado por Pinto (2005, p. 2) sobre a atuação das organizações sociais não-governamentais (caracterizadas em três grupos pela autora: ideológicas, religiosas e por pura solidariedade) que realizavam ações contra a fome, identificou claras limitações para “levar a cabo com êxito, as missões de substituir o Estado em ações dirigidas a populações carentes ou em situação de risco”. Três destas limitações fundamentais são: a não-obrigação da universalidade; a dependência de recursos e o voluntariado. Isso porque as ações tendem a ser realizada por “agentes da sociedade civil como uma questão pontual isolada, o que não permite políticas universalizantes, que mudem a qualidade de vida das populações em situação de miséria” (p. 27).

Na verdade, o que se observa no cotidiano, é que as populações que estão em situação de indigência e pobreza precisam de auxílios variados e continuados para romper com o círculo de dificuldades cotidianas. E aqui existe um outro problema que coloca, muitas vezes, em risco o trabalho que pretende ser comprometido com a transformação social. Os projetos, as intervenções, quando patrocinadas por órgãos estatais ou por empresas privadas, possuem um prazo determinado *a priori* para a execução das atividades propostas e para o uso dos recursos financeiros disponibilizados. Normalmente, o prazo é de, aproximadamente, 12 meses, às vezes mais, às vezes menos. Como transformar uma situação com raízes históricas tão profundas em um curto espaço de tempo? Levaram-se anos, na verdade, séculos, para construirmos uma memória e um imaginário social da forma que os são na atualidade. Portanto, pelo bem e pelo mal, é fato: eles não se transformarão na mesma velocidade que alguns gostariam. O máximo que se poderá fazer é atenuar os problemas ou, como diz Demo (2002), *docilizar* as populações atendidas.

Outro aspecto importante é a falta de parâmetros, de controle das entidades sociais. Até agora “não sabemos como gerir estas novas áreas, pois os instrumentos de gestão correspondentes ainda estão engatinhando” (Dowbor, 1999, p. 8). Além disso, casos de desvio de verbas, corrupção, fundações fantasmas, etc., não são novidades. Quem deve ou deveria regular tais entidades? Como podemos saber quais são os resultados dos investimentos públicos nelas investidos?

Embora a situação social do Brasil tenha melhorado nos últimos anos (IPEA, 2008; 2009), temos ainda um panorama grave e urgente. Após a década de 1990, o que se fez foi afirmar e re-afirmar a não constituição de uma rede universal de “proteção social que explicita o dever do Estado na garantia dos direitos sociais”. Na verdade, foi o oposto que aconteceu. Houve um retrocesso a uma “concepção de que o bem-estar pertence ao âmbito do privado”, a comunidades locais, as instituições de cunho religioso e filantrópico (Soares, 2005, p. 12). O plano era de que estas instituições, tomadas pela bondade humana, estabeleceriam uma rede de solidariedade para proteger e salvaguardar os pobres. De certo modo, o plano tem dado certo, basta somente saber para quem.

### **3.6 Sexta-feira: pratique o voluntariado, e regojize-se pelo alívio de sua consciência.**

Nos dias atuais, a ação voluntária tem sido reconhecida como prática importante em discursos e planejamentos que visam a intervenção ou mudança social. No terceiro setor tal prática é incentivada por inúmeras instituições, em especial, pela ONG Parceiros Voluntários (RS), Instituto Voluntários em Ação (SC) e Portal do Voluntário (Internet). Tamanha é a importância do assunto que a ONU lançou um dia em comemoração à prática e aos praticantes – Dia Internacional do Voluntariado – fixado no dia 05 de dezembro.

Mas o que é ser voluntário? Segundo a definição da ONG Parceiros Voluntários (2008), o voluntariado é aquilo que toda pessoa ou organização faz, motivado pelos valores de participação e solidariedade, para contribuir com as causas de interesse social e comunitário. Para tanto, “o voluntário disponibiliza seu conhecimento, tempo e emoção, de maneira espontânea e não-remunerada”.

Contudo, nem sempre encontramos boas experiências associadas a este tipo de trabalho. Reclamações quanto à exploração das pessoas, ao uso de informações sem retorno àqueles que as forneceram, ao curto período de envolvimento em um trabalho, etc., são muito comuns nas comunidades e instituições em que recebem os voluntários. Mas por que isso acontece? Talvez devêssemos refletir sobre os motivos pelos quais as pessoas procuram realizar esta prática.

Uma pesquisa realizada em empresas e instituições não governamentais por Caldana & Figueiredo (2008) aponta que a busca pelo voluntariado está relacionado ao aumento da estima

através da aprovação e reconhecimento dos colegas de trabalho, a transmissão de princípios religiosos, ao alívio das tensões, ao incentivo midiático, a diminuição de culpas, a superação de limites pessoais, entre outros fatores. Incluiríamos também, entre as motivações, a forte pressão pelo qual os profissionais são submetidos para desenvolver algum tipo de trabalho deste feitio. Se em um currículo profissional, por exemplo, existe *doação* ao outro, possivelmente este candidato possa também *se doar* à empresa; se o candidato já realizou práticas diversas, mesmo que ele esteja *se oferecendo* ao mercado de trabalho pela primeira vez, ele já passou por experiências anteriores (nada melhor neste caso então do que se treinar com aqueles que aparentemente não reclamam das *experiências* das quais são partes).

Frente a tais características e motivações, identificamos, na concepção do voluntariado, uma polarização e fragmentação da relação: há o doador, coisa ou serviço doado e aquele desprovido que recebe. Cria-se a imagem de que o doador é bom por excelência, que ele tem algo de muito especial para entregar àquele que está na outra ponta, em uma situação nem sempre muito confortável que, por sua vez, cumpre seu papel ao receber, bem ou mal, a coisa doada. Além disso, ouve-se desde criança a afirmativa que *basta plantar uma sementinha para mudar o mundo...* E, então, cada um deve *fazer a sua parte* para melhorar a situação mundial em relação a tudo. Campanhas educativas em prol do meio ambiente estão aí: use sacola reciclável; economize água e energia elétrica; escolha produtos sem agrotóxicos; opte pelo uso de combustíveis não poluentes, etc. Concordamos, evidentemente, com todas estas campanhas, mas, ao mesmo tempo, é impressionante ver o descaso e a pouca repercussão com os desastres, por exemplo, provocado pelas empresas; ou com o número exorbitante de luzes acesas para *celebrar* o Natal. Também é importante lembrar que 80% das emissões de poluentes na atmosfera são produzidas pelos países do G-20, que, conforme Sanson (2008), ao colocarem no topo da agenda a resolução da crise econômica, negligenciam a crise ecológica.

Mas por que, ainda assim, é importante que individualmente tenhamos práticas solidárias e voluntárias? Qual é a lógica de transformação ou manutenção social que elas (tais práticas) sustentam? Há o alívio de tensões (Caldana & Figueiredo, 2008) para ambos lados, naqueles que praticam o ato solidário e sentem-se úteis socialmente e naqueles que recebem, através da amenização de algum possível sofrimento. Não seriam, portanto, funcionais aos interesses neoliberais e, por conseguinte, mais um instrumental que favorece a manutenção do *status quo*

(Montaño, 2005)?

### **3.7 Final de semana: o descanso ou a *corporificação da pobreza*.**

Iniciamos o artigo discutindo o papel do conhecimento científico frente à transformação da realidade. Vimos que os conceitos e teorias que circulam não são verdades absolutas, mas sim, construções históricas que precisam sempre ser contextualizadas. Isto porque o conhecimento científico, que alimenta conceitos, práticas, políticas sociais, etc., também é produzido sobre determinados interesses e jogos de poder. Prova disto é a existência de poucos trabalhos acadêmicos que abordam a pobreza, enquanto fenômeno e conceito, com o viés e/ou o discurso daqueles que estão nesta condição socioeconômica.

Do mesmo modo, mas com outra amplitude, vê-se a forma como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional lidam com os Estados Nacionais, com a pobreza e com os enquadrados como “pobres”. Problematizamos as afirmações sobre a importância da redução do tamanho do Estado para o desenvolvimento econômico do país e as suas consequências, com o enxugamento dos direitos sociais já conquistados pelas populações; fato que parece muito mais fomentar um ciclo de dependência do que de autonomia e empoderamento.

Dentro desta lógica de enxugamento estatal, abordamos o surgimento e o fortalecimento do Terceiro Setor, movimentando rios de dinheiro, e alguns desvios de curso, uma vez que ele é divulgado como a possibilidade da sociedade se articular em torno do bem comum, da humanidade. A bondade, comprada ou não, é fundamental, pois, como é sugerido pelos discursos hegemônicos, com um “mutirão de voluntários” pode-se salvar boa parte das pessoas necessitadas. Destas pessoas, chamadas por muitos como “beneficiadas”, espera-se a aceitação incondicional de sua situação no mundo, da ajuda recebida e da bondade posta a seu benefício. Qualquer desvio é sinal de ingratidão e/ou motivo para a culpabilização daquela pessoa que não soube se preparar, que não soube se vender ao mercado de trabalho. O fantasma do inválido, do desprovido, do vagabundo, do preguiçoso segue entre nós e alimenta discursos disciplinadores e forças repressivas sobre aquele com menor poder de decisão e mudança do mundo sócio-econômico.

Ao analisar, portanto, o modo como a “pobreza” é retratada no mundo social, percebe-se a existência de uma espécie de corroboração contínua, vinda de diferentes atores sociais, desta



condição socioeconômica através da naturalização de práticas e discursos que favorece a aceitação e apatia social perante a problemática. Sabe-se que a pobreza política é a encarnação mais próxima dos efeitos de poder de uma sociedade opressiva. Concordamos com Demo (2002) quando ele diz que o alimento, a fonte de tal pobreza se dá por diferentes caminhos: pela “via do cultivo da ignorância para alimentar e manter a massa de manobra”; pela “via das ajudas que só ajudam a marginalizar ainda mais os marginalizados”, pela “via da compreensão truncada da pobreza como simples carência material para evitar a sublevação dos excluídos” (p. 12).

### 3.8 Referências bibliográficas

- Álvarez, J. L.; Garrido, A. (2006). *Psicologia Social: Perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Banco Mundial (2008). *Site do Banco Mundial*. Disponível em <http://web.worldbank.org>. Acesso no dia 20 de maio.
- Bauer, M.; Gaskell, G.; e Allum, N. (2002). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. Evitando confusões. Em Martin Bauer e George Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bernard, F. (2003). *O governo da pobreza*. São Leopoldo: Nova Harmonia.
- Bianchi, S. (2005). *Entrevista com o diretor do filme Quanto Vale ou é Por Quilo?* Entrevistadores: Por Ana Aranha e Cléber Eduardo. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT961935-1655,00.html>. Acesso no dia 03 de janeiro de 2009.
- Blackburn, S. (1997). *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Burawoy, M. (1990). O que nós entendemos por ciência? *Revista American Sociological Review*, Vol. 55, Dez., pp. 775-793. Traduzido por Pedrinho Guareschi.
- Caldana, A. C.; Figueiredo, M. A. (2008). O Voluntariado em Questão: A Subjetividade Permitida. *Psicologia Ciência e Profissão*. 28 (3). 466-479.
- Castel, R. (2001). *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário* (3ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Codes, A. L. M. (2008). *A trajetória do pensamento científico sobre pobreza: em direção a uma visão complexa*. Texto para discussão n. 1332, IPEA. Brasília, abril de 2008.
- Costa, L. C. (2006). *Os Impasses do Estado capitalista: uma análise sobre a reforma do Estado no Brasil*. Ponta Grossa: UEPG; São Paulo: Cortez.

- Davis, M. (2006). *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo.
- Demo, P. (2002). *Solidariedade como efeito de poder*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire.
- Dowbor, L. (1999). Tendências da gestão social. *Saúde e Sociedade*. v. 8, n. 1, pp. 3-16.
- Fonseca, M. (1998). O Banco Mundial como referência para a justiça social no terceiro mundo: Evidências do caso Brasileiro. *Revista da Faculdade de Educação*. v.24, n.1, São Paulo. Jan./Jul.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. (17ª ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia*. (36ª ed.) São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.
- GIFE (2006). *Setor sem fins lucrativos representa 5% do PIB nacional*. Disponível em [http://www.gife.org.br/redegifeonline\\_noticias.php?codigo=7072](http://www.gife.org.br/redegifeonline_noticias.php?codigo=7072). Escrito por Rodrigo Zavala, em 03/04/06.
- Habermas, J. (2006). *Técnica e ciência como ideologia*. Portugal: Edições 70.
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos extremos. O breve século XX - 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras.
- IBGE (2008). *As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil – 2005*. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/fasfil/2005/>
- Ipea (2008). *Pobreza e riqueza no Brasil metropolitano*. Comunicado da Presidência. Número 7, agosto de 2008.
- Ipea (2009). *PNAD 2008: Primeiras Análises*. Comunicado da Presidência. Número 30, setembro de 2009.
- Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: Representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes.
- Maricato, E. (2006). Posfácio. Em Mike Davis. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo.
- Mattos, R. (2001). As agências internacionais e as políticas de saúde nos Anos 90: um Panorama Geral da Oferta de ideias. *Ciência e Saúde Coletiva*, v, 6, n. 2, pp. 377-389.
- Misoczky, M. C. A. (2002). O Banco Mundial e a reconfiguração do campo das agências internacionais de saúde: uma análise multiparadigmática. Em: *Encontro de estudos organizacionais*, 2, Recife. Anais: Recife: Observatório da realidade organizacional: PROPAD/UFPE: ANPAD. 1 CD
- Montaño, C. (2005). *Terceiro setor e questão social: Crítica ao padrão emergente de intervenção social*. (3ª ed.) São Paulo: Cortez.

- Parceiros voluntários (2008). *Website oficial*. Disponível em <http://pv.conectt.com.br/componentes/textos/TextosGlossario.asp?txLtr=V&iidvc=28&rnd=0,6839192||0,3932919>. Acesso no dia 30 de dez.
- Paugam, S. (1999). O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: Uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. Em: B. Sawaia (Org.). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 67-86). Petrópolis: Vozes.
- Paugam, S.(2003). *Desqualificação social: Ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Educ/Cortez.
- Pinto, C. R. J. (2005). A Sociedade Civil e a luta contra a fome no Brasil (1993-2003). *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n. 1, pp. 195-228, jan./abr.
- PNUD (2006). *ONGs têm peso maior que petróleo no PIB*. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/cidadania/reportagens/index.php?id01=1889&lay=cid>. Escrito por TALITA BEDINELLI no dia 24/03/06.
- Quanto vale ou é por quilo (2008). *Website oficial do filme*. Disponível em <http://www.quantovaleoueporquilo.com.br> . Acesso no dia 30 de dez.
- Revista Desafios do Desenvolvimento (2008). *O que fazem as pessoas que trabalham no Terceiro Setor?* Revista mensal do Ipea. Disponível em: [http://desafios.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD\\_CHAVE=3776](http://desafios.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD_CHAVE=3776). Acesso no dia 19 de fev.
- Rocha, S. (2006). *Pobreza no Brasil. Afinal, de que se trata?* Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- Salama, P.; Destremau, B. (1999). *O tamanho da pobreza*. Economia política da distribuição de renda. Rio de Janeiro: Garamond.
- Sanson, C. (2008). *A quádrupla crise planetária*. Disponível em <http://www.radioagencianp.com.br/index.php>. Acesso no dia 30 de dez.
- Santos, B. de S. (2008). *A gramática do tempo para uma nova cultura política*. (2ª ed.) Coleção para um novo senso comum; v. 4. São Paulo: Cortez.
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Soares, L. T. (2002). *Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina*. São Paulo: Cortez.
- Soares, L. T. (2005). Prefácio. Em: Carlos Montaña. *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. (3ª ed.) São Paulo: Cortez.
- Telles, V. (2001). *Pobreza e cidadania*. São Paulo: USP/Ed. 34.
- Thompson, J. B. (1995). *Ideologia e cultura moderna*. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes.

Ugá, V (2004). A categoria “pobreza” nas formulações de política social do Banco Mundial. *Rev. Sociologia Política*, Curitiba, 23, pp. 55-62, nov.

#### ***Quarta história: quando a carroça é motivo de riso e choro***

*Esta história é um quadro pintado em preto e branco. Vidas que se resumem – com simplificações, é claro – em uma cena vista enquanto eu caminhava, ao lado da assistente social do CRAS daquela região.*

*O dia estava chuvoso, “cinzento” e pesado. Um daqueles em que o suor não para de escorrer, a não ser que o ar condicionado esteja a pleno vapor. Não era o caso de nenhuma daquelas casas da comunidade, certamente. Aliás, várias delas estavam construídas ou em cima, ou entre montanhas de lixo e ar condicionado somente existiria se ele fosse um dos materiais para a reciclagem. Água encanada, energia elétrica? Há bem pouco tempo tinha chegado.*

*A maior parte das pessoas que lá residiam tinham como ocupação “puxar” o lixo da cidade, selecioná-lo para, então, vender. Não seria exagero dizer que, de cada três casas, duas delas tinham pátio com um espaço destinado à separação.*

*Já tinha escutado várias histórias sobre trabalho infantil naquela região e falávamos, naquele momento, sobre como era difícil mudar o mecanismo de perpetuação da pobreza.*

*Em meio a este cenário, olho para o lado e vejo dois meninos negros nus sobre uma carroça nem vazia, nem cheia. Um de cinco e outro de oito anos, aproximadamente. O mais velho era o que estava com as rédeas do cavalo. Ele parecia ter total controle do animal, pois fazia com que ele andasse em círculos em frente a uma das casas. Eles riam... Seria aquilo uma brincadeira ou trabalho? Possivelmente um pouco de cada. Aquele cenário, de qualquer modo, era o que compunha suas vidas, seus cotidianos. Uma infância marcada por viver dos restos, afinal, é assim que a sociedade de consumo trata os resíduos sociais; eram os lixos de um estilo de vida excludente/descartável.*

#### **4) *Ninguém nasce com cartão de crédito: um estudo sobre as representações sociais da pobreza***

##### **Resumo**

Nosso objetivo com este artigo é analisar, com apoio na Teoria das Representações Sociais, alguns impactos psicossociais que a condição de pobreza imprime naqueles que a experienciam ao longo de suas vidas. Para isto, foram realizadas 14 entrevistas abertas com mulheres, na sua maioria vinculadas à Centros de Referência de Assistência Social de Porto Alegre/RS, e um grupo epistemológico com outras 12 em situação similar. Primeiramente, as informações foram categorizadas a partir dos temas mais frequentes e, depois, analisadas à luz de uma abordagem psicossocial crítica. Em linhas gerais, podemos dizer que a representação social da pobreza se forma em torno de duas dimensões: uma que caracteriza a situação de pobreza pelo viés socioeconômico, articulando a falta enquanto elemento central; e a segunda pelo viés da moral e da cultura, tomando o excesso como contrapartida. No primeiro núcleo, portanto, temos a descrição de situações de penúria da pobreza, das dificuldades cotidianas e dos estigmas construídos ao redor desta situação; já, no segundo, temos os aspectos positivos daqueles que a vivem, caracterizando-os como pessoas de garra, de caráter, ricos na alegria de viver. Essa aparente dicotomia surge na medida em que a pobreza impõe acomodações ao processo de construção do pensamento social sobre ela. Assim, se por um lado, tal dinâmica pode favorecer resistências e mudanças, por outro, pode provocar seu enfraquecimento com a geração de espaços de acomodação que confirmam a existência em um lugar social privilegiado, apesar das péssimas condições materiais.

Palavras chave: representação social, pobreza, impactos psicossociais

#### 4.1 Introdução

O campo de estudos aberto pela Teoria das Representações Sociais nos parece fecundo para o debate que queremos desenvolver neste artigo. Nos importa aqui compreender alguns dos impactos psicossociais que a condição de pobreza imprime naqueles que a experienciam dia pós dia. Procuramos, portanto, analisar um espaço que não se localiza nem na sociedade, nem no sujeito, mas sim em um lugar simbólico que une um ao outro e que é nomeado como representação.

É através dela, da representação, que nos comunicamos – isto é, que nos entendemos ou não, que participamos e nos identificamos em um meio cultural ou que estranhemos o diferente –, que damos sentidos ao mundo que nos rodeia e a nós mesmos (e, neste aspecto, expressa uma importante função identitária). Mas atenção, para desenvolvermos esta capacidade de representar é necessária a presença do outro. É através da relação que apreendemos o mundo que nos cerca, que nomeamos sensações, que dominamos uma língua, etc. Nenhum ser humano poderia sobreviver sem a presença desta figura que nos apresenta ao mundo real e simbólico<sup>47</sup>, ao mundo da cultura. Por isso é que se diz que toda representação é social, pois todo social é, em sua base, relação (Guareschi, 2010). Além disso, é importante perceber que não há representação sem a presença de um objeto a ser representado, seja ele uma pessoa, uma coisa, um evento, uma teoria, etc., algo imaginário ou real (Jodelet, 2007).

Neste sentido, as representações sociais, quando direcionadas a algum fenômeno ou objeto, tornam-se tematizações ou regularidades do discurso público. Elas criam o mundo e nos criam, e, ao mesmo tempo, nós também as criamos. Dito de outro modo: as representações sociais são saberes ou conhecimentos, socialmente elaborados e partilhados, com objetivos práticos e que contribuem para a construção de realidades comuns a um grupo social (Jodelet, 2007). No entanto, isto somente é possível porque há dois processos importantes que atuam na formação e no funcionamento do processo representacional: a objetivação e a ancoragem. Vejamos.

A objetivação atua como “construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização”, isto é, como um conjunto cognitivo que retém, entre as informações do mundo exterior, um número limitado de elementos ligados por relações que fazem dele uma estrutura que organiza o campo de representação e recebe um status de realidade objetiva (Jodelet, 2005, p.48). É

---

<sup>47</sup> Tal processo é também conhecido como “imperativo do Outro”, amplamente estudado pela psicologia do desenvolvimento, com Piaget e Vigostsky, pela psicologia social, com Mead e pela psicanálise, com Freud e Winnicott (Jovchelovitch, 2008, p. 61).

o processo pelo qual procuramos tornar concreto, visível, uma realidade, a partir de um movimento mais ou menos direcionado para fora (Moscovici, 2003). A ancoragem, por sua vez, é o enraizamento de algo novo no sistema de pensamento (é o que se chama de atribuição de sentidos). Ela explica o modo pelo qual informações novas são integradas e transformadas no conjunto dos conhecimentos socialmente estabelecidos e na rede de significações socialmente disponíveis para interpretar o real. Depois de incorporadas, assume o papel de novas categorias que servem de guia de compreensão e de ação (Jodelet, 2005). Deste modo, a ancoragem faz um movimento para dentro do sujeito, trabalhando no sentido de “colocar e tirar objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome” (Moscovici, 2003, p. 78). Estes processos, de objetivação e ancoragem, estão sempre em movimento e são interdependentes. Poderíamos dizer inclusive que para objetivar é preciso ancorar, mas somente podemos ancorar, quando há objetivações no mundo social.

Assim, geralmente as pesquisas sobre representações sociais – e o presente estudo confirma seu interesse nesta linha – procuram compreender o movimento dos conhecimentos na vida social, isto é, estão interessadas em saber como as pessoas, os grupos, as comunidades, constroem conhecimentos; como estes conhecimentos estão relacionados às identidades; e como eles expressam os códigos e práticas culturais que definem os seus estilos de vida (Jovchelovitch, 2008). Moscovici, neste sentido, nos alerta: “quanto menos pensamos nelas [nas representações], quanto menos conscientes somos delas, maior se torna sua influência” (2003, p. 42). E aí que reside a importância deste estudo.

## **4.2 Objetivos**

Muito se fala da pobreza e dos chamados “pobres”. Criam-se teorias à respeito de como eles vivem e o porque permanecem em situações adversas. Adotam-se categorias para classificá-los e “beneficiá-los”, ou seja, ancoramos e objetivamos inúmeras produções simbólicas sobre esta realidade em nosso cotidiano. O foco deste trabalho, portanto, é conhecer os impactos psicossociais que a condição de pobreza, uma categoria social que transcende os limites do financeiro, imprime nas pessoas que a vivenciam.

Importante deixar claro que este trabalho não procura definir indicadores que avaliem quem são os pobres, nem mesmo, criar novos conceitos. Nossa reflexão parte do ponto de que



definições e classificação são criadas e adotadas por uma coletividade. Seguimos as pistas de Simmel (2009), em especial, quando ele diz que é a assistência que uma pessoa recebe de modo público de uma coletividade que determina o status de pobre. Ser “beneficiado/beneficiário” é uma marca identitária de sua condição, o critério de seu pertencimento social a um estrato específico da população. Um estrato desvalorizado, já que é definido a partir da dependência de um pelo outro(s). É estar em um tipo de relação desigual, em um lugar de complementariedade pela desinstituição do outro.

Frente a tais considerações, o que buscamos neste artigo é levantar alguns elementos presentes no discurso das pesquisandas em relação ao impacto que a condição de pobreza lhes produzem quando pensam em si e no mundo que lhes cerca. E, neste sentido, nos próximos tópicos deste artigo, abordamos um conjunto de temas enunciados com outras vozes, as delas, no debate em torno ao que nos propomos. Mas antes, uma pequena pausa para compreender como a pesquisa foi estruturada.

### 4.3 Caminhos percorridos<sup>48</sup>

A produção das informações que compõem o *corpus* desta pesquisa de cunho qualitativo passaram por dois momentos. Primeiramente, foram realizadas quatorze entrevistas abertas com mulheres<sup>49</sup> ligadas a programas ou atividades que, direta ou indiretamente, compõem ações de combate a pobreza. Destas, onze estavam vinculadas a Centros de Referência de Assistência Social (através dos programas de transferência de renda PETI e NASF<sup>50</sup>) e três integravam atividades ligadas ao cooperativismo em comunidades periféricas, todas residentes de Porto Alegre/RS.

As entrevistas tiveram como dispositivo inicial a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo II) que, entre outras informações de praxe, citava a

<sup>48</sup> Pesquisa empírica realizada no período de outubro de 2009 à novembro de 2010. Registro CEP 09/04494 (anexo I)

<sup>49</sup> Esta pesquisa não tinha como intenção entrevistar exclusivamente mulheres. Acabou se configurando como tal a partir da escolha

<sup>50</sup> PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil): o programa tem como objetivo a retirada de crianças e adolescentes de situações de exploração ligadas ao trabalho. Para isto, articula três eixos de intervenção: transferência de renda às famílias; serviço de convivência e de fortalecimento de vínculos para crianças e adolescentes de até 16 anos; e acompanhamento familiar no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). O valor do auxílio disponibilizado pelo governo federal à família é de R\$40,00 por criança ou adolescente de sete a 14 anos, sendo completado pela prefeitura para alcançar o valor de R\$200,00. NASF (Núcleo de Apoio Sócio Familiar): a bolsa-auxílio oferecida às famílias é de R\$200,00 e as famílias que recebem o Bolsa-Família, têm a complementação do município para chegar a este valor.

temática da pesquisa, apresentada como “a pobreza e a desigualdade social a partir da experiência das pessoas”. Cada encontro teve uma configuração própria, ou seja, não havia nenhum roteiro específico para ser seguido e dependia exclusivamente do que se produzia no encontro entre duas pessoas<sup>51</sup>.

As informações provenientes desta etapa, foram transcritas e categorizadas tematicamente, pela frequência que apareceram ou que considerávamos importantes, a partir do referencial de base, para a compreensão do fenômeno. Tais informações deram origem a dois documentos. Primeiro a uma categorização temática com a própria fala das participantes e, depois, de modo mais conciso, uma tabela representacional que procura dar um panorama geral das informações (anexo III). Em posse de todas estas informações e sistematizações, efetuamos o segundo momento de construção do *corpus* através da realização de um círculo epistemológico (anexo VI) com outras 12 mulheres vinculadas à um Centro de Referência de Assistência Social. Tais informações passaram pelo mesmo processo daquelas oriundas das entrevistas.

Em linhas gerais, tanto as entrevistas, quanto os círculo epistemológico (Romão, 2006) procuraram compor encontros dialógicos sobre a problemática da pobreza e da desigualdade, ou seja, encontros em que buscamos conhecer e reconhecer a perspectiva do Outro como legítima (Jovchelovitch, 2008). Das entrevistas, e das sistematizações oriundas delas, fizemos o levantamento de temas geradores lançados para o debate no encontro grupal, o que nos levou a uma síntese-interpretativa concisa das entrevistas<sup>52</sup>.

Importante destacar que o círculo epistemológico, enquanto um espaço democrático interpretativo instituído pela pesquisa, desafia e tensiona as formas tradicionais de produção de conhecimento. Os pesquisados são convidados a abandonar esta roupagem para tornarem-se pesquisandos; do mesmo modo, o pesquisador é desafiado a romper com antigas representações de que somente ele teria um conhecimento capaz de compreender a realidade analisada. Tais posturas estão certamente baseadas na premissa freiriana de que não há um que sabe mais do que outro, há sim, saberes diferentes produzidos em contextos também diferentes. Uma vez que os pesquisandos

---

<sup>51</sup> Posteriormente a realização das entrevistas, tive acesso a um importante livro escrito, por Jessé Souza, onde ele descreve este método de trabalho como “sociologia empírica disposicionalista”, ou seja, são realizadas entrevistas sucessivas, as quais permitem desconstruir a autolegitimação da entrevista anterior, de modo a fazer aparecer as contradições, as lacunas e tensões que residem na vida humana (Souza, 2009, p.387).

<sup>52</sup> No momento em que o círculo aconteceu, as interpretações que em seguida abordaremos ainda não tinham sido elaboradas, nem mesmo parcialmente. Estávamos em um estágio anterior no que se refere à compreensão das entrevistas e isto talvez ajude a compreender a pouca profundidade das interpretações no círculo epistemológico.

atuam ativamente no processo interpretativo – são, ao mesmo tempo, autores de sua própria história e da materialização das interpretações, das análises, co-responsáveis, portanto, da pesquisa – a própria noção de autoria fica relativizada e merece ser problematizada. Passemos agora ao debate das informações produzidas.

#### 4.4 Representações sociais sobre a pobreza

As informações foram organizadas a partir da compreensão de que há dois núcleos – ou dimensões – na construção da representação social da pobreza entre as pesquisandas. Um dos núcleos caracteriza a situação pelo viés socioeconômico, articulando a falta enquanto elemento central; e o segundo pelo viés da moral e da cultura, tomando o excesso como contrapartida.

Embora as representações ou os sentidos atribuídos aos objetos do mundo social sejam conhecimentos dinâmicos, há também elementos estáveis que se reproduzem ao longo das gerações. Aqui nos limitamos a bater uma fotografia destes conhecimentos fixados em um certo momento histórico. Uma fotografia diferente das habituais, é claro. Vejamos.

##### 4.4.1 A pobreza sob o ponto de vista socioeconômico

###### a) *Compro o tênis, mas aperto a barriga*: a materialidade da pobreza

Falar da pobreza, dos sentidos que lhe são atribuídos por aqueles que nela vivem, é também falar de realidades concretas, quase sempre duras, que impõem modos de vida específicos, assim como, diferentes formas de aceitar/lidar com a situação. Uma faceta desta problemática é a fome, relatada na voz de uma das pesquisandas: *“é sempre a mesma coisa, né, tu pensando de noite no que tu vai dá pra come, tu pensando o que tu vai faze no outro dia. Como é que, se as duas precisam de caderno, como é que tu vai compra pras duas? Se tu compra pra uma, [...] não dá pra compra pra outra.”* (L.). É fato, avançamos<sup>53</sup>, nos últimos anos, no campo da segurança alimentar e nutricional, com o conjunto de ações que compõem o Fome Zero<sup>54</sup>. Mas, também é preciso reconhecer que a realidade ainda existe entre nós e leva às famílias a procurarem estratégias de

<sup>53</sup> Em 2010 o ex presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu o Prêmio de Campeão do Mundo na Batalha Contra a Fome, concedido pelo Programa Alimentar Mundial (PAM) – vinculado às Nações Unidas – como reconhecimento dos esforços realizados no combate à fome no Brasil durante seus dois governos.

<sup>54</sup> Conjunto de ações e estratégias impulsionadas pelo governo federal para assegurar o direito humano à alimentação adequada às pessoas com dificuldades de acesso aos alimentos.

sobrevivências diversas, como: [...] *“juntava garrafa, pra vende, latinha. Às vezes eu saia com minhas crianças. Não tinha nada pra come em casa, não sabia o que dá pra eles. Aí eu pegava e juntava garrafa com eles, com os pequenos, né. [...] daí eu pegava aquele dinheirinho e já comprava o que faltava, daí no outro dia tinha que ih de novo, né.” [...] “aí eu compro o tênis, né, aí tem que aperta um pouco a barriga.” (B.)*

Evidentemente que tal realidade não é exclusiva das mulheres que encontramos. O IBGE em um comunicado de novembro de 2010 afirma que a insegurança alimentar<sup>55</sup> diminui entre 2004 e 2009, mas ainda atinge 30,2%<sup>56</sup> dos domicílios brasileiros, sendo que 5% destes, ou seja, 11,2 milhões de pessoas, estão em insegurança alimentar grave. Não vamos aprofundar os dados aqui, mas neste comunicado reafirma-se o que já sabemos: a insegurança alimentar é maior em domicílios cuja a pessoa de referência é a mulher, onde há pretos e pardos, onde o grau de escolaridade é mais baixo e onde há um maior número de pessoas vivendo no mesmo domicílio (IBGE, 2010a). Mas será isso um sinal da falta de alimentos no Brasil ou no mundo? Ou será fruto da impossibilidade de se ter acesso a recursos financeiros que viabilizem a compra dos alimentos? Segundo o que observamos, estamos mais inclinados a pensar na segunda possibilidade.

Aliás, é um conjunto de fatores que leva a pobreza ser tão dura e determinante, sendo a fome um de seus elementos: *“[...] é um ciclo por causa que tem muitas mães que é obrigado tá na rua, trabalha, e tu é obrigada a deixa os filho. E a maioria das mães nem sabe que os filho tá fazendo. Não sabe se ele tá na escola [...] às vezes, eu tinha que faze faxina, tava trabalhando no shopping e eu tive que sai, porque na meia noite, uma hora que eu tava chegando, meus filho tava na rua, sozinho, não tinha um adulto pra atende, não tinha quem auxilia eles pra dá algo pra come, que eles são pequeno. Então às vezes um grande dá uma droga ou alguma coisa pra eles fuma, eles pegam. Porque não tem um adulto ali responsável. A maioria das mães tem que trabalha, se não for trabalha, como é que eles vão come? Não fica esperando uma vida inteira pelo governo uma bolsa. Tá certo que a bolsa ajuda, ela me ajuda, mas se eu não ir arruma um emprego, não vai suprir roupa, calçado, leite” (Grupo).* Isto nos liga aos pontos seguintes.

<sup>55</sup> À fins de esclarecimento: condição de segurança alimentar significa que se tem acesso aos alimentos em quantidade e qualidade adequadas e não há a iminência de sofrer qualquer tipo de restrição no futuro próximo; insegurança alimentar leve quer dizer que há alguma preocupação com a quantidade de alimentos no futuro; insegurança alimentar moderada caracteriza-se por existir períodos com a restrição quantitativa de alimento; e insegurança alimentar grave refere-se à privação de alimentos, podendo chegar à sua expressão mais grave, que é a fome (IBGE, 2010b).

<sup>56</sup> Insegurança alimentar leve estimada em 18,7% e moderada em 6,5%.

b) *O dinheiro que vem suado é melhor*: a centralidade da categoria “trabalho”

A vida das pesquisandas e novamente, não só delas, é marcada pelo trabalho, bem como pela falta dele. Entre as principais atividades que desenvolveram quando crianças, a função de “empregada/faxineira/trabalho em casa de família” é a que mais se destaca, mantendo-se, inclusive, depois na vida adulta (neste último caso, seguido pela reciclagem). Mas, para além da exploração do trabalho infantil, há também casos de prostituição na mesma faixa etária, que, como sabemos, deixa profundas marcas na vida da mulher. “[...] *Eu não tive infância na minha vida, não tive infância. Tive que para os estudos pra pode ajuda minha família [...]. A minha mãe foi assim, ela dizia pra nós que a vida dela, assim, não foi tão boa, né. Ela teve que sai de casa com 11 anos, que ela era profissional do sexo [...] e a madrasta dela batia nela. Então ela dizia: a minha vida não foi fácil e a de vocês também não vai se. Ela sempre falo isso pra nós. Então o que eu pude ajuda ela, eu ajudei. [...] Eu trabalhei do lado da minha mãe. E pra mim não foi um orgulho. Ela não teve orgulho nenhum, porque ela não queria que eu fizesse aquilo ali.*” (C.). Este relato também ilustra a perpetuação da pobreza entre as gerações. C., assim como as outras mulheres que encontramos, tem procurado mudar esta história e, para isto, procurou ajuda do CRAS. Atualmente está recebendo o benefício vindo do PETI, pois até pouco tempo atrás, seus filhos a auxiliavam na coleta e seleção de materiais recicláveis.

Importante destacar que, algumas mulheres, quando indagadas em relação ao que prefeririam entre receber o benefício ou trabalhar fora de casa pelo mesmo valor, afirmam com veemência que prefeririam a segunda opção. “*Porque daí tu ia, ia conhece novas pessoas, tu ia, não vindo só aqui, claro que aqui a gente conhece pessoas, que nem tu, a gente conhece. Mas ia ser um dinheiro suado, tu ia ter mais valor naquele dinheiro. [...] é diferente!*” (I.). A ideia de que o dinheiro suado vale mais é recorrente e revela que a importância do trabalho ultrapassa a questão financeira, elevando-o a um lugar socializador em suas vidas.

Em várias entrevistas ele, o trabalho, é associado a uma forma de sair de um ambiente opressivo que configura, em geral, a vivência quase que exclusiva na e para a família. “*Aí quando eu fui trabalha, de volta, depois de 10 anos, eu fui trabalha no comércio de novo. Ai foi a melhor coisa da minha vida. Sabe? Aquela coisa assim, trabalháaa! Tu conhece gente diferente. Ai eu conheci uma colega assim, que era vaidosa, coisa sabe. [...] vamo faze um passeio, vamo pro*

*shopping. Ela fez quase eu estora os limite dos meus cartões, sabe. [...] Mas comprei bastante roupa, aí eu me pintei, fiz sobancelha, cortei o cabelo[...] Porque eu tava o que? Auto-estima baixa. Tava acostumada com aquele pouco. E eu não era com aquilo, eu me frustrava.” (T.).*

Mas, encontrar um trabalho é quase sempre um grande desafio. Muitas delas relatam as inúmeras exigências que os empregadores fazem. Solicitam experiências, comprovantes que não, necessariamente, expressam a verdadeira capacidade da pessoa em realizar a atividade. Ou seja, de algum modo, sentem-se injustiçadas e incompreendidas em sua situação: *“Hoje tu vai, tu precisa de experiência, tem que te estudo de primeiro e segundo grau e eles não sabe a dificuldade que a gente passa. O passado da gente atrás.” (I.).*

Neste sentido, dados recentes do IBGE (2010c) confirmam as reclamações das pesquisandas, mostrando que há relação entre o rendimento familiar e o acesso ao sistema educacional. Embora, segundo o estudo, as desigualdades estejam diminuindo no que se refere ao acesso ao sistema educacional, o nível de rendimento familiar ainda é fonte de desigualdade importante, sobretudo nos níveis não obrigatórios<sup>57</sup>.

c) *À la miguelão*: vidas sob o signo do esquecimento e/ou abandono

Muitas são as histórias de estigmas e exclusão nas vidas destas mulheres. Desconfianças, preconceitos, pré julgamentos e descaso social, são marcas constantes em seus cotidianos. A dor que sentem fala deste afastamento de uns em relação à outros, do cuidado de uns em detrimento de outros: *“Xeripá, como a gente diz né? Xeripá é aquele que não tem nada. Tem um xeripá aí, dois três que não tem nada aí. Aqueles que tão bem arrumados, tão cuidado [...]. E os outros tão lá, sentando num canto, com o filho morrendo nos braços e vai ser o último a ser atendido.”(J.).* E, ainda: *“Então porque pra lá tem os colégio bom, as professora e aqui não? Então aqui os pessoal vivem, assim, a modo miguelão, como dizem, né?” (V.).* No primeiro caso, J. conta a história sofrida de quem perdeu seu filho na fila de espera por atendimento em um hospital; no segundo, V. compartilha sua indignação com o sistema de ensino que não consegue lidar com

<sup>57</sup> Entre 1999 e 2009, diz o estudo, a educação infantil, ou seja, aquela que vai de 0 a 5 anos de idade, foi o nível de ensino que mais cresceu em termos de frequência, porém entre os mais ricos. Já na faixa de 6 a 14 anos, o ensino fundamental, o acesso à escola foi praticamente o mesmo em todos os níveis de rendimento (97% em média). E na faixa dos 15 a 17 anos e 18 a 24, a diferença entre os pobres e ricos volta a se acentuar, sendo que entre eles, 1,9% dos jovens nesta faixa etária dos 15 a 24, o que equivale a 647 mil, são analfabetos (número que se concentra sobretudo no nordeste e sudeste).

seu filho por este ter necessidades educacionais especiais. Duas vidas que ocupam espaços quase que invisíveis.

E os relatos de descasos, agora associados a desprezos, continuam: *“A gente vai pro banco e tu vê a diferença das pessoas te olhando daquele benefício. Tu vê o jeito que eles te olha: bá elas são nova e tão no benefício.”* (I.). Humilhações, pré julgamentos, distanciamento. Este parece ser o caminho para o esquecimento e anulação do direito de viver de alguns: *“[...] eles humilha a gente, eles humilham. Hoje eu vejo, quando eu vejo uma criança na sinaleira, ou pedindo, eu choro. Porque aquilo ali tudo eu passei. Eles tocarem garrafa, com xixi na gente, toca barro, tudo aquilo ali que eles tão passando, eu já passei.”* (C.); *“[...]até parece que tu tem uma doença contagiosa. Sei porque tem pessoas que já dizem que tem doença contagiosa.”* (V.).

Contudo, algumas delas percebem que ocupam um lugar nesta sociedade, pra além da esquecimento e abandono: *“se a gente precisa do serviço, ao mesmo tempo eles precisam da gente pra faze o serviço.”* (L.). De fato, L. tem razão em afirmar esta interdependência. Suas palavras ilustram a dialética da inclusão/exclusão, que, conforme Sawaia (1999), geram subjetividades específicas, desde sentir-se incluído até o sentir-se discriminado, revoltado. Importante lembrar que tais subjetividades não são explicadas apenas pelas condições econômicas. *“Eu acho assim, quem é pobre não tem tanto, tanto lugar na sociedade. Tem lugar que tu é rejeitado, depende como tu entra. [...] Acham que tu é ladrão, que tu é pobre, que tu não precisa. Eles tem diferença.”* (I.). É um conjunto muito mais amplo de de ações e mensagens cotidianas que legitimam social e individualmente, manifestando-se na identidade, na sociabilidade, na afetividade, na consciência e, mesmo, na inconsciência dos sujeitos. Exemplo disto vemos nos relatos que se seguem.

#### e) *Eles não acreditam em nós*: marcas da desconfiança

Vimos em um outro momento que o trabalho, para algumas das pesquisandas, é motivo de orgulho, de reconhecimento da sua existência em sociedade, mas nem sempre é assim. Vários foram os relatos, normalmente em atividades ligadas a faxina, em que as pessoas, os patrões, faziam o “teste da confiança”: *“Isso aí em duas casas que eu trabalhei fizeram esse teste. Deixaram o dinheiro, né, uma quantia de dinheiro, né, e aí depois vinham e contavam.”* (R.). Tais testes, junto à outras experiências, geraram marcas na forma como essas mulheres se relacionam com o meio e com o outro: *“Eu tava fazendo a faxina tranquila, limpando as coisas, tirando o pó, limpando*

*direitinho. Ai quando chego ali e dou de cara com a carteira do patrão, bom quase desmaiei, né? [...] Eu fiquei baratinada no meio da casa, meu deus, pego ou não pego a carteira do chão? [...] Eu peguei um guardanapo, um guardanapinho que eu tava limpando as coisas. Peguei a carteira com o guardanapo, não com a minha mão, peguei a carteira com o guardanapo e coloquei a carteira em cima da, de uma cristaleira muito bonita que ela tinha [...] porque eu tinha a impressão que eu ia [risos], que aquela carteira que eu tava pegando ali, sei lá, que fossem dizer que tinha faltado alguma coisa ali sem eu mexer. E tava o sinal das minha mão na carteira, era isso que eu pensava [risos]. Chorei tanto naquele dia da carteira, ai, como eu chorei. [...] O homem olhou a carteira e tudo.. olha que deus te abençoe. [...] Eu não aguentava, meu coração parece que disparava. Eu tinha a impressão que me iam me acusa que eu tinha roubado aquele [...].” (J.)* J. tem marcas profundas da exclusão, de estigmas da desconfiança, e diz não conseguir mais se relacionar com pessoas que não sejam “iguais”, em um sentido socioeconômico, a ela. Algo mudou dentro de si, disto não se tem dúvidas. De fato, a exclusão é um processo multifacetado, que agrega dimensões materiais, políticas, subjetivas, etc.

Contudo, é interessante observar que, para que este processo exista, é necessário a sua contraposição, ou melhor, a exclusão somente existe em relação à inclusão. E, como sabemos, a via de acesso tradicional para estar e sentir-se incluído, na sociedade capitalista, se dá pelo consumo. Contudo, isto também não é simples para estas mulheres, ainda que tenham aquilo que, aparentemente, seria o necessário: o dinheiro. *“Tu vai num mercado, se tu ih assim eles não te tratam bem, assim desse jeito que eu tô. Se tu ih assim, eles vão te trata bem, te olham com outra cara, né. Eu já cansei de chega em loja, com dinheiro, com salário do meu bebê, tudo, e quiere um microonda à vista, que eu gosto de compra as coisa à vista, mesmo que eu me rale no final do mês. E a pessoa olha pra mim, 'ah, mas espera só um pouquinho, vô atende lá o outro'. Então é ruim, né, eu acho que eles deixam um pouco a pessoa também é pela roupa, também, pelas coisa, né. É muito excluído, pessoa pobre. Eu acho assim. Não sei se tu entendeu?” (V.)* Não poderem entrar em shoppings, em supermercados, em festas, é parte de seus cotidianos. Ou, se entram, são observadas. *“A senhora ta bem arrumada. A senhora tá lá no Zona Sul, que é mercado que mais vai os pobres. A senhora tá bem arrumada, tem um lado que tá só classe média, ou classe alta. E do lado de cá, ou ali tem, ou pra cá entra um mais pobre. Lá onde tá a classe média não tem nenhum segurança por perto. E onde tá a classe pobre o segurança tá atrás. Só não jogam pra rua, porque é prejuízo pra eles [...]e como a senhora acha que a gente se sente de vê os outros ali,*



*compra, escolher o que querem ali, e chegar ali e não tem ninguém atrás deles pra vigiar o que eles estão fazendo. Ai vou lá compro meu arrozinho, meu feijãozinho e o segurança atrás de mim. Vô chega lá, eles gastaram 500 real e eu 100 pila, lá... a gente se sente humilhado.” (J.). Barradas pela roupa rasgada, pela falta de dentes, pelos cabelos sujos, pelo cheiro: aparências suspeitas, dignas de desconfiança, aos olhos do outro.*

#### f) Pobreza: onde o social e individual se encontram

Até aqui vimos que a condição de pobreza vivida pelas mulheres entrevistadas é enunciada desde uma perspectiva socioeconômica, ou seja, enquanto “falta”. O pobre é aquele que em algum momento “passou dificuldades”, está destituído de bens materiais importantes para o cotidiano e do acesso à serviços essenciais. Falta dinheiro, comida, trabalho, reconhecimento social, confiança, etc. Mas e porque tais situações ocorrem?

Nos seus discursos há uma espécie de interconexão que vincula a realidade socioeconômica vivida com motivos sociais e individuais, por exemplo: *“é que as pessoas vão se desmotivando da vida e depois não tem... Aaah! e tem muitas pessoas que gostam que as pessoas sintam pena. [...] Tem que quere. Se tu fica aí parada, 'ah, não sei faze nada!'; 'minha vida é uma porcaria!'; 'ah perdi o marido!'; 'to desempregada!'; 'meus filho...!'; 'ah, um dá uma coisa, outro da outra, tá bom, tá bom, não tô morrendo de fome, tá bom!'. Tá e aí? Nem sempre as pessoas vão tá pra te dá as coisas. Ou então te dão e te atiram na cara.” (T.).* Isto nos conduz ao próximo item, que aborda os aspectos morais e culturais do conhecimento sobre a pobreza.

### 4.4.2 A pobreza sob o ponto de vista moral/cultural

#### a) *Sou feliz na pobreza*: modos de lidar com a dificuldade do cotidiano

Algumas mulheres após descreverem as situações de sofrimento, dores decorrentes das experiências (já abordadas anteriormente) vividas por elas e suas famílias, e questionadas se se consideravam pobres, respondiam de forma enfática que não, jogando a realidade para outro lugar. *“[...] pobreza.. eu ainda digo que não estou na pobreza. Pobreza são aquelas pessoas que não, que ficam ali esperando pelos outros. A gente é pobre assim no sentido de tu querer um, ter as coisas. [...] Que pobreza é aquela coisa de não te o que come, tu fica ali parada às vezes dependo dos*

*outros. Isso aí é uma pobreza.” (I.). Ou então: “Ah! Pobreza, pra mim, pobreza, eu me considero, eu só só pobre. Ah, mas pobreza pra mim é aquelas que não tem nada, aquelas pessoas que moram lá debaixo da ponte, aí embaixo. Isso são pobre, miserento. São miserável, até. Isso é pobreza. Pobreza pra mim é a pessoa assim ó, pessoa pobre de espírito, pobre de auto-estima, que não tem perspectiva de vida pra fazer alguma coisa. Isso é se pobre.” (T.). E ainda: “Eu até agora não posso dizer que já tive, que já passou isso por mim. Que nem casos que às vezes aparece na TV, aquela gente da África. Pra que mais judiado do que eles são?” (R).*

Em outro momento aceitavam a categoria “pobre” para auto defini-las, porém quase que automaticamente, buscavam associar à pobreza à riquezas, seja de espírito, de saúde, de paz. *“Mas, pobre a gente é num sentido, e rico na felicidade. Na alegria, a gente é mais, mais alegre que o próprio rico. O rico tá sempre com alguma dificuldade, de doença. O pobre também passa, mas a gente tem mil e uma vantagem do que um próprio rico. Eu sou feliz, com meus filhos. Apesar de tudo o que eu passo. Sou rica na alegria, porque não deixo falta pros meus filhos. Tem rico que tem dinheiro, mas a doença. Não..., não tem dinheiro que pague.” (I.).*

Já em outros casos, a dor associada às experiências de pobreza são tão presentes que para suportá-las cotidianamente, o melhor é negar: *“Como eu tenho um monte de problema, perguntam pra mim, tu é feliz? Sou feliz! Nunca digo que não sou feliz, nunca digo que tá mal as coisas, tá sempre bem, posso tá ruim, mas tá sempre bem. Então tu diz que tá tudo errado, por tudo, sempre traz o lado negativo pra dentro da tua casa. Então eu digo eu sou muito feliz, apesar dos meus problema eu sou muito feliz.” (C.).*

Neste ponto em especial fica em aberto uma questão teórico-prática: qual é o papel da experiência na construção das RS? Mas, atenção, não estamos aqui querendo afirmar, nem mesmo levantar como possibilidade, que a vivência, ou o sentimento junto a ela, distorça a apreensão da realidade, que forme um tipo de conhecimento falso. Ao contrário, queremos sinalizar que a vivência – ou seja, o modo pelo qual as pessoas sentem uma situação e a elaboram, via trabalho psíquico e cognitivo, os sentimentos positivos ou negativos da situação (Jodelet, 2006) – pode constituir formas particulares de acomodação do conhecimento que não se constituem enquanto erro, mas sim, como um conhecimento contextualizado.

b) *Sou pobre, mas limpinho e honesto*: o cumprimento das expectativas sociais

Sabemos que as RS preservam em si alguns elementos estáveis e outros dinâmicos. Mitos e tradições, por exemplo, tendem a produzir um sistema de significação mais estáveis que remetem a motivações do passado, daquele que lhe transmitiu. São formas de conhecimento que fornecem lentes para compreender e manter dimensões da vida humana de modo que, de algum modo, conforta e tranquiliza determinado grupo humano (Jovchelovitch, 2008). E, neste sentido, identificamos entre as pesquisandas, alguns destes elementos: *“Acho que a gente tem que se pobre, sim, mas se caprichoso, né. Porque a minha mãe sempre ensinou a gente assim 'ah, pior defeito é ser pobre e porco', então tem que se caprichoso, porque atrai miséria, isso e aquilo. Eu sempre me criei assim, sabe. Daí, mas pra mim eu não só muito de me cuida, da aparência, só mais mesmo de tá limpando a casa [...]. (V).*

É comum transmitirmos valores e práticas para os filhos semelhantes ao que aprendemos dos pais. O conjunto de valores morais, por exemplo, também enquanto um elemento da tradição, parece ser uma espécie de legado “concreto” que se tem para ser deixado, como já observado por Maciel & Grillo (2009). *“O que eu tô falando aqui, eles falam também. Eles dizem 'ó, a gente passo muito trabalho, muita fome, mas minha mãe nunca incentivou que a gente rouba nada de ninguém, minha mãe nunca incentivou nós se passa com os mais velho', sabe? Tudo as coisas boa, sabe?” (S).*

A maior decepção das mulheres-mães que entrevistamos é quando um dos seus filhos sai da “linha”: *“Eu trabalhei na prefeitura, trabalhei de carroça, de ferro velho, tudo isso. Sempre tem um meio, né. Se não tem. Eu não tenho vergonha, já trabalhei com papelão, com ferro velho, sabe, mas tá trabalhando é um dinheirinho honesto, né. Então é por isso que... meus filhos... eu me criei assim, não adianta. Eu fui criada assim. Fui criada na lavora, eu não aceito sujeira. É brabo né. Eles na rua... dia das mãe, natal, ano novo, tudo, eles na rua passando... (silêncio, choro).” (A).* A dignidade do sujeito, neste sentido, significa escapar das armadilhas do mundo das drogas e da violência. A conduta tranquila deve estar sempre associada à “condição de trabalhador honesto e digno, pois é o melhor antídoto à conduta violenta e agressiva da bandidagem” (Maciel & Grillo, 2009, p. 248).

c) Riqueza na pobreza: onde o individual se afirma

A pobreza, neste momento, parece ser reconhecida enquanto um problema individual, pois está relacionada ao desejo e a ação de cada um em mudar de vida. *“É isso que eu acho, assim. Tem, só tu quere. Todo mundo é pobre aqui, mas é só tu adquiri também [...] eu não tinha nada, eu morava em duas peça e hoje eu tenho quatro, por causa dos meus filhos. Tudo eu consegui, daqui ou dali.” (I.)* Ou, então: *“[...]eu acho que a pobreza é uma coisa que existe dentro de cada um. Eu acho, eu acho assim.”(Grupo).*

Mas, ainda que pensem assim, explicações precisam ser encontradas para as inúmeras dificuldades do cotidiano. *“Porque muitas vezes tu pode entra dentro de uma loja, dentro de um supermercado, tu pode se pobre sim, às vezes pode existi aquele preconceito tanto racial, como discriminial, de tu não te uma conta bancária, de tu não te, mas eu acho que isso aí não tem nada a vê. É a minha, é o meu modo de vê. Porque muitas vezes, às vezes a pessoa é rica, mas ela é pobre de espírito, sabe”(Grupo).* Ser pobre em um certo sentido, faz com que sejam ricas em outro: *“então muitas vezes o pobre ele é às vezes bem mais feliz que as pessoas de classe alta. Muitas vezes tem pessoas, como é no caso, uma suposição... muitas vezes tem gente que tem dinheiro, mas que tem um filho deficiente. Tem um marido com um problema, tem um câncer, tem uma coisa.”(Grupo).*

Reconhecidas as diferenças entre as classes, agora é preciso ancorar a percepção em outros saberes e, aqui, as instituições religiosas contribuem ativamente: *“Na realidade todo mundo nasce pobre.[...] Todo mundo nasce pobre. **Porque ninguém nasce com um cartão de crédito no bolso.** [...]A vida, deus dá pra gente e é a gente que faz ela, não é? Se tu trabalha, tu subi, tu progredi, hoje tu tá numa favela, amanhã tu tá melhor que o teu vizinho. E será que daí tu vai te lembra que um dia tu moro? Tem muitas pessoas que não se lembram que moro numa favela, que teve um vizinho pobre. Eu acho que é isso.. eu penso assim. A pobreza é uma coisa que tá dentro da alma da gente. [...] é a verdade. Isso tá escrito na bíblia e nos livros espírita. A gente não nasce com cartão de crédito. A gente é que faz as coisas.”(Grupo).*

O arrependimento e a culpa por não ter seguido os conselhos familiares surge na sua fala e conta que se tivesse estudado e trabalhado conforme lhe diziam, hoje ela não precisaria estar ali. Mas, mesmo que estivesse em uma condição melhor, diz ela,: *“eu ajudaria os pobre. Eu*

*ajudaria mesmo. Porque eu sei que tu ajudando o próximo, tu tá ajudando a ti mesmo, não é? [...]. Então às vezes deus dá tudo aquilo ali pra ti, mas aquilo é uma provação. Depois, da outra vez que tu vem, tu vem mais miserável do que tu é, entendeu? Isso aí faz parte do teu desenvolvimento, da tua vida, do tempo que vai passando. Tu tem que passa isso aí pros teus filhos.[...]*” (Grupo). E aqui vemos mais uma vez o papel que a crença religiosa ocupa, legitimando, de algum modo, a ideia de que a estrutura social depende de fatores alheios à sociedade.

Frente a este conjunto de informações, elaboramos uma figura (Fig. 02) que, aos nossos olhos, pode ilustrar as RS da pobreza, em especial as duas dimensões presentes em sua estrutura.



Fig. 02<sup>58</sup>: Representações sociais da pobreza

<sup>58</sup> Figura semelhante foi anteriormente desenvolvida por Rubi, M. E. O. (2003). Studio della povertà in Messico. Rappresentazioni sociali e credenze. In: Ida Galli (a cura di). *Le dimensioni psicosociali della povertà: un'analisi cross-culturale*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane.

#### 4.5 Qué fugi do problema, mas acaba arrumando outro: a reprodução dos laços sociais

Considerando o fato de que as representações formam sistemas de interpretação da realidade e que estes orientam as relações do sujeito com o seu ambiente físico e social – influenciando seus comportamentos ou suas práticas (Abric, 1994) – consideramos importante olhar, mesmo que rapidamente, para o impacto que as RS da pobreza (trabalhada no item anterior) pode ter na formação dos laços sociais<sup>59</sup>, focado apenas nos laços familiares.

As informações que tivemos acesso, a partir das entrevistas e do grupo, nos mostraram muito mais do que foi possível abordar até aqui. Foram histórias de infâncias sofridas, de trabalho infantil, de mães jovens, que casam cedo, muitas vítimas de violência doméstica. Vidas que se tornam circulares, na medida em que elas saem de uma *“fria para entrar em outra”*, ou seja, *“a gente qué fugi do problema, mas acaba arrumando outro”* (R.).

Não tem como negar, a maternidade, neste sentido, ocupa um papel determinante. Poucas, muito poucas mulheres, pensam que poderiam não ter tido filhos. É quase que um destino engravidar. A maior parte delas, das entrevistadas, tem no mínimo três crianças. E são por elas que suas vidas giram, ou seja, elas, de um modo geral, manifestam grande orgulho em mostrar que estão conseguindo dar às suas crianças o que não tiveram. É quase como se tivessem uma segunda chance em suas vidas, principalmente quando os laços com suas famílias de origem estão desgastados e/ou rompidos: *“eu pensava assim, já que eu não tive infância, não tive alegrias na minha vida quando eu era mais nova, eu poderia te alegria, felicidade com os meus filhos como hoje eu tenho, né. [...]Final de semana a gente vai pro rio, tomamo banho, eu vendo o material, [...] compra sorvete, picolé com eles, jogo bola, uma família normal, né, e que coisa mais boa que tem, eu me sinto muito bem assim, né.”*(S.).

Este é o modelo clássico do que é ser mulher em nossa sociedade. Tradições e ideologias que mantêm tais pensamentos e que, de algum modo, são reforçadas pelas políticas

---

<sup>59</sup> Tanto a sociologia, como a psicologia, sabe que a vida em sociedade coloca o ser humano, desde antes de seu nascimento, em uma relação de interdependência com os outros. Esta dimensão é muito mais profunda do que a questão de sobrevivência, ela está ligada à necessidades de reconhecimento e de construção da própria identidade (Paugam, 2010) e se chama laço social. Serge Paugam (2008), neste sentido, propõe uma tipologia sobre os laços em função das formas de proteção e de reconhecimento, o que nos parece interessante para os fins deste estudo. Evidentemente que alguns ajustes, quando aprofundado o debate, deve ser feito, pois a tipologia descrita por ele está delineada a partir de uma outra realidade social.

sociais na medida em que é esta mesma mulher que se torna responsável pelo recebimento dos recursos e pela prestação das evidências, como frequência na escola ou carteira de saúde, de cuidados para com as crianças<sup>60</sup>.

A pesquisanda S., conta que agora sua vida está ficando boa, mas que antes, no primeiro casamento, sofreu muito, ilustrando os vários casos de violência doméstica que encontramos nas entrevistas. Evidentemente que isto não se associa de modo direto a pobreza; o que se associa é como lidar com tais situações. S., por exemplo, para poder sair de casa, ou melhor, para fugir do marido, jogou azeite quente sobre o corpo dele, para poder correr. Passou meses em uma instituição e, depois, alguns anos se escondendo em diferentes comunidades, com muito medo de encontrá-lo. Os recursos para romper com as situações opressivas são escassos, mas, ainda assim, ela conseguiu e hoje sonha: *“eu creio que, que depois eu não vou precisar mais [bolsa PETI]. Porque tu tem que pega o dinheiro e tem que sabe administra, né. Não adianta tu pega mil, dois mil por mês e tu não faz nada com aquele dinheiro. Tu vai entra, tu vai te aquele dinheiro, e tu vai te um objetivo, ó! É pra aquilo, aquilo, aquilo que eu vou fazer. Que nem meu sonho, meu sonho é que assim, que aí eu posso vende e meus filhos têm, é uma frutera. Entendeu? Que aí eu posso vende, é uma fonte de renda. Meus filhos vão ter pra come e eu vou ter pra vende. Aí não vai mais falta pra eles, né. Aí depois que eu fizé, ajeita minha casa, fizé tudo o que eu tenho pra fazer, eu vou investi numa frutera. Eu vou investi numa frutera.”*

Para finalizar, apenas uma lembrança: a pobreza é um fenômeno dinâmico e multidimensional, com particularidades específicas, conforme o contexto onde ela se situa. Vimos, pelo relato e retrato das entrevistadas, que estamos diante de uma concepção que ultrapassa a questão da renda. É preciso considerar também outras características – sociais, culturais e políticas, por exemplo – para defini-la e compreendê-la. A situação pode perpassar diferentes níveis e espaços: da fome às condições existenciais (subjetivas), e destas condições às rupturas das relações de sociabilidade (Carmadelo, 2009).

---

<sup>60</sup> Não estamos sugerindo, com esta rápida observação no texto, que mereceria – e merece – ser melhor desenvolvida, que tais mulheres não devam ter filhos e se ocupar deles. Estamos trazendo para o debate a primeira reação que uma das integrantes do grupo teve, ao ser questionada, o que vinha na cabeça ao pensar em pobreza. Ela disse: *“porque que que o pobre tem um monte de filho?”*; a resposta de sua colega: *“porque é bom”*.

#### 4.6 Referências bibliográficas

Abric, J. C. (1994). Les représentations sociales: aspects théoriques. In: ABRIC, Jean-Claude (dir.) *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Puf.

Carmadelo, A.M. (2009). A significação da pobreza a partir dos sujeitos que a vivenciam. *Tese de Doutorado em Serviço Social*, Fac. de Serviço Social, PUCRS. Orientador: Carlos Nelson dos Reis.

Demo, P. (2005). *Dureza: pobreza política de mulheres pobres*. Campinas: Autores Associados.

Guareschi, P. (2010). Representações sociais, mídia e movimentos sociais. In: Pedrinho Guareschi, Aline Hernandez, Manuel Cárdenas (Org.). *Representações sociais em movimento: psicologia do ativismo político*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

IBGE (2010a). PNAD – Segurança alimentar 2004/2009. Comunicação Social, 26 de novembro de 2010. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impresao.php?id\\_noticia=1763](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1763)

IBGE (2010b). PNAD – Segurança alimentar 2004/2009. Documento integral. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/seguranca\\_alimentar\\_2004\\_2009/pnadalimentar.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/seguranca_alimentar_2004_2009/pnadalimentar.pdf)

IBGE (2010c). Síntese de indicadores sociais 2010. Comunicação social, 17 de setembro de 2010. Disponível em : [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1717&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1)

Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Vozes.

Jodelet, D. (2006). Place de l'expérience vécue dans les processus de formation des représentations sociales. In: Valérie Haas. *Les savoirs du quotidien: transmissions, appropriations, représentations*. Rennes: Pur.

Jodelet, D. (2007). Représentations sociales: un domaine en expansion. In: Denise Jodelet. *Les représentation sociales*. (dir.) Paris: Puf.

Jovchelovitch, S. (2008). Os Contextos do saber: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes.

Maciel, F.; Grillo, A. (2009). O trabalho que (in)dignifica o homem. In: Jessé Souza (org.). *A Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

MDS (2011). Site institucional. Acesso em 09 de jan. <http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/noticias/2011/janeiro/mds-coordenara-comite-gestor-de-aco-es-de-combate-a-miseria>

Moscovici, S. (2003). *Representações sociais. Investigações em psicologia social*. Petrópolis:



Vozes.

Moscovici, S. (2008). *Introduction: le domaine de la psychologie sociale*. In: Serge Moscovici. *Psychologie sociale*. Paris: Puf.

Paugam, S. (2010). Lien social. In: Serge Paugam. *Les 100 mots de la sociologie*. Paris: PUF.

Paugam, S. (2008). *Le lien social*. Paris: Puf.

Romão, J. E; et al. (2006). Círculo epistemológico círculo de cultura como metodologia de pesquisa. *Revista Educação & Sociedade*. N° 13. Universidade Metodista de São Paulo.

Rubi, M. E. O. (2003). Studio della povertà in Messico. Rappresentazioni sociali e credenze. In: Ida Galli (a cura di). *Le dimensioni psicosociali della povertà: un'analisi cross-culturale*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane.

Simmel, G. (2009). *Le pauvre*. Paris: Éditions Allia.

Souza, J. (2009). A má-fé da sociedade e a naturalização da ralé. In: Jessé Souza (org.). *A Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

***Quinta história: quando a doença é fruto do descaso social***

*Estava em um dos CRAS aguardando algumas pesquisandas chegarem para a realização das entrevistas, quando a secretária abriu a porta para chamar a assistente social. Olho naquela direção, onde ficava a sala de espera, e vejo uma mulher obesa, de aproximadamente 50 anos, rosto sofrido, com expressão de dor. Caminho em sua direção. Sentada em um banco, contava para as pessoas que ali estavam o que tinha lhe acontecido. Seu pé, muito inchado, estava envolto em um tecido e uma sacola plástica de supermercado. As ruas estavam embarradas e este era o único jeito de protegê-lo, dizia.*

*A assistente social chega na sala e ela conta novamente o que lhe aconteceu, mas desta vez segura o chinelo na mão para mostrar: “é que eu tô só com esse chinelo, daí esses dias arreventô aqui, nessa tira, e eu coloquei um preguinho embaixo pra segura. Daí foi, foi que esse preguinho furô meu pé e agora ele ficô desse tamanho. A senhora qué vê como é que tá?” “Não, não precisa mexer”, respondeu a assistente social. “E será que a senhora me consegue umas passage de ônibus pra ih no posto vê o médico?” Ela estava sem dinheiro e sem condições de caminhar.*

*A assistente social, que havia saído de uma reunião para atendê-la, diz que sim e rapidamente se retira para pegar o que havia sido solicitado. Enquanto isto, converso com ela e fico sabendo que ela tem diabetes. Talvez por isso, segundo o que o vizinho lhe disse, é que o “buraquinho não tá cicatrizando”. Recebido as passagens, ela agradece e, em seguida, sai, mancando e sozinha em direção ao posto de saúde da região.*

## 5) *Será que eu atirei pedra na cruz? Pobreza e identidades em tensão*

### Resumo

Neste artigo procuramos refletir sobre os impactos do sistema capitalista neoliberal na produção subjetiva daqueles que carregam a marca de estar na condição de pobreza socioeconômica. Para efetivar esta reflexão partimos das especificidades do cotidiano de uma mulher. Através de suas atividades, de suas condições materiais no mundo e da expressão de seus sentimentos, estabelecemos um diálogo que extrapolou a perspectiva de uma história pessoal. Revelou, entre outros aspectos, a dor existencial decorrente da experiência de ocupar lugares de pobreza na sociedade contemporânea.

Palavras chave: pobreza, neoliberalismo, identidade social

### 5.1 Introdução

Que "sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo[...]"  
(Marx, 2006a, p. 28).

Este artigo aborda a história de uma mulher. Seu nome? Maria, Maria mãe, filha, mulher; Maria trabalhadora, embora desempregada; Maria consciente e, talvez, por isso deprimida; um tipo de *Maria que tenta não ir com as outras*<sup>61</sup>. Em seu relato, como veremos em seguida, há marcas de um tempo – passado-presente-futuro – em que a desigualdade e exclusão social se

<sup>61</sup> A expressão popular “maria-vai-com-as-outras” costuma ser empregada para indicar pessoas sem convicção do que fazem, com pouca vontade própria ou, até mesmo, sem coragem para defender suas opiniões, seus posicionamentos. Deixam-se levar facilmente pelos outros.

afirmaram como a lógica principal de um sistema socioeconômico falido, ao menos aos seus – e aos nossos também – olhos. As feridas e cicatrizes estão visivelmente em seu corpo, no seu psiquismo, naquilo tudo o que comunica e interage. Talvez por isto Maria tenha pensado tantas vezes que já não há mais sentido manter sua vida, ao menos não daquele jeito: uma vida que está aí porque está, ou seja, esquecida por quase todos.

Maria faz muitas perguntas, mas encontra poucas respostas. Ou melhor, ela tem as respostas, porém as justificativas não lhes são convincentes. Às vezes sofre calada; outras vezes quer gritar e grita, mas sua voz já não existe mais, está rouca, a gastou e ninguém a ouviu. Ela pede por ajuda, chora, procura por seus direitos, mas está cansada, exausta, para ser mais precisa. A quem se unir? Vale a pena lutar, se as lutas estão perdidas muito antes de começarem? Maria, assim como tantas outras e outros, sofre por se sentir insignificante no mundo.

Como compreender uma situação desta natureza? Os manuais de doenças mentais são claros e objetivos: se Maria apresentar os sintomas “x” mais “y”, o diagnóstico terá um nome: Maria será portadora de certo problema mental e precisará ser tratada. Uma internação clínica psiquiátrica, meses com psicotrópicos e psicoterapia a ajudarão vencer seus problemas, ela se sentirá novamente feliz, readaptada ao mundo. Poderá voltar ao trabalho, terá de volta sua rede de amigos e familiares que outrora se afastaram por não aguentarem suas recorrentes reclamações. Maria estará pronta para ir com as outras!

A história de Maria até poderia ser assim, mas não é. E não por opção, por achar este caminho equivocado. Muito longe disto. Convido o leitor, portanto, para olhar mais de perto a história desta protagonista, para ver quem é esta mulher – que também nos habita –, produto/produtora do meio em que vivemos. Contudo, já sabemos: ao analisar um sujeito, um grupo ou a própria sociedade, estamos em qualquer um dos casos, analisando relações. Isto porque não há um ponto que possa ser isolado para então o analisarmos com uma lente específica. Há sim uma totalidade, “um conjunto de partes articulado, conectado, onde a relação entre as partes altera o sentido de cada parte e do todo” (Prates, 2003, p. 87).

Este artigo é estruturado e desenvolvido através do diálogo com uma usuária dos programas de Assistência Social. Partimos de um “sujeito concreto”, de suas atividades, de suas condições materiais no mundo e de seus sentimentos: *Tenho família, mas não tenho. Tenho uma casa, mas não tenho [...]O quê que eu tenho de meu? Só a vida, que é uma porcaria de vida.* E é

com ela que seguimos nossa reflexão sobre os sujeitos, sobre os grupos, sobre as sociedades que insistem em (re)produzir a miséria nas relações humanas.

## 5.2 Viver dói

Encontro com nossa protagonista em um Centro de Referência de Assistência Social de Porto Alegre/RS. Não é um dia como qualquer outro. Hoje ela conseguiu juntar forças para cumprir um compromisso consigo: participar das atividades especiais em comemoração ao Natal, realizadas pelo Centro. Nem sempre ela ousa sair de casa e relacionar-se com os outros. Vejamos o porquê.

Maria é uma mulher de 54 anos, aparência envelhecida, olhar triste. Logo que iniciamos a conversa ela me conta que é separada, não tem nenhuma renda, quebrou o pé no ano anterior, precisa pagar passagem e perdeu uma filha assassinada. Esta filha tinha cinco filhos e há dois anos é ela quem os cuida. Contudo, recentemente o seu genro a procurou para retirar a guarda das crianças e, não tendo mais tais crianças sob sua responsabilidade, agora está ameaçada de perder o recebimento do benefício, sua única fonte de renda. Está *sem eira nem beira*. E questiona [...] *porque tudo o que eles tem pra dá é pra quem tem criança ou mais de 60, 65? Então na minha idade a pessoa não existe? Não tem nenhuma dificuldade?* .

Em sua história há muitas feridas incuráveis: *eu tinha uma vida mais ou menos, eu tinha meus dois empregos, eu tinha. Depois que mataram meu filho em 2003, depois que mataram meu irmão mais moço e meu afilhado que morava comigo e que, em 2007, mataram minha filha, aí eu entrei em depressão, tentei me matar duas vezes [...]*. Acabou perdendo os empregos e ainda foi acusada de os ter “abandonado”, mas seu estado emocional a impedia de seguir a diante. Ao longo deste período, começou a tomar medicamento antidepressivo, mas *o médico me dá as receitas e elas ficam na gaveta, né?! Porque eu não tenho dinheiro*.

Atualmente Maria mora em uma casa de dois quartos, que abriga sete pessoas (ela, duas filhas e quatro netas). Num dos quartos dorme uma das filhas com suas três filhas. No outro, ela com uma neta. E na sala, o sofá vira cama para a sua outra filha. O espaço é pouco e o dinheiro menor ainda. Suas filhas trabalham, mas seus salários são muito baixos. De fato, a habitação de pobre, como já lembrava Marx (1993), se dá em troca de suor e sangue. Maria sabe que ali não é o seu lar, não aquele que gostaria de ter. Ela sabe também que corre riscos, seja pela falta de

pagamento dos impostos, como falaremos mais tarde, seja pela sua situação frente a uma dinâmica de violência que já a levou muitas vidas. Ela está só neste emaranhado e reclama da atitude de seu ex marido: *ele não ajuda nada, só vai lá pra me pisá, me humilhá. Porque daí ele começa a dizer "eu ganho tanto", que ele isso, que ele faz aquilo, tipo assim: "eu tô podendo e tu tá por baixo".* Sim, nossa protagonista sente-se explorada materialmente e simbolicamente e a denuncia.

As lembranças do passado-presente são doloridas e, pior, elas se misturam, se repetem. Histórias vividas na sua infância se atualizam no presente, na vida das suas filhas e netas, marcando o futuro a ferro e fogo, na carne. Está desamparada, em um limite muito tênue entre querer viver e morrer. Nossa protagonista está sob os “efeitos da precariedade”, que leva o sujeito à auto-exclusão ou auto-alienação do mundo (Furtos, 2009); ou então vivendo um “processo de desqualificação social”, que gradativamente leva o sujeito a depressão e ao isolamento (Paugam, 2003; 2009). A academia explica, a ciência diagnostica e busca palavras exatas para descrever fenômenos. Maria não sabe destes termos, mas conclui com palavras de quem sabe do que está falando: *“ninguém é de ferro, ninguém é de lata. A gente tem coração, então, tem sentimento, e dói”*.

### **5.3 Ser humano, ser em relação**

Neste mesmo sentido, Marx nos diz: “o homem, como ser sensível objetivo, é um ser sofredor, e, como sente seu sofrimento, um ser apaixonado. A paixão é o esforço das faculdades do homem para atingir seu objetivo” (1967, p. 160). Chama-se a isto de o princípio do movimento, ou seja, o impulso, a vitalidade criadora, a energia própria ao sujeito em busca da auto-realização. Para ser mais específico, o ser humano é um ser natural e vivo, possuidor de poderes e forças nele existentes como tendências e habilidades, como impulso. Contudo, “como ser natural, dotado de corpo, sensível e objetivo, ele é um ser sofredor, condicionado e limitado” (Marx, 1967, p. 159). Os objetos de seus impulsos existem fora dele como objetos independentes, no entanto, são parte de suas necessidades. “O fato do ser humano ser dotado de corpo, vivo, real, sensível e objetivo, significa ter objetos reais e sensíveis como objetos de seu ser, ou só poder expressar seu ser em objetos reais e sensíveis”. Portanto, ser objetivo, natural, sensível e, simultaneamente, “ter objeto, natureza e sentidos fora de si mesmo, ou ser ele mesmo objeto, natureza ou sentidos para um terceiro é a mesma coisa” (Marx, 1967, p. 160).

Disso deriva que um ser não-objetivo é um não-ser. Um ser que não é objeto por si

mesmo, nem tenha um objeto, é um ser solitário. “Desde que existam objetos fora de mim, logo que eu não esteja só, sou um outro, uma outra realidade com relação ao objeto exterior a mim. Para este terceiro objeto, portanto, sou uma outra realidade, que não ele, isto é, o objeto dele” (Marx, 1967, p. 160). Isso nos leva a condição de que, na mesma medida em que tenho um objeto, este objeto tem a mim como seu objeto, ou seja, as relações são constituintes do ser humano.

Dito em outras palavras: relação é o direcionamento intrínseco de um ser em direção a outro ser. Mas esse ser, essa realidade, continua "uma", com a diferença de que há algo que o obriga a se ligar a outro, a incluir em si um outro, ou outros. “Para haver "relação", não é necessário que haja duas coisas: basta apenas uma que contenha em si, em sua definição, a necessidade, a orientação intrínseca em direção a outro(s)” (Guareschi, 2005, p.61).

E essa digressão teórica nos leva de volta a Maria. Maria-mulher, filha, esposa, mãe, avó, assalariada, trabalhadora, desempregada, etc. Uma pessoa que contém em si mesma um conjunto de relações \_ um conjunto de coisas que necessitam de outras coisas para serem elas mesmas \_ que a constitui "naturalmente". E tudo que é natural tem de ter uma origem, ou seja, o ser humano já nasce absorto por uma história, por um cultura constituinte.

O modo como os seres humanos produzem seus meios de vida dependem dos meios de vida já encontrados e que eles precisam reproduzir. O que eles (seres humanos) são, diz Marx, coincide com “sua produção, tanto com *o que* produzem, como com o modo *como* produzem” (p. 45). Produção aqui entendida como um processo que ultrapassa os meios materiais, ou seja, ela está associada tanto à formação econômica, quanto à formação social (Marx, 2007), conforme veremos a seguir.

#### **5.4 O trabalho enquanto produção humana**

Todo tipo de produção humana, em qualquer forma de sociedade, é trabalho. O ser humano, para sobreviver precisa trabalhar, pois é através desta atividade que ele domina a natureza e a transforma em objetos, em instrumentos que possibilita o seu processo de desenvolvimento e sobrevivência. No entanto, ao longo do processo de transformação de algo em um objeto, o ser humano, ser trabalhador, também se transforma, se desenvolve enquanto sujeito social, construindo, a partir das condições objetivas a sua própria subjetividade (Prates, 2009). O trabalho pressupõe

relações sociais. E mais: pressupõe o uso daquilo que foi socialmente construído em outros tempos pelo próprio ser humano, ou seja, a história social é a história do trabalho humano.

Para Marx<sup>62</sup>, o ser humano somente está vivo “na medida em que é produtivo, na medida em que abarca o mundo exterior no ato de manifestar seus próprios poderes humanos específicos e de abarcar o mundo com estes”. Contudo, se lhe é negada a possibilidade de ser produtivo, se ele apenas é um ser receptivo e passivo, “ele não é nada, ele está morto” (Fromm, 1967, p. 38). Maria sabe disso: *Tem horas que eu me sinto tão, tão... um nada, me sinto um nada. Eu tinha tudo e hoje eu não tenho nada. Eu tô aqui porque me botaram. Já que me botaram aqui, aqui eu tenho que ficar. Mas eu não tenho serventia pra nada, eu não presto pra nada, eu sou uma inútil.*

O trabalho (e/ou a falta dele) “não cria apenas bens; ele também produz a si mesmo e o trabalhador como uma mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens” (Marx, 1967, p.90). Todo trabalho humano tem um objetivo, uma finalidade, e pressupõe um planejamento. Contudo, a forma como o ser humano organiza-se para produzir o condiciona de tal modo que nem sempre se tem noção do que estamos produzindo. “Na produção social de seus meios de existência, os homens ingressam em relações definidas, indispensáveis e alheias a suas vontades, relações de produção correspondentes a uma determinada etapa do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais” (Marx, 1967, p. 188). E a este processo de abstração é que chamamos de trabalho alienado, ou melhor, um dos níveis de alienação<sup>63</sup> descritos por Marx.

Maria também sabe disso e conta que uma de suas filhas é gari: *ela limpa a sujeira desse povo relaxado*. Seu salário<sup>64</sup> não é o suficiente para manter as suas filhas (netas de Maria) e ainda ajudar com o sustento da casa. *Ela ganha quinhentos e poucos o bruto, mas sabe quanto que dá limpo? R\$ 274,00. O quê que é isso? O que se faz com isso? Dói, não dói?*

Dói também por outros motivos que ela vai categoricamente listando: *com esse dinheiro, minha filha precisa comprá passagem (sua casa em relação ao trabalho da filha fica no*

<sup>62</sup> Ao expor tal ideia, Fromm (1967) inclui Marx na mesma linha de pensamento de Spinoza, Goethe, Hegel.

<sup>63</sup> Há vários níveis de alienação, a saber: no primeiro, o trabalhador não tem acesso ao que ele produziu; no segundo, o trabalhador não decide nada sobre o que vai produzir, nem como produzir; no terceiro, o trabalhador se aliena em relação a si próprio, na medida em que não se reconhece naquilo que faz e, além disso, o trabalho torna-se um sofrimento, um fardo; e no quarto nível, o trabalhador se aliena em relação aos demais produtores, ou seja, a competição toma o lugar da cooperação.

<sup>64</sup> Salário, conforme Marx (2006b), “é apenas um nome especial dado ao preço da força de trabalho [...]; é apenas o nome dado ao preço dessa mercadoria particular que só existe na carne e no sangue do homem”(p. 35).



*outro extremo da cidade), e várias pra chega até lá. Eles não dão o Tri pra ela. Ela precisa comprá sapato fechado, porque é obrigado a usá isso pra varre. Mas eles não dão isso pra ela. Ela fica o dia todo no sol, naquele bem forte, e tem alergia, fica cheia de bola no pescoço. Ela precisa mandá faze uma pomada pra passa, mas tu acha que dá pra isso?* A atividade vital ou o trabalho é para ela, e para tantas outras pessoas, apenas um meio para poder existir. O trabalho torna-se um sacrifício, uma mercadoria adjudicada a um terceiro. “Por isso, o produto da sua atividade tampouco é o objetivo da sua atividade” (Marx, 2006b, p. 36).

A precarização do trabalho é ainda maior<sup>65</sup>: *nem é de carteira assinada, é uma cooperativa. Eu já disse pra ela sai de lá, mas vai pra onde?* Além de ter que lutar pelos meios físicos de subsistência, o trabalhador deve também lutar para alcançar trabalho, isto é, “pela possibilidade e pelos meios de realizar a sua atividade” (Marx, 1993, p.103). Isto se deve ao fato de que o "mercado de trabalho", como o próprio nome diz, procura o sujeito trabalhador na mesma medida em que o precisa para produzir mercadorias. “Se a oferta excede por muito a procura, então parte dos trabalhadores cai na penúria ou na fome”. A existência do trabalhador está reduzida as mesmas condições de existência de qualquer outra mercadoria. Na verdade, “o trabalhador tornou-se uma mercadoria e terá muita sorte se puder encontrar um comprador” (p.102). E assim, o trabalhador<sup>66</sup>, que apenas tem o seu corpo, o submete a duras condições em busca de sua sobrevivência.

Maria não entende porque existe tanta disparidade entre as pessoas, tornando algumas privilegiadas e outras não. Ela diz: *eu não sou filha de deus ou eu atirei pedra na cruz?* Seu questionamento remete ao fato de que ainda hoje, e em quase todo o lugar, milhares de famílias vivem em “condições econômicas de existência que as separam pelo seu modo de viver, pelos seus interesses e pela sua cultura das outras classes e as opõem a estas de um modo hostil” (Marx, 2008, p.325), constituindo, assim, uma sociedade de classes. Mesmo que Maria tenha feito tais questionamentos de modo metafórico, é importante observar que a procura pelas respostas de suas dificuldades está em si mesma e não nas suas relações com o contexto, com o mundo em que está inserida. Haveria um sentimento de culpa (responsabilidade individual) por não conseguir superar suas dificuldades? Além disso, Maria se cobra por não ter como prover a sua família. *O amor não*

<sup>65</sup> O tipo de cooperativa do qual Maria fala não retrata o funcionamento das verdadeiras cooperativas, onde a autogestão e a solidariedade entre os trabalhadores são valores almejados.

<sup>66</sup> É este trabalhador, o que vive da sua força de trabalho puro e simplesmente, que Marx chamará de Proletário.

*enche a barriga. Eu tenho que te coisa pra dá. [...] Agora, eu com essa idade, onde vou consegui trabalhá?*

O dinheiro na sociedade capitalista media o que pode ser pago, o que pode ser comprado. Isso, em outras palavras, significa que o sujeito é do tamanho do poder do dinheiro que possui. E Maria tem total consciência disso: *tudo é na base do dinheiro: tu quer dá comida, uma caixa de leite, dinheiro! Tu quer dá uma roupa, dinheiro! É tudo, tudo dinheiro!* Marx, neste sentido, questiona: se o dinheiro é o laço que prende o sujeito à vida humana, e a sociedade a ele, ligando-o, portanto, à natureza e ao homem, não é ele(o dinheiro) o laço de todos os laços? “Não é ele também, portanto, o agente universal de separação?” (Marx, 1967, p. 147). Maria, em um sentido semelhante<sup>67</sup>, nos diz: *[...] mas hoje qualquer coisa tão com uma arma na mão. Não se resolve mais nada com uma conversa, com diálogo, nem na mão. É na bala mesmo. São tudo assim, parece revoltado com o mundo.* O dinheiro, portanto, é o meio e o poder externo e universal que consegue transformar a representação em realidade e a realidade em mera representação.

### 5.5 Consciência de classe<sup>68</sup>

Nossa protagonista tem consciência do papel social que ela ocupa na sociedade e questiona: *porquê que o pobre não tem direito de sobreviver? De ter o mínimo com dignidade. Porque o pobre é o que mais trabalha e menos ganha?* No sistema de produção capitalista isto faz parte do jogo. Marx nos lembra que, mesmo se todos os rendimentos de todas as classes da sociedade aumentassem, a disparidade de rendimentos se manteria, ou mesmo aumentaria, acentuando o contraste entre a pobreza e a riqueza. Na medida em que toda a produção aumenta, aumenta também, e de igual modo, as necessidades, os desejos e as carências, “tornando-se possível que a pobreza relativa se desenvolva enquanto a pobreza absoluta diminui” (Marx, 1993, p. 111). Neste sentido, ela (Maria) tem grande sensibilidade ao interrogar: *o quê que adianta a gente ter e não poder aproveitar?*

O lugar ocupado por Maria nas relações sociais lhe possibilita ver o mundo objetivo com maior discernimento em relação às injustiças sociais: *agora pra varia eu tenho que pagar o*

<sup>67</sup> Tomamos como algo semelhante pois, no relato de Maria, fica claro que esta violência está relacionada ao comércio de drogas, que envolve poder e dinheiro.

<sup>68</sup> Marx faz uma distinção entre a situação objetiva de uma classe e a consciência subjetiva dessa situação, isto é, entre a condição de classe e a consciência de classe.

*IPTU. Imagina eu pagar o IPTU, que nem tenho casa própria. É um absurdo pagar 60,00 de IPTU. Podia comprá meus remédios, podia comprá uma caixa de leite pros meus netos [...] não, tenho que pagar o IPTU pro governo. É o fim da picada. Quem tem que pagar isso é quem tem condições, não eu. Tem que tirar de quem tem, não de quem não tem [...]eu sou miserável.*

A este respeito, Marx (1967, p. 188) diz: “não é a consciência dos homens que determina sua existência, porém, pelo contrário, é a sua existência social que lhes determina a consciência”. É a partir da sua inserção social e da materialidade da sua vida (neste caso, do seu sofrimento), que o sujeito desenvolve a consciência do papel que ocupa na sociedade. Paulo Freire (1987, p. 31) também pontua este aspecto ao dizer: “quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora?”.

### **5.6 Será que atirei pedra na cruz?**

Ao longo da obra marxista o capitalismo é compreendido enquanto um processo (e por ser processo é dinâmico), ou melhor, enquanto uma relação social que fomenta, por sua vez, um tipo de produção e de divisão do trabalho. A prioridade do capital é o desenvolvimento das forças produtivas e, para isto, ele subordina a vida social ao sistema produtivo. A matriz de tal sistema está na separação dos trabalhadores dos instrumentos e meios de produção. A esses, trabalhadores ou proletariados, resta apenas o corpo e a força de trabalho que, para sobreviver, vira mercadoria. As relações sociais, portanto, reduzem-se à relações mercantis, “generalizando o ‘frio interesse’ e volatizando-se todas as formas tradicionais de permanência e coesão social” (Fontes, 1998, p. 164).

O ser humano, nesta lógica, é simplesmente um trabalhador, e como tal “suas qualidades humanas só existem em proveito do capital que lhe é estranho”. Contudo, trabalho e capital estão relacionados de maneira externa, acidental, ou seja, quando ocorre ao capital não existir mais ao trabalhador, este não mais existe para si mesmo: “ele não tem trabalho, nem salários, e, como existe exclusivamente como trabalhador e não como ser humano, pode perfeitamente deixar-se enterrar, morrer à míngua, etc” (Marx, 1967, p. 103). *Eu tentei morrer duas vezes e não consegui. Agora eu acho que devo ficar pelos netos, pela mãezinha deles. Mas o que eu tenho pra oferece pra eles? Eu não tenho emprego, eu não tenho carteira assinada, eu não tenho salário, eu não tenho nem casa própria, porque a casa que eu moro é do DEMHAB. O quê que eu vou oferecer pra eles? “Vê-se que, na ausência de algo melhor, o suicídio é o último recurso contra os males da vida privada”*

(Marx, 1967, p. 103).

Dentro do sistema da propriedade privada, a pobreza se revela de diversas formas. A partir de suas experiências, Maria faz uma diferenciação entre miserável e pobre, vejamos: *miserável é aquele que não tem de onde tirar. E o pobre tem. O miserável é aquele que um dia tem outro não tem. Depende de alguém sempre pra ter. O pobre é aquele que trabalha e tem o ganha pão. Ganha pouco, mas tá garantido. [...]* Nossa protagonista define a pobreza e/ou miséria sócio-econômica que atinge diretamente o corpo; mas há ainda a produção da miséria do desejo, que também está associada ao processo de produção capitalista. Conforme Marx (1967), o ser humano “especula sobre a criação de uma nova necessidade no outro a fim de obrigá-lo a um novo sacrifício, colocá-lo sob nova dependência, e induzi-lo a um novo tipo de prazer e, em consequência, à ruína econômica” (p. 127). As necessidades mercantis jamais cessarão, pois um novo desejo a cada instante é e será criado, alimentando o empobrecimento do espírito humano.

Marx se contrapôs a lógica mercantil que funda as relações sociais. A riqueza das necessidades humanas, segundo ele, requer um novo modelo de produção, bem como um novo objeto. Buscou a emancipação espiritual do homem, ou seja, a “sua libertação dos grilhões do determinismo econômico, sua reintegração como ser humano, sua aptidão para encontrar unidade e harmonia com seus semelhantes e com a natureza” (Fromm, 1967, p. 15).

Somente com uma reforma de nosso sistema geral, conforme Marx (2006a), pode-se esperar por fontes de recurso e uma verdadeira riqueza no desenvolvimento humano. No papel proclama-se constituições, dá-se direito a qualquer cidadão à educação, ao trabalho e a um mínimo de subsistência. “Mas, com isso, não se fez tudo; ao se escreverem esses desejos generosos sobre o papel, persiste a verdadeira tarefa de fazer frutificar essas ideias liberais por meio de instituições materiais e inteligentes, por meio de instituições sociais” (Marx, 2006a, p. 50).

E como seria isso na prática? Maria nos diz: *eu sou pobre e preciso de ajuda e aí vai começar em mim a mudança. Pra me ajudar, tu primeiramente me daria um sacolão pra eu pode me alimentar e pra eu ter força de conseguir um serviço*, pois, como bem lembra Marx (1993), antes de tudo o ser humano precisa satisfazer suas necessidades animais, como comer. E, ela prossegue, *conseguir um serviço pra minha idade, alguma coisa que eu possa trabalhar [...] que não fosse assim muito pesado, muito brusco pra mim, pra minha idade. [...] Mas um salário digno, que não seja uma migalha. [...] Eu queria ter uma casinha decente, que tá na casinha é um lazer,*

*né? É onde se vai e volta do serviço e ali onde a gente vive. Então é ter umas coisinhas decente, né? Ter um quartinho decente pra tu descansar no dia a dia, ter uma sala pra receber uma visita, ou sentar com a tua família e ver televisão ou ouvir uma música, mas ter uma coisa decente pra sentar.* O desejo desenhado por Maria é a tradução de uma promessa do capitalismo. Uma casinha, um trabalho, lugar e momentos de descanso necessários para recuperar forças e voltar a vender sua força de trabalho no dia seguinte. Ser pobre, não miserável. Este desejo não se concretizou, nem se delineou como projeto. No espaço da “casinha” o lugar da exclusão. Na perspectiva da pobreza, a concretude da miséria. Em resumo, talvez pudéssemos dizer que Maria quer ter o direito de não morrer cotidianamente ou, em outras palavras, quer ter o direito a uma vida digna de ser vivida e, assim como ela, milhares de outras Marias.

### 5.7 Referências bibliográficas

- Fontes, V. (1998). O Manifesto Comunista e o Pensamento Histórico. Em: Daniel Aarão Reis Filho (Org.). *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fromm, E. (1967). *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Furtos, J. (2009). *De la précarité à l'auto-exclusion*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure.
- Marx, K. (1967). Manuscritos econômicos e filosóficos. Em: Erich Fromm. *Conceito Marxista do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Marx, K. (1993). *Manuscritos económico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70.
- Marx, K. (2006a). *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo.
- Marx, k. (2006b). *Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro*. São Paulo: Expressão Popular.
- Marx, K. (2008). O 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: karl Marx. *A Revolução antes da revolução*. Vol. 01. São Paulo: Expressão Popular.
- Marx, K. & Engels, F. (2007). *A ideologia Alemã e Teses de Feuerbach*. São Paulo: Martin Claret.
- Guareschi, P. (2005). *Psicologia social crítica: como prática de libertação*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Paugam, S. (2003). *Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Educ/Cortez.

Paugam, S. (2009). *Le Lien Social*. Paris: PUF.

Prates, J. C. (2003). Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do assistente social. Porto Alegre, 251 f. *Tese de Doutorado em Serviço Social*, Fac. de Serviço Social, PUCRS.

Prates, J. C. (2009). *Material Didático: as categorias utilizadas por Marx*. Programa de Pós Graduação em Serviço Social, PUCRS.

### ***Notas dialógicas II: considerações (in)conclusivas***

*Percursos chegam ao fim, temporários, é claro, mas não os isenta de forçosamente serem finalizados. Aliás, do meu ponto de vista, este trabalho está incompleto. Bem sei que a incompletude é algo que sempre nos acompanha, mas me parece que não é disto que estou falando. Penso que ele está mais incompleto, do que a incompletude esperada, digamos assim. Enquanto eu o ia construindo, pensava: “se eu tivesse mais tempo!”, junto a um suspiro. Parece-me que não consegui amadurecer algumas ideias que seriam importantes para agora o finalizar de um outro modo. Mas, tudo bem! Abaixo aqui minhas resistências e aceito o fato de que o tempo, entre outros pontos, é um fator determinante, uma espécie de materialidade imaterial da nossa existência. Então, mais uma vez, como dizem: “mãos à obra”.*

#### ***Materializações do pensamento social sobre a pobreza em tempos neoliberais***

*Nas últimas décadas, a erradicação da miséria e a luta contra a pobreza têm ganho uma visibilidade crescente, em termos de debates e investimentos, na sociedade brasileira. Em um estudo recente do Ipea<sup>69</sup>, realizado em julho de 2010, os dados apresentados falam por si:*

*“entre 1995 e 2008, 12,8 milhões de pessoas saíram da condição de pobreza absoluta, permitindo que a taxa nacional dessa categoria de pobreza caísse 33,6%, passando de 43,4% para 28,8%. No caso da taxa de pobreza extrema, observa-se um contingente de 13,1 milhões de brasileiros a superar essa condição, o que possibilitou reduzir em 49,8% a taxa nacional dessa categoria de pobreza, de 20,9%, em 1995, para 10,5%, em 2008” (IPEA<sup>70</sup>, 2010, p. 03).*

<sup>69</sup> Ipea (2010). *Comunicado do Ipea: Dimensão, evolução e projeção da pobreza por região e por estado no Brasil*. Número 58. 13 de julho de 2010.

<sup>70</sup> Para o Ipea, a linha de pobreza *absoluta* refere-se ao rendimento médio domiciliar *per capita* de até meio salário

*Momento histórico de transformação e de reconhecimento de uma ferida social ainda não cicatrizada. E, ao que nos parece até o presente, tal processo de transformação não irá estagnar nos próximos anos. Recentemente, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS, 2011) anunciou a criação de um comitê gestor para coordenar os trabalhos que acontecerão em três frentes: inclusão produtiva, acesso à serviços básicos – como educação e saúde e os benefícios – e transferência de renda. Interessante observar que, neste contexto, um dos primeiros desafios levantados pela própria ministra - Tereza Campello - é a redefinição da chamada linha de pobreza extrema, ou seja, do(s) critério(s) que é(são) levado(s) em conta para acessar os programas de transferência de renda, como o Bolsa Família. Qual será a fatia da população classificada enquanto pobres?*

*O problema das definições e classificações continuam e seguirão em disputa, assim como os conhecimentos continuarão a circular e a se transformar no mundo social. Cabe a nós estar atentos, sem dúvidas, pois muitas das teorias e práticas ditas libertadoras trazem dentro de si a perpetuação do individualismo, a culpabilização do sujeito pela sua situação e, rapidamente, o abandono e negação do direito do outro<sup>71</sup>.*

*Destaco, agora, alguns pontos abordados ao longo deste trabalho (e outros que ficam para a continuação desta pesquisa). Afirmei desde o início que o meu objetivo não seria o de definir indicadores, nem mesmo o de propor novos conceitos para o campo de estudos sobre a pobreza. Ao contrário, por saber que este campo é extremamente disputado e dinâmico é que me lancei a olhá-lo de modo crítico, para além do que estava e está sendo mostrado.*

---

mínimo mensal e *extrema* de até um quarto de salário mínimo mensal.

<sup>71</sup> Apenas a título de ilustração, há poucos dias atrás, encontrei um texto em que falava da pesquisadora Deepa Narayan e suas pesquisas dirigidas ao BM. Segundo Crespo & Gurovitz (2002), esta pesquisadora procura expandir o conceito de pobreza apresentado por Amartya Sen, buscando pesquisar junto à população “desprovida” o que é ser pobre. Iniciativa válida, enriquecedora, sem dúvida. Contudo, o que me chama a atenção é a justificativa adotada – não confirmada se confere com os escritos originais – em relação aos motivos da pesquisa: “Ninguém melhor do que os próprios pobres para falar sobre sua situação. Sua disposição para melhorar de condição depende da forma como encaram as oportunidades, os riscos e as limitações que se lhe apresentam uma vez que somente eles podem mudar sua situação” (p.08). O que significa achar que somente o outro pode mudar sua situação? Este outro tem todos os recursos necessários para então fazê-lo? Será mesmo um caso de preguiça ou de apatia? Existe inúmeras variações de argumentos que sustentam o conformismo e o fatalismo social. E é a isto que este trabalho se opôs, ou quis se opor. Crespo, A.; Gurovitz, E. (2002). A pobreza como um fenômeno multidimensional. *RAE-eletrônica*. Fundação Getúlio Vargas, Volume 1, Número 2, jul-dez/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v1n2/v1n2a03.pdf>



*O caminho percorrido foi organizado em cinco etapas. No primeiro capítulo abordei a dialogicidade como categoria central para pensar o ser humano, estabelecendo, para isto, um debate em termos ontológicos e epistemológicos a partir de Moscovici e de Freire. Há muito para ser aprofundado neste ponto, em especial, como estruturar práticas de pesquisa que abordem a produção de conhecimento através do contato e da interação em pé de igualdade com os pesquisando (há alguns debates já desenvolvidos nestes sentido, em especial no capítulo 05 e 06 de Jovchelovitch (2008)<sup>72</sup>). Neste sentido, acredito que a TRS traz um compromisso ético fundamental para o centro da psicologia social na medida em que reconhece os saberes do cotidiano como legítimos. A tentativa desta tese foi a de construir uma postura dialógica, para além da aplicação de um método. Uma espécie de ativismo materializado pela pesquisa.*

*Na segunda e terceira etapa, procurei mostrar a existência de um conjunto de influências sociais, de atores, de ideias e de práticas construídas socialmente que buscam tratar da problemática da pobreza nos tempos atuais e que revelam um tipo de ideologia característica do neoliberalismo. Diferentes instituições trabalham nesta perspectiva (religiosas, do terceiro setor, a própria academia, entre outras) com o desenvolvimento de práticas sociais específicas. Analisar criticamente estas produções sociais é fundamental, pois na medida em que revelamos a perpetuação das ideologias também podemos romper com elas.*

*Aqui, neste ponto em especial, gostaria de ter seguido na construção do diário alimento da pobreza com outras temáticas. Fica para um próximo momento, mas já deixo o registro. Um ponto importante para ser debatido, sempre atual, porém mais urgente neste momento, é em relação à criminalização da pobreza. Loïc Wacquant<sup>73</sup> tem desenvolvido relevantes reflexões neste sentido – baseado em outros contextos, é verdade – e que pode nos iluminar ou inspirar na reflexão desta temática. Ainda no prefácio à edição brasileira do livro “As prisões da miséria” o autor já sinaliza a que vem e diz: “a penalidade neoliberal apresenta o seguinte paradoxo: pretende remediar com um “mais Estado” policial e penitenciário o “menos Estado” econômico e social que é a própria causa da escalada generalizada da insegurança objetiva e*

<sup>72</sup> Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes.

<sup>73</sup> Wacquant, L. (1999). *Les prisons de la misère*. Paris: Éditions Raisons d'Agir.; Wacquant, L. (2004). *Punir les pauvres: le nouveau gouvernement de l'insécurité sociale*. Paris: Agone.

*subjetiva em todos os países, tanto do Primeiro como do Segundo Mundo” (Wacquant<sup>74</sup>, 2004, p.04).*

*Ainda no diário, é de fundamental importância analisar como a mídia tem representado e veiculado concepções da pobreza. Prates, “o comentarista que defende os oprimidos”, e seus colegas seguem por aí e cabe a nós estarmos atentos para denunciar abusos como o que vimos no início deste trabalho. Além disso, outros dois pontos surgiram a partir das entrevistas: a questão de como a religião, ou melhor, as instituições religiosas, tem perpetuado crenças no sentido de conformar e, até mesmo, formatar o sofrimento; e a liberação feminina, em especial, a “opção pela maternidade”. Pontos polêmicos, estes dois últimos, mas que merecem à atenção na continuidade deste trabalho. Confesso, caro leitor, que o diário é a parte desta tese que mais tive energia para escrever. No período em que o fiz, eu estava tomada por muitas indignações fruto das relações, em especial com a academia, e, mais particularmente, com a psicologia. Escreve-lo, portanto, foi verdadeiramente um processo catártico.*

*Nos capítulos quatro e cinco, desenvolvi uma análise sobre o impacto que a condição de pobreza pode ter na vida das pessoas que a vivem, ou seja, busquei compreender a experiência vivida e a atribuição de sentidos produzidos por elas. A RS da pobreza, como era de se esperar, está relacionada com as vivências, logo, linhas ou indicadores para medi-la ou defini-la não fazem sentido para tais pessoas. As entrevistas e o grupo foram momentos fecundos para o desenvolvimento da reflexão, contudo, há vários elementos que precisaram ser deixados para trás. No futuro voltarei a eles.*

*Em linhas gerais, a definição da pobreza para as mulheres é feita a partir de duas dimensões. Uma que denuncia as faltas do cotidiano, as necessidades não supridas, e, por consequência, o sofrimento – marcado quase que geneticamente em suas famílias. Elas buscam romper com o ciclo de reprodução da pobreza, mas há um conjunto de fatores que as reconduz ou as impossibilita de sair dele, como foi descrito, por exemplo, no círculo epistemológico. E a outra dimensão trata do excesso, ou seja, uma espécie de riqueza espiritual que somente os pobres têm. Formas estas de lidar com o sofrimento e de acomodar as contradições do cotidiano.*

---

<sup>74</sup> Wacquant, L. (2004). *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Zahar.

*Para fechar as aparentes cortinas do nosso palco, gostaria de te dizer, caro companheiro de percurso, que este trabalho é muito mais do que está aqui, escrito, materializado em letras, palavras e sentidos. Ele expressa um passado que foi e outros que poderiam ter sido; um presente que é e os que ainda podem ser; e, sobretudo, um futuro cheio de possibilidades que se abre aos meus e aos teu olhos...*

Ir adiante, romper, nada admitir,  
destruir e rejeitar tudo o que, mesmo de longe,  
ameace um segundo a independência, estas são minhas leis.  
Não é uma política da conciliação,  
é exatamente uma revolta.  
Eu não comerei do vosso pão.  
Eu serei abracadabrante até fim.

(Mireille Havet, 1898-1932,  
livre tradução da autora)

**Anexo I: apreciação e aprovação do comitê de ética em pesquisa**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-101/09

Porto Alegre, 26 de janeiro de 2009.

Senhor Pesquisador,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 09/04494 intitulado: **"Impactos psicossociais da pobreza"**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,



Prof. Dr. José Roberto Goldim  
Coordenador CEP-PUCRS

Ilmo. Sr.  
Dr. Pedrinho Guareschi  
N/Universidade

**PUCRS**

Campus Central  
Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar - CEP: 90610-000  
Sala 314 - Fone Fax: (51) 3320-3345  
E-mail: [cep@pucrs.br](mailto:cep@pucrs.br)  
[www.pucrs.br/prppg/cep](http://www.pucrs.br/prppg/cep)

**Anexo II: termo de consentimento livre e esclarecido****Termo de consentimento livre e esclarecido**

Prezada participante:

Sou aluna do Programa de Pós Graduação na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Helena Scarparo, cujo objetivo é debater questões ligadas a pobreza e a desigualdade social a partir da experiência das pessoas.

Sua participação envolve a presença em uma entrevista e/ou grupo de discussão sobre esse assunto, que será gravada/o, se assim você permitir, com duração aproximada de 60 minutos.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas com a(s) pesquisador(as) através do número de telefone xxxx xxxx ou diretamente com a entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, 3320 3345.

Aline Accorssi

Doutoranda

Matrícula: xxxxxxxx-x

Helena Scarparo

Profa. Orientadora

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

Porto Alegre, 30 de novembro de 2010.

\_\_\_\_\_

Nome e assinatura da participante

### Anexo III: principais categorias temáticas

#### 1) Pobreza

V.: acho que a gente tem que se pobre, sim, mas se caprichoso, né. Porque a minha mãe sempre ensinou a gente assim 'ah, pior defeito é ser pobre e porco', então tem que se caprichoso, porque atrai miséria, isso e aquilo. Eu sempre me criei assim, sabe. Daí, mas pra mim eu não sô muito de me cuida, da aparência, só mais mesmo de tá limpando a casa [...]

C.: ser pobre pra mim é um orgulho.

C.: a gente pode caminha de cabeça erguida mesmo se tá passando no barro, quando teve as enchente, a gente caminho no barro, entro água dentro das nossas casa. Mas nem por isso a gente disse que a gente não é feliz.

J.: Xeripá, como a gente diz ne? Xeripá é aquele que não tem nada. Tem um xeripá aí, dois três que não tem nada aí.. aqueles que tão bem arrumados tão cuidado dos filhos aí.. e os outros tão lá, sentando num canto, com o filho morrendo nos braços e vai ser o último a ser atendido.

J.: eu era uma pessoa assim. Era, não, eu sou assim até hoje. Uma pessoa assim que.. sei lá.. eu nasci pobre e me criei pobre. Acho que é isso, essa é a impressão que eu tenho. E meu pai e minha mãe sempre (inaudível). Eu fui uma pessoa que sempre fui humilde assim, eu me dou muito bem com as pessoas da minha, da minha.. do meu, como vou explicar? Assim, as pessoas que são iguais a mim, que são pobres. Que eu sei que não tem preconceito. Tem pobre que tem mais precon, mais preconceito do que rico. Tem muitas pessoas pobre que não tem nada, mas que se pode comprar uma camisinha melhor, uma blusinha melhor do que a minha, melhor do que dos outros, já quer se mais que todo mundo. Até mais do que as pessoas que tem de verdade. E eu quando vejo uma pessoa assim já fico toda encolhida, já fico toda sem jeito, e é assim. Mas eu acho que preconceito é uma coisa muito humilhante, eu me sinto humilhada.

L.: essa dificuldade de consegui as coisa, né. Bah, é te muita oportunidade pra uns e pouca pra outros, poucas pra outra (silêncio).

T.: eu digo fala de mim é fácil, difícil era ser eu. [...] era uma época assim que o Carioca era considerado o Hobin Hood dos pobre. Ele robava dos rico pá ajuda o morro, mas ele era o maior traficante do morro. então assim quando subia a policia pra caça ele, subia lá embaixo perto Carrefour, eeh, quando a policia tava apontando lá, ele já tava sabendo, entendeu? E era aquela coisa, cercavam o morro com aquelas, carro, arma, helicóptero, tudo pra caça, então tu via aquilo, tudo, sabe? Eu me fascinava olha aquilo. Olha aquilo assim, ó. Ih, eu conheci boca de fumo, tudo todas essas coisa assim, entendeu? E, como se diz, aah, toda coisa que eu passei na minha vida, com meu pai, que nem diz, hoje eu sô uma vitoriosa, porque se eu fosse todas coisa que eu passei, tudo que eu passei, era pra eu se uma drogada, uma prostituta, nem tá viva mais. Mas eu sempre dizia, não é isso que eu quero pra minha vida. então é que nem eu digo, é as pessoa quere. Quere. Dize, não ;é isso que eu quero pra minha vida, me atira em droga, porque meu pai, meu pai da em mim, sem eu faze nada, meu pai bate na minha mãe, não é isso que eu quero. vô mostra pra ele que eu vô se eu, que ele pensa que eu não vô se, é o que eu vô se.

V.: a pobreza? Posso te dizer bem no português? Pobreza pra mim é uma porcaria (risos), porque quem que não queria ser rico, rico não digo, mas bem de vida, né? Mas te uma vida melhor, classe média.

C.: então eu acho assim, é horrível a pobreza, é muito triste, porque assim eu já passei fome, quando eu era pequena. Passei fome, as vezes só te um copo d'água pra toma.

D.: a miséria é a pessoa que não tem nada. Não tem um salário, não tem uma casa pra mora, não tem o que come.

N.: porque tem uns que já nascem em berço de ouro, então. Tem uns que trabalham bastante pra te o que tem e os que não tem, não tem oportunidade também. Que nem eu, né, pra abri um crediário tem que tê a carteira assinada, pra mim arruma um emprego eu tenho que tê um ano de carteira assinada, um ano de experiência. Como é que eu vô tê experiência se nenhuma empresa abre as portas pra que eu tenha experiência? Então eu acho, a baixa renda, como chamam, sofre com isso, porque, não tem as oportunidades que os ricos tem.

S.: ba tá loco, não te uma fruta pra pros teus filho come, um refri, um pedaço de carne, né. Ba, é muito triste, triste mesmo. Te que dize não pros teus filho. Teus filho vê um pão e tu, 'ah mãe compra um pão', 'não, não tenho dinheiro pra dá'. Pra mim a pobreza é isso aí. Vê os teus filho passa fome e tu não pode faze nada, e tu não te nada pra dá.

I.: por causa que eles tem, porque eles vão liga pra um pobre. Eles não vão ligar.. eles tem dinheiro. Cada um faz o.. [...] Tem uns que vem de.. foram pobre e adquiriram.. nem todos conseguem.. a gente vem assim, de família que vem na miséria mesmo. A gente tinha que trabalha e não podia estuda. Eu com 14 anos tive que sai do colégio pra ajuda meus pais. Meu pai era pobre.. aí eu tive que deixar todos os sonhos que a gente tem pra trás.

I: Pobre não tem direito. Rico tem dinheiro, tem advogado. E a gente vai ter como? Prová? Eles são grande, a gente minoria. Não tem como.

I.: coisas que a gente fica bem chateada [...] todo mutirão que tem eu tô no meio, porque a gente também precisa, né?

I.: pobreza.. eu ainda digo que não estou na pobreza. Pobreza são aquelas pessoas que não, que ficam ali esperando pelos outros. A gente é pobre assim no sentido de tu querer um, ter as coisas. Que se tu daqui ou dali. Que pobreza é aquela coisa de não te o que come, tu fica ali parada às vezes dependendo dos outros. Isso aí é uma pobreza. Mas, pobre a gente é num sentido, e rico na felicidade. Na alegria, a gente é mais, mais alegre que o próprio rico. O rico tá sempre com alguma dificuldade, de doença. O pobre também passa, mas a gente tem mil e uma vantagem do que um próprio rico. Eu sou feliz, com meus filhos. Apesar de tudo o que eu passo. Sou rica na alegria, porque não deixo falta pros meus filhos. Tem rico que tem dinheiro, mas a doença não..., não tem dinheiro que pague. É isso que eu acho, assim. Tem, só tu quere. Todo mundo é pobre, aqui na ilha, mas é só tu adquiri também, segue... eu não tinha nada, eu morava em duas peça e hoje eu tenho quatro por causa dos meus filhos. Tudo eu consegui, daqui ou dali.(2)

I.: O passado da gente atrás. O porque a gente não estudou. Não é que a gente não quis. Tem uns que não estudaram porque não quiseram. Mas tem as dificuldade, é desde criança que a gente passa dificuldade. [...] claro, a gente era em um monte de irmãos e uns tinham que trabalhar assim...

R.: é que nem dizem, pra gente tê as coisa da gente, a gente tem que suá muito pra te. Eu passei por muita dificuldade, agora até tô bem, até. Agora até to bem. Eu digo assim de onde te onde mora, que antes a gente não tinha onde mora, era emprestado, tinha que, sabe, tudo isso, te, se desmotiva, muita coisa.

R.: (pergunta: o que vem na cabeça quando falo a palavra pobreza) ah, agora tu me pegou, que nem dizem. Ai, eu acho que é aqueles que passam mesmo fome, né? Eu até agora não posso dizer que já tive, que já passou isso por mim. Que nem casos que as vezes aparece na TV, aquela gente da África. Pra que mais judiado do que eles são? então não posso dizer assim.. (A: então tu não te considera pobre?) não.

J.: por que o dinheiro nós não achemo dinheiro no lixo. A gente vende o material e recebe o dinheiro da gente dos comprador. Eu acho que eu dinheiro é tudo igual, não tem diferença do rico ou do pobre. Desde que não seja roubado, né? Ainda disse pra ela que se eu fosse uma ladrona eu entraria lá dentro, daí eu tava bem arrumada. Mas como eu não tava bem arrumada não... Eu sou pobre sou pobre.

J.: e eu vi morre uma criança no braço da mãe e a mãe tinha chegado quatro horas da manhã lá, no posto de saúde, e eles atenderam um monte de, como diz, de preboizinho, que tinham chegado lá de carro, bem arrumadinho.

J.: só do preconceito dele, não que aqui não tenha nada que vá fazer ele adoecer. Mas só do preconceito da pessoa, a pessoa vai ficar doente, vai, vai ficar doente. Vai ficar três dias aqui dentro e vai direto pro hospital. É isso aí que eu penso, né? Não é a opinião de todo mundo. Mas eu acho que é assim... coloca um executivo, uma pessoa, que não sabe nada daqui.. é como pega um filho de rico e colocar dentro da casa de um pobre. O filho do pobre tá acostumado a comer, a mãe não tem um pão, faz uma polenta, um mexido. Dá pra ele, ele come. Ele se vira se a mãe não tá ali, ele mesmo se vira. Agora o filho do rico, vai dá uma polenta pro filho do rico come, é capaz de, da uma dor de barriga pra ele. Pelo amor de deus! É a mesma coisa..

L.: agora tem gente também assim, que eu canso em dize, também, que se(...) (fala algo sobre pessoas se fazerem de mais pobres, de “coitadinhas”) eu acho que isso aí não.. e tem isso aí. Tem pessoa que não tem, e tem aqueles que gostam de se fazes mais [...]

T.: Que, que, que leva a gente se baixa a autoestima da gente? Tu fica socada só num meio. Que que é o meio? Casa, colégio, serviço, filho, roupa, casa, marido! tu não pode trabalha e aí tu fica dependendo daquilo assim, ó!.. ah.. eu queria compra uma roupa pra mim, ah, mas não tenho dinheiro! ah, queria compra um batomzinho pra mim, ah, mas não tem necessidade, nós tamo precisando de outra coisa! Vai vai abrindo mão daquilo, vai abrindo, vai abrindo mão pras outras coisa e vai esquecendo de faze a unha, de compra um creme e passa no corpo, tu vai as vezes, vão o que, nem comem. Mas já o sistema nervoso de baixa auto-estima já vira uns balão. Outras secam demais. E o cabelo, ah, também não tem nada, aí pega e amarra uma chuquinha, poe o cabelo crr gritando lá no alto. É, as pessoas vão se tornando. A gente não tem mais paciência pra cuida dos filhos, não tem mais paciência pra vida. Outras que se frustram e se atiram pra bebida, né, tem casos.. é, é isso.. se subimi, ficam subimissa, ou não tem coragem de da um pontapé, e dize eu vou trabalha, por que umas o marido não qué que trabalhem. Né. Então elas não tem tipo de se impor. Não, eu quero trabalha, eu quero te ajuda, é melhor pra nós, os dois trabalhando. Não. Aí fica um trabalhando e meia duzia passando fome, vivendo na miséria.

T.: ah pobreza, pra mim, pobreza, eu me considero, eu sô sô pobre. Ah, mas pobreza pra mim é aquelas que não tem nada, aquelas pessoas que moram lá debaixo da ponte, ai embaixo. Isso são pobre, miserento. São miserável, até. Isso é pobreza. Pobreza pra mim é a pessoa assim ó, pessoa pobre de espírito, pobre de auto-estima, que não tem perspectiva de vida pra faze alguma coisa. Isso é se pobre.



## 2) Riqueza

V.: rica? Estudando bastante! [...] sim, é o estudo que faz. Até eu quero, eu sô analfabeta, né. Eu quero que as minha filha estudem pra te uma vida melhor, saí desse lugar aqui. Porque eu queria isso pras minha filha, né. Uma faculdade, alguma coisa boa.

S.: porque eu acho que ele teve estudo, pode faze cursos, que nem, né. Por isso que ele tem uma vida melhor que a minha. Porque se eu pudesse faze que essa pessoa fez, eu poderia tá igual a eles. Por isso que eu quero que meus filhos estudem.

B.: às vezes eles jogam até ganha, né. Às vezes os familiares tem mais dinheiro, ajudam, não é igual a gente que desde pequeno já é pobre, né, tem que batalha. [...] às vezes eles começam mais cedo a batalha. E já vem de família rica. Eles começam mais cedo. [...] Às vezes eles saem do trabalho quase se aposentando, né. Quando tá quase na época de se aposenta, eles saem do trabalho. Alguns não, alguns vão até o tempo de se aposentarem.

C: de riqueza te digo nada, não me interessa a riqueza. Porque depois que tu tem dinheiro, que tu tem uma boa de uma casa, tu tem, não é mesma coisa que um pobre, que tu chega na casa de um pobre, tu é bem recebido. Tu é, tudo o que eles tem pra come eles te oferecem, mas na casa de rico não é assim. Se eles pude dize não, não te da nada, eles não te dão, sinceramente. A riqueza pra mim não é nada. Agora a pobreza sim. A pobreza, tem muitas coisas boa e muitas coisa ruim. Tem rico que tem dinheiro e ficam de narizinho empinado. Então, pra mim, a riqueza não é nada. Nada. [...] Agora a riqueza não é nada, não sei.. tem rico que diz, ah eu sô feliz. Mentira! Tu é feliz enquanto tu tem dinheiro, depois que tu acaba o dinheiro, tu é feliz? Mas eu com dinheiro, sem dinheiro, sô feliz. Sou feliz. [...] Que pobre mesmo com ou sem dinheiro ele continua feliz e o rico quando tira o dinheiro ele não...

J: se os ricos fossem mais humanos, que tem muitos que não são, se fossem mais humanos, se cada rico adotasse uma criança, não precisava precisa leva pra mora junto, mantesse aquela criança, seria muito melhor, né.

C: ele não é. Ele não é porque eu já trabalhei em casa de família e eu vi.

C: Meus patrão eram podre de rico, termino o dinheiro, a firma faliu, eles tão hoje como os mendigo na rua. De te um monte de dinheiro no banco e hoje não te nada. Hoje tão mendingando, tão mendingando na rua que nem os pobre, que nem os pobre. Quando eles cuspiam no pobre, hoje eles tão sendo cuspidos, eles tão passando pelas mesma coisa que nós pobre passemos. É por isso que eu digo, o dinheiro não é tudo, ele traz um pouco, algumas coisas, mas ele não traz aquilo a felicidade que a gente realmente precisa, ele não tem.

R.: É que é assim Aline. Nem sempre todo o dinheiro que a pessoa tem da pra dize que é trabalhado, né. Tu conhece a maioria, eu conhece a maioria de gente que diz que tem dinheiro e enfim, o dinheiro não é aquele dinheiro que tu diz que é limpo.

L: Aí tu trabalhar uma manhã inteira, uma tarde inteira, pra ganha 3,4 pila. E tem muita gente que é egoísta mesmo, que não divide. Não, não é o caso de não dividi, não, ah sei lá, tu vai trabalha, pagam o mínimo, entendeu? Parece que quanto mais tem, mais pao duro eles são pra paga. Esse é o problema.

J.: só do preconceito dele, não que aqui não tenha nada que vá fazer ele adoecer. Mas só do preconceito da pessoa, a pessoa vai ficar doente, vai, vai ficar doente. Vai ficar três dias aqui dentro

e vai direto pro hospital. É isso aí que eu penso, né? Não é a opinião de todo mundo. Mas eu acho que é assim... coloca um executivo, uma pessoa, que não sabe nada daqui.. é como pega um filho de rico e colocar dentro da casa de um pobre. O filho do pobre tá acostumado a comer, a mãe não tem um pão, faz uma polenta, um mexido. Dá pra ele, ele come. Ele se vira se a mãe não tá ali, ele mesmo se vira. Agora o filho do rico, vai dá uma polenta pro filho do rico come, é capaz de, da uma dor de barriga pra ele. Pelo amor de deus! É a mesma coisa..

### 3) Situações em que se sentiram mal/estigmas

J.: porque eu sou envergonhada. É o meu jeito. E aí eu ia e vinha come em casa quando vim pra cá. Até hoje eu não sei come em casa de pessoas que tem mais do que eu. Não sei tomar um café, acho que sei lá. Aí como, assim, a gente se sente, se sente assim oprimida em tá dentro em uma casa, em tá limpando aquilo ali, fazendo. Até como tem muitas pessoas que fazem frente (teste) com a gente.

V: é uma hora da tarde, chega oito hora da manhã na casa e aí tu chega assim, e... aí tu tem que faze isso e isso e daí tu termina as duas horas da tarde e eles tão comendo ainda, naquela, churrasco e coisa. Aí depois que todos comeram, assim, bah, já passei cada uma, eles te chamarem pra mesa, como se assim, ó os resto sobro. Ah por favor, né. Isso é bem xarope. Eu já passei por situação assim, de de depois que eles comeram assim, senta na mesa da cozinha e 'pode come essas coisinhas aqui'. Loca de fome, mas como eu sô uma pessoa braba não comi (rindo) [...] não sô bicho, pra se tratada mal. (p. 04)

V: mas foi uma situação bem xarope, porque umas cinco vez, ela pegava e mandava troca o dinheiro pra ve o, pra mexe na minha bolsa. Às vezes eu marcava como é que eu deixava as coisas, tava tudo mexido, sabe. Ou então, ela fazia umas pegadinhas assim, de bota dinheiro embaixo do tapete. Eu só olhava, limpava, e dizia 'oh dona Betinha, tá aqui os 10 pila'. Deixava assim, nos cantinho, sabe, 'ah, ta,ta, eu me esqueci, acho que caiu aí pra baixo' (risos). então, é umas coisa, uma situação ruim porque não confia na gente, porque a gente é pobre. Todo mundo vai roba? então é umas coisa bem chata. E o que eu acho é que o que não é da gente, não é da gente. (p. 05)

L.: é já me aconteceu na época em que eu tava grávida da minha guria de dezessete anos, quando a mulher que eu fazia faxina pra ela cinco seis anos, quando ela descobriu que eu tava grávida, ela me botou pra fora de casa. Não me falo nada, eu terminei a faxina e ela 'ah, tu pega a roupa ali, mas eu não quero(...).

J.: eu fui lá no Super logo quando abriu porque me disseram que as coisas eram baratinhas. Aí como nós tinha recebido aqui, aí eu fui lá pra exprimentar. Mas eu tava limpinha. Nós somos pobre e eu não vou dize pra senhora assim, ó, que eu me arrumo como a senhora, que eu tenho uma roupa pra usar. A roupa que eu tenho é tudo daqui do galpão. Não tenho vergonha de dizer. Roupa boa que eu tenho, melhorzinha, é tudo roupa que a gente acha aqui no galpão. Mas tudo bem limpinha. Essa presidente do galpão é minha filha. E aí então eu entrei. Quando eu entrei na porta, até eu tava com a minha outra amiga minha que tinha cartão lá, que ela ia me ensinar como é que era que chegava lá, por que eu tava meia burra, por que eu não sabia nada lá dentro. Aí quando eu entrei ela saiu com a minha amiga pra lá e disse que eu não podia continuar, que era pra mim voltar, que ali tinha entrar socialmente pessoas ... pessoas alto gaga, caba, gabarito, uma coisa assim sabe. Queria dizer que tinha que entrar pessoas de classe média, de classe alta. Ainda conversei com ela. Eu disse, minha senhora, eu não vim aqui pedir nada. O que eu vim fazer aqui, eu vim comprar. Daí eu mostrei o que tinha na mão. Eu tava com cem real na mão e ainda fiz assim com a mão pra ela. Eu

digo olha, eu vim aqui, eu vim comprar, eu não vim pedir nada. Isso aqui não é uma coisa pública, isso aqui é uma coisa só pros ricos. Aí ela disse: ou a senhora sai ou os seguranças vem tirar a senhora daqui. É claro que eu não ia passar por um vexame ali deles me tirarem pra rua. Eu saí chorando de dentro dali. Eu saí chorando dali.

J.: e onde tá a classe pobre o segurança tá atrás. Só não jogam pra rua, porque é prejuízo pra eles, mas contra.. e como a senhora acha que a gente se sente de vê os outros ali, compra, escolher o que querem ali, e chegar ali e não tem ninguém atrás deles pra vigiar o que eles estão fazendo. Aí vou lá compro meu arrozinho, meu feijãozinho e o segurança atrás de mim.

J.: eu tava fazendo a faxina tranquila, limpando as coisas, tirando o pó, limpando direitinho. Ai quando chego ali e dou de cara com a carteira do patrão, bom quase desmaiei, né? Primeira vez. Digo meu deus do céu. Olhei a carteira e tava cheia de dinheiro. Eu não sei nem dizer quanto tinha de dinheiro, mas a carteira tava cheia. E era dinheiro grande. Eu fiquei baratinada no meio da casa, meu deus, pego ou não pego a carteira do chão. Que que eu faço, eu tenho que limpar, isso. O que eu fiz? Ela dava risada de mim depois, ela, a própria patroa. Eu peguei um guardanapo, um guardanapinho que eu tava limpando as coisas. Peguei a carteira com o guardanapo, não com a minha mão, peguei a carteira com o guardanapo e coloquei a carteira em cima da, de uma cristaleira muito bonita que ela tinha, que era toda de vidro. Eu só empurrei a portinha da cristaleira e coloquei ali dentro, mas agarrada com o guardanapo, não com minha mão. [...] E: porque eu tinha a impressão que eu ia (risos), que aquela carteira que eu tava pegando ali, sei lá, que fossem dizer que tinha faltado alguma coisa ali sem eu mexer. E tava o sinal das minha mão na carteira, era isso que eu pensava (risos). Chorei tanto naquele dia da carteira, ai, como eu chorei. [...] O homem olhou a carteira e tudo.. olha que deus te abençoe. Que tu continue assim, uma pessoa de confiança, não sei o que, não sei o que. Eu não queria saber nada daquilo que ele disse, queria sabe que eu queria voa de dentro daquela casa pra fora porque eu não conseguia, eu não fiquei lá essa tarde. Eu não aguentava, meu coração parece que disparava. Eu tinha a impressão que me iam me acusa que eu tinha roubado aquele [...].

C: o que mais me marcou foi a morte do meu irmão e a morte da minha mãe. A morte do meu irmão foi o acidente de caminhão. Ele tinha quatro anos e eu tinha cinco, não esqueço até hoje. E a morte da minha mãe por causa que ela se envolveu com um home, e ele passou HIV pra ela. Então ela morreu com o HIV, ela queria falar comigo, eu fui no hospital, mas ela já tinha entrado em coma. Morreu nas minhas, minhas mão. Ela viu que era eu, ela apertou minha mão aqui assim, e morreu. Deu o último suspiro e morreu. Então isso aí me marcou, foi onde eu entrei em depressão e depois a minha separação, que o meu marido me abandonou com um nenê recém nascido. O nenê com um problema de coração que ele tem até hoje. então tudo isso me marcou pra mim. É uma marca muito, isso foi e tá sendo até agora. Só que eu to tentando da a volta por cima, entendeu? To tentando da a volta por cima. To estudando, meus filho tão bem, to recebendo a ajuda da Helena. Então eu to passando, eu to tentando da, passar, esquecer o passado e viver só o presente. Só as coisas boas que tão me acontecendo. Claro que as vezes eu deito no travesseiro, no travesseiro, e minha cabeça é um filme, porque eu passo desde a minha infância.

R.: ah sim, sempre tem algum tipo de constrangimento, que nem diz. Eu já teve caso assim, de eu entra numa loja, pra compra alguma coisa, e andarem me cuidando, que nem dizem. Aí eu nem comprei nada naquela loja, eu saí na mesma hora, na mesma hora. Até tinha dinheiro pra compra, mas não usei, saí na mesma hora. Porque eu acho assim, não é a roupa que tu veste que vai te dizer o que tu é, né. Porque tu pode anda rasgada, alguma coisa, mas, que nem dizem, não precisa nem tá rasgada. Tu tendo uma roupinha que esteja limpa, é o que te importa. O resto não importa. E a

maioria das pessoa, olha a gente dos pé a cabeça antes de deixa a gente entra numa loja alguma coisa, pra ve alguma coisa. Muito..

R.: isso aí em duas casas que eu trabalhei fizeram esse teste. Deixaram o dinheiro, né, uma quantia de dinheiro, né, e aí depois vinham e contavam.. já escutei dize que esperavam eu sai pra conta e vê se tava certinho. Ontem ainda eu trabalhei na casa dessa mulher aí, ela deixo, ela deixo 80 reais embaixo de um vasinho pra eu limpa e mando limpa, sabe? E depois na mesma hora, diz que depois da hora que eu sai, na mesma hora ela foi lá vê se tava lá. E conto, né ,pra vê se tava lá. A gente não deve se sujar por.. sabe? eu sou desse jeito. Eu acho assim, se eu vou lá pra passa faxina, eu sei quanto é que eu tenho pra recebe. Não preciso mexer em nada de de ninguém.

R.: tu te sente mal, sente mal. Eu me sinto mal. Porque tu nunca vai pensa que a pessoa vai desconfia de ti. Ela te conhece, tem pessoas que me conhecem que não é de agora. Mas mesmo assim faz o teste, pra vê. É incrível. Pode te dize, ah eu te conheço a tantos anos e eu sei que tu não vai faze isso. Mas chega na hora. Tu te sente mal. Às vezes a gente até pensa assim óo, ah, não vou mais na casa dessa pessoa pra faze limpeza porque me senti assim, mas tem horas assim que tu não tem escolha. Tu tem que faze e não tem muito lado pra corre. Tem que faze. Teve gente que eu até desisti. Tinha uma senhora que eu cuidava, também, que ela tinha poblema. Tinha que cuida dela, dá banho, essas coisa, etc, né. E antes de eu entra tinha uma outra. E essa outra levo tanta coisa, tanta coisa. Porque ela não podia levanta, né? E ela limpava o quarto dela, né. Aí sumiu o relógio, pulseira de ouro, não sei o que mais, mais. Aí teve, até, uma situação chata, porque o filho dela chego e olho, disse, vô olha, revista tua sacola, porque tá faltando isso e isso da mãe. E aí foi, eu disse, minha sacola tá aqui. Digo, qué revista, pode revistá. E não era eu realmente que tinha pegado. Aí depois essa mulher volto de novo pra casa dessa senhora e foi aí que descobriram que foi ela. Foi incrível. Aí eu disse, viu, vocês não precisavam te duvidado de mim. Porque eu fiquei tanto tempo com ela ali, fiquei acho uns três ou quatro mês cuidando ela e não precisei disso. Até comida, parece que ela levava bem quietinha. Né? Uma situação que te deixa assim, né.. (não entendo), tem oportunidade que tu não pode recusa, então tu tem que aceita, né. O que vem, vem bem.. e.. bola pra frente. Não pensa igual aos outros. E é isso aí...(5)

J.: humilhado. Humilhado. Aqui é assim ó.. no caso todo jovem, todo.. todo jovem gosta, até pessoa que não é jovem gosta de ir num baile, gosta de se divertir e aqui não é em todo lugar que os jovens são aceito. Tem bailes que, as pessoas que tem menos, que são pobres como, mesmo que esteja arrumadinho, mas eu acho que eles conhecem as pessoas que são pobres e estão remediadas. Eles não deixam entrar. Aqui, eles deixavam, agora não deixam mais entrar.

N.: Mas nada melhor do que tu tê, tu trabalha, tu sabe o valor do que tu tem. Então, por isso que eu to meio. Eu digo pra ele, as vezes eu to em depressão em casa e ele diz 'ah, mas tu não faz nada', aí eu digo 'mas é justamente por isso, por eu não faze nada que eu to em depressão'.

V. (falando do que é ser pobre): ah, pelo lugar em que vivem, né? É mesma coisa assim, ó, não sei se tu vai entende. Tu vai num mercado, se tu ih assim eles não te tratam bem, assim desse jeito que eu tô. Se tu ih assim, eles vão te trata bem, te olham com outra cara, né. Eu já cansei de chega em loja, com dinheiro, com salário do meu bebê, tudo, e quer um microonda a vista, que eu gosto de compra as coisa a vista, mesmo que eu me rale no final do mês. E a pessoa olha pra mim, 'ah, mas espera só um pouquinho, vô atende lá o outro'. então é ruim, né, eu acho que eles deixam um pouco a pessoa também é pela roupa, também, pelas coisa, né. É muito excluído, pessoa pobre. Eu acho assim. Não sei se tu entendeu?

#### 4) Como o outro as vêem e as tratam

C.: eles humilha a gente, eles humilham. Hoje eu vejo, quando eu vejo uma criança na sinaleira, ou pedindo, eu choro. Porque aquilo ali tudo eu passei. Eles tocarem garrafa, com xixi na gente, toca barro, tudo aquilo ali que eles tão passando, eu já passei.

V.: porque aqui o povo é muito pobre, carente, o pessoal assim não dá muita bola. Tipo, no meu entender, é tipo bicho, né, tão lá na ilha, que se ralem, tão em alto risco, sabem que tão lá e não tão nem aí, o pessoal.

V.: então porque pra lá tem os colégio bom, as professora e aqui não? então aqui os pessoal vivem, assim, a modo miguelão, como dizem, né. Tempo da minha mãe, né. Ah, são filho de pobre, mesmo, que passe ou rode. Isso é ruim mesmo.

I.: eu acho assim, quem é pobre não tem tanto, tanto lugar na sociedade. Tem lugar que tu é rejeitado, depende como tu entra. Se tu entra numa loja e entrar de chinelo, eles ficam te olhando e perguntando o que aconteceu. Se tu vai procurar, até uma faxina, que já me aconteceu, se tu mora na ilha, não te dão. Acham que tu é ladrão, que tu é pobre, que tu não precisa. Eles tem diferença.

I.: eu trabalho de carroça, eu reciclo. Tem prédio que eu tiro, tem prédio que discrimina a gente que é carroceiro [...] nesses momentos te da raiva, vontade de dizer um monte de coisa, mas tu tem que ficar quieta, por que daí chama brigada.

I.: eu acho que tem muita diferença, eles descri... ainda mais quando tu trabalha de carroça. Carroceira não tem valor. Mas.. é a vida cotidiana, porque ninguém bate na tua porta e pergunta se tu precisa de um arroz, de um feijão. Se não for a luta. É mentira. Se tu não for a luta, te, te ajuda, te não tem ninguém ninguém, nem vizinho não socorre a gente. Cada um tem suas dificuldades. Que pra sec [...] que nem diz aquele ditado, o rico tem mais vantagem, o pobre... é lá embaixo.

I.: a gente é rejeitado, tu vai num lugar.. vou te dá um exemplo assim, entre aspa: tu vai num prédio dependendo do prédio tu não entra, eles tocam o lixo pra rua. Tem prédio que não, que tu entra, que te dão água. Que tu pede, pelo amor de deus um copo de água. [...] que eu mesmo dirijo, que eu mesmo busco meu lixo, que eu só não busquei hoje porque tinha que vir aqui. Eu vô de manhã e vou de tarde.. largo as crianças e vô. Eles assim, é só tu sair de carroça com alguém algum dia pra tu vê como é. É triste a realidade. É cruel também. Só que aí a gente leva na esportiva, tem que levar, não adianta. Uma hora eles também pode fica pobre, aí eles vão vê o que o sofrimento dos pobre. Que nem diz nada cai do céu, tu tem que ir a luta, se tu não for a luta...

I.: a gente vai pro banco e tu vê a diferença das pessoas te olhando daquele benefício. Tu ve o jeito que eles te olha: ba elas são nova e tão no benefício. Tu ve na cara que eles te olham na frente quando tu pega senha ali. Eles ficam te olhando de uma maneira tao esquisita, tu te sente mal. Tu para e pensa pra olha assim. Já vi várias, elas ficam olhando pra gente. Elas vem querendo sabe o que elas tem, são sadia, tem tudo. Mas não sabem da dificuldade. O rico tem diferença com o pobre, sempre vai te.

I.: pra ti ve que tem lugar que a gente entra que eles não deixam a gente entra. Tem lugar que não. Te dão agua te dão pão, e tem lugar que não. Tem lugar que eu tiro já há bastante tempo, um ano e meio já e que eu nunca recebi um copo de agua, nem muito obrigada. Por que a gente tá fazendo um favor pra eles, pra gente também. Mas pra eles mais. Só largam ali e vão embora. Em outros não. Ba tem lugar que chega, entra, ganha copo d'água, pão. E as vezes esse negocio de passar caminhão perto de ti, eles te abusam: vai trabalha e é um serviço, que a gente tá trabalhando [...] os carros bonito que passam pela gente, mandam a gente trabalha, dizem que a gente tá maltratando o animal.

Tem animal que é bem magrinho, né. Eu tenho dois cavalos. Uma égua e um cavalo. São bem gordos. Eu faço as boia pra eles também. Eles tem que comer capim, milho. Da água, deixa eles descansar. Um dia vai um outro dia vai outro. E são essas as dificuldades.

J.: aí ela disse pra mim, que além de eu ser, como ela disse pra mim? Que além de eu ser uma mendinga, eu era muito mal educada. E eu disse que eu não sou mal educada, que eu não gosto de ofender as pessoas, eu abaixei a cabeça e saí.

J.: tu acha que meu filho vai entrar num shopping? Não entra. Quer entrar num teatro? Não entra. A não ser que tome um banho de loja aí pra poder entrar... agora a criança ta bem limpinha, bem arrumadinha com aquilo que tem, não pode pra sociedade. Não pode mesmo. A nossa sociedade é muito muito ... é verdade. A gente se sente dinscriminado [...]

J.: lá onde tá a classe média não tem nenhuma segurança por perto. E onde ta a classe pobre o segurança tá atrás. Só não jogam pra rua, porque é prejuízo pra eles, mas contra.. e como a senhora acha que a gente se sente de vê os outros ali, compra, escolher o que querem ali, e chegar ali e não tem ninguém atrás deles pra vigiar o que eles estão fazendo. Aí vou lá compro meu arrozinho, meu feijãozinho e o segurança atrás de mim. vô chega lá, eles gastaram 500 real e eu 100 pila, lá... a gente se sente humilhado.

L.: é isso aí... agora sei que tem casos, tem casos de pessoas que parece que trabalha de faxina [...] parece que tu.. né.. [...] parece que tu tem uma doença contagiosa. Sei porque tem pessoas já que dizem que tem doença contagiosa.

L.: tu sabe que eu não sei. Se a gente precisa do serviço, ao mesmo tempo eles precisam da gente pra faze o serviço.

### **Como lida com as dificuldades do cotidiano**

C: Eu tomo remédio pra pode dormi. Senão eu não durmo. Mas se no dia seguinte alguém me pergunta: como é que foi a tua noite? Foi ótima! Pode não ter sido ótima mas eu digo que foi. Como é que tá sendo teu dia? Tá sendo muito bom, agradeço a deus por mil motivos. É a minha vida, assim, posso ter queixas e posso não ter queixas. Quando as pessoas dizem, como é que foi o teu passado? Foi muito bom. Mentira, não foi nada bom. Mas eu digo que foi bom. Como é que tu tá agora? To muito bem, agradeço a deus. Eu levanto todo dia de manhã e agradeço a deus pelo dia maravilhoso, pela noite maravilhosa, pelo dia anterior, como é que foi? Foi bom.

C: eu não sei. Mas nem com vizinho, ninguém não converso, não converso no meu trabalho, com ninguém. Quieta. Ninguém, ninguém, ninguém, ninguém. Só eu e os meus filhos.

C: Depois eu me casei com o pai dos meus filho, vivi 11 anos casada, com o pai dos meus filho. Aí o meu nenê tinha, meu guri mais velho tinha 1 ano quando eu conheci o pai dos meus outros filho. Então desde ali minha vida foi um inferno. Desde pequena até no casamento, foi o maior inferno. E hoje, e agora não ta sendo tanto porque eu to tendo ajuda de todo mundo, meus filho tão no colégio, eu tenho as coisa dentro de casa pra da pra eles, eu trabalho, eu estudo de noite e levo eles tudo comigo, então pra mim ta sendo uma vitória.

C: Como eu tenho um monte de problema, perguntam pra mim, tu é feliz? Sou feliz! Nunca digo que não sô feliz, nunca digo que ta mal as coisas, ta sempre bem, posso tá ruim, mas tá sempre bem. Então tu dize que ta tudo errado, por tudo, sempre traz o lado negativo pra dentro da tua casa. então eu digo eu sou muito feliz, apesar dos meus problema eu sô muito feliz.

### **Sentimento de solidão/abandono social**

S: E qual que é a diferença? Eu não sô filha de deus ou eu atirei pedra na cruz? Eu me pergunto, sabe. Eu me estresso. (respira fundo) Às vezes eu até tenho vontade de acaba com a vida, porque eu tinha uma vida mais ou menos, sabe, eu tinha meu emprego, eu trabalhava, eu tinha meus dois emprego, eu tinha...

S: Sabe, então é muita coisa pra uma cabeça só, porque ninguém é de ferro. Ninguém é de lata, a gente que é ser humano, tem coração, tem sentimento, né? E dói isso, se a gente não tem apoio, a gente fica meio perdida, a cabeça embaralha, né...

S: Então, tem horas que eu me sinto tão, um nada, eu não sou um nada. Eu tinha tudo e hoje eu não tenho nada. To aqui porque me botaram. Simplesmente isso. To aqui porque me deixaram aqui e é aqui que eu tenho que fica. Mas não tenho serventia pra nada, não presto pra nada, sou uma inútil. De que que me adianta te uma vida assim? Me diz? Que prazer a gente tem de viver assim? Nenhum. Não da prazer nenhum. Sabe, a gente tá vendo as coisas acontece e a gente não pode fazer nada. Tudo o que vai se fazer depende do dinheiro. Né?

### **Laço social familiar**

#### **- de origem**

C.: que a minha mãe ela trabalhava, viajava, trabalhava em boate, e largo nós, abandono nós e vinha de dois, três meses pra casa. Eu morava com meu padastro, morei debaixo da ponte, daquela ponte, passando pra quem vai pro DCNavegantes. Em 87, em 89, morei ali com a minha família. Aí perdi meu irmãozinho ali, se ele fosse vivo ele taria com 25 anos.

C: eu sei! Eu tenho direitos, mas não procuro. Não procuro nada, porque dele eu não quero nada. Ele abandonou minha mãe, ele abandono nós, então eu não tive pai, só tive mãe. Minha mãe foi minha mãe e meu pai. Apesar das dificuldades que ela teve com nós. Nós passamo junto, mas pai eu não tenho.

C.: eu morei com a minha família, nunca conheci casa, nós morava debaixo da ponte. Eu nasci no Rio de Janeiro, eu sô carioca, vim do Rio de Janeiro com dois anos. Meu pai verdadeiro é podre de rico. [...] Eu vim de lá com dois anos e a minha mãe criou nós sozinha, aí ela se casou, com meu padastro, onde eu sô... Eu tenho dois registros, eu tenho do RJ e o daqui. Aí a minha mãe casou com esse home e ele me registrou de novo no nome dele. Aí deu, desde que eu vim do Rio de Janeiro, eu fiquei morando debaixo da ponte com minha mãe, meu padastro e com toda minha família. [...] Nós fomos ter casa, eu fui conhece casa, foi quando meu irmão morreu de acidente de, de caminhão de madeira passou por cima da cabeça dele. Com o dinheiro da indenização, minha mãe compro uma casa pra nós [...] Aí foi ali que eu fui te um teto pra mora, foi ali que eu conheci casa. Então minha vida não foi fácil, desde pequena, até agora, não tá sendo nada fácil. Mas algumas coisa eu to recuperando.

C.: como eu falei, eu tive um lar depois que meu irmãozinho faleceu. Então minha vida foi, desde pequena, se eu dize assim pra ti, eu brinquei, tive infância, mentira, to mentindo. Eu não tive infância na minha vida, não tive infância. Tive que para estudos pra pode ajuda minha família, minha mãe, que era só eu e quando meu irmão faleceu, era só eu, minha mãe e meu padastro. A minha mãe foi assim, ela dizia pra nós que a vida dela, assim, não foi tão boa, né. Ela teve que sai

de casa com 11 anos, que ela era profissional do sexo também e a madrasta dela batia nela. Então ela dizia: a minha vida não foi fácil e a de vocês também não vai se. Ela sempre falo isso pra nós. Então o que eu pude ajuda ela, eu ajudei.

C.: apanhava. Apanhava horrores. Tenho marcas de pau, de ferro, da minha mãe. Tenho marcas no meu corpo. Mas nem nem nem por causa disso eu deixei de ama minha mãe, não deixei de gosta dela. Porque o pau não mata, o pau não mata. Mata apanha da polícia. Apanha.. [...], isso sim.

R.: sim, era muita briga. Era briga praticamente quase todos os dias, eles brigavam. Teve uma vez que a gente se meteu no meio também. E não era briga normal, era com faca, com tudo, sabe. Então tudo aquilo foi acumulando assim, em um tempo assim que eu disse pra mim, chega, sabe. A gente apartava e tudo. E via aquelas coisa errada e não podia fala nada. E foi foi que eu decidi, por isso mais que eu decidi sai de casa, né. Por causa disso. Que a gente qué arruma um lugar pra fugi do problema, mas no fim, acaba arrumando outro problema diferente. [...] não sei se é um problema, as vezes a gente fala uma coisa e não é, mas é que eu acho que me casei muito cedo, né, podia, sei lá, te aproveitado muita coisa e enfim tive filho cedo demais. E não é.. é totalmente diferente a vida que a gente vive, não é um mar de rosas que nem diz.

M.: eu to, baa, eu preciso de um apoio, e não tenho, sabe? Então e me sinto sozinha, muito sozinha mesmo. Porque minha mãe, de repente ela fala comigo, de repente ela me dá as costas, sem mais nem menos, sabe, meu pai desde que aconteceu a morte do meu irmão eu também não converso com ele porque eu acho que foi ele o culpado de tudo. Ele deu muito apoio pra acontece isso com meu irmão. Daí eu tenho tudo e não tenho nada. Sabe, é isso que arrasa muito, né. [...] ah que tem família, mas não tem, tenho uma casa, mas não tenho, porque não é minha, não ta no meu nome ainda, porque eles queriam 40 pila e eu não tinha pra dá. O que que eu tenho de meu? Só a vida, que é uma porcaria de vida, ainda, né.

N.: sim, a minha mãe sempre me ensino que a gente nunca não roubasse nada de ninguém. Que era muito mais bonito chega e pedi, do que dormi com a consciência pesada.

N.: também uma coisa que eu me orgulho também, da minha família, assim, as minhas irmãs sempre diziam quando eu era mais nova que eu não prestava, que eu não ia dá na vida, na vida, mas, eu digo pra minha irmã, 'quem é que tá casada há dez anos?' 'qual é de vocês que tá casada a tanto tempo assim?' Que cada uma tem um filho de cada, né. Tem umas que nem sabe quem é o pai. Eu digo, 'pelo menos eu sei, meus três filhos eu sei de quem é o pai, tanto que eu tô que ele até hoje'. Porque eu me orgulho. Minha própria mãe dizia que eu não prestava, que eu não ia se nada na vida, e eu to mostrando pra ela que eu sô bem diferente do que ela disse. Então..

S.: arrã, que a minha tia me robo da minha mãe pra mim faze, né, porque se fosse pela minha mãe eu ia tá me arrastando até hoje. [...] Minha mãe chego no dia de me busca na alta, ligaram pra ela tudo, ela não quis nem sabe, nem foi.

R.: é, a gente (ela e a mãe) não se dá muito. Até agora esse semana também foi a gota d'água. A gente tá tentando dá um conselho pra ela, bom, e ela tá achando que a gente não tá dando um um conselho bom pra ela, né, Aline. Ela qué vende a casa dele a troco de nada, pra mora de aluguel e sendo que ela não tem condições. Ela fico braba comigo e não me procuro mais. [...] Ela dá atenção pros mais, que tao mais com ela dos que estão por fora. Sendo que tem um outro irmão também que ela nem sabe como ele tá. Já faz tempo que não pergunta dele. Tinha que tá preocupada, né.

R.: era muita briga. Era briga praticamente quase todos os dias, eles brigavam. Teve uma vez que a gente se meteu no meio também. E não era briga normal, era com faca, com tudo, sabe. Então tudo



aquilo foi acumulando assim, em um tempo assim que eu disse pra mim, chega, sabe. A gente apartava e tudo. E via aquelas coisa errada e não podia fala nada. E foi foi que eu decidi, por isso mais que eu decidi sai de casa, né. Por causa disso. Que a gente qué arruma um lugar pra fugi do problema, mas no fim, acaba arrumando outro problema diferente.

R.: M: (balança a cabeça, silêncio) pra quem a gente vai corre? A gente pensa assim, bem que a mãe da gente podia ta perto da gente, pra ajuda, sei lá. Eu penso assim. É muito difícil, bá.

L: Sei lá, eu no meu caso, minha mãe me tiro do colégio na sétima série. E investiu no meu irmão, no meu irmão. E o meu irmão não teve jeito, não estudo e eu não... e eu saí do colégio e daí ela não deixou mais.

S.: Morava com meu pai. Minha mãe quando se separo do meu pai, como eu era deficiente, minha mãe não quis fica comigo, meu pai que fico comigo, eu vi meu pai morre, eu tinha 10 anos, eu vi meu pai morre com 8 facada e não pude faze nada. Fui rejeitada pela minha família, pela minha mãe. Nunca tive carinho assim, que nem hoje eu do pros meus filho. Eu nunca ganhei um beijo, um abraço, que nem eu do toda hora nos meus filhos. Eu não tive infância. Eu não tive. Eu não sei o que é carinho de mãe, tive de pai, mas de mãe, não. Nem de família. [...] família, eu nunca tive. Eu tenho no sobrenome. Porque minha família, minha mãe mesmo me abando, uma pessoa amiga que eu tinha era meu pai, mas meu pai morreu, né? (sobre a revolta que tinha) eu acho que era mesmo por causa do abandono da minha mãe, né, que me abando, da minha família, por que deficiência sempre tem uma pessoa e outra que nasce, né.

D.: eu sai de lá com 12 anos. Aí com 12 anos a gente veio pra Porto Alegre e fui trabalha numa casa de família. Eu aprendi muito com essa senhora que eu trabalhei, ela era professora de inglês do Bom Conselho e de boas maneiras.

#### **- atual**

C.: por isso que eu faço de tudo pra que meus filhos não passei aquilo que eu já passei na minha vida. Hoje, hoje eu sou uma ex-prostituta, fui uma profissional do sexo até fevereiro deste ano, até dia 19 de fevereiro deste ano foi o último dia que eu larguei. Porque? Porque meu ex marido não me dava pensão, não dava nada pros meus filhos, eu tinha que me vira, eu tinha que trabalha no centro, tinha que trabalha de reciclagem, eu trabalhava no centro de dia de profissional do sexo e a noite na reciclagem. Pra não deixa falta nada pros meus filhos e a Helena que tá me auxiliando com o PETI.

C.: então eu sei o que que é passa fome, por isso eu não deixo os meus passa, porque é muito horrível uma fome. A gente querê come e não ter as coisas. Como eu digo pros meus filhos: vocês querem comer, comam! Vocês tem, agradeçam a deus que ta dando força pra mãe de vocês e ih a luta, trabalha, e ganha uma ajuda do governo pra vocês terem as coisas. Querem come, comam, só não esbanjem! Não bota fora, vocês tem! Hoje vocês tem, amanha vocês não podem, vocês não sabem se vão te, então aproveita, comam! Tem muitas crianças que não tem, come um arroz, um feijão, isso daí tem muitas que não tem. Então eu acho assim, a pobreza é muito horrível, sabe?

M.: essa minha filha se juntou com esse rapaz com 14 anos, sabe, eu fui contra a essa união deles, ela tinha 14 anos, não tinha nenhum filho, aí com 15 anos ela ganhou ele, esse com 15 anos, né, e ele matou um homem e ela tava junto, e depois que ele mato, ele guardo a arma dele na bolsa dela [...]

B.: ou às vezes tem bastante filho que não pode, né. Eu já fiz vários cursos, e aí o meu guri mais velho, esse que eu tenho em casa, que ele tá na escolinha, é que me ajuda. Eu fiz curso de de curso de bijuteria, de pinta guardanapo, de costura, só que eu não consegui aprende, né. Fiz três curso e ele me ajuda. Quando ele me ajuda eu consegui faze os curso. Agora esse ano eu queria termina a faze o curso de costura e não consegui porque aí ele, ele tá aqui na escolinha e não tem ninguém que fique com ela. Só ela que fica em casa comigo. Então esse ano eu não consegui faze, termina o curso da costura. Quando ele me ajuda, eu consegui faze. Ele ficava em casa com a pequena e eu, né, e ela, atrás, né, faze alguma coisa pra eles pode come melhor, né. Só que este ano, como ele tá aqui, eu não consegui faze curso nenhum. Eu queria termina é de faze o de costura.

S.: porque eu sei que essas pessoas, a gente aqui no caso, se fosse vende esse tipo de coisa, já sabe, né, ou é morto ou é na cadeia, né. E eu pensava assim, já que eu não tive infância, não tive alegrias na minha vida quando eu era mais nova, eu poderia te alegria, felicidade com os meus filhos como hoje eu tenho, né. Que nem no caso eu tenho. Final de semana a gente vai pro rio, tomamo banho, eu vendo o material, sabe, a gente passa bem ali, compra sorvete, picolé com eles, jogo bola, uma família normal, né, e que coisa mais boa que tem, eu me sinto muito bem assim, né. E isso é muito do diálogo eu vivia conversando com meus filhos, eu vivia dizendo pra eles não fazerem nada errado, que coisa errada nunca trazia felicidade pra ninguém, principalmente pra pessoa que tava fazendo. Eu acho que vai muito é do diálogo e tanto assim, acho que tudo que eu aprendi foi com essa mulher que me adoto, que me cuida. Ela sempre dizia pra mim, sempre, pra eu sempre anda na linha reta, nunca anda na linha torta. Linha torta é tu faze o que as pessoas queriam que tu fizesse de errado, que nem ofereceram pra mim e ofereceram pra os meus filhos. Eu sempre fui, que nem ela me ensino. E como ela me ensino, eu to ensinando os meus filhos. O dialogo que eu nunca tive com a minha mãe, eu tive com essa mulher. então tudo de bom que ela me ensinou, eu to mostrando tudo de bom pra os meus filhos.

C.: me dô mais ou menos (irmã), eu não procuro ela e nem ela me procura. Agora eu não gosto que ninguém da minha família me procure. Gosto de ficar isolada. Só eu meus filhos e ninguém.

I.: eu já passei, tu não tem noção do que eu já passei. Do que eu conquistei. Do que eu não tinha. E hoje eu olho e os meus filhos tem. O que eles nunca tiveram, agora eles tem. Eu do o que eu posso. O que eu posso da pra eles, mas eles não são aquelas crianças que... meu guri tem hoje 14 anos e hoje em dia ele tem videogame, que uma, eu faço faxina, ela deu pra mim. Que a gente conversa muito. Que ela tem dois adolescentes. Ela tirou na loja e deu pro meu guri. Eu tenho o quarto dos meus dois guri, eu tenho um ropeiro de seis porta. Minhas guria tem um ropeiro pequeno, tem beliche. Essa aqui e a minha outra de dois ano tem uma cama de meio casal. Ainda falta esse ano, até termina, eu vô compra o guarda roupa delas. To adquirindo pra compra pra ela e pra minha outra. Tem o meu que é de seis porta, que eu divido com elas. A Beatriz e a Ingrid tem o quarto delas. O Gelson e o Max, tem a Gema e a Vitória, também tem o quarto delas e eu tenho o meu. Só que as guria é praticamente comigo, né. Eu sempre gostei delas dormirem sozinhas. É isso.. as coisinha tudo certinho assim.

I.: não, mais é assim. Ele participa das... pras crianças.. como vou te dizer. São muito apegados ao pai, mas financeiro, ele tem outra família. Aquela confusão. Ele participa mais de dia assim, pra fica com as crianças. Mas o contrário, essa parte, eu mesmo preferi assim, pra gente não ir em juiz. Não peço nada, ele não me dá nada. Nunca peguei. Enquanto eu tiver braço e perna, eu vô atrás e sempre consigo. E eu acho assim, que a sociedade é dos rico, que nem diz. A gente é rejeitado quando é pobre. Eu trabalho de carroça, eu reciclo. Tem prédio que eu tiro, tem prédio que discrimina a gente que é carroceiro.

R.: eu penso em primeiro lugar que eu falo pra todo mundo, é na comida, né Aline. É reforça comida, é não deixa falta nada pros meus filhos, e é isso aí. (3)

R.: presente pras crianças mesmo realmente todos os anos a gente nunca pode compra, né, Aline. Eles ganham a maioria de brinquedo, de roupa, eles ganham da tia deles. A gente nunca consegue compra nada pra eles. É incrível. Até a S. hoje tava falando que é o primeiro ano que ela deixa de compra alguma coisa pros meus. Eu disse pra ela, já é nem sei quantos mais, faz tempo, que a gente nem isso pode da pros filho da gente. Daí ela falei assim, de um jeito assim... (filho aparece pedindo pra ver desenho). E é isso aí, né Aline. A gente passa um monte de trabalho, e quando a gente pensa que a gente, muitas vezes a gente nem tem coisa no armário, comida assim, e tem que tá batendo a cabeça pra faze uma faxina, faze alguma outra coisa, porque não dá. Depende mais das criança do que da gente. A gente até leva, tendo uma coisa ou outra, mas pra eles não tem maneira, eles pedem e tem que sê e tem que sê.(3)

R.: não, isso não passei. Porque a mãe às vezes deixava de come pra da pra gente, e muitas vezes, muitas vezes nosso café da manha era, como dizem, um misturado, um mexido. Mas fome a gente nunca passemos, graças a deus. E assim, tanto é que, esses aí (aponta para os filhos) eu nunca deixei passa fome, nunca. Eu posso te uma farinha, uma coisa. Eu invento alguma coisa, sabe? Que nem esses dias, eu tava dizendo. Eu costumava faze assim, quando eles não tinham o que come, um mingau de farinha de trigo, mesmo. Mas fome eles não passavam. E a mãe dizia, ai tu vai dá isso aí pras crianças, mas eu não tenho o que dá. E ela também não tinha como me ajuda, né. Aí tira um pra ajuda outro. Aí muitas vezes ela precisava, mandava pedi, e eu não tinha como empresta. E eu me sentia mal, também, como até hoje eu me sinto mal. Às vezes eu vejo ela precisando até mais que eu, e eu não tenho como ajuda, também. Eu não tenho nem pra mim, as vezes. É tudo muito dificultoso.

J.: [...] trazia rápido ali no centro. Ali no Beira-Rio pra o centro de carrinho. Ainda vinha com três ou quatro carrinhos. Porque tinha o meu, e os guris cada um trazia um e as gurias se revezavam a puxa o meu, e dos guris, assim. Ai do outro dia de manhã, porque a gente puxava só a partir das quatro hora.

A.: e isso aí é uma dor, eu quis já ajuda, já trouxe pra dentro da minha casa, um tem 31 ano a outra tem 28, né. Agora eles começaram a apronta ali onde eu morava, mesmo. De mim mesmo fizeram uma limpa. (Silêncio ) Não é fácil. Agora mesmo é natal, né, é uma magoa. Mãe de onze filhos, todos tá junto e dois não, né. (silencio, chora) Essa de 28 anos foi baleada, faz seis mês que quase morreu no pronto socorro. O outro meu guri foi preso [...] tudo tinha terminado pra mim, fiquei de cama, depressão. Mas ao mesmo eu tenho três pequeno que precisam de mim e foi o que me levantou da cama. Não posso ta numa cama, né, porque é só eles que teu tenho perto de mim, né. Eu tenho que luta por eles, porque eles são de menor. Tem esse de 12 anos que toma remédio, aí tem a de 10 ano e a de 9. então eles ficavam triste em volta de mim, né. Não é fácil. [...] faz 17 anos que eu sô separada, né.

A.: porque, eles foram criado sem pai, né. Então pra mim eu não gosto de tá dando neles, só quando, tiro mesmo, o contrário não. Porque eu acho que além de, eles não tem pai, então eu sô mãe e pai, então tem que dá o dobro de carinho pra eles. Tem que dá o carinho de mãe, carinho de pai.

A.: ah, eu conhecia meu pai só pelo olhar dele. O meu, a última tunda que eu tive deles eu tinha sete anos, depois nunca mais. A gente foi criado assim. Quando tinha visita a gente não sentava perto, não se metia no papo, na conversa, nada. (silêncio) depois de uns anos pra cá, já.. até mesmo o meu

filho mais velho, essa minha de 33 ano, o outro de 27, outro de 29, e a Isa de 24, ela diz 'ai mãe, a senhora crio a gente tão.. ', né, e ela fica... desse três.. as gurias, aí eu olho pra elas e elas entende. Agora o outro não, o que toma remédio. então é uma situação ruim, porque tudo cobram de mim, é tudo o Maiko toma remédio, né, e a senhora passa a mão na cabeça dele, nós não tivemos isso aí, né. Eu digo, mas naquela época não era, como é agora. então não é uma situação boa.

T.: não falo mais com eles, não tenho contato. Até tenho contato assim, agora, contato com o pai do Guto, que é o menor. Mas eu sempre fui pai e mãe dos meus filhos. Nunca deram nada, eu sou muito orgulhosa, também, não boto na justiça, não peço, sabe...

### **Casamento**

T.: o senhor tá sozinho, que o senhor pego e boto a sua mulher e amarro num arado de boi e fez a sua mulher de boi pra ara o campo.

R.: sim, acho que eu meu juntei com uns 13, eu acho. Uns 13, pra 14 anos. [...] é, bem nova. Às vezes a gente não pensa, né. Sei lá, a gente arruma um marido e já pensa em ih mora junto e a gente foi assim, eu conheci ele no primeiro dia, no segundo dia eu já tava praticamente morando com ele.

V.: naquela época eu tinha medo que meu marido saísse da cadeia e fosse fazer alguma coisa comigo, algumas coisa que aconteceram na minha vida e aí eu vim pra cá.

D.: porque o meu marido era muito machista. 'mulher minha não trabalha fora'. Pra mim foi um desastre, né.

S.: ficamos seis anos. Só que ele me batia muito, ba, me batia, me batia, batia, batia, assim ó, era coisa de loco. Eu apanhava, apanhava, apanhava, apanhava tanto tanto tanto. Eu tinha os cabelo comprido e ele enrolava aquela mão podre dele assim na minha cabeça e me arrastava assim pela vizinhança todinha. Todo mundo olhava e ninguém fazia nada, porque ele era um baita de um homem, todo mundo tinha medo dele, ele me dava de cacete, com a, a ponta do revolver na minha cabeça. Eu apanhava muito, apanhei, apanhei mesmo. Apanhei. E o meu filho vendo tudo. O Igor tem uma cicatriz na cabeça, meu filho mais velho, que ele foi pra dá em mim e o guri se atravesso e pego na cabeça do meu guri. O guri levo 18 ponto. Apanhei muito, muito, muito. O inferno eu vivi foi com esse home. Eu não conhecia o inferno, fui conhece o inferno com ele. Sabe o que que é tu apanha, apanha?

C.: apanha da mãe não é nada, apanha da polícia e de ex-marido. Como eu já apanhei do meu ex marido.

I.: aí eu me engracei com a pessoa errada, na hora errada, no dia errado, e aí eu passei, aí eu comecei a passa dificuldade. Aí eu tive minha primeira filha que hoje tem 19 anos, e sou vó de duas netas muito bonitas.

I.: eu tenho 36 anos, mas eu não... eu tive muita dificuldade, muito trabalho eu passei com homem. Tive três casamento. E os três assim foram terríveis, de apanha, e... então hoje em dia eu penso diferente. Hoje em dia não. Prefiro criar meus filho primeiro. Não pretendo. Por mim mesmo, nem podia um príncipe se encantado cheio de grana. Não. Passei muito trabalho, fui muito humilhada e principalmente pelo pai dos meus filho. Ele me humilhava muito, que eu saia, que eu ia procura home, que eu gostava de carroça, que eu ia encontra com o fulano. Eu passei muita dificuldade. Não é que ele me bateu, é a questão das palavra, nas droga que ele usa. Tudo isso eu, daí eu botei um ponto final. Porque eu tenho filho, né. Dois filho homem, o resto é tudo mulher.

R.: não sei se é um problema, as vezes a gente fala uma coisa e não é, mas é que eu acho que me casei muito cedo, né, podia, sei lá, te aproveitado muita coisa e enfim tive filho cedo demais. E não é.. é totalmente diferente a vida que a gente vive, não é um mar de rosas que nem diz.

J.: e foi uma coisa que eu peguei numa hora de desespero, numa hora que eu tava achando que eu não ia ter nenhuma saída pra da nada pros meus filhos e eu encontrei aqui, e aqui vou fica. Ele era daqueles homens que diziam assim, eu to trabalhando pra minha mulher fica em casa. E eu dizia pra ele: tu ta trabalhando, ótimo. Tu ta ganhando bem, tu ta ganhando teu salário, ta bom. [...] Daí conversei com ele, expliquei pra ele que é uma coisa que vai servi, aaa, pra uma ajuda pra ti. Ao invés de comprar dois quilos de uma coisa, a gente compra quatro, cinco. Assim que eu comecei a dizer pra ele. Que não dava muito mesmo o dinheiro do papel, mas pra mim dava muito, pra mim no momento em que eu mais precisava, na hora em que eu não sabia se ele ia vive ou morre e aí eu achei que não era justo que no momento em que ele ficou bom eu pega e vira as costas pra aquilo ali, eu sempre fui assim.(7-8)

T.: o que que vocês comprem pra vocês. Ah nada! Querida perde esse costume. Nada não. A obrigação de da comida é tanto tua quanto do teu marido. Tu tem que tira, nem que seja uns 10,15 reais pra compra coisas pra ti. O teu shampoo, o teu condicionador, o teu desodorante, o teu bom absorvente, porque tu.. porque que se tu trabalha tu vai usa o mais ralé se tu pode usar um melhorzinho. Só pa poupa, pra ih pas panelas?

## **Trabalho:**

### **antes:**

C.: trabalhava, trabalhava, eu comecei a trabalha em casa de família com sete anos, pra ajuda minha família, minha mãe. Que chegava os pessoal quando nós morava debaixo da ponte, oferecendo dinheiro pra gente trabalha nas casa e eu ia trabalha nas casa de família e com sete anos eu comecei a ajuda minha família. [...] ia sozinha, ia sozinha, ia a pé. Cuidei de carro ali na igreja dos Navegantes, cuidei de carro, cuidei, trabalhava, pedia nas sinaleiras, ajudava minha família, aos poucos. Não era só eu, era um monte.

I.: claro, a gente era em um monte de irmãos e uns tinham que trabalhar assim... de carroça, de ajuda em casa. Eu trabalhei em casa de família, minha mãe me botou, praticamente ela me atirou assim... [...] eu morava e vinha só no final de semana. Com 14 anos ela disse que eu tinha que ajuda ela e eu ajudei. Fiquei até os 16 anos e aí eu não aguentei mais a mulher e aí eu fugi de lá.

N.: com onze anos eu comecei a sê babá, um criança sendo babá de duas crianças. [...] ah, na época eu só pensava em festa. Trabalha, fica ali com as duas crianças pra no final de semana te meu dinheiro e pode sai. Eu e minha irma não podia pedi dinheiro pra minha mãe, que ela dizia que o dinheiro era pra compra comida pra nós. Então, eu e a minha irmã trabalhava pra, mas também o dinheiro era nosso. Chegava final de semana a gente saia, tinha nosso grupinho, nossos amigos ali, a gente pegava e saia. E aí era pra isso que a gente trabalhava, pra pode sai no final de semana.

N.: sim. Era era uma criança, todo mundo dizia 'o que que uma criança tá cuidando de duas?'. É que o patrão da minha irmã foi muito bom pra mim e deixava lá meio turno e ficava com as guria. Claro, tinha a empregada maior tudo, aí a empregada dizia 'eu cuido de três agora'. (risos)

T.: com 12 ano eu fui trabalha como empregada doméstica e depois eu trabalhei de... trabalhei de empregada doméstica, depois trabalhei numa loja, depois eu voltei a trabalha de empregada

doméstica, depois de 10 anos que eu não trabalhava no comércio, eu voltei a trabalhar no comércio, depois eu fiquei seis, cinco anos sem trabalha no comércio de novo, trabalhei mais dois anos no comércio agora eu tô, sem trabalha, né.

T.: olha, as pessoa com 10,12 ano já tão bem adulto, já tão namorando hoje em dia, tão tudo namorando e tendo filho, então já pode trabalha. Querem tanta independência, vão trabalha. Vão trabalha. Trabalha, estuda, só obrigado, só pode trabalha se estuda.

**agora:**

C.: por causa da minha mãe, ela era profissional do sexo. Eu trabalhei do lado da minha mãe. E pra mim não foi um orgulho. Ela não teve orgulho nenhum, porque ela não queria que eu fizesse aquilo ali. Só que eu quis pra pode ajuda ela, eu. Porque naquele tempo eu era um drogada, eu usava droga. então eu não queria que ela sustentasse meus vícios. Eu quis, eu me sustenta. Portanto, através do NEP, eles me encaminharam pra uma clínica. Por isso que eu digo, eu, no tempo atras era seis meses que ficava internada. Agora é só dois meses. Por isso que eu digo, tem que te seis meses, um ano, dois ano, até a pessoa sai bem recuperada de lá e não quere inventa de usa essas porcarias. Conheci através da minha mãe. Hoje eu larguei, dia 19 de fevereiro deste ano, eu larguei a prostituição, mas me dou com todas elas, eu vou lá todos os meses.

N.: claro que eu não tô reclamando dos meus filhos, deus me livre. A gente cansa de fica em casa, só em casa, limpando as coisa. A gente qué trabalha na rua.

I.: como eu tenho estudo até a oitava não é o suficiente pra pegar nos certos lugares de carteira assinada, tu não pega, tu é rejeitada.

I.: hoje tu vai, tu precisa de experiência, tem que te estudo de primeiro e segundo grau e eles não sabe a dificuldade que a gente passa. O passado da gente atrás.

I.: mais importante, que o dinheiro ia vir suado, um dinheiro que tu ia sabe do que que vai, não precisava nem ser um salário, mas que eles dessem mais é o emprego.

I.: claro, a gente era em um monte de irmãos e uns tinham que trabalhar assim... de carroça, de ajuda em casa. Eu trabalhei em casa de família, minha mãe me botou, praticamente ela me atirou assim... [...] eu morava e vinha só no final de semana. Com 14 anos ela disse que eu tinha que ajuda ela e eu ajudei. Fiquei até os 16 anos e aí eu não aguentei mais a mulher e aí eu fugi de lá.

I.: mesmo que fosse o mesmo valor (programas e emprego). Porque daí tu ia, ia conhece novas pessoas, tu ia, não vindo só aqui, claro que aqui a gente conhece pessoas, que nem tu, a gente conhece. Mas ia ser um dinheiro suado, tu ia ter mais valor naquele dinheiro. [...] é diferente! Eu sei, porque eu já trabalhei assim, em casa de família. Tu dá mais valor ainda. Não to dizendo que eu não do valor ao dinheiro, mas eu acho que as pessoas iam dá mais valor. Não iam dize, ah não tô afim de ii na reunião e não vou, não sou obrigada. Já o emprego é diferente. Eu penso assim, né. [...] um compromisso mais rígido. Chega no fim do mês tem aquele tanto ali, que eu trabalhei, que eu adquiri tal coisa aí.

R.: porque de bico não dá pra vive, né. Às vezes, quando tem um que outro, nem sempre. Mas eu recebo um troquinho dali, eu faço alguma coisa, sabe. Que nem agora, ontem e hoje, eu tive que faze faxina. Pra entra um dinheirinho a mais pra ve o que a gente pode faze, né. [...]

M: ah, aí eu vô nas que eu já conheço, tu não que que eu faça uma limpeza, porque eu to precisando muito, aí elas até, né, porque elas já me conhecem tudo. Ah essa aqui é a nossa.. aí elas me chama, e eu vô lá e faço. Ou senão como eu aprendi lá essa profissão de salgados, quando eu tô muito, muito apertada, que eu vejo que não vô te o leite pro guri, que é o meu gordinho, que ele toma leite, não toma café, eu pego e faço, eu compro uma gordura que tem daquelas lá em cima, faço uns salgados, saio pra vende por aqui ali e sai. E é isso aí...

R.: e eu conheço um monte de gente, né Aline, que tem dinheiro, tem dinheiro, bastante, e não é um dinheiro suado, que tu vê que é trabalhado, né. Dinheiro fácil, como dizem. Conheço gente que disse: ah, tu não qué entra neste ritmo, da um dinheiro bom, nunca vai falta nada. Minha cabeça não é essa, é totalmente diferente.

J.: nos lugares onde eu sabia que queriam faxineira. Umas eram mais cheias, outras eram melhorzinha. Mas aí a gente vai fazendo, ta sofrendo, ta trabalhando, a gente vai fazendo. Por que eu não falava com ninguém no começo, quando eu começava a trabalhar. Só perguntava, me diziam é tal coisa pra ti faze, tal coisa é aquilo ali, chamar de bacana que não dá.

J.: é uma forma de terapia. É assim, é mais do que um trabalho, isso aqui é uma associação, que aqui assim, que tem muitas pessoas que qué se senti mais que os outros, mas querem muito prejudicar os outros, mas eu sinto assim que é uma família. São 50 pessoas que trabalha aqui dentro. E eu acho assim que é uma coisa assim, pra mim, é uma coisa muito [...]. É como se fosse uma mini firma, uma coisa assim, só não tem carteira assinada. É um serviço autônomo, né. Mas mesmo assim é um ganha pão dignamente. [...] Dignamente de todos que trabalham aqui.

J.: meu único auxílio foi este que eu tava te falando que é o carrinho. É o carrinho de papel. Eu puxei muitos anos. Fui uma carrinheira anos e anos. E de lá, depois que nós viemo pra cá, já to há 14 anos aqui dentro. Aqui eu entrei e fiquei e me aposentei. Me aposentei é modo de dizer, né. Entrei e fiquei. [...] falta o galpão, mas não falta eu. (risos) é capaz de faltar o tijolo do galpão mas não falta eu. Posso ficar doente, ontem eu passei mal porque eu tenho pressão alta, onti eu passei mal. Eu to há quatorze anos aqui dentro. [...] Eu tô aqui há quatorze ano, nunca tive uma falta, nunca botei atestado, só uma vez que eu tive, mas aí não foi atestado, que me deu ameaça de enfarte aqui dentro, que ai me obriguei a fica dois dias no hospital e no outro dia eu tava aqui de volta. Eles nem botaram como falta, nem como nada, porque eu saí mal mesmo daqui.

L.: aí eles diziam ah, porque não tem segundo grau, porque não termino o primeiro grau. Um monte de coisas. Tudo isso. Já [...] que eu desisti né. Desisti modo de dize. Cada vez que nós vai é um monte de frescura pra pega um serviço. Sendo que muitas vezes podiam bota a pessoa a pratica e seria muito melhor, que.. nem sempre com o teu estudo, qué dize que vá conhece aquilo ali melhor.

N.: porque tem uns que já nascem em berço de ouro, então. Tem uns que trabalham bastante pra te o que tem e os que não tem, não tem oportunidade também. Que nem eu, né, pra abri um crediário tem que tê a carteira assinada, pra mim arruma um emprego eu tenho que tê um ano de carteira assinada, um ano de experiência. Como é que eu vô tê experiência se nenhuma empresa abre as portas pra que eu tenha experiência? então eu acho, a baixa renda, como chamam, sofre com isso, porque, não tem as oportunidades que os ricos tem. então até pra ti pega de empregada doméstica na casa desses ricos tem que tê, tê antecedentes, te exige um monte de coisas. então, é assim mesmo, a minha ficha sempre foi limpa, com isso eu não tenho problema. Meu problema também é com experiência, mas esses dias eu cheguei numa empresa e disse 'como é que vocês querem que eu tenha se.. [...] é, que eu tinha que te um ano, sem isso não dá. Mesmo com essa lei agora que eles não podem exigir um ano de experiência, eles exigem. Botam no jornal que querem seis meses e aí

tu chega lá e querem um ano. Não tem. Então eu acho que é isso, porque tem pessoas, como eu te falei, tem pessoas que já nascem tendo dinheiro, então as coisas são bem mais fáceis pra elas.

N.: sim, a minha mãe sempre me ensino que a gente nunca não roubasse nada de ninguém. Que era muito mais bonito chega e pedi, do que dormi com a consciência pesada. então eu sempre batalhei, sempre. Eu trabalhei muito tempo sem assina a carteira e é por isso hoje não consigo.[...] trabalhava numa lavanderia, por isso que hoje eu não consigo abri crediário, não consigo fazer nada porque não tenho a carteira assinada. Eles assinaram só três meses da minha carteira. Eu sempre fui a luta. Se eu quero alguma coisa eu pego e...

N.: ele é assador de espetinho. E agora ele que pega um taxi durante o dia. Mas eu digo 'tá, e que hora tu vai dormi?' 'ah, fizemo mais um filho, tem que trabalha'.

T.: sabe o que ta faltando? Eu tenho é que trabalha. Ai quando eu fui trabalha, de volta, depois de 10 anos, eu fui trabalha no comercio de novo. Ai foi a melhor coisa da minha vida. Sabe? Aquela coisa assim, trabalháaa! Tu conhece gente diferente. Aí eu conheci uma colega assim, que era vaidosa, coisa sabe. Ela começou a sabe da minha vida, vamo fazer um passeio, vamo pro shopping. Ela fez quase eu estora os limite dos meus cartões, sabe. Nós fomos fazer uma tarde de shopping, só nas promoção. Sabe? Mas comprei bastante roupa, aí eu me pintei, fiz sobrancelha, cortei o cabelo, pintei o cabelo, andava de salto alto, sabe? Aquela coisa assim, de se arruma e ih bonita pro serviço. Às vezes a mãe dizia, pra que ih bonita pro serviço. Ah, bonita por bonita. Ai eu arrumei namorado, de novo. Sabe aquela coisa. Porque eu tava o que? Auto-estima baixa. Tava acostumada com aquele pouco. E eu não era com aquilo, eu me frustrava.

T.: antigamente com 10, 12 anos se trabalhava. Não tinha tanta robalhera, pessoa envolvida com tráfico, com droga. Existia droga já. Mas não tinha, porque? Porque as pessoas trabalhavam pra ter um dinheirinho, se vesti, tu começava a trabalha cedo, tu queria anda na modinha, bozinho que nem os outros, tu ia trabalha, tu ia trabalha de empregada doméstica, carpina o pátio, trabalha junto com o teu pai na obra, tu fazia, como diz, tu fazia um bola gato, mas tu tinha o teu dinheiro (criança mostra algo pra mãe, ela segue falando) e hoje em dia não pode com 14 anos trabalha.

T.: tu pode, se tu vai revindica uma coisa na firma, tu pode perde teu emprego, porque é que nem eles dizem, cansei de ouvi meu patrão diz: tá ruim, pede as conta, porque tem 500 nas porta querendo se emprega. Muitas vez tu sai de um emprego, depois tu volta, e os patrão diz: tá ruim? As perna levam e a barriga traz de volta.

### **sonhos:**

S.: mas eu creio que, que depois eu não vô precisa mais. Porque tu tem que pega o dinheiro e tem que sabe administra, né. Não adianta tu pega mil, dois mil por mês e tu não fazer nada com aquele dinheiro. Tu vai entra, tu vai te aquele dinheiro, e tu vai te um objetivo, ó. É pra aquilo, aquilo aquilo que eu vô fazer. Que nem meu sonho, meu sonho é que assim, que aí eu posso vende e meus filho te, é uma frutera. Entendeu? Que aí eu posso vende, é uma fonte de renda. Meus filhos vão tem pra come e eu vô te pra vende. Aí não vai mais falta pra eles, né. Aí depois que eu fiz, ajesta minha casa, fiz tudo o que eu tenho pra fazer, eu vô investi numa frutera. Eu vô investi numa frutera.

C.: então hoje eu vejo uma criança, daquele jeito, se eu tivesse condições eu tirava da rua e levava pra mora comigo. Como eu tirei uma da rua, tem um morando comigo. Tirei, tem 10 anos, de uma conhecida minha, a mãe dele é drogada. Que que eu fiz? Eu tirei ele da rua e levei ele pra dentro da



minha casa. O que meus filhos comem, ele come. Ele só não tá no colégio pq eu não tenho os papel dele, mas ele mora comigo. O que meus filho ganham, tudo o que eu compro pros meus filhos eu do pra ele, então ele tá como meu filho. (p.3)

I.: ah, eu mudava muita coisa. Eu dava mais emprego pras pessoas que são mais analfabetas. Dava mais oportunidade pra essas pessoas. Pra quando elas batessem nas empresas não pedir tanta, como é que se diz? Eles pedem referência, pedem isso, pedem aquilo. Dava mais oportunidade pra aqueles que precisam mesmo. Não só pra aqueles que tem curso, tem tudo, segundo e terceiro grau. Eu daria mais oportunidade, daria mais emprego também. A gente precisa mais de emprego.

R.: ah eu penso que se a gente tivesse dinheiro na mão a gente podia abri um comércio, alguma coisa, pra trabalha, né.

R.: eu disse pra ele, até essa casinha da Caixa a gente podia vê. Porque ia se um cantinho nosso Aline, não ia se dos outros. A gente vai pensando no que vai faze daqui e dali. Mas com o tempo, acho que até o ano que vem a gente não tá mais aqui.

R.: eu até tava pensando em faze um curso de doceira, essas coisa, sabe? Sim, porque aprende, e leva pras outras, né. Até meu marido me disse que quando ele tiver condições ele me ajuda a paga. Vamo vê. É uma profissão boa.

L.: ai, eu acho, eu não suporto vê criança na rua, coitadas. [...] Acho horrível, não expoe, não expor as crianças. Que não tem que ve, né. Não expor as criança, né, e devia, tê mais facilidade, sei lá, um jeito, não sei como, que fosse, no meu caso, em todos caso, arruma a casa. Se tivesse uma pessoa sem lugar, que tivesse uma prestação que fosse até aquele valor entendeu, não tem. Como é que tu vai tê se tu não tem uma carteira assinada, não tem um comprovante.

D.: principalmente tira as crianças da rua. Que eu fico apavorada e vê um horror de crianças na rua. Olha, a primeira coisa que eu faria era muda. [...] Os pais são pobres e ficam cada vez mais pobre porque não procuram luta. Se atiram na bebida, se atiram na droga, né. E esquecem que tem dos filhos.

N.: acho que essas crianças abandonadas que vivem na rua. Acho que isso. Se eu tivesse condições eu faria uma casa, sabe, bem grande. Se tem uma coisa que eu não consigo vê é essas crianças abandonada, não consigo mesmo, ou então essas criança que a mãe judia, sabe? Que nem tem no jornal que eu vejo, né, esses dias uma criança, a vó da criança não conseguiu nem reconhece o rosto da criança de tanto hematoma que tinha a criança. Então eu faria uma baita de uma casa e botava essas criança tudo, não pra abrigo, essas coisa, mas tudo pra mim. Contratava gente tudo pra, se eu tivesse condições, né, mas eu não tenho. Mal eu tenho pros meus como é que eu vô te pros outros?

S.: a droga, e, como é que se diz assim, como é que, não sei como é que se fala, se é exploração..

A.: acho que essa violência, né. A pessoa sai de casa e não sabe se volta, né. Nem dentro de casa a gente tá seguro, né. Eu penso muito que é só eu os meus tres filhos, né. Mas graças a deus eu me do bem com todo mundo. Eu não sô de sai\ né, só em casa, com as criança. Quem faz o lugar é a gente, né'.

T.: ah eu acho que a questão desse negócio de, dessas pessoas que tem, as que quisessem, porque tem pessoas que não querem. As que quisessem mudar de vida, muda de mundo, assim. Esses negócio de pobreza, de fome, sabe? De estudo, dessas coisa assim. Acho tenta gera mais emprego, mais oportunidade,

R.: ah, desemprego, desemprego. Acho que desemprego, porque tá horrível. Procura serviço hoje em dia tá difícil.

### **Conhecimentos**

J.: assim ó, como eu tava dizendo. Tem uma pessoa do alto lá, que tá lá dentro do escritório, e bota aqui dentro, e bota aqui, eu tenho a impressão que a pessoa vai ficar que nem uma mosca num vidro de mel. Vai ficar aí arrodando, arrodando em volta daqui ali, sem sabe o que fazer. [...] tu pode ver que a mosca no mel ela não sabe o que fazer ali, ela não é abelha... (risos) A abelha, quando cai no mel, ela sabe o que fazer. Então eu acho assim que, não sei se to dizendo bobagem. [...] Então eu acho assim que se bota uma pessoa do alto aqui dentro deste galpão vai tomar.. se botar um meia dúzia do alto aqui e bota três que já é daqui, aqueles três fazem o serviço por eles e mais pela meia dúzia. Então como eu tava dizendo, que nem mosca no mel não sabe fazer nada, não entende nada disso aqui. Eles vão fica doente aqui dentro. Como eu já expliquei, tem muitas pessoas que vem aqui, vem pra visitar uns, maravilha, conversa com a gente, tudo bem. Outros tem medo da gente.

L.: e outra coisa, tu vai pega um emprego numa firma, as vezes, ao invés de bota a pessoa pratica, pra um monte de burocracia e papel e isso e aquilo, aquilo outro, mas se não bota pra trabalha, de repente isso aí não vai resolve, né.

T.: hoje em dia 18 ano, 19, ah é muito novo pra trabalha, não tem experiência. O mercado já não, não coisa. Passou dos 25 tu também já tem mais valor no mercado de trabalho, tu já é velho, já é velho. Aí que que hoje em dia? Eles não olham a experiencia de vida, a bagagem que a pessoa traz. A pessoa traz uma bagagem na vida, de repente a pessoa nunca teve uma experiencia em carteira, mas não dão nem oportunidade pras pessoas. Às vezes, tu tem experiencia de cozinheiro, não. Mas não dão a oportunidade de assim, não vamo faze um teste. Não eles querem o curso do SENAC, curso daquilo, o que importa hoje em dia é o papel

J.: eu não acredito em médico. Eu prefiro ir na beira, ali na beira da reserva pra, no mato, e pegar umas folhas de chá, porque eu conheço vários. A minha mãe era índia. Então eu bebo bastante chá. Eu pego umas folhas de chá, faço chá, tomo e me curo. Se eu vou no médico, eu tomo um mooonte de remédio. Por deus. Pode pergunta, pro Alex, pra Celói que é minha filha, [...] ta nos armário, nas prateleira, põe dentro do armário e esquece o remédio lá dentro. Agora dos chá eu não esqueço.

N.: até poderia se um pouco diferente, mas não muito (se tivesse estudado). Como eu te falei, no caso da experiência. Tem gente com diploma de faculdade que não consegue emprego.[...] então eu acho que isso não ia faze muita diferença. Todo mundo me diz, ah, tu paro de estuda, mas eu fico feliz com a escolha que eu fiz, eu escolhi cuida dos meus filhos do que estuda. Acho que a pessoa também tem que se senti bem com as escolhas que a pessoa faz. E eu me senti bem.<sup>3</sup>

### **Violência**

M.: e eu criei meus filhos com tanto amor e carinho pra depois vi um vagabundo, sem vergonha e vir tira a vida dos meus filhos. E eu nem queixa dei. Porque meu filho morreu no braços do meu irmão, sabe, o meu irmão fico revoltado da vida, ele queria faze vingança com a própria mão dele, sabe, e eu com medo dele lá, e quere faze alguma coisa e se morto também. Eu entrei em desespero, daí era meu irmão que tava com a via correndo risco, e o meu filho que tinha perdido a vida. Aí eu

já não sabia mais o que pensa. Sabe? O que faze pra não perde mais um. E acabei perdendo igual, né?

N.: eles se respeitam tudo, mas o lugar em si é horrível, tu vê de tudo. Então, é horrível, é um lugar em que eu não volto pra mora. Posso ih pra qualquer outro lugar, mas ali eu não volto mesmo. Vi muita coisa ali, uma criança, do tamanho do meu menor, morrendo, porque tava brincando. Começo um tiroteio e pego uma bala perdida nele e aí a mãe dele, pra não morre, teve que fica quieta também. Que ela viu quem foi e não pode fala. Então, vila tem dessas coisas.

V: eu tenho isso comigo assim, ó, que na vila eles não tao vendo o que eu vi, não tem gente cherando, fumando, na esquina, na porta da tua casa, sabe? Não tao vendo gente morta, estirada no chão. E aonde eu moro pelo menos é diferente. Que nem eu digo, a gente sai e só vê carro, porque é só avenida, ali.

C: ser pobre pra mim é um orgulho. Agora uma pobreza, como eu falei, se todos tivessem a oportunidade, que nem a gente tá tendo agora, de sai das rua, de sai das droga, te um lar, te uma comida todos os dias, te um cafezinho da manhã, o meio dia o almoço, de tarde o cafezinho, sempre, te o que come dentro de casa. Se todas as crianças tivesse o que come dentro de casa, não tariam nas rua, pedindo, robando, fazendo o que eles fazem. Se eles tivessem tudo isso dentro de casa, carinho de mãe, que tem muitas mãe que não dão carinho, como foi o meu caso, que minha mãe nunca me deu um carinho, nunca me deu um abraço, nunca me deu um beijo. O que ela não me deu, eu do pros meus filhos. Tento passa pros meus filhos tudo de bom que eu não tive, eu do pros meus filhos. Se todos tivessem a mesma oportunidade que eu tenho agora, e que eu do pros meus filhos, garanto que não existia, criança nas rua pedindo, passando fome. E tendo uma escola que é importante na vida da gente é a escola. O mais importante é sabe ler e escrever. Pode trabalhar, pode ser de faxineira, lava banheiro, não é feio. Mas tendo estudo, é muito bom... então...

### **Como vê o seu “semelhante”**

N.: mas a gente vê que tem muita gente que é pior, se eu acho que o meu problema é enorme, tem problema de pessoas aqui que não tem nem tamanho, que é problema difícil com droga, essas coisas, que graças a deus eu não passo por isso. [...]

N.: não, eu não consigo vaga pra eles. Mas tem mães que pegam largam os filhos na creche pra fica dormindo o dia inteiro e essas conseguem. E a gente que tem que trabalha, que tem que corre atrás, tão...

N.: porque eu não sô desesperada pelos outros, ou sô de ih atrás. Senão a vizinha 'ah, ela qué que as coisas caiam do céu, pra ela'. Eu não sô assim.

N.: ah, tinham pessoas que eram solidárias e tudo e tinha pessoas que não nem queriam ajuda. Uma coisa que eu acho bonito que fazem até hoje, os traf, os próprios traficantes fazem. Que tem muita criança que não tem condições nem de da um prato de comida, imagina um brinquedo. então todo dia da criança e final do ano eles se juntam e fazem uma festa pras crianças. então essa atitude deles eu acho bonito. Todo mundo sabe que quem banca é eles, mas, eu digo, pelo menos eles tao fazendo alguma coisa pelas crianças. Tem muita gente boa e muita gente que só pensa no seu próprio nariz, né.

T.: são.. as pessoas querem as coisa pra ontem. Ninguém faz nada, todo mundo fica de braço cruzado, mas pega alguém, eles querem tudo pra ontem, querem te cobra e se não é como sai, que

te.. ah.. prometeram que vão coloca agua em tantos dias, e se naqueles tantos dias não saí, ah porque vocês são mentirosos, decerto vocês pegaram dinheiro, porque vocês tão acomunado. E assim é. Acho que em todas as vilas são assim. Comunidade é assim.

T.: se eu fosse fala da das meninas da cooperativa da Joana, são tudo umas mulher alienada, submissa aos marido, a vida, tudo depressiva, tudo que se frustraram, então elas não tem, tipo assim, entusiasmo, expectativa de vida, de futuro, procura alguma coisa, elas coisa. Eu não.

T.: sabe porque que as coisa acontece no nosso país? O culpado de tudo isso somos nós mesmos. A gente a gente se submete, é um país submisso, ah, é o país do carnaval, é o país do futebol, isso e aquilo, mas pra revindica suas coisa, o povo ó, pia a colinha e fica de boca bem fechadinha. Por isso que tudo vira pizza, todo mundo roba. [...] M: tá tudo bem, já entro vários, Fernando Henrique era um um presidente poligloto, que que falava várias língua, aí quando foi o Lula, ah, vai faze o que, não sabe nem fala o português correto, o que que ele vai fala. A gente mesmo brasileiro já tava discriminando o home, né. É uma coisa, é o próprio, é a prova, de que a pessoa nunca aposta, dá fé, naquele que é de repente igual a ele. Assim foi que nem aquele que.. se tiver que vota ali, ah tem que escolhe, entre a Mari e entre a ... ah, vamo vota na fulana que tem mais, mais uma coisa. De repente não sabe que aquela que a Mari, aquela humilde tenha boas experiência, boas coisa pra faze. A gente é assim. O brasileiro é assim.

### **Papel do Estado**

C.: olha, eu acho assim, se o governo realmente ajudasse todas as família, porque tem muitas família que não precisam, tem muitas que não precisam e outras não. Tem a classe média e tem a classe pobre, como diz, né. Então eu acho assim, ó, eu acho que eles tem que ajuda mais a classe pobre. Tirasse as criança das rua, os drogado, que agora é só dois meses numa clínica aí depois os drogado vão pra casa, que que adianta faze um tratamento de dois meses? Então eles tem que ajuda assim, de seis meses, a um ano a dois anos. Até enquanto não fica, não sai realmente curado, tratado daquilo ali, ele tem que fica lá. E o governo tinha que ajuda mais, entendeu? Tem que ajuda mais. [...] o governo tem que olha pra baixo, vê o que que realmente tá acontecendo. Não é só chega lá e eles pede o voto da gente, eles chegam lá e fazem outras coisa, que eles prometem. Eles vem nas vila, faze campanha, dizem que vão ajuda, faze e acontece. Depois termina a campanha, eles tão lá dentro e eles não ajudam a gente em nada. Tudo isso aí eu já ouvi de promessa e nada ganha, realmente não fizeram nada pra nós. A única coisa que fizeram de bom foi a bolsa família e a esse do governo, do PETI.(3)

N.: questão de desigualdade, o que eu penso é assim, ó. É que isso aí vai dos governantes. Não adianta aqui, só o centro aqui, se uni, por exemplo, se uni pra faze alguma coisa, se a prefeitura e se o governo não apoia. E quere creche, creche pras criança. Porque que tem mães que não precisam e que tem os filhos na creche? E mães que precisam trabalha não conseguem vaga nas creche.

C.: é! É, porque tem um que é de um ano e meio do NASF e outro que é de quatro anos. Eu acho assim, porque esse dinheirinho, se a gente não tem as coisa dentro de casa, a gente vai lá e compra. Como eu, eu comprei uma carroça, comprei televisão, comprei camas. Eu to, com esse dinheiro eu só mexo pra compra as coisas pra dentro de casa, arruma minha casa. Então dá sim, pra ti melhora tua vida, um pouco. (3)

I.: eu acharia que o governo é ainda muito.. ele recebe fortuna de... esses deputado, vereador, eles podiam pensa um pouco mais no pobre, da mais emprego. Em vez deles dá essas miséria que eles dão, de dinheiro. Que eles dessem mais emprego, que daí a população se erguia um pouco, né. (3)

I.: mas o governo dá assim, de mão beijada. Coisa boa, né. Mas ainda, não é tanto a alternativa pra um pobre. (3)

T.: mas a coisa no nosso país só funciona abaixo de grito, só que as pessoas não querem grita, as pessoas até tem medo de grita.

### **O trabalho da Assistência social:**

R.: olha ajuda, ajuda sim. Ajuda porque tu sabe que chega aquele dia, tu vai lá no banco né e tem aquele troquinho, sabe que é um troquinho sagrado. [...] acho que transforma totalmente, acho que não, mas ajuda, ajuda muito.

C: crio meus filhos sozinha, sou mãe solteira, tenho muita dificuldade, né, que agradeço a Helena que ela me boto no programa do PETI, ela tá me auxiliando, ta indo na na minha casa, faze visitas. (p.01)

C: é (suficiente para mudar de vida)! É, porque tem um que é de um ano e meio do NASF e outro que é de quatro anos. Eu acho assim, porque esse dinheirinho, se a gente não tem as coisa dentro de casa, a gente vai lá e compra. Como eu, eu comprei uma carroça, comprei televisão, comprei camas.

C: eu não tenho queixa do PETI, agradeço a Helena por tudo o ela tá fazendo por mim. Porque até 2012 ela tá me auxiliando, então, agradeço muito, por tudo o que as pessoas me ajudaram, agradeço bastante.

C: vai, a partir de 2012. as guria do NEP já tão, já deram o projeto lá pra dentro e ele já assinou pra a partir de 2012 ele vai assina nossas carteira como profissional do sexo, como um trabalho normal, como um trabalho normal. Eu pago INSS, 55 pila por mês, porque no dia em que eu fica doente, ou no dia em que meus filho precisarem, eu te um dinheiro lá pra pega todos mês. Então tudo através do NEP, que eu pago INSS, porque eles me ajudaram. Então eu não tenho queixa nenhuma deles, lá. Não tenho queixa de ninguém.

M.: com a graça de deus, aquele senhor lá, que é o seu O. (assistente social), me apoia muito.

M.: não é porque a gente tem uma certa idade que a gente não precisa. Porque tudo o que eles tem pra dá, é pra quem tem criança, ou pra depois de 60, 65. Então, qué dize que na minha idade então tu não existe, tu não precisa, tu não tem dificuldade. Cai do céu por descuido. Sabe? Eu acho que não é por aí, né. Não é porque eu tenho essa idade, que eu preciso tê um bebê, pra mim pode ganha ajuda. Acho que não precisa. Até porque não tem mais como fazer bebê. (risos) É, não tem mais como faze bebê.

I.: aaah, eu entrei no NASF, agora eu to no PETI. Fui muito ajudada pelas assistentes sociais. No tempo da Luisa, da Marina e agora da Helena. Tenho muita ajuda, não posso reclamar, às vezes assim, quando falta um vale transporte eu venho, elas me ajudam, até na cesta básica. Cansei de vir, assim. Porque eu venho mesmo quando não tem como, mas eu sempre fui bem atendida por elas. [...] eu acho que no lugar desses pogramas, as assistente social, em módulo, módulo de ilha ou no Humaitá, eles tinham que dar emprego, que é um dinheiro que tu ia tê suado. Não participa de reunião. Eu participo aqui, no meu caso das 9h às 11h. Tá, a gente conversa, debate, duas vez por

mês, mas eu acharia que o governo tinha que dar emprego. Vim, ver as mulher tudo e da emprego pra elas.

I.: isso, no caso aqui é meia manhã que tu perde, né? No caso tu perde, mas tem que vir, né. Mas se tu fosse trabalha, tu não perdia aquela meia manhã. Tava ganhando.

I.: tem algumas que só esperam por esse benefício. Não fazem nada. Tem umas que usam até droga com o dinheiro mesmo, entre aspa, né. Mas tem umas que adquirem bastante coisinha. Eu em um ano e meio, adquiri o que eu tenho. Eu recebi 200 e eu não ganhava bolsa família, depois que eu fui ganha, né. Eu tiro metade, guardo pra outra, e a outra é pra compra as coisa pra dentro de casa.

J.: por que as vezes que fui tinha que esperar, e aí eu não ia mais. Eu to dizendo, eu sou triste, por exemplo, se eu to precisando de uma coisa, vamo supor assim, que eu preciso, eu precisava cinco real da senhora, eu sei que a senhora tem, eu ia chegar na senhora e dizer assim, a senhora me empresta. E a senhora me diz: agora não tenho, tu espera um pouquinho. Pode esquecer que esse pouquinho vai ficar pro resto da vida. E eu várias vezes, duas ou três vezes, fui lá. Nos colégios, onde as crianças estudavam e tentei fazer o bolsa escola, quando tava fazendo, “ah porque nós tamo fazendo por etapas”, não sei o que, tem que esperar. Fiquei olhando a minha filha que agora tem 16 anos, a última que estudou, os outros já tão tudo casado, pai de filho, os filho deles já tão tudo estudando e ninguém botou.

L.: tu acha às vezes que é coisa pequena que fazem, eu digo, grande diferença ali.

N.: questão de desigualdade, o que eu penso é assim, ó. É que isso aí vai dos governantes. Não adianta aqui, só o centro aqui, se uni, por exemplo, se uni pra faze alguma coisa, se a prefeitura e se o governo não apoia. E quer creche, creche pras criança. Porque que tem mães que não precisam e que tem os filhos na creche? E mães que precisam trabalha não conseguem vaga nas creche.

T.: não muda nada. Não muda nada porque eu já tive isso aí. Tive Bolsa família. Hoje não tenho, claro. Tenho minha renda, nem queria. Quando me tiraram a minha, eu até nem fui sabe o porque me tiraram ou deixaram de me tira. Eu digo ah, se tiraram de mim é porque eu passei, já me ajudou também numa época que eu precisava ele ajudou e agora ele vai ajuda outra pessoa. Mas as vezes a gente se aborrece, como eles dizem, esses serviço social que fazem aí, bolsa família, PETI, essas coisa, que dão, que a fasc dá bolsa disso, bolsa daquilo, sei que, as vezes tu sabe muito bem, que a criança não ve nem a cor daquilo ali. Que é pa ti bota no estudo ou compra uma roupa. Às vezes tem pessoas que tem cinco, seis filhos e ganham 60,00. o que que 60,00 vai dá pra faze? Eu acho que tinha que se mais. Tipo assim, bota, bota, bolsa família, o que que ia ajuda a pessoa no meu ver penso, ah, tem tantas crianças, vamo acha um telecentro, alguma coisa, vamo faze um curso de computação (criança fala: mãe, minha bicicleta tá ficando velhinha) aah, se fosse menina, um curso de manicure (criança: pobrezinha da minha bicicleta), um um tipo um auxiliar de enfermagem, radiologia, alguma coisa que fosse te proveito, marcenaria ou alguma coisa que fosse pra eles trabalha, pra eles te o dinheiro deles.

T.: e aí vão se tornando isso aí. Eu acho que esse negócio de bolsa PETI, até pode ajuda as pessoa, mas eu não acho que é isso. Tem que dá mais oportunidade, mais estudo, aperfeiçoa as escola, bota curso, tipo de manha, estuda de manha, e de tarde tu vai pra escola, faze um curso de aperfeiçoamento, sei lá, alguma coisa.

T.: na minha visão, na minha visão de política agora eu já digo, pessoa que acredita em política, e disse assim ó, eu vô muda educação, saúde e droga, tá mentindo, porque isso não vai se arrumado nunca mais. Isso não tem mais conserto.

### **Conselho Tutelar:**

A.: e não tinha muito essa lei, que nem o conselho. Ai que tu... marca, já é chamado o conselho. 'tu não pode fazer isso, não pode fazer aquilo'. Mas e como é que a polícia faz, quando pega? Né? Que nem eu digo pro meu filho mesmo, na época em que ele tava no colégio, que ele quebre vidro, quebre tudo, era todo dia me ligando. Aí um dia eu perdi a paciência. Peguei e dei de cinto. Mas marquei e no outro dia tinha o colégio, que tava marcado ali. A diretora me chamou lá. Aí eu ... se a gente dá, ligam todo dia do colégio por isso e aquilo, se a gente vai educar, ainda leva pro conselho? Essa lei do conselho.. .que viro uma merda. A verdade tem que dizer, antes tu educava um filho e não era tanto assim. Agora mudou essa lei, os filhos fazem se a gente vai e dá. Que nem um dia o meu disse pra mim: 'vai, dá, dá em mim, que eu chamo a polícia pra ti' e é difícil mesmo. Eles pedem mesmo. Porque, eles foram criados sem pai, né.

S.: muito difícil mesmo, porque atrapalhou muito o estudo dos meus filhos, muita miséria, muita fome meus filhos passaram. Meus gêmeos chegaram até a ir pro hospital, que eu não te pra da pra eles. Foi horrível. Mas pra mim agora vai ficar melhor, né. Que, a agente de saúde disse pra mim 'Sandra, eu vou fazer uma coisa que tu não vai gostar, mas que vai te ajudar', que ela me denunciou pro conselho tutelar, tudo né. (enche os olhos de lágrimas) E meus filhos voltaram a estudar, né, e eles não vão mais passar fome, que agora eles vão ter as coisas pra eles comerem, eles vão ver as coisas, eu vou poder comprar pra dar pra eles, isso aí tudo assim, ó, eu tô chorando de alegria, não é de tristeza.

### **Saúde:**

J.: aí eu cheguei e aí tinha três pessoas na minha frente. Aí eu fiz a ficha dele e entreguei pra ela e foi atendida aquelas pessoas. E aí no meio tempo chegou mais umas três ou quatro pessoas, acho que crasse média. Aquela gente dela. Aí ela foi passando aquelas pessoas na nossa frente, né e a fila foi aumentando pra trás.[...] Eu disse pra ela: pelo amor de Deus, meu filho tá roxo, não sei.. mostrei meu filho pra ela. Ela nem quis olhar, nem quis saber. Ela mandou que eu voltasse pra fila. Aí voltei pra fila, desesperada, chorando com ele no colo. [...] Aí eu entrei e disse pra ela: por favor, atende meu filho que ele tá mal. Ela foi assim e levantou o olho puxado pra cima assim e disse assim: pelo amor de Deus, tu chegou agora? Perguntou ela pra mim. Digo não senhora, já faz duas horas que eu já tô aqui. E ela: o quê? Eu digo: faz duas horas. Eu pedi pra entrar e essa moça disse pra não entrar e já passou gente na minha frente. [...] tu vai, tu pega essa criança e pega o elevador e vai direto pra UTI, rápido, pra ver se tu consegue chegar a tempo. Aí ela veio pra tirar o guri dos meus braços e disse não, pode deixar. E eu disse que não era pra tirar o guri dos meus braços. ... Aí embarquemos no elevador, quando chegou assim, um degrau pra cima, no andar pra chegar na UTI, não sei explicar direito, mas é assim, e aí eu olhei pra ele assim e ele fez (suspiro), parecia que ele tinha puxado toda a respiraçãozinha dele pra dentro e ficou pretinho, pretinho, pretinho, mais pretinho. E parou de respirar. Quando ele parou de respirar eu fiquei em pânico, aí eu botei a mão e comecei a mexer.. eu queria massagear o coração dele assim, sabe. Daí ela disse assim pra mim: tira essa mão daí, porque se tu fosse médica tu não precisaria.. tirou minha mão, quando parou o elevador, bati de volta minha mão na cara dela. E não tenho vergonha. Uma coisa que nunca me arrependi de ter feito foi isso. Me arrependo de qualquer coisa errada que eu faço, mas eu acho que isso não foi errado porque eu me ofendi. [...] É que depois que ele faleceu, que eu perdi, que eles foram fazer a autópsia, viram que ele entrou ... quem sabe se ele fosse atendido antes, quem sabe eu tinha tido tempo de salvar ele. Eu acho que isso é um baita de um preconceito, um baita preconceito.

J.: eu posso tá doente, eles me cobram que eu tenho que ir pra casa e eu digo: não vô, eu não gosto de médico, eu tenho pavor de médico desde as coisas que me aconteceram.

T.: a mesma coisa ali na PUC, uma vez meu irmão foi baleado, tava na PUC, trabalha, carteira assinada, tudo, onde ele morava deu tiroteio e uma bala pego nele. Mora em vila, em boca de vila ali na Bom Jesus, tu tá arriscado a tudo. Como qualquer um. Até eu se der um tiroteio aqui eu posso tá sentada aqui né. Mas graças a deus aqui e lá na Joana não se ve isso, né. Aí eu me senti humilhada, humilhada, por questão financeira, racial, por tudo. Aí foi, fui lá pro hospital no outro dia, ai o médico disseram assim, ah a senhora que fala com o médico, amanhã o médico disse que qué fala com a senhora, e que a senhora esteja aqui as sete e meia. Sete e meia tava eu a minha cunhada dentro da PUC. Sete e meia, e era dez hora da noite e o médico não tinha vindo fala com nós. E o meu irmão, isso aconteceu num sábado pra domingo, era terça-feira, é nos passamo o sábado, o domingo, segunda, era terça-feira, eu irmão ainda tava deitado em cima da maca, em cima dos mesmo lençol que ele foi domingo, pra lá baleado, com sangue, não tinham atendido ele direito, só dando analgésico pra ele, nem nada, nem tinha enfermeira pra atende no corredor, nem nada. Mas chegava alguém, deixava de atende as pessoas, tinha um senhor, até com câncer, deixa de atende. Ai chegou uma fininha, que eu digo, uma filhinha de papai que tinha tentado se, se, tava em depressão, tomo um monte de boleta e tento se mata, entro a mãe, doutor a fulana tento se matar, o doutor largou todo mundo que ele tava atendendo ali, da parte do SUS, do sucesso e saiu correndo porque tinha convênio, era a madamezinha e coisa. então que dize, aquele senhor que tava com câncer ali, na fase final, faltando ar, isso e aquilo, que já mandaram o home embora pra casa, não iam atende o home. Mas aí eu já me meti, mas como não vão atende, esse senhor tá quase morrendo, tem que faze um oxigênio nesse home, o senhor não sai nem daqui, largaram tudo e foram. E do meu irmão, quando chego 10 hora, eu disse, ah enfermeira, ah sei o que, acho que não vai, abri o bocão lá dentro. Eu disse: o que que é, vocês tirando pra palhaço, sete horas o médico atende pra todo mundo, e pra mim não, só porque meu irmão ta baleado, ta em cima desses lençol sujo, porque vocês acham que ele tá baleado, é negro, que ele é bandido, que ele é traficante? Só porque ele tá com um tiro ou porque a gente é pobre, não tem plano de saúde, mas tá aqui a carteira, ele é trabalhador, ele trabalha. E outra coisa, vocês tão pensando que a gente não tem isso, então discriminação. Ela meteu a boca, ah, mal educada. Eu disse não. Amanhã sim, eu vô na ouvidoria do hospital, e eu vô na rádio, porque isso é falta de respeito, falta de humanidade, porque uma pessoa baleada, tem outras pessoas aqui faz dois três dias atirada no corredor aqui, vocês não dao um jeito. O que que é? Se eu não venho aqui não dá comida, agua pra ele. Não bota pra faze xixi, vocês nem atendem ele. Porque era nós que tinha que dá comida pra ele, porque a comida ficava ali. Uma pessoa loca de dor e coisa. Abri o bocão, estardalhaço, estardalhaço, lá dentro. E amanha.. fui me embora. Sai chorando de lá, porque eu me senti humilhada, discriminação porque a gente não tinha um dinheiro pra paga um plano de saúde, porque a gente era negros, acho que tinha mais gente negros, mas tudo penando que nem a gente era pobre, outro porque era negro e tava baleado, porque tem o costume de que nego, baleado, é bandido, porque quem toma tiro é bandido, sabe? Tudo aquela coisa. Eu me frustrei muito. Aí no outro dia, como eu abri o estardalhaço, quando eu fui ve ele, estava de banho tomado, os lençol trocado, tava assim num quarto. Com enfermeira todos aqueles que tavam lá no corredor entraram pra dentro de um quarto. Montaram tipo uma mini emergência ali e botaram esses ali dentro, antes de subi pros quarto. Mas tudo com ar-condicionado, tinha arzinho-condicionado, ventiladorzinho, tinha enfermeira, tinha, quem não podia come, tavam dando comidinha na boca.



C: agora, se é que nem eu passei, fui profissional do sexo, tenho carterinha de profissional do sexo, tenho médicos, eu tenho, recebo até hoje, mesmo que eu larguei, igual, eles me procuram, e me dão uma caixa de preservativo com 240 camisinhas. Tenho que leva todos os mês a minha carterinha de profissional do sexo, tem minha fotinha e tudo. Porque se um dia a polícia me barra, eles não tem como me me leva presa, por causa daquela carteirinha.

C: sim, acompanham, vão nos lugar, na praça da alfandega, eu trabalhava na praça da Alfandega, na quinze, farrapos, voluntários, tudo que é lugar eles vão fala com a gente, dá médico, da acompanhamento com psicóloga, dão tudo. Só que eu nunca quis entrar numa psicóloga.

### **Educação:**

V.: porque é pobre é a miguelão?

R.: ah, eu até queria, mas não tem como, né Aline? Eu tenho três, né.. com quem deixa, também. Às vezes é uma correria pra ve com quem deixa eles pra i lá pra cima, porque. .então pra mim. [...] té queria, até queria volta a estuda, mas não tenho como.[...] ah, quando meu marido tá em casa, eu deixo com ele. Porque as vezes a gente tá tao envolvido na cozinha que a gente até esquece deles lá fora. Em então as vezes quando dá pra eu deixa, que eu vejo que ele não vai faze bico, eu até deixo. Mas é que nem ele diz, o bico aparece nas horas que tu menos espera. então tem dias que aparece bico pra ele e ele tem que recusa, né, porque ele ta com as crianças. Às vezes eu levo uma semana, a outra semana deixo eles em casa. Pra não cansa muito também, porque a minha guriuzinha se queixa muito de dor nas perna daquela escada que tem lá.

### **Abrigos:**

C: olha, pra não dize que eu não fui, eu fui uma vez, que eu fui pra FEBEM de Viamão. Que a minha mãe bateu muito em nós. Quebrou três costelas da minha irmã, minha irmã ficou preta, preta. Da escola, o conselho tutelar levou nós pra lá. Eu fiquei um mês e minha irmã ficou três anos. Eu fiquei um mês porque minha mãe foi lá e me tirou. E a minha irmã, minha mãe deu a guarda pra ela na justiça pra minha tinha. Minha irmã mais velha que tem 29 anos. Então foi só aquela vez, depois nunca mais. Nunca mais mesmo.[...] Um pouquinho que eu fiquei lá eu vi que tem muitas coisa ruim. Porque nem tudo no abrigo é muito bom. Porque dize assim, ah, lá é melhor coisa, mentira! Porque tem muita, muitos como diz aquelas pessoas que cuidam da gente lá dentro, eles dão lhe pau na gente, eles abusam da gente, abusam sexualmente da gente. Então não é bom o abrigo. Não é tão bom assim como eles dizem. Mentira! Eu falo na frente de qualquer autoridade. Que não é bom. Porque a minha irmã foi estuprada lá dentro. Ela entro lá moça e saiu de lá mulher. Então aquilo ali não é bom, não é bom mesmo. E saiu grávida de lá de dentro. Por um agente de lá de dentro. Então o abrigo não é bom, mesmo que a gente apanhe em casa da mãe da gente, a gente passa dificuldade, pelo menos tu tá ali com a mãe.







- rejeição/desvalorização			x		x							x		
- ameaçada/se fizer algo, chamam a brigada/conselho tutelar			x									x	x	
- vontade de se matar													x	
- inutilidade													x	
<b>O outro a vê como</b>														
- mendiga														x
- mal educada														x
- com desconfiança/como alguém que irá roubar/portadora de doença contagiosa			x	x		x			x				x	x
- tipo bicho/a moda miguelão					x									
- "vagabundo"/mandam a gente trabalhar			x											
<b>As dificuldades do cotidiano são "resolvidas"</b>														
- tomando remédio	x												x	
- com isolamento	x												x	
- pensando na "utilidade" que tem para os outros												x	x	
- procurando esquecer ou negar a realidade	x			x								x		
<b>5. Laço familiar</b>														
<b>Na família de origem sofreu</b>														
- abandono materno	x				x	x							x	
- abandono paterno	x												x	
- não tinha casa / morava na rua	x													
- passou fome na infância/dificuldades	x		x		x									
- brigas familiares/apanhava	x					x	x							
- teve que trabalhar/dificuldades	x				x				x	x				x
<b>Os principais ensinamentos maternos</b>														
- vida difícil; nasceu pobre e vai morrer pobre; "minha vida não foi fácil e a de vocês também não vai se".	x													x
- tem que ser caprichoso, limpo; "o pior defeito é ser pobre e porco".				x		x			x					x
- não roubar; "é muito mais bonito chega e pedi, do que dormi com a consciência pesada"						x				x			x	



<b>O seu casamento</b>														
- casou cedo		x	x			x	x			x				
- impedida de trabalhar pelo marido		x								x				
- marido agressivo/sofre ou sofreu violência doméstica	x		x	x	x									
- marido ciumento		x	x		x					x				
- abandonada pelo marido	x											x		
- fugiu de casa					x									
<b>6. Trabalho</b>														
<b>Trabalhou na própria infância/adolescência em</b>														
- casa de família	x		x				x			x				
- cuidar de carro	x													
- pedia na sinaleira	x													
- babá													x	
- profissional do sexo	x													
<b>O trabalho na vida adulta</b>														
- reciclagem	x		x		x			x	x		x			x
- doméstico no próprio lar		x		x										
- cuidar de crianças/creche					x									
- artesanato/costura/culinária			x		x	x		x	x		x			
- casa de família/faxina/serviços gerais/varrer rua	x		x	x	x	x		x	x		x	x		x
- profissional do sexo/boate	x	x		x										
<b>Motivos pelos quais não consegue trabalho</b>														
- falta de estudo			x						x					
- falta de experiência			x						x				x	
- idade/condições de saúde												x		
<b>Porque é importante trabalhar</b>														
- dinheiro suado, valorizado, limpo/honesto			x								x		x	
- conhecer novas pessoas			x				x						x	
- compromisso mais rígido do que ir para as reuniões do CRAS			x											
- adquirir bens			x				x							
- forma de terapia/apoio dos colegas						x	x						x	x
Consciência de que o seu trabalho não é favor; "Se a gente precisa do serviço, ao mesmo tempo eles			x						x					

precisam da gente pra fazer o serviço".															
Sentido de igualdade (todo mundo é ser humano)									x						
Exploração; "o pobre é aquele que trabalha mais e que ganha menos"												x			
<b>7. Sonhos e desejos</b>															
- montar um negócio (fruteira para não passar fome e para vender)					x	x									
- tirar as crianças da rua	x								x	x				x	
- dar mais oportunidade (emprego/estudo)			x	x		x	x								
- acabar com as drogas					x										
- acabar com a violência					x							x			
- ter uma casinha com as coisas		x		x	x	x			x				x	x	
- ter um emprego mais digno		x					x						x		
- acabar com a fome/pobreza dentro e fora de sua casa						x	x								



### **Anexo V: entrevista aberta com Maria**

A entrevista com Maria aconteceu em um dos Centros de Referência de Assistência Social de Porto Alegre, em um dia festivo de comemoração do Natal; era dezembro de 2009. Eu estava acompanhando as atividades, observando e realizando outras entrevistas, quando um assistente social, alocado a outro CRAS da região, me sugeriu conversar com Maria, pois o seu “caso era muito difícil”.

Procuramos por ela, a convidamos e, em seguida, saímos a procura de um lugar para conversarmos. As salas estavam todas ocupadas com os mais variados tipos de atividades (cabeleireiro, feira de artesanato, oficinas de artes, etc.) e, por isso, nos dirigimos ao refeitório da instituição. Em alguns momentos não estivemos sozinhas. Pessoas passavam e lanchavam enquanto seguíamos conversando. A entrevista foi longa e intensa. No final, ela pediu que eu desligasse o gravador para contar outras problemáticas de sua vida.

Ao encerrarmos a entrevista e sairmos do refeitório, encontramos com suas netas que estavam assustadas e uma delas chorando. Elas não sabiam onde estávamos.

Aline: a pesquisa, como eu tava lhe falando, é sobre a questão da desigualdade social a partir da experiência das pessoas. O que eu quero saber é como as pessoas vivem.. eu sei que a senhora participa, aqui, de algum programa...

Maria: nem é daqui, é de um outro lá, menor ainda, que, com a graça de deus, aquele senhor lá, que é o seu Osvaldo (assistente social) me apoia muito. Porque assim ó, falando de mim, do meu pensamento, do meu ponto de vista, do que eu vejo, eu acho assim, o bolsa, o bolsa eles dão, eles escolhem pra quem dá. E tem gente que tem condições, nem precisa e ganha. Eu tenho 54 anos, sabe, sou separada, não tenho renda nenhuma, sabe, quebrei meu pé em junho, ainda tô com problema no pé, pra caminha, com dificuldade, pago passagem, eee, eu perdi uma filha que deixou cinco filho, sabe, mataram ela e ela deixou cinco criança. Essa cinco criança ficaram comigo um ano e pouco, quase dois anos. Aí depois o pai veio e levou. Como ele é pai ele tem direito. Eles já tão louco pra volta, só que assim, eu não vô dizê eles vão volta, né. E eles até queriam tira o bolsa, né, aí eu fui no Osvaldo e expliquei que as crianças tao querendo volta, que existe uma possibilidade das crianças querê volta um dia e se eles voltarem depois de eu perde a bolsa, se eu posso recupera ou não, né. Mas o Osvaldo tem me dado força bastante e então ele tá empurrando com a barriga, né. Que é pra mim ih recebendo até ter certeza que eles realmente vão volta. Porque a gente vai ter certeza agora nas férias grande, né. Que eles vão entra em férias, já tavam loco, o guri de quinze anos disse que tava loco pra fugi, porque a situação dele é assim, ó: ele tá morando com o pai, mas ao mesmo tempo ele tem que se envolve com a mulher que diz que matou a mãe dele, né. Então ele tá até com coisa na cabeça, né. Que pra mim...

Aline: Como assim, não entendi..

Maria: Ele mora com o pai dele, numa casa. Mas o pai dele mora com uma outra mulher. Que é que dizem que mato a mãe dele.

Aline: A mãe dele é a sua filha?

Maria: Isso. Então de repente ele se envolve com ela, eles são obrigado a se encontra na mesma casa. Então ele fica revoltado, ele não diz pro pai, mas ele comenta, assim entre os dentes, que ele só tá esperando a maior idade pra toma atitudes. É um caso de preocupação da minha parte, porque

não é isso que eu quero pra ele, e não é tomando essa atitude que ele vai resolver o problema dele, né. E aí eu pergunto assim ó, a gente procura ajuda daqui, ajuda dali, desde que inventaram o tal de, de.. essa lei do menor, da criança e do...

Aline: da criança e do adolescente?

Maria: Isso. Essa minha filha se juntou com esse rapaz com 14 anos, sabe, eu fui contra a essa união deles, ela tinha 14 anos, não tinha nenhum filho, aí com 15 anos ela ganhou ele, esse com 15 anos, né, e ele matou um homem e ela tava junto, e depois que ele matou, ele guardou a arma dele na bolsa dela, e aí lá no centro, eles foram dormir lá, no hotel, lá no centro nos hotéis, pra não pega o fragante e aí a polícia tava dando um ataque no centro, né, que eles costumam fazer batida, né, e pegaram sem saber o que tinha acontecido na vila, né. E pegaram ela na bolsa. Ele quis correr, quis fugir e ela gritou, fez e aconteceu porque ela dava a vida dele por ela, né, a vida dela dava por ele. Resumindo: hoje ela não existe mais, o filho existe, eu não tenho nem ira nem beira, porque eu não tenho condições, não tenho. Agora pra mim trabalha, eu tenho que recuperar meu pé, primeiro, que eu não tenho condições, né. Mas eu tomo remédio pra depressão, eu tenho asma, sabe, só de ficar nervosa eu fico atacada da asma. Eu não tenho recurso, eu dependo dos meus filhos, eu dependo de um e de outro. Porque eu não fiz fisioterapia no pé por falta de passagem, sabe, que eu acho assim o fim da picada. Não é porque a gente tem uma certa idade que a gente não precisa. Porque tudo o que eles tem pra dar, é pra quem tem criança, ou pra depois de 60, 65. Então, quem diz que na minha idade então tu não existe, tu não precisa, tu não tem dificuldade. Cai do céu por descuido. Sabe? Eu acho que não é por aí, né. Não é porque eu tenho essa idade, que eu preciso ter um bebê, pra mim pode ganhar ajuda. Acho que não precisa. Até porque não tem mais como fazer bebê. (risos) É, não tem mais como fazer bebê.

Aline: mas isso que a senhora tá falando é bem importante...

Maria: Eu penso nisso, né. Tem tanto que tem sorte de conseguir que nem precisam. Tem gente que tem até carro. Vai buscar o bolsa, encosta o carrinho ali e vai no banco pega o dinheiro. A gente que anda a pé por aí, que às vezes nem tem condições de andar a pé, que nem eu, né, a gente pede, implora e não consegue. Tem tanta gente por aí que ganha ajuda por aí e eu não ganho nada. E qual que é a diferença? Eu não sou filha de deus ou eu atirei pedra na cruz? Eu me pergunto, sabe. Eu me estresso. (respira fundo) Às vezes eu até tenho vontade de acabar com a vida, porque eu tinha uma vida mais ou menos, sabe, eu tinha meu emprego, eu trabalhava, eu tinha meus dois empregos, eu tinha...

Aline: A senhora trabalhava aonde?

Maria: eu trabalhava no Correio do Povo, né? No jornal, eu era auxiliar de entrega e trabalhava numa escola, que eu era merendeira, pela Contravipa, né. Que não assinava a carteira mas pagava um salário. (respira fundo) E aí depois que eu perdi meu filho, que mataram meu filho, primeiro mataram meu filho em 2003, depois em 2005 mataram meu irmão, que era meu irmão mais moço e meu afilhado que moravam comigo. E em 2007 mataram a minha filha. Então eu entrei em depressão, eu tentei me matar duas vezes, ah, eu fiquei arrasada, né, arrasada mesmo. Então eu corri atrás do auxílio doença, coisa e tal. Tive uma época que eles me deram, depois só me negavam, me negavam, aí eu procurava meu especialista, o psiquiatra e ele dizia que eu não tinha condições ainda, que era pra eu recorrer e me dava o papel pra recorrer de novo. Enfim eu sei que foi, mexeu, e eu acabei perdendo esses anos tudo, né, foi tudo fora. Porque daí deu abandono de serviço e pra não dizer que eu não ganhei nada, eu ganhei R\$ 250,00, com todo esse tempo de serviço.

Aline: R\$ 250,00 do que?

Maria: de tudo que eu eu tive que pega no serviço foi só R\$ 250,00. Eu assinei a carteira em 2001, mas eles deram a causa como abandono de serviço, né. E aí eu perdi tudo. Aí eu fiquei mais desesperada, porque agora, eu com essa idade onde eu vô arruma um emprego de carteira assinada? Com esse pé, que eu tenho que melhora o pé, porque a gente, quando a gente vai trabalha, a gente tem que te consciência que a gente tá lá pra trabalha e tem que trabalha. E eu com esse pé mancando, desse jeito, como é que eu vô consegui. Sabe, então, tudo me deixa bem loca da cabeça, por que daí eu penso nos netos e não tem o que faze. Porque, se eu quisesse procura um recurso, de fica com os neto, o que que eu tenho pra oferece pra eles? Só casa. Que eu tenho muito amor, mas amor não enche a barriga. Eu tenho que te um sustento pra eles. De onde eu vô tira? Então se eu mexe com a coisa, vai fede e o pai deles, se caso ele perdesse pra mim, jamais queria, jamais iria ajuda. Sabe, assim, como manda o figurino. Talvez se um juiz determinasse, dá R\$ 100,00 pra ela pras crianças, até daria, mas não era tudo. Porque vesti, calça umas criança grande, que tao no colégio, né, o mais velho tem 15, a guria tem 14, tenho a menina, depois tem um menino que vai faze 11 semana que vem, depois tem outro de 9 e o mais moço tem 6, fez 7 agora. Então é muito complicado, sabe, fora as que moram comigo, porque tem mais quatro que moram comigo, né, quatro crianças, porque as minhas filhas moram comigo, e tem os delas né, tenho quatro agora. Eu tinha sete filhos, agora eu tenho só quatro. Sabe, então é muita coisa pra uma cabeça só, porque ninguém é de ferro. Ninguém é de lata, a gente que é ser humano, tem coração, tem sentimento, né? E dói isso, se a gente não tem apoio, a gente fica meio perdida, a cabeça embaralha, né...

Aline: que tipo de ajuda a senhora acha que precisaria, assim?

Maria: ah, eu nem sei mais, eu não sei mais nada, não sei mesmo, não sei mais nada mesmo, porque às vezes eu penso assim, ó, eu tentei morre e não consegui, né, e então agora, devido aos netos, que não tem mais a mamãezinhas, eu acho que agora eu não tenho que morre. Mas o que que eu vou faze por eles? Eu não tenho o que faze! Eu não tenho bens, eu não tenho emprego, eu não tenho uma carteira assinada, eu não tenho salário, eu não tenho nem uma casa própria, porque a casa que eu moro é do DEMHAB, né? O que que eu vou oferece pra eles?

Aline: e onde a senhora mora?

Maria: eu moro no Loteamento Cavalhada. Então, tem horas que eu me sinto tao, um nada, eu não sou um nada. Eu tinha tudo e hoje eu não tenho nada. To aqui porque me botaram. Simplesmente isso. To aqui porque me deixaram aqui e é aqui que eu tenho que fica. Mas não tenho serventia pra nada, não presto pra nada, sou uma inútil. De que que me adianta te uma vida assim? Me diz? Que prazer a gente tem de viver assim? Nenhum. Não da prazer nenhum. Sabe, a gente tá vendo as coisas acontece e a gente não pode faze nada. Tudo o que vai se faze depende do dinheiro. Né? Qué dá uma roupa pra um neto, que não tem um calçado, que eu tenho neto que não tem, tem que tê dinheiro. Porque de fiado e de presente ninguém te dá. Se falta um leite, uma mistura, uma coisa, tem que te dinheiro, porque o armazém também não te dá né. As minha filhas trabalham, mas, elas tem as filhas delas também, né. Então a prioridade é das filhas delas, que eu não tiro a razão delas, de compra o leite que elas compram duas caixas de leite, pras cada uma compra pros seus filhos, e fralda e coisa e tal, pra depois, então, vê o que sobra e dividi, né. Mas elas tem as conta delas também, eu não vô dize assim "ó vocês trabalham e me dão o dinheiro nas minha mãos e eu sei o que eu vô faze". Não, não é assim. O suor é delas, elas que tem que coordena o dinheiro delas, né. Então, elas ajudam no que pode, elas dão R\$ 130,00 por mês, pro rancho. E mais do que isso não dá. Elas levam vianda, então todos os dias tem a comida, né. A gente compra 20 quilos de arroz por

mês. Sabe? Por causa que tem nós pra come, tem as vianda, tem as crianças, tem eu e eu sô daquelas desesperada, que quando fica nervosa, como como, eu tô sempre loca de fome, sabe? Por isso que tô que é uma porca. Isso tudo é da depressão, eu acho, ou sei lá, não sei o que que é. Aí eu vô no médico, o médico me dá a receita e a receita fica guardada. Até pode compra, né. Porque é difícil.

Aline: e a senhora não consegue esse medicamento no posto?

Maria: esse remédio só comprando, só só comprando.

Aline: e a senhora não pediu pro médico um outro medicamento que a senhora consiga no posto. Porque no posto se consegue alguns medicamentos, ou não?

Maria: se consegue algumas coisas. A Bimupramina, quando eu tomava, eu conseguia no posto, aí tinha um outro nome que eu não lembro de cor, que é mais difícil e eu não gravei ainda.

Aline: porque são muito caros esses medicamentos, né?

Maria: agora eu to tomando também, que eu já nem lembro mais, minha cabeça tá assim ó, agora mesmo, agora que eu vinha no ônibus, passou uma moça que disse "oi tudo bom?" eu digo "oi" e fiquei olhando pra mulher, "ma, como é teu nome mesmo?" Ela "eu sô a fulana, irmã", "ah tá, desculpa". Aí ela começa a perguntar pelo fulano, pelo cicrano, morreu, morreu, morreu. Quatro vezes que ela perguntou, quatro vezes morreu. Digo, meu deus do céu, aí, que baque, né. Porque até a Juliete... ela me perguntou se eu era tia da Juliete, eu entendi, "tu conhece a Juliete, minha sobrinha" sabe? Assim, parece que eu tô no ar. Eu digo, meu deus, que vergonha. A mulher me perguntando uma coisa e eu entendendo outra. E respondendo da maneira que eu entendi, né. Aí eu disse "não, eu sô tia sim", mas é.. a minha cabeça tá tao confusa, tao confusa que nem sei. Meu deus do céu. O bof, como eu digo que é o pai das gurias, né, na hora, na hora em que eu mais precisei dele ele tratou de ir embora, de achar outra família. Aí eu não queria que ele fosse na minha casa, porque não tinha mais porque, né, de se vê, de se encontra. Mas aí as filhas, "o pai, o pai, o pai". São tudo umas mães de filhos já, mas tem amor ao pai, porque elas nasceram e se criaram junto com o pai. Sabe, até os vinte e pouco elas viveram com o pai. Até os 20, a mais moça vivia com o pai, junto com o pai, então elas tem um apego muito grande, porque elas conviveram todo esse tempo da vida delas com ele, né. Então não vai se eu, justou eu, que vou querê tira esse amor que elas tem por ele. Aí eu liberei pra ele ih lá vê as gurias e vê as netas, porque ele tava reclamando as netas, que eu não sei o que. Então liberei, mas ele vai lá e parece que ele vai pra me pisa, me humilha, também, né. Porque daí ele começa dizê que ganha tanto, que ele faz isso, que ele faz aquilo, tipo assim, eu to podendo e tu ta por baixo. Dá entende isso, né. Por que daí ele começa: "porque o meu portão se eu aperta o controle ele abre", que não sei o que, mas nada é dele, mas é pra me pisa, me provoca, sei lá. Sabe? E isso me deixa mal. Eu já disse assim, ó: "eu não queria que ele viesse aqui pra não tê atritos", né? Aí já que vem, não precisa se exhibi, com aquilo que não dele. Eu não perguntei nada, nem quero sabê da vida dele. Aí então eu acho um desaforo, porque ele vai lá pra se exhibi, mas me ajuda, que é bom, ele não qué. Só que ele podia, se tivesse consideração, não digo nem obrigação, se tivesse consideração, né, ele poderia me apoiar em alguma coisa. Porque ele sabe que as filhas moram todas comigo, né, tenho neta que mora comigo, ele foi, mas não levou ninguém com ele. então pra quem enche a boca, ele podia ajuda mais, né. Mas não. Nem sei se eu tenho direito de procura recurso, como ex-mulher, porque a gente não é casado, né, mas a gente viveu 26 anos juntos. Mas não sei se isso nos da direito. Não é nem pelos filhos, é pelas minhas necessidade,s pelos meus problemas de saúde, né. Porque eu to com 54 anos, com essa dificuldade de de de caminha, que agora eu não tenho condições, que meu pé tá inchado, tá doendo,

porque eu vim caminhando. ( me mostra o pé) Eu quebrei em junho...

Aline: ah, ta bem inchado...

Maria: e ele não tá tanto, não tá tanto agora, porque fica pior. E ta doendo, porque eu forço, sabe.

Aline: É, eu imagino.

Maria: então, ele podia me ajuda, né? Eu tenho depressão, tenho mais a asma, que se eu fico nervosa de mais eu tenho crise de asma. Se tivesse um dinheiro pra ajudar a comprar o gaz, meu remédio, seria garantido. Já que ele ganha R\$1.700,00 por mês.

Aline: E o que que a senhora acha disso, de pessoas que ganham mais dinheiro, não só o seu marido... aliás, tem gente que ganha mais ainda... e outras (falamos juntas) não ganham nada.

Maria: não ganham nada. Porque será que são privilegiadas, porque tem uns que ganham e não fazem nada, né. Os que mais se matam é que menos ganham. Porque?

Aline: é, eu que lhe pergunto? (risos)

Maria: é, porque, porque essa diferença? Eu me pergunto também. Porque, porque o pobre não tem direito de sobreviver? Sabe? De ter o mínimo, com dignidade. Porque o pobre é o que mais trabalha, e é o que menos ganha. Tem gente que trabalha sentado o dia todo e ganha horrores de dinheiro. Eu tenho uma filha que é gari, sabe, o que que ela faz? Ela varre rua! Debaixo desse sol quentíssimo e ela tem alergia do sol. A pele dela fica tudo assim, com problema no pescoço. E ela tem que compra uma pomada que custa dinheiro. Ninguém dá. Ela tem que compra, tem que manda fazer. Pra que? Ela não ganha 500 pila pra varre rua, com esse horror de sol. Tem que leva vianda, tem que te calçado fechado. O que que ela faz com 500. Tem que paga passagem. O que faz com 500 pila pra quem varre rua. Pra limpa a sujeira dos porco, relaxado, que são tudo uns relaxado, né, é muito poco. Não dão um ticket refeição, não dão um ticket passagem, não dão nada. Nem o TRI, não dão. Se vira nos trinta, com esse dinheiro. Quinhentos e pouco, o bruto. Tira os desconta, não dá, hoje ela recebeu, R\$ 274,00. o que que é isso? O que que é isso? Dói, não dói? Como é que tu vai dize pra uma filha "o minha filha, tu tem que me dá metade do teu dinheiro, porque eu preciso fazer rancho". Pô, ela suou o mês inteiro, indo e vindo. Sabe onde eu moro? Sabe onde é o Loteamento Cavalhada?

Aline: Não, eu não conheço o Loteamento cavalhada.

Maria: então eu nem sei, nem sei daqui como te dize. Onde é que tu mora?

Aline: eu moro perto do Hospital de Clínicas.

Maria: tá, então, quem vem do Hospital de Clínicas até o, a João Pessoa, ela caminha assim, do Clinicas até a João Pessoa e mais metade do caminho, pra chega no ônibus que leva la pra Contravipa, porque ela trabalha lá na zona norte. Todo dia, vai e vem essa distancia. Todo santo dia. Esteja chovendo, caindo temporal, tempestade, ela vai e vem. Pra chega no final do mês e recebe esse monte de dinheiro? Porque é um dinheiro que dá pra atira pra cima, é muito, não sabe onde gasta, né. Não tem onde gasta, porque tem tudo. É uma decepção, né. Mas se não ih também, fica pior a situação. Eu morro de pena, me estressa, sabe, me deixa loca, porque. Que que eu tô fazendo pra ganha dinheiro? Pano de prato, bijuteria, sabe? Mas também não é todo dia que a gente vende, né. às vezes tu corre aqui, corre ali, e ninguém quer, né. E daí. Quando entra, entra. Eu faço sacolé pra vende, eu me viro do jeito que posso dentro de casa. Eu fico com as criança, faço sacolé pra vende, vendo pano de prato, faço bijuteria. Mas tem dia que dáa, mas na minha vida onde eu moro,

não dá pra vende. Porque pra eles tudo é caro. Porque pra eles é bom quando é dado, né. Trocar por dinheiro não era. Aí tem que sair da vila pra vende. Eu vendo na escola, vendo no posto de saúde e é isso.

Aline: e como é viver nessa comunidade onde a senhora vive?

Maria: ali é cada um por si e deus por todos. Ninguém estende a mão pra ninguém, só em casos assim de ter que ir por pronto socorro, pra um médico, tem um vizinho lá que empresta o carro, ou alguém vai lá pede o carro e ele leva. Mas no mais? Se tu não tive o que come, tu morre de fome, porque ninguém vê. Ninguém te empresta, ninguém, ninguém te empresta, ninguém resolve o problema, se tu precisar de passagem, tu vai a pé, porque não consegue.

Aline: e esse loteamento foi feito pelo DEMAB a senhora tava falando. E antes de lá, a senhora morava aonde?

Maria: eu morava na Orfanotrófio.

Aline: e como é que foi pra conseguir esse espaço?

Maria: eu troquei minha casa pela pessoa que morava nesta casa onde eu tava. Porque eu perdi meu filho lá na Orfanotrófio. Aí eu saí de lá pra não te lembranças das pessoas, né, que eu não queria. E por coincidência da vida, por destino, ironia do destino, a pessoa na qual que eu saí de lá tá morando na mesma vila que eu tô. Eu fui pra lá e acabei perdendo mais uma filha. Ai faz o que, né? Eu até penso em me muda, mas eu tenho até medo, sabe? Eu tenho dias assim, que eu tenho medo de eu morre. Sabe? Tem dias que minhas netinhas vem, "vó" e me abraça, me abraça, e me aperta assim, digo, ai meu deus, elas estão se despedindo, já vô morre. E fico bem naquela prano, como é que é? Paranoia, naquele desespero, aquela coisa, eu vô morre. De te noites de não quere dormi, porque se eu vou fecha os olhos e vô morre. É bem assim, é triste. Eu não sei, às vezes eu me pergunto, mas será que eu faço tempestade em copo da água, será que eu to chorando de barriga cheia, ou realmente, sabe, porque eu não consigo mais, tem horas que eu perco a noção de tudo, sabe, me dá um branco total, que eu não consigo acreditar que eu to passando por tudo isso, que realmente é eu que to passando por tudo isso. às vezes eu me pergunto, não, eu passei por tudo isso? Eu to aqui? às vezes eu acredito que eu fui forte, às vezes...

Aline: não tenho dúvidas disso...

Maria: sabe? Tô assim, arrasada, eu tô por terra. Sabe? às vezes eu me acho assim, a última das últimas. Porque eu não reajo, eu não tenho força, eu não tenho ânimo, eu sei lá, eu to precisando de um apoio, sabe, que me levante pelos cabelos que seja. Sabe, tipo assim, né? E que me dê uns tapas na cara pra mim acorda e vê a realidade da vida, pra eu pode me mexe. Porque às vezes eu enxergo as coisas, eu consigo pensa, mas não consigo agi. Eu rodeio, rodeio e sempre no mesmo lugar, no mesmo jeito. Nada funciona. Não consigo limpa a casa, acredita?

Aline: não consegue o que?

Maria: limpa a casa. Eu começo a lava a louça e não termino, começo a arruma as coisa e não termino, começo a varre e não termino. Tudo o que eu começo eu não termino.

Aline: mas porque? O que a senhora sente nestes momentos?

Maria: eu não sei. Eu vô aqui, eu vô ali. Daqui um pouco eu esqueço, da vontade eu largo, e assim eu vô. às vezes as gurias chegam em casa e a casa tá bagunçada do jeito que elas deixaram e "ah mãe, só vô descansa um pouquinho", aí eu digo "tá, tá, se der pra limpa, se não der também...", ah,

eu não tô mais, sabe, eu não to mais, não to mais mesmo. O natal, né, é tao bonito, tao lindo, mas pra mim, eu não to mais, esse ano eu não to com espírito de natal, sabe. Esse ano nem uma arvorezinha eu montei. E todo ano eu montava, sabe? então.. eu to assim, triste, machucada, sabe? Sei lá, eu não sei me expressar, mas não tao bom, não ta bom mesmo. Eu não sei, então, se eu choro demais, ou se o remédio tá fazendo falta, né.

Aline: ou talvez as duas coisas, né...

Maria: é, é que é difícil. Agora pra varia, vô te que paga o IPTU. Imagina eu, pagando IPTU, que nem tenho casa própria. É um absurdo, é um absurdo. Paga R\$60,00 de IPTU. Podia compra meu remédio tranquilo, podia compra uma caixa de leite pros meus netos tranquilo, né. Ou podia compra meus materiais pra eu faze os sacolés, porque do sacolé eu tiro uma passagem, tiro um leite, uma mistura, uma fruta pras crianças, sabe? Não, tenho que paga o IPTU, dá dinheiro pro governo, é o fim da linha, o fim da picada. Quem tem que paga é quem tem condições, eu não tenho pra isso. Mas tem que paga, faze o que? Tá lá o papel, deixa lá guardado, quando der pra paga eu pago. Já veio três, quatro vezes o papel, pra paga. Primeiro veio o papel com quatro prestação de 13,40 parece e eu não paguei nenhuma, agora veio um papel com uma parcela única de 58 e uns quebradinhos, quase 59. mas eu já digo 60 mesmo, tem que bota a passagem é sessenta e poucos.

Aline: a partir da vida que a senhora tem, a senhora se considera pobre?

Maria: eu? Eu acho que eu sô miserável.

Aline: é?

Maria: eu acho!

Aline: e qual que é.. se fosse pensa o que difere, o que modifica, entre miserável e pobre. O que que a senhora pensa sobre isso?

Maria: miserável acho que é não tem de onde tira, né. O pobre ainda tem, trabalha e tem, tem garantido. E o miserável acho que aquele que dia tem, dia não tem. Depende de alguém sempre pra te. De repente eu to errada, tu me diz né?

Aline: não, não.. eu também não sei. (risos) eu tô querendo é descobrir isso.

Maria: mas eu acho que é isso. O pobre é aquele que trabalha e tem, tem seu ganha pão garantido, tem seu servicinho, ganha pouco, mas tá garantido. Agora eu como sou dependente das minhas filhas, pra quem nunca foi, sabe, eu to assim arrasada, arrasada..

Aline: e quando se pensa em pobreza ou em miséria, o que que vem na cabeça da senhora? Se fosse colocar em uma imagem..

Maria: na minha cabeça o que é ser pobre?

Aline: isso.

Maria: olha, eu queria ser uma pobre, sabe, com uma casinha decente, sabe, e lá dentro da minha casinha, meu lazer. É onde se vai e volta do serviço e ali onde a gente vive. então, tê umas coisinhas decentes, tê um quartinho decente, pra ti deita e descansa teu o corpo do dia a dia, tê a tua sala pra tu recebe tuas visita ou senta com a tua família, vê uma televisão, ou escuta uma música, sabe? Mas te uma coisa decente pra tu senta, não uns caco. Tu senta de um lado e cai um pé do outro.

Aline: e atualmente a sua casa, a senhora senta em um lado e cai o pé do outro, ou não?

Maria: não, não chega a caí (risos). Mas ele faz isso, ele afunda. Na ponta assim, tá faltando couro,

esponja, tá virado num caco, mesmo. Tanto que queria bota fora e eu disse pras minhas gurias, “vamo vê se pro fim do ano a gente compra pelo menos um sofá, um sofá usado, mas que seja mais decente que o nosso”, porque aqui a gente podia pensa. Mas a gente só penso, não vai passa disso, vamo fica com os caquinho de novo, mais uma vez.

Aline: e se a senhora pudesse mudar alguma coisa no mundo, o que que a senhora mudaria?

Maria: ai eu acho que eu eliminaria as pessoas bem carente mesmo. Acho que a primeira coisa que eu faria seria ajudar elas.

Aline: e como seria a sua ajuda?

Maria: ai, eu não sei se era dando.., eu digo assim, ajudando, sabe, mas não vamo assim direto a aquilo que ela precisa. Tipo assim, ó, digamos que fosse pra me ajuda, então, servindo a minha pessoa, eu preciso de uma ajuda porque eu sô pobre, mas vai começa em mim a mudança, tá. então, pra me ajuda tu me daria, primeiramente, um sacolão pra mim pode me alimentar e eu tê forças de segui em frente, procura um serviço, consegui um serviço pra minha idade, sabe, alguma coisa que eu possa trabalha, com certeza tê o meu ganha pão no final do mês, sabe. Um emprego pra mim, que não fosse muito pesado, sabe, brusco, pra mim, pra minha idade e então te chances de trabalha, pra pode recebe. Mas um salário digno. Sabe? Onde não seja aquela migalha.

Aline: e o que que seria um salário digno pra senhora?

Maria: ah, pra mim uns quatrocentos e poucos não é nada, não é nada. Porque tu vai no supermercado tu traz o que? E tu não pode gastar todos quatrocentos só na comida. Tu não pode, tu tem calçado, tu tem... lá em casa a gente nem compra roupa, a gente ganha, sabe? É tudo ganhado. Mas às vezes, as gurias tem que comprar um calçado, porque elas vão e vem todo dia do centro, elas tem que coloca um calçado decente, não pode maltrapilho assim de chinelo, que nem eu ando. Né? então elas tem que anda com umas coisas mais decentes. Eu ando com roupa de véia como elas dizem, né, roupas de véia. Mas elas não vão usa essas roupas de véia que nem eu uso. As crianças tomam leite, as crianças usam fralda, né, as crianças tem que te calçado pra bota, tem colégio. O ano que vem tem colégio, tem material. então, tudo é na base do dinheiro. Entoa um salário digno que tu pudesse, não vamo diz que tu vai compra tudo o que tu precisa, porque a gente sempre pobre precisa compra tudo, então se tu vai faze uma lista de tudo o que tu precisa, tu vai, no mínimo uns cinco, pra tu compra tudo o que tu precisa, né. Pra pode renova tudo. Mas um valor assim, que tu possa compra a tua comida e te sobre pra tu faze um pouco de cada coisa naquele mês, no outro mês, sabe? Nesse mês eu fiz isso, naquele aquilo outro, sabe? Pra ih conseguindo faze aos poucos e ih me levantando, né.

Aline: então, na verdade a senhora acha que o melhor tipo de ajuda seria possibilita que a pessoa tivesse condições de trabalha?

Maria: sim, que tivesse serviço pra gente. Que dependendo da idade, tivesse serviço, que não sugasse muito, que não explorasse muito o corpo da pessoa, com a idade. Mas se ela tivesse um salário garantido pra recebe no fim do mês, né. Porque como eu, me deram aquele papel lá como abandono de serviço e mandaram eu procura, paga, meu autônomo, meu INPS. Ma, pra que que eu vô paga? Com o que, me diz? Chega assim, "ó, eu vim paga o INPS da fulana", "tá, mas cade o dinheiro?" só com o papel eu não vô paga, tenho que te o dinheiro, né. E de onde eu vô tira esse dinheiro? O IPTU é o fim da picada. Eu acho assim, o IPTU deve ser pra quem tem condições mesmo, né, porque eu sei, eu sou muito leiga no entendimento das leis, né, mas mais ou menos eu acho que quanto mais condições tem, mais eles pagam, o IPTU. Então eles tirem daqueles que tem,



né, um pouquinho de dois que tem, e eles podem cobrir o meus (risos). Tem que tira de quem tem, não de quem não tem, sabe?

Aline: claro.

Maria: então, se eles tirarem de dois que tem, eles pagam minha parte. Que pra eles é trocadinho. Pra mim é um horror de dinheiro. Não sei, eu acho assim, de repente eu to errada, né?

Aline: e a senhora já passou por algum tipo de situação em que a senhora tenha ficado constrangida por falta de dinheiro? Ou então, por exemplo... uma vez eu vi uma pessoa que fazia faxina que não pegava o elevador porque alguém tinha dito pra ela que ela não poderia usar...

Maria: só os donos do apartamento. É, eu acho isso horrível, porque aquele ser humano que vai lá limpa, ela se presta pra limpa, então ela é gente, e daí pra passa onde passa os dono, ela não é gente? Eu acho isso aí humilhante, sabe?

Aline: e a senhora já passou por algum tipo de situação em que a senhora se sentiu humilhada?

Maria: desse tipo não.

Aline: não só desse tipo, mas que tenha relação com não ter ou ter pouco dinheiro e querer...

Maria: é eu passei uma situação em um colégio que eu trabalhei, que eu trabalhei dois anos na cozinha, depois mais um ano na, na parte da limpeza pela Contravipa e aí a diretora, muito amiga, muito serviçal, muito prestativa, pra mim, quando eu perdi meu filho eu trabalhava com ela e ela fez as correria comigo. Ela me levo pro hospital, que eu passei mal no serviço, ela fez, me levava em casa do serviço com o carro dela. E aí um dia, sem mais nem menos ela me acuso de um robo que eu não fiz, sabe, pra mim foi muito triste, sabe. Porque ela me acusou de um robo, eu e mais duas colegas, ela nos acusou de um robo pra pode nos dispensa dali, sabe. Então ela nos mando pra Contravipa como ladronas, só que o que ela disse que nós tínhamos roubado, ela tinha posto pro conserto. Elas mandaram conserta uma máquina, sabe, e disseram que nós tínhamos roubado aquela máquina. Sabe? Aí eu procurei um adevogado pra sabe como, pra sabe dos meus direitos, ne? E aí ele disse "até tem, mas tem que ser as três junto, por que as três foram acusadas". Aí uma delas é da Universal e ela não quis e por essa não quere as outras duas não foram. Porque duas queriam, era eu e uma outra.

Aline: mas porque o fato de ser da Universal impede?

Maria: ah, não sei, não sei. Mas ele explicou que ela não quis ih, ela não quis leva o caso adiante, né. Daí tinha que ser pessoal, nada a ver com a escola, nem com SMED, prefeitura, nada. Era direto de pessoa pra pessoa. Mas ela não quis. Eu tava bem afim de levar porque pra mim foi uma humilhação e tanto, sabe. Muito humilhante, porque toda escola fico sabendo, né. Até as ex-colega da cozinha que eu me dava com todas elas, todo mundo fico falando que a gente saiu de lá porque... e até na Contravipa depois. Porque eu saio daqui e o papel daqui vai pra lá. Porque lá que são, meus patrão são lá, né. Então o papel vai pra lá dizendo o porque que eu to saindo daqui, né. Porque tu foi mandada embora. Então lá fica. Se se eu sai daqui pra ih pra ali, o papel que tu levo daqui, daqui vai pa lá. Pa aquela classe, pra aquela mesa ali. E eles vão sabe o porque que eu sai daqui. E uma coisa que eu não fiz. Que dóis mais ainda, né, quando a gente...

Aline: e a senhora foi fala com essa pessoa?

Maria: não, não não falei mais com ela. Depois, um outro dia, eu encontrei com ela num supermercado, e ela me cumprimentou, olhou pra minha cara, deu uma rizadinha assim disfarçada.

Não achei graça nenhuma, ainda virei o rosto, eu fui bem grossa com ela, bem estúpida. Por que depois de tudo o que ela fez vem sorri, com ar de deboche da minha cara? Eu não tenho necessidade de tá robando. Imagina, como é que eu vô sai com uma máquina, como que eu vô saí de dentro de uma escola com uma máquina? Haja bolsa pra carrega uma máquina de corta grama. Imagina, como que tu vai saí com uma máquina dessas e ninguém vai vê. Se tem que passa pelo guarda. Só na cabeça dela, né? E os burro que acreditaram nessa história. Porque pra sai com uma máquina nas mãos qualquer um vê, até umas crianças podem vê, porque é uma coisa grande, que não cabe numa bolsa, não é dobrável nem nada, não tem como. É uma coisa que foi pra ofende, que como eu disse, se ela quisesse se ela quisesse ela teria todo dinheiro, direito, né, ela era diretora, né. Mas não precisava acusa a gente de uma coisa que a gente não fez. Porque pega mal pra gente depois. Fica feio. Ainda quando a gente deve tem que assumi, mas a gente não devia, sabe? Daí tem que encara as pessoas por uma coisa que a gente não fez, é pior. Dói mais, mas.. aí eu já tinha perdido meu filho mesmo, perdi meu filho eu tava trabalhando lá no colégio, de limpeza.

Aline: o que aconteceu com seu filho?

Maria: mataram também. Deram um tiro na veia aorta dele, né, e é aí acabaram com a vidinha dele. Eu fiquei quase loca, sabe. Aí eu cheguei a tenta a me mata duas vezes, foi muito triste pra mim, não gosto nem de me lembra. Foi muito triste, muito triste mesmo. Porque a gente que é mãe a gente avisa, avisa, avisa, a gente pede, a gente implora. Ai, como eu cansei de fala pra esses dois "te cuida, te alerta, te liga, olha essas amizades, não pensa que são amigos, amigo é os dentes" e ele ainda me dizia "pra senhora ninguém presta, né, mãe?" e eu dizia "não é ninguém presta, é que amigos, amigos mesmo, existe muito pouco", hoje existe muito pouco. No meu tempo de adolescente até podia dizer que era amigos, mas hoje, qualqué coisinha eles tao com uma arma na mão apontando pra ti. Não se resolve mais nada na conversa, no no diálogo, nem na mão, e na bala, mesmo, sabe? É só eles não gosta do teu olhar eles já te metem uma bala. É diferente, isto não é amizade. Mas nem aqui, nem em qualqué outro lugar, isso não é amizade mesmo. E são tudo assim, hoje em dia são tudo assim, parece tudo revoltado com o mundo. Mas eu também acho que isso se deve muito ao conselho tutelar que apoia muito muito os adolescente, né. Porque a maioria é dos adolescente que faz, tá, às vezes tem os adulto por traz deles, né. Mas pra não dá nada então aparece os menor.

Aline: mas o que que a senhora falou do conselho tutelar. Não entendi, a senhora acha que eles agem errado?

Maria: eu acho que o Conselho Tutelar protege muito os adolescente mesmo eles tando errado. então eles se provalecem sabendo que a lei é por eles e aí eles usam e abusam da chance, da oportunidade que eles tem de pinta e borda e não dá pra eles porque eles são menor e tem o conselho pra protege eles. Eu acho errado. Porque realmente eles fazem isso tudo porque tem o conselho tutelar que protege ele, porque tipo assim, quando a minha filha se juntou com esse rapaz, ela tinha 14 anos que aí eu fui no conselho tutelar e eu disse assim "olha é assim, assim, assim", não escondi nada deles, inclusive falei da morte do rapaz, que ela tava junto, e depois de terem feito toda a cagada junto, desculpa a expressão, né, botaram a arma na bolsa, foram pro centro, pra dormi no centro, pra não pegarem o fragrante, chegando no centro a polícia tava dando um ataque lá, foi batida que deu, dos brigadiano, pegaram eles sem saber o que tinha acontecido na vila, pegaram a arma do crime na mão, da bolsa dela, só não sabiam que aquela arma tinha tido um crime, né, e ela foi pra delegacia, menor com 14 anos, deixo as digitais dela, coisa que não podia acontecer, né. E tudo isso que eu falei pra a assistente social la do conselho "que que eu posso fazer, mãe, não posso fazer nada". Eu digo então me bota ela na FEBEM por que daí ao menos ela tá separada dele. "não

posso pegar e botar na FEBEM". "Como que não? Vocês não são autoridade?" "mas eu não posso, bom, mas já que a senhora insiste eu vou levar a senhora perante o juiz, mas já vou lhe avisar, eu vou levar porque a senhora tá me pedindo, implorando, mas lá ele vai pergunta pra sua filha se ela quer ir pra Febem, se ela disser que quer, ele manda, se ela disser que não, ele não vai levar, a senhora tem que ter consciência disso, se a senhora que eu encaminho, mas vai ser bem assim". Então não me adianta. No outro ano ela tava com o nenezinho nos braços, a bala começou a pega na casa dela e lá voltei eu. Sabe? Pra pedi proteção pro neto, porque ela era menor, tava morando com ele, fugindo dos homes, daquele jeito, as bala podiam atingi a criança. Aí ela foi lá na minha casa pra fala com eles. E o menino ficou comigo até eles resolverem o problema deles com a lei. Foi isso que ela fez, claro, ela protegeu o menino do risco de vida, né, mas o que ela, com a gurua, com a mãe dele, ela não fez nada, quando eu precisei. Que seria o meu meio de separa os dois. Porque eu não podia mata ela pra separa dele e nem mata ele pra separa dela, eu não teria esse direito, nem tenho. Mas eles não fizeram nada. Não podiam bota ela na Febem, porque não podiam, porque era lei. Porque era só na Febem que podia separar os dois, não tinha como..não fizeram.

Aline: e todos esses casos de violência que a senhora tá me falando, a senhora acha que tem relação com o fato de alguns terem dinheiro outras não terem.. a senhora acha que esse é o problema ou a violência tem outros motivos?

Maria: eu acho que a maioria das vezes a violência tem outros motivos, né. O porque eu acho assim ó, porque se o problema da falta das coisas fosse o problema da violência, não teria tanta morte. Seria entra no restau, no mercado, pegar o que come e sai a passo. Mas daí é pega o que come. Não pega cigarro, bebida, seria o que como, sabe, outras coisas. Seria o que come, seria sim, motivo de necessidade. Mas isso é raro, né, então não é motivo disso. Acho que isso vem então da necessidade de droga, da falta de dinheiro pra compra, que daí surge essa violência toda, aí a matança acho que vem depois de tá bem chapadão, né. Acho que perde o tino, não sei, sei lá, parece que pra eles é diversão, não sei qual é a razão disso. Mas que também acho errado, acho, porque se se a lei fosse a lei do adolescente fosse mais rígida com eles, talvez eles não entrassem nessa, né. Porque o adolescente tá bem avançado e bastante quantidade de adolescentes se envolvendo, cada vez mais. O que que será do nosso futuro amanhã, o que será dos meus netos amanhã, com esse mundo de hoje? né. E a lei cada vez favorece mais, então não sei o que que é que vai se de nós amanhã. Sei que é difícil. Que nem eu criei meus filhos, baá, assim, ó, a trancos e barrancos. Passei trabalho, passei fome, passei necessidade, passei tudo, sabe? Quando eu comecei a vida de marido e mulher com o pai deles, eu tinha, eu consegui umas madeira do quartel, a gente carrego, chegamo a faze mutirão pra consegui faze, sabe. Aí depois começaram a não termina, aí chamei meu pai pra faze, ele começo a faze, mas aí vinha só no fim de semana, acabou eu colocando o assoalho, botando telha na casa, eu mesma, pela minha necessidade, né. Quando ele veio pra termina no outro fim de semana já tava tudo, eu já tava dentro da casa. Aí ele "quem termino?" "eu", "capaz", "é, eu!", a necessidade ensina a gente, né? E aí eu fui fazendo, fazendo, mas aí eu tinha a casa, mas não tinha o que bota dentro. Então eu dormia numa cama de solteiro, eu o marido e mais três filhos. Sabe?

Aline: Nossa...

Maria: Sabe? Muito apertado. Não tinha como. Acabamo deixando eles na cama e nós dormindo no chão, mas não tinha nem colchão, nós botava uns casaco no chão e dormia em cima. Faze o quê? A gente começou uma vida digna, a gente não preciso rouba pra te. Tudo o que a gente tinha era ganhado, a gente não podia compra, então a gente pedia. Se eu to precisando, eu não tenho vergonha de pedi. Eu peço, eu peço, e me dá quem cá. E se eu tive que leva, eu vô sai com aquilo que eu pedi de cabeça erguida. E não correndo, nem me escondendo de alguém. Jamais. Já penso eu

me deita na cama e fica preocupada, ah a polícia, vieram busca, coisa.. jamais, deus me livre. Eu não consigo imagina coisa assim. E eu criei meus filhos com tanto amor e carinho pra depois vi um vagabundo, sem vergonha e vir tira a vida dos meus filhos. E eu nem queixa dei. Porque meu filho morreu no braços do meu irmão, sabe, o meu irmão fico revoltado da vida, ele queria fazer vingança com a própria mão dele, sabe, e eu com medo dele lá, e quer fazer alguma coisa e se morto também. Eu entrei em desespero, daí era meu irmão que tava com a via correndo risco, e o meu filho que tinha perdido a vida. Aí eu já não sabia mais o que pensa. Sabe? O que fazer pra não perde mais um. E acabei perdendo igual, né?

Aline: mas uma coisa teve relação com outra? A morte do seu irmão com a morte do seu filho?

Maria: não, não, por que daí que tá o problema. Por que daí veio da família. Sabe? Porque na verdade assim, ó, eu tenho pai vivo, tenho mãe viva, eu tenho, eu perdi dois irmão, nós eramo entre treze, fico onze, né, tenho 10 irmãos, tenho três filho que mora comigo, e um filho, que eu tinha dois filho home, fiquei só com um. Esse um pouco me procura. (se emociona) Então tem dias que eu me escabelo. Porque eu morava numa casa onde tinha meu filho, irmão, sempre sempre sempre junto comigo, sabe, por mais difícil que fosse, por mais filho que a gente tivesse, a gente tava sempre junto, sabe? E hoje eu to sozinha, só tô eu e, só tem mulher na minha casa, sabe? Então tem horas assim, que eu não sei o que fazer, não sei o que dizer, que eu preciso de um ombro amigo e não tenho, eu preciso de uma opinião e não tenho. Eu to, baa, eu preciso de um apoio, e não tenho, sabe? Então e me sinto sozinha, muito sozinha mesmo. Porque minha mãe, de repente ela fala comigo, de repente ela me dá as costas, sem mais nem menos, sabe, meu pai desde que aconteceu a morte do meu irmão eu também não converso com ele porque eu acho que foi ele o culpado de tudo. Ele deu muito apoio pra acontece isso com meu irmão. Daí eu tenho tudo e não tenho nada. Sabe, é isso que arrasa muito, né. [...] ah que tem família, mas não tem, tenho uma casa, mas não tenho, porque não é minha, não ta no meu nome ainda, porque eles queriam 40 pila e eu não tinha pra dá. O que que eu tenho de meu? Só a vida, que é uma porcaria de vida, ainda, né.

Aline: a senhora tem uma garra...

Maria: às vezes eu penso que eu tenho que para de me lamentar, que eu tenho que seguir minha vida em frente, com tudo que eu passo, mas tem gente que passa igual, pior, sei lá. Mas mesmo assim, falta coragem, falta força. E aí é que entra o apoio que eu preciso e que eu não tenho, sabe, daí então eu desando mesmo. Eu me acho muito parada, muito..

Aline: é, é que a senhora passou por situações muito difíceis.

Maria: muito mesmo, muito difíceis. Porque assim ó, tá gravando ainda?

Aline: tá sim, a senhora quer que eu desligue?

Maria: quero sim, vou te contar uma história.

Aline: só um pouquinho, que eu me atrapalho com esses botões.

## Anexo VI: círculo epistemológico

O círculo epistemológico aconteceu em outubro de 2010 em um dos Centros de Referência de Assistência Social de Porto Alegre. Aquele grupo se encontrava quinzenalmente e participava a psicóloga, assistente social e as mulheres vinculadas ao PETI e NASF. Assim que a maior parte das mulheres chegaram, a psicóloga me apresentou e eu iniciei falando da pesquisa e dos objetivos que tínhamos em promover aquela discussão. Apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pedi permissão para gravar e, em seguida, a discussão iniciou. Nem todas as mulheres participaram ativamente dando sua opinião. Algumas ficaram quietas, outras chegaram no meio, outras no final. É difícil inclusive afirmar o número preciso de mulheres que estiveram presentes, pois algumas saíram e outras chegaram ao longo do debate.

A discussão foi conturbada: a sala era pequena, fazia calor, havia crianças de colo e pequenas junto à algumas mulheres e nenhuma atividade para elas. Em alguns momentos era difícil inclusive de escutar o que as participantes falavam. O debate durou menos de uma hora e meia. Existia a possibilidade de prorrogar o tempo, mas senti que a discussão estava perdendo intensidade e ficando cansativa. Nos últimos trinta minutos em especial o lanche já estava na sala e as crianças mostravam-se impacientes para comer e beber. Abaixo apresento a transcrição do encontro. Há depoimentos que não foram transcritos integralmente, sobretudo aqueles que repetiam as informações ou contavam detalhes que não me pareciam importantes de serem explorados neste trabalho.

Aline: Se a gente fechar os olhos, assim, e pensar na palavra pobreza, o que vem na cabeça de vocês?

M1: porque que o pobre tem um monte de filho?

Aline: porque que o pobre tem um monte de filho?

(várias falam ao mesmo tempo)

M3: porque é bom.

M1: mas é, pobre não pode ter muito filho, nem rico tem, tem um ou dois e olha lá.

M2: mas tem gente que tem, tem rico que tem... (falam ao mesmo tempo) tu não vê a Madona? Tem um monte de filhos, adotados, 10 filhos. E aquela outra também. Que é pobre de rica.

M1: mas a gente não pode ter um monte de filho... e eles podem.

M2: a gente não, mas eles podem.

M1: Ah, eu abri os olhos tarde demais, tenho um monte de filho, mas não me arrependo, né. Tô pobre mas tô feliz.

[...]

M2: eu tenho dois e não quero mais.

Aline: então pra ti é porque ter um monte de filhos?

M1: é que eu tenho um monte de filho.

Aline: Tá! e pras outras, então?

M3: falta emprego também, falta emprego. Sem emprego não tem como dá o sustento pras criança, daí fica dificultoso pras crianças. Muitas criança fica na linha da pobreza. Que tem o material escolar, daí tem que depende da escola, de assistente social pra ajuda. Tudo é tem dificuldade das coisa.

M2: tem que te emprego, mas se a gente não tivé estudo, não tivé, eles não dão emprego pra gente também.

M1: eu tenho estudo e não sô formada.

M2: eu não tenho estudo e trabalhei dois anos numa clínica veterinária e ó, não consegui serviço até agora.

M1: a maioria dos serviço que eles pedem é é fundamental, sabe, e eu só tenho o primeiro grau completo.

M2: tem que sabe lê, sabe...

M3: mas pobre é difícil de chega numa universidade

M 5: não é não.

M3: com muito custo.

M5: não, hoje em dia já não é tao assim.

M1: eu tenho o primeiro grau completo, me formei com 17 anos.

M3: tem o meu...

M5: hoje em dia tem o PROUNI que tu pode faze a universidade

M3: o meu tá trabalhando pra pode paga a universidade mesmo.

M1: o meu sonho era ser pediatra.

Aline: então vamo vê. Aqui quando a gente fala em pobreza: porque que a gente teve um monte de filho, a questão da falta de emprego...

M3: falta de emprego

M1: a falta de oportunidade também

M2: de estudo também

Aline: do estudo, de oportunidade

M2: tem gente que tem até o primeiro grau, que nem eu já falei,tem o tempo que pede de experiência. O que que adianta te o primeiro ou o segundo e não te experiência? Aí ... ou então te a experiência e não tem o segundo. Aí já fica difícil. Eu não sô formada, quero termina mas... não sei quando

[...]

M4: é assim ó. Hoje em dia tem um monte de pessoas que é formada, tá, e tem que trabalha de faxina porque não conseguia serviço, sabe, do ramo dela, da profissão dela. Eu tenho uma experiencia pela minha filha. A minha filha tem estudo, é formada, termino todos os estudos dela, ela vai faze 43 anos agora. Tem curso mais curso de computação, sabe? Secretária, ela tava fazendo magistério também. Em resumo, ela engravidou com 36, ela teve a filhinha dela. Ela tem só uma

filha. O que que ela fez? Ela teve que ih trabalha de faxina, faxineira porque ela não conseguia, né, na profissão dela. Agora, agora, a guria tá com 5 anos agora, agora que ela foi consegui trabalha.. bá sofreu muito trabalhando.

Aline: então o que a senhora tá falando é que o estudo não garante...

M5: acho que o que mais vale te a profissão.

M4: não adianta nada estuda, estuda, estuda, se mata estudando, pra pra... eu vou me mata pra trabalha, pra trabalha naquilo que eu estudei, que eu me formei. Agora hoje em dia, ela tá ganhando bem, ela é operadora, como é, do supermercado, agora ela tá realizada. Agoora, depois de cinco anos.

Aline: a dona J. Tava falando alguma coisa, aqui...

M5: eu acho que quem é pobre tem que ter uma profissão. O que mais vale é te uma profissão do que.. não adianta tu te uma universidade se tu não tem uma profissão

Aline: porque? Como assim?

M5: o profissional, ele arruma um serviço mais fácil. Por exemplo, eu, eu tenho a terceira série primária e eu sempre trabalhei eu conseguia emprego facilmente, até agora se eu sai eu consigo emprego. Porque? Porque eu sô costureira, eu sô profissional, né? Eu sempre digo pra minhas, é bom estuda, mas tem que sempre acompanha uma profissão.

Aline: vocês concordam com o que a dona J. Está falando?

Eu concordo, eu concordo....

M5: tem que te uma profissão, se dedica e tem que gosta da profissão, porque se for uma coisa que tu não gosta, tu não se desenvolve pra satisfaça o patrão. Então gosta do trabalho.

M1: que que adianta te estudo e não te profissão? Eu sô estudada, [...] completo. O que que eu posso faze? Cozinha, eu sô cozinheira. Me bota num restaurante, deus me livre, eu fico. Eu trabalhei no casarão por cinco anos, como cozinheira. Daí fui pra rua, mas eu adoro cozinha. Minha profissão é essa.

Aline: e mais o que gente? Tem gente que não falou ainda... mas fala só se quisé também..  
silêncio.

M1: o que que a senhora acha dona E.?

Joana: risos.. me pegou de surpresa. Mas do que?

M1: que que a senhora acha do que que a gente tá falando sobre a pobreza. O que a senhora tem pra dizer pra nós?

Joana: que que eu acho da pobreza?

M1: é!

(silêncio)

M2: não tenho palavras...

Joana: não, eu acho que a pobreza tá no nosso dia a dia. Ela faz parte da nossa realidade. E tá em cada um, em cada indivíduo investi pra procura muda. Investi, procura os recursos de uma forma, ou de outra, procura muda essa realidade. [...]

M1: é o que tá dando no rio de janeiro bem dize, né..

Aline: o que que tá acontecendo lá, vamo conversa um pouco sobre isso.

M1: a guerra que tá dando lá dos traficantes...

M5: mas nada a ver com a pobreza

M1: tem sim.

M3: eu acho que tem a vê sim.

M4: eu já acho que é uma maneira de sobrevivência deles.

M5: Não

M4: pela sobrevivência. É o que eu acho.

Aline: um de cada vez...

M4: eu acho que é uma maneira de sobrevivência deles, acho que é o que eles sabem fazer...

M1: porque que se não tem, como que eu vô explica pra vocês? Se não tivesse guerra no Rio de Janeiro, taria em paz, como tá em são Paulo. [...]Ontem uma mulher pego assim um lençol e abriu o mercado dela, né, e disse “hoje eu to sendo realizada, né, tendo paz”. E ela é pobre assim que nem nós.

Aline: Mas será que aquilo que a televisão mostra é o que de fato acontece?

Várias: eu acho que é! (em coro).

M2: e nós não tamo longe também, aqui no estado nosso.

[...](Falam dos tiroteios da região, do medo de bala perdida)

M1: antigamente, lá na vila onde eu morava, agora a maioria já morreram dos traficantes grandão, eles avisavam, mandavam a pessoas avisa que ia da tiroteio pra recolhe as criança, entendeu? Eles avisavam. Mas isso é antigamente, quando eu tinha meus oito ano, hoje eu to com trinta [...]

Aline: e hoje em dia não é mais assim?

M1: hoje em dia não, ele dão tiro até nas crianças.

Aline: e vocês acham que a violência tem relação com a pobreza.

M2: em termos, alguns termos sim, outros não.

Aline: vamo vê, no que sim?

M2: é que tem muitos homens ou então mulher também, que não tem oportunidade pra trabalha, ou então...

M1: ah eu penso assim, se as mães educassem seus filhos hoje eles não são bandidos como eles são, né.[...]

M3: eu não concordo.

M2: eu também não.

Aline: como é que é?

M3: por causa que tem muitas mães que é obrigado tá na rua, trabalha, e tu é obrigada a deixa os



filho e, a maioria, das mães nem sabe que que os filho tá fazendo. Não sabe se ele tá na escola, se às vezes eu tinha que faze faxina, tava trabalhando no shopping e eu tive que sai, porque na na meia noite, uma hora que eu tava chegando meus filho tava na rua, sozinho, não tinha um adulto pra atende, não tinha quem auxilia eles pra dá algo pra come, que eles são pequeno, então às vezes um grande dá uma droga, ou alguma coisa pra eles fuma, eles pegam. Porque não tem um adulto ali responsável. A maioria das mães tem que trabalha, se não for trabalha, como é que eles vão come? Não fica esperando uma vida inteira pelo governo uma bolsa. Ta certo que a bolsa ajuda, ela me ajuda, mas se eu não ir arruma um emprego, não vai suprir roupa, calçado, leite.

M1: Mas isso aí não é pra sempre também

M3: por isso mesmo, a gente tem que trabalha e as criança fica exposta

Aline: então tu acha que tem relação a violência com pobreza?

M3: tem porque as vez lá no Rio mostra uma coisa que as vez tem muito lugar aqui que acontece. Assim ó. Tem muitas pessoa que os traficante ajudam, que era uma coisa que era pro governo ajuda.

M5: é

M3: do governo. Eu vi na televisão o Lula falando, a Dilma falando, negócio de remédio, de cestas básicas, de quem não tinha emprego, essas coisa. Tem muitos traficante que eles cobrem aquilo ali que era pro governo cobri. Casa pra gente que pega fogo, lá. As casinha que pega fogo, que são grudado na favela. O ano passado pego fogo acho que em 16 casinha lá no Rio, eles, os traficante é que davam o material, coisa que era pro governo que era pra da coisa pra gente pobre. Então tem muito a ver, tem muito a vê, sim. Porque às vezes as pessoas ficam muito exposta a aquilo ali.

M2: é que nem o que ela disse. Tem pessoa que é bem educada, a mãe educa. Mas o que que adianta a mãe educa e depois sai e e não vira aquilo que a mãe qué que seja, entendeu? Tipo eu conheço um guri que foi, foi bem educado, tinha de tudo dentro de casa. E o que que aconteceu? Viro uma coisa que que ele não é traficante, mas hoje ele tá preso, entendeu? A mãe dava de tudo, o pai dele educava, a mãe dele também, mas o que que adianta? A educação não tem nada a vê. Porque tem pessoa que é bem educada mas... a pessoa, a criança ou o adulto vira a cabeça e aí o que que adianta. Não pode fazer mais nada.

M1: eu não sei né. Mas minha mãe era mãe de 15 filho, era pobre [...]catava papelão e hoje, graças a deus, tamo tudo casado, tudo feliz, ajudando minha mãe, com muito orgulho.

M2: a minha mãe também, a minha mãe crio 10

M1: nenhum viro marginal, nenhum, nenhum... e nós vivia dentro da vila mesmo, [...]

Aline: a gente tá falando do marginal, né. E vocês já pararam pra pensa que o marginal tem tanto dentro da vila, quanto morando lá no Moinhos de Vento, né?

M1: ah, marginal tem em todo lugar. Tem até rico que é marginal

Aline: é, mas a gente sempre associa a pobreza a violência. Como se o marginal fosse só aquelas pessoas que estivessem passando necessidade.

M2: é, mas tem também os filhinho de papai também que são, também.

M3: a diferença é que eles tem dinheiro e a gente não tem, é a diferença de quem é o pobre e quem é o rico.

Aline: e porque será que tem essa diferença?

M3: claro, porque eles tem dinheiro, aí compra tudo.

M1: já nasceram em berço de ouro, já.

Aline: mas eu digo, porque será que o rico é rico e o pobre pobre? Porque tem tanta essa diferença na nossa sociedade?

M3: porque falta um pouco, ta faltando educação, é o que tá faltando. Eu vejo escola que não é como antigamente. Agora se tu tá na sala de aula, tu qué estuda, tu estuda, tu não qué estuda, as professora não faz nem questão de que tu estude. “ah tu não qué estuda fulana, então pega o teu caderno e vai embora”

Aline: mas antes a gente tava falando né, de uma pessoa que teve estudo, tinha uma profissão e que ainda assim era difícil. Será que é o estudo?

M1: é o trabalho, a pessoa trabalha, sua muito pra chega onde qué.

Aline: tu acha então que se a gente trabalha, trabalha, trabalha

M1: e estuda

Aline: aí a gente chega lá?

M1: com certeza

M3: com vontade

[...]

M2: conta de uma tia que subiu na vida.. começou faxineira e agora é enfermeira. É o trabalho, o estudo e o esforço também.

M1: deixa eu faze uma pergunta. A senhora, vocês três que são psicólogos, vocês estudaram muito, não lutaram pra chega onde queriam, se forma, de ajuda o próximo. Se não vocês não estavam aqui.

Aline: O que tu acha? (olhando para o colega)

M1: mas é, vocês não estudaram muito, não se esforçaram pra pagar os estudos, é assim que funciona.

Aline: mas eu fico pensando: eu acho que tu trabalho tanto quanto eu, entende..

M1: entendi. Sim mas tu trabalho mais do que eu, tu já é formada.

Aline: será? Tem muita gente por aí que trabalho muito menos e que tem muito mais dinheiro, né?!

C: eu queria [...] no que tu disse agora : senão tu não tava aqui, o que que significa isso?

M1: sim, se vocês não trabalhassem, não estudasse, vocês não iam se forma em psicólogo, ou outra coisa, pediatra, veterinária, algo assim. Se vocês se formaram em psicólogos é porque vocês estudaram, gostaram da profissão, entendeu? Estudo pra isso. Eu penso assim, não sei como é que é, né. Mas minha cabeça pensa assim. Se vocês estão aqui hoje é porque vocês trabalharam, estudaram, pra chega onde até chegaram.

M4: mas vocês tiveram empurrãozinho de pai e mãe pra ajuda?

Aline: sim, sim..

M4: sabe porque eu to fazendo essa pergunta? Se a minha filha tá onde ela tá, eu sempre trabalhei em serviço gerais, sempre. Hoje em dia eu não trabalho mais, porque fiquei toda estourada por

causa disso. Eu tinha condomínios que eu tinha que pega quatro ônibus, eu pegava dois, e a noite eu entregava a passagem pra ela ir pro colégio. [...]ela é o meu orgulho hoje em dia. Uma gurria que nunca me deu problema. Ela sempre me dizia pra mim, “o mãe, eu quero uma produção independente” e ela fez uma produção independente. “Primeiro eu quero me forma, estuda, termina meus estudo, me forma, pra depois te filho” [...]Ela com 36 anos ela conseguiu. [...]E ela se criou sem pai.

Aline: a senhora tá falando da importância da família, né?

M4: a importância que tem a família pra ela se forma.

Aline: e pra vocês, o que que a mãe, o pai passou de maior ensinamento? Quem lhe criou, passo como ensinamento de vida?

M4: eu vim pra cá com seis sete anos. Minha mãe se separou do meu pai. Nasci numa grota mas fui criada aqui. Sempre digo que nasci em porto alegre. Eu fui dada pra uma família de fazendeiro, lá em santo antônio da patrulha. Era daqueles fazendeiro assim, negro não precisava ir pra colégio, pra que que negro precisa sabe? Tanto que hoje em dia eu não tenho estudo [...] eu não tive nem pai nem mãe. Tanto que eu não conheço meu pai. Meus irmãos não sei se tao vivo ou morto. Sempre procurei anda com meus filhos, procurei anda porque eu não tive, não tive.[...]

Conta que tem duas filhas, mas dá a entender que uma delas não seguiu o que ela ensinou. Dois netos, filhos de uma delas passaram por situações (abuso). Atualmente é ela, M4, que tem a guarda dos netos.

M4: tudo o que eu passei pra uma, eu passei pra outra: de trabalha, de estuda. Só que eu não consegui, né. Não consegui. Não consegui mesmo. E tudo o que eu fazia pra uma eu fazia pra outra.

[...]

M1: eu, eu sô bem educada com as pessoas, principalmente com as pessoas de idade, respeito. Educo meus filhos do meu jeito. Eles não tem pai, tem padrastro. Ele não dá um tapa nos meus filhos. Ele diz “vai com a tua mãe”. Entende? O que eu fiz no passado, eu não quero que eles façam. Não preciso entra em detalhes. E antigamente não se faz filho como se faz agora. Antigamente tinha educação. Hoje em dia só falta os filho dá na cara da gente.

Aline: e o que será que tem de diferente daquele tempo pra agora?

M1: ah, não sei te responde.

Risos

M1: é que os filhos de hoje se mete nas conversa dos pais, entendeu, se envolve nas coisas. E antigamente se um falasse, dava-lhe pau, botava de castigo. Eu acho que é isso aí, né. Vai muito da educação das criança de antes e de agora. [...]

M2: meus pais me educaram bem, me deram bastante amor e carinho. E sempre me incentivaram o melhor, né. A estuda, a trabalha, mas eu não trabalho. Eles me incentivaram. Eu tenho dois filhos, como ela disse. Eu educo do meu jeito, mas os meus pais querem [...]eu digo não. Amanha depois eles pegam e viram uma coisa que eu não vô gosta, que eu vô, como dizem só me da desgosto. Que nem minha mãe fala, que ela tem o meu irmão mais novo dos outro, que nós eramos entre 10 e faleceu 2, aí ficaram oito, aí ela disse “o meu filho que me dá orgulho é o meu irmão mais novo” e eu digo, tá bom mãe. Aí ela já vai começa com ciúmes. E eu digo, não não é ciúmes. Que parece que é só ele que é o perfeito [...]que ele é único que não nos dá, como é. Que ele não mora com ela,

ele tá casado, não se envolve se ela fala com ele, ele fica quieto... [...] todos respeitam ela, mas que nem ele.. ela diz que filho igual a ele não tem. Meus pais ainda moram juntos.

Aline: e porque tu fala isso: a gente não sabe o que que os nossos filhos vão se torna

M2: sim porque como existe esse mundo da droga, do tráfico, se tu não educa tu não sabe o que ele vão se amanhã depois. Porque ninguém que vê o filho traficante, dependente químico, depende de droga, que é triste daí.

M6: é brabo mesmo.

M2: eu conheço bastante caso assim. Teve mães que até já perderam os filhos por causa de droga. Ai, eu falo pra ele, eu não quero isso aí pros meus filhos, porque isso aí não é vida.

M5: eu acho que a gente precisa abri os olhos das criança, e fala claro pra eles o que que é a droga, quando um vai preso, o por que que ele tá preso [...] (conta do filho, neto e bisnetos que ela cuida, da conversa que ela tem com as crianças. Conta da família de origem, que o pai só olhava, nem chamava atenção de um filho na frente do outro)

C: eu gostaria ouvi as que não falaram ainda.

M7: eu posso fala alguma coisa. Eu tenho seis filhos, fui criada com a minha vó, não conheço meu pai, hoje convivo com a minha mãe biológica, né, os meus irmãos, que eu fui criada longe deles, foi bastante difícil pra mim. Que que eu posso dizer? A minha filha mais nova tem um ano, a do meio tem 19, a de 8 anos não mora comigo, tá com a avó, que foi uma escolha do pai [...]. a educação que eu tento passa pros meus filhos é a seguinte: eu sô o espelho deles, das minhas filhas e dos meus filhos. Eu tenho três meninas e três menino, né. Então nem a minha filha de 21, nem a de 19 tem filhos, nem querem, mas não é porque elas não querem, é que eu digo pra elas: vocês não precisam ser como eu fui. Eu fui criada pela minha vó, tinha um bom estudo, tinha uma boa educação, mas depois que eu sai de perto da minha vó eu fiz muita coisa errada. Só não usei droga, mas já fui até presa, eu já sai, eu já errei, hoje eu to tentando fazer o melhor. Não foi por causa de droga, foi envolvimento com meu marido. Meu marido era uma pessoa errada e eu fui indo pelas coisas dele. Então hoje eu tento passa pra eles que a gente não precisa, que os filhos não precisam ser igual a mãe ou o pai. O pai dos meus três meninos é um cara que já foi preso também, que já foi envolvido com droga, que já mexeu com várias coisa errada. Então eu sempre digo pra eles: vocês não precisam se que nem o pai. Vocês podem ser o que vocês quiserem ser, menos ter a vida que a gente já teve. Não do pressão, não bato, converso, acho que o diálogo é uma coisa muito importante. Hoje em dia, muitas crianças na rua elas estão porque os pais não sabem dialoga. Eles só sabe bate. Muitas vezes a criança apanha e não sabe o porque. (conta da avó que batia) Eu larguei os estudos cedo, eu tenho bastante dificuldade de encontra um emprego, tá sendo bem difícil pra mim. Até esse último emprego, minha patroa descobriu que eu tinha esse problema, que tinha sido presa, e ela criou meio que um preconceito e me mando embora. Porque razão ou motivo, eu não sei. Ela não deu uma explicação, mas também não se justifico. Então eu acho que hoje em dia existe a droga, sim, existe várias coisas erradas, mas às vezes os filhos fazem se querem fazer, não é? Porque eu mexi com a droga, eu fiz coisa errada, mas eu nunca consumi droga, meu marido também não. Hoje em dia eu ligo a televisão e eu vejo tantas crianças, tantas gurias, tantos adolescente se matando naquilo ali, a gente vê como é triste. Tu vê, que eu tenho parentes, tenho família, que também usam droga. Hoje eles tem, parentes viciados, que já foram preso, que já foram morto, então às vezes o que a gente não quer pra gente, a gente não quer pros outros. E às vezes o que acontece pros outros a gente pensa que não vai acontecer com a gente, mas acontece. Eu sempre tento passa isso pros meus

filhos. Eu digo pra eles, se vocês errarem vocês vão pagar o preço, e às vezes esse preço é alto. Graças a deus eu não tenho nenhum filho na rua, eu eduquei, bem dizer, ele sozinho [...]eu tento passa pra eles que eu me esforço, que eu batalho por eles, que eu tento da o melhor pra eles, pra eles não precisarem te esse tipo de vida que é tão triste. [...]Muitas associações, essas, que pegam e tiram as crianças da rua, e elas mudam. Mudam porque? Porque elas não teve aquele amor. às vezes tu dá um amor, às vezes tu conversa, da atenção, sabe? (conta do período em que os filhos estava no Pão dos Pobres enquanto ela tava presa). Às vezes a criança não tem o que come, aí pega uma coisa errada, e aquilo ali vai...

Aline: uma bola de neve.

M7: sim, porque a criança já vai crescendo e acostumando a aquilo ali. Porque a criança que mexe uma duas três vezes, quando ela acostuma ela vai mexe sempre. Então eu sempre digo pros meus meninos: nunca pega nada de ninguém, me pede, se eu não pude dá, dô um jeito, mas não pegue nada de ninguém. Mas muitas vezes as mães bate na criança, surra, ela espanca a criança, aí ele pergunta”ah, porque eu to apanhando? Aí o que que acontece? Ela sai, vai pra rua e vive esse mundo lá fora, que são as drogas, as pessoas não tem consciência que tá dando uma droga pra uma criança e que amanhã ela vai cria uma sequela, e ela vai para dentro da cadeia, essa coisa toda. Eu acho, essa é minha posição.

Aline: ok, muito obrigada pelo depoimento.

(uma das mulheres M8? conta um outro caso de alguém que se envolveu com drogas e atualmente tá preso)

M1: eu fui drogada e hoje eu sô recuperada.

M8: mas ele não. Roubava os patrão, vendeu tudo de dentro de casa.... (etc.)

M1: oito anos, não é oito dias, que eu to recuperada porque eu conheci um cara, pai dela, eu disse pra ele assim ó: eu quero fica contigo. Eu tri loca que eu tava. [...] (conta a história que comunicou a mãe de que iria ficar com ele) Eu me ajoelhei na frente da mãe e disse: mãe eu te peço perdão por tudo o que eu fiz, tudo de errado. Agora faz cinco anos que eu to com meu marido. Isso eu tenho orgulho de mim. Agradeço a ele, senão eu taria morta ou presa.

M2: conta a história de seu cunhado que é dependente.. que ele vendeu tudo e que a irmã largou ele e se casou novamente. Conta que ele já levou tiro, facada, aprontava muito e não adiantava.

M5: pego o vício, né

M8: mas isso aí é que nem minha irmã tá com o filho dela assim. Ele vendeu, depenou toda a casa dele que ele construiu, desde geladeira.. tudo.

M1: a pessoa vende tudo, eu vendi. Hoje graças a deus que hoje...

M8: e ela leva na prisão toda semana 25 reais (desconfiança de que usa droga dentro do presídio)

(o assunto segue na questão das drogas e da dificuldade de sair da dependência)

Aline: e vocês acham que todos estes relatos, tudo o que vocês estão me contando, tem relação com a questão da falta de dinheiro, essas dificuldades da vida?

M1: eu já passei dificuldade por causa das drogas, eu já passei.

Aline: mas foram as dificuldades que te levaram até a droga?

M1: é que, não, eu fazia por sem vergonhismo mesmo... mas é  
(risos)

M1: é.. eu via meu marido faze, ah, deixa eu fuma contigo, deixa eu fuma. Aí um dia ele chego e eu tava fumando sozinha. Foi quando eu me viciiei, né, tava viciada, viciada, tava com trinta quilo. Que que eu fiz? Vô procura minha mãe, senão eu vô morre. Daí eu conheci o pai dela. E hoje eu sô feliz. Tudo o que eu perdi eu recuperei, conquistei o amor da minha família...

M3: eu acho que um pouco ainda tem o preconceito, que nem a vô falo. Existe o preconceito. Se tu olha bem hoje, ainda não termino o negócio do racismo contra o negro, contra o pobre. Tem muito lugar que ele não te atende direito, numa loja, no posto de saúde, ou numa escola, numa farmácia. Ou porque tu é pobre e não tá bem arrumado ou porque tu é negro. Meu marido era negro e ele discriminado porque ele era preto e era pobre, né. Era drogado ainda. Tinha todos esse preconceito. às vezes passava gente na frente dele porque ele não tava bem arrumado, porque ele era preto, era pobre, era negro, era drogado.

Aline: e tu acha que isso que tu tá falando tem relação com o consumo de drogas?

M3: tem, tudo. Porque daí não tem como trabalha. Ninguém aceita porque é negro, porque é drogado, porque vai.. mesmo não robando, só por ser drogado, já tem discriminação que vai roba.

M1: mas é. Meu marido é segurança, ele é nego, ele foi discriminado por um advogado. (... ) Isso aí é caso de polícia, como tu aceitou? Tu é nego pobre, mas tu é honesto, honrado. Honra teu bigode.

Aline: gurias, acho que tá perto de a gente terminar, né. Se a gente fosse completa a frase, pobreza é, o que que vocês colocariam.

M1: pobreza não é defeito.

M3: falta oportunidade e falta de oportunidade.

M? discriminação.

M3: falta respeito também. Falta respeito. Hoje em dia não tem. A pessoa passa assim atropelando os outros. Falta com respeito. Não respeita o velho, não respeita a criança, não respeita.. “o velho sai da frente, não viu quatro olho”. Ta faltando respeito.

M8: é bem assim mesmo. No ônibus eles fazem isso também.

M3: é com pessoa grávida, é com tudo.

[...]

M4: vô dá um exemplo. Eu sou pobre. Não tenho nada pra come, pra da pras criança. Não tá na época de eu recebe. Daí eu procuro ela e chego na casa dela e digo ó: tu não tem um quilo de feijão? Tu pode me empresta pra mim, que quando eu recebe eu te do. Nem que ela saiba que eu to trabalhando. E eu to vendo que o armário tá cheio de coisa. Eu viro as costa e eu não vô ajuda. Daí o que que acontece. Eu to vendo meus filho passa fome, vô na casa dela, vejo um dinheiro por cima ali, to passando fome, se eu sô cabeça fraca, eu vou roba dela, porque? Porque ela não me ajudo.

Aline: então daria pra dizer que a pobreza é todo um ciclo que vai, que vai levando uma coisa a outra. É a falta de dinheiro, é a falta de oportunidade, é a discriminação, é a não ajuda do outro e aí vai..

M4: eu tiro o exemplo por mim, eu sô uma pessoa que ... pobre, né. Eu pude, eu não deixei essas

três crianças que eu tenho comigo, é que eu não quero entra em detalhe, porque como eu falei lá no início. Eu sô uma pessoa que eu não tive condições [...]se eu não lutasse, se eu não tivesse pulso firme, essas crianças sabe-se lá onde estaria essas crianças.

Aline: a senhora disse “eu sou pobre”, quando a senhora diz isso, o que que a senhora quer dizer?

M4: o que que eu quis dizer pra ti é que eu sô uma pessoa que não tenho muitas condições de manter três crianças comigo.

Aline: então a pobreza, nesse caso, tá ligada a questão financeira.

M4: isso, mas tem que ih a luta, tem que ih a luta. Eu peguei elas e fui a luta. Fui a luta, vim aqui. Botei elas no colégio, em primeiro lugar. Segundo lugar, documentos delas. Terceiro lugar: fui lá em cima, conversei com Sandro (assistente social), tá se passando isso, isso, isso, ele sabe todinha minha vida. Ele disse, vou te ajuda. Quando eu pensei que ia demora, ele tava lá, já na porta da minha casa. Aí recebemos uma ajuda [...]. porque se não fosse pela assistência social, eu não ia pode te elas. E outra coisa também, eu tenho ajuda da igreja [...]. sou pobre, mas tem que ir a luta [...]. ah e também tem aqueles que chegam Ah! Tu guarda essas droga pra mim. Eu tenho exemplo. Guarda droga pra mim, que eu te dou um tanto, sabe. Se eu sô cabeça fraca, pô eu sô pobre, to precisando de dinheiro e eu vô fazer. Aí em resumo: tem ela aqui, que não vai muito com a minha cara, um dia vô discuti com ela, vai ela no orelhão, dá minha casa, e tá lá cheio de droga.

Aline: então vamo vê pra encerra, quem não falo e ainda queira fala. Pobreza é...

M8: eu acho que é falta de oportunidade.

M9: eu acho que falta oportunidade e acho que, como vô dizer. Tem a nossa classe, tem a classe média, alta e baixa, né. Nos tamo na baixa. Mas eu acho que a pobreza é uma coisa que existe dentro de cada um. Eu acho, eu acho assim. Porque muitas vezes tu pode entra dentro de uma loja, dentro de um supermercado, tu pode se pobre sim, às vezes pode existi aquele preconceito tanto racial, como discriminial, de tu não te uma conta bancária, de tu não te, mas eu acho que isso aí não tem nada a vê. É a minha, é o meu modo de vê. Porque muitas vezes, às vezes a pessoa é rica, mas ela é pobre de espírito, sabe. Então muitas vezes o pobre ele é às vezes bem mais feliz que as pessoas de classe alta. Muitas vezes tem pessoas, como é no caso, uma suposição... muitas vezes tem gente que tem dinheiro, mas que tem um filho deficiente. Tem um marido com um problema, tem um câncer, tem uma coisa. Então se a gente vê por um ângulo, a gente vê que muitas vezes aquele negócio, porque tem pessoas que querem ajuda. Eu tenho pessoa que eu já trabalhei, patroas minha, patrões que já me ajudaram. “Olha eu me separei tenho tantos filhos, o senhor pode me ajuda? O senhor pode me dá esse emprego?” Aí cabe o que? Cabe a gente mostra que a gente tem capacidade pra muda, né? A gente tem capacidade pra se uma pessoa melhor, a gente tem capacidade pra cresce, pra progredi, porque eu acho assim: na realidade todo mundo nasce pobre. A senhora não concorda? Todo mundo nasce pobre. Porque ninguém nasce com um cartão de crédito no bolso. Ninguém nasce com o cartão no bolso. A vida, deus dá pra gente e é a gente que faz ela, não é? Se tu trabalha, tu subi, tu progredi, hoje tu tá numa favela, amanhã tu tá melhor que o teu vizinho. E será que daí tu vai te lembra que um dia tu moro? Tem muitas pessoas que não se lembram que moro numa favela, que teve um vizinho pobre. Eu acho que é isso.. eu penso assim. A pobreza é uma coisa que tá dentro da alma da gente.

M10: eu concordo com ela.

M9: é a verdade. Isso tá escrito na bíblia e nos livros espírita. Agente não nasce com cartão de

crédito. A gente é que faz as coisas. Se muitas vezes eu tivesse ido pela minha vó “ó estuda”, faz um curso, trabalha, talvez hoje eu não taria aqui. Mas eu tenho sã consciência que se eu tivesse numa situação melhor, eu ajudaria os pobre. Eu ajudaria mesmo. Porque eu sei que tu ajudando o próximo, tu tá ajudando a ti mesmo, não é? Muitas vezes uma criança vai na tua casa, te pede um pão, muitas vezes tu tem e tu não quer dá. Tem gente que prefere pendura ali, ou bota no lixo, bota comida no lixo. Eu trabalhava num lugar que a mulher preferia bota a comida no lixo do que dá pra uma pessoa come. Então às vezes deus dá tudo aquilo ali pra ti, mas aquilo é uma provação. Depois, da outra vez que tu vem, tu vem mais miserável do que tu é, entendeu? Isso aí faz parte do teu desenvolvimento, da tua vida, do tempo que vai passando. Tu tem que passa isso aí pros teus filhos. Eu sempre digo pros meus [...]

Aline: bom gente, muito, muito obrigada pra cada uma de vocês. Só um pouquinho que eu vou desligar isso aqui.